



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE

GEOVANA CORREIA NUNES

AS TRANSFORMAÇÕES NO ENTORNO DOS RIACHOS CACHOEIRINHA E
ALAGADIÇO EM FORTALEZA: RELATOS SOBRE FLUXOS HÍDRICOS,
BIODIVERSIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

FORTALEZA

2017

GEOVANA CORREIA NUNES

AS TRANSFORMAÇÕES NO ENTORNO DOS RIACHOS CACHOEIRINHA E
ALAGADIÇO EM FORTALEZA: RELATOS SOBRE FLUXOS HÍDRICOS,
BIODIVERSIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientador: Profa. Dr. Maria Elisa Zanella

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N925t Nunes, Geovana Correia.
As transformações no entorno dos riachos cachoeirinha e alagadiço em Fortaleza : relatos sobre fluxos hídricos, biodiversidade e práticas sociais / Geovana Correia Nunes. – 2017.
237 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Maria Elisa Zanella.

1. História ambiental. 2. História oral. 3. Riachos urbanos. I. Título.

CDD 333.7

GEOVANA CORREIA NUNES

AS TRANSFORMAÇÕES NO ENTORNO DOS RIACHOS CACHOEIRINHA E
ALAGADIÇO EM FORTALEZA: RELATOS SOBRE FLUXOS HÍDRICOS,
BIODIVERSIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração: XXXXXXXX.

Aprovada em: 29/09/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Elisa Zanella Doutorado (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Marta Celina Linhares Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios Doutorado
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Do rio que tudo arrasta,
se diz que é violento.
Ninguém diz violentas,
as margens que o comprimem.
(BERTOLD BRECHT).

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a minha família, a professora Elisa e aos colaboradores/as da pesquisa (Evandro, Leonardo, Aguinaldo, Ondina, Narciso, José Vital, Roberto) pela total confiança e apoio incomensurável. A quem facilitou sua realização em campo (Liliane, Karla, Dora, Anderson, dentre outras) e as professoras da banca (Marta e Kênia), que me inspiram no desejo que de essa pesquisa seja disseminada e ampliada através das escolas e coletivos, dado a sua proposta aberta a contribuições, por exemplo, via My Maps. Agradeço ao Grupo de Estudos e Práticas Permaculturais (GEPPE), especialmente, Heitor, Fernandinha e Isis pelo exemplo de união e trabalho coletivo, a Sávio que instigou a realização desse projeto durante nossas conversas sobre a poluição e abandono do riacho Alagadiço e que me desvelou a interconexão hidrológica entre o riacho Cachoeirinha. Àquelas pessoas que sentiram minha ausência, como tias, avó, primas, amigas de infância (Bia, Aline, Ivna, Karla, Dayna), das lutas e resistências (Micinete, Manjari, Deyse, Lila, Tata, Marília, Camila, Lili, Sara, Livinha, Kalu, Marizete, Eva): Vida longa as mulheres e juventudes das periferias da cidade, do campo e das artes! Ao movimento Ciclovida (Inácio, Ivânia, Sandino, Maira), pela força que agrega inúmeros pequenos gestos com o objetivo permanente de estar em nova relação com a Terra. As reminiscências das ocupações urbanas Torén e Infixo que me inspiram, ensinam e creditam (Morto, Henrique, Ziane, Felipe, Dani, Gezim). A turma do audiovisual (Virgínia, Dalvânio, Paulo Victor, Paola, Rodrigo, Vinícius, Janaina e Pablo) que, mesmo com tantos desvios, ainda é a linguagem que desejo trabalhar meu âmbito imaginativo, anunciativo e transformador. Aos amores de poucos dias que ecoam e fortalecem em sua finitude. (...) Aos amigos que não desistiram de mim, ao acolher minhas reclamações (Vitor), equilibrando as expectativas sobre os mapas (Samuel Tião), convidando a outros estudos (Wilkson) ou ajudando com o meu psicológico (Daniel). Por fim, as amigas do Kengaral (Carla, Ayla, Babi, Eduardo, Geísa, Joelma, Adson, Daniboy) que me divertiram e indignaram, sem sair de casa, com as notícias da esbórnica e escória brasileira. Estamos vivas e é tudo, nosso protesto é a re-existência!

RESUMO

Os riachos Cachoeirinha e Alagadiço, tributários do rio Maranguapinho, tiveram especial importância na ocupação e construção do espaço urbano, a oeste de Fortaleza. A degradação e especulação ao entorno, por sua vez, expressam as desigualdades e contradições inerentes a estes processos. Observa-se também que as principais características ecossistêmicas destes riachos foram perdidas, porém suas qualidades, formas e usos estão marcadas na memória de antigos moradores e usuários que vivenciaram as transformações advindas da urbanização. Neste sentido, interessa-nos saber como seus elementos (físicos e ecológicos), características, dinâmicas e múltiplas relações existentes se transformaram nas várias décadas do século XX até hoje. Para tanto, busca-se descrever e interpretar os processos de transformação nesses riachos, por meio de uma pesquisa qualitativa em História Oral que vise reunir e articular, no tempo e no espaço, relatos sobre esta bacia para desenvolvimento da História Ambiental destes riachos.

Palavras-chaves: história ambiental; história oral; riachos urbanos.

ABSTRACT

The Cachoeirinha and Alagadiço streams, tributaries of the Maranguapinho river, had a special importance in the occupation and construction of the urban space, west of Fortaleza. The degradation and speculation surrounding them, in turn, express the inequalities and contradictions inherent to these processes. It is also observed that the main ecosystem characteristics of these streams have been lost, but their qualities, forms and uses are marked in the memory of former residents and users who experienced the transformations arising from urbanization. In this sense, we are interested in knowing how its elements (physical and ecological), characteristics, dynamics and multiple existing relations were transformed in the several decades of the twentieth century until today. In order to do so, we seek to describe and interpret the processes of transformation in these streams, through a qualitative research in Oral History that aims to gather and articulate, in time and space, reports about this basin for the development of the Environmental History of these streams.

Key words: environmental history; oral history; urban streams.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Localização da área de pesquisa.....	23
Figura 2	– Bairros e principais vias da área de pesquisa e entorno.....	25
Figura 3	– Ilustração da área para o parque linear, urbano e público Rachel de Queiroz.....	32
Figura 4	– Modelo sistêmico do funcionamento da paisagem.....	37
Figura 5	– Sistema em sequência na relação entre subsistemas.....	38
Figura 6	– Modelo de Sistema-Resposta.....	39
Figura 7	– Reação de Geossistema pela imposição de esforço ou tensão.....	40
Figura 8	– Impactos à gestão de recursos hídricos em áreas urbanas.....	41
Figura 9	– Mosaico Aerofotográfico da Área de Estudo e seu Entorno / 1978.....	56
Figura 10	– Mapa Hipsométrico e Ocupações Urbanas da Área de Estudo e seu Entorno.....	57
Figura 11	– Movimento Pró-Parque e Via acimentada para circulação de pessoas construída entorno de uma árvore, no Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio – parte 1.....	59
Figura 12	– Movimento Pró-Parque e Via acimentada para circulação de pessoas construída entorno de uma árvore, no Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio – parte 2.....	60
Figura 13	– Obra de canalização do Riacho Alagadiço ao lado de um vazamento de esgoto.....	61
Figura 14	– Trecho do riacho Alagadiço canalizado ao lado de trecho com gabião (ao fundo)	62
Figura 15	– Antes da canalização no trecho do riacho Alagadiço por trás do Colégio Santa Isabel, na Avenida Governador Parsifal Barroso.....	64
Figura 16	– Depois da canalização no trecho do riacho Alagadiço por trás do Colégio Santa Isabel, na Avenida Governador Parsifal Barroso.....	65

Figura 17 – Visão de satélite do Açude Santo Anastácio (ao centro), seu sangradouro tributário do riacho Alagadiço, próximo ao muro entre Campus do Pici da Av. Mister Hull.....	66
Figura 18 – Obra de contenção do riacho Alagadiço no Campus do Pici.....	67
Figura 19 – Trecho na Rua Rui Monte, entre os bairros Antônio Bezerra e Dom Lustosa.....	68
Figura 20 – Antes no trecho entre Fábrica 3a Via (quadrante superior direito) e o Sítio Ipanema (quadrante inferior esquerdo), entre Avenidas.....	70
Figura 21 – Depois no trecho entre Fábrica 3a Via (quadrante superior direito) e o Sítio Ipanema (quadrante inferior esquerdo), entre Avenidas.....	70
Figura 22 – Antes no terreno do Sítio Ipanema.....	71
Figura 23 – Depois no terreno do Sítio Ipanema.....	71
Figura 24 – Visão de satélite do terreno da Lagoa da Unitêxtil, no Dom Lustosa.....	73
Figura 25 – Localização das entrevistas realizadas.....	76
Figura 26 – Publicação sobre efetivo populacional nos campos de concentração do Ceará.....	126
Figura 27 – Fotografia da Estrada de Soure sob o mangue da bacia Ceará-Maranguapinho.....	128
Figura 28 – Colagem com ilustrações das espécies animais catalogadas na área de pesquisa para mediação de entrevistas.....	198
Figura 29 – Imagem aérea do açude João Lopes, no Bairro Ellery, em 1978.....	199
Figura 30 – Imagem aérea do açude João Lopes, no Bairro Ellery.....	199
Figura 31 – Notícias sobre problemáticas no açude João Lopes.....	199
Figura 32 – Panfleto distribuído pelo Movimento Pró-Parque Rachel de Queiroz, em 2007.....	200
Figura 33 – Antes da Lagoa do São Gerardo: desassoreamento e especulação.....	200
Figura 34 – Depois da Lagoa do São Gerardo: desassoreamento e especulação.....	201
Figura 35 – Perspectiva da Lagoa São Gerardo na Rua Maria Bandeira.....	202
Figura 36 – Perspectiva da Lagoa São Gerardo, na Rua Porfírio Sousa.....	202

Figura 37	– Sangradouro da Lagoa São Gerardo, na Rua Aristides Barreto Neto.....	202
Figura 38	– Riacho Alagadiço canalizado, no trecho da Rua Eretides Martins.....	203
Figura 39	– Riacho Alagadiço canalizado, no trecho da Avenida Projetada Canal....	203
Figura 40	– Obra de macrodrenagem do riacho Alagadiço, na Avenida Projetada Canal – parte 1.....	203
Figura 41	– Obra de macrodrenagem do riacho Alagadiço, na Avenida Projetada Canal – parte 2.....	204
Figura 42	– Perspectiva do “Bosque do Bem” na Rua Eduardo Barros Leal (noite).	205
Figura 43	– Perspectiva do “Bosque do Bem” pela Rua Eduardo Barros Leal (dia)	205
Figura 44	– Riacho Alagadiço canalizado, entre “Bosque do Bem” e North Shopping.....	205
Figura 45	– Corredor fluvial do Riacho Alagadiço, entre o “Bosque do Bem” a Av. Mister Hull.....	206
Figura 46	– Riacho Alagadiço encoberto por estacionamento e, aparente, na pracinha – parte 1.....	206
Figura 47	– Riacho Alagadiço encoberto por estacionamento e, aparente, na pracinha – parte 2.....	206
Figura 48	– Pracinha mantida pelo Shopping através do Programa Adoção de Áreas Verdes.....	207
Figura 49	– Trecho por trás do Colégio Santa Isabel (ano de 2003).....	208
Figura 50	– Trecho por trás do Colégio Santa Isabel (ano de 2016).....	208
Figura 51	– equência do fluxo fluvial até ser encoberto pela Av. Mister Hull.....	209
Figura 52	– Trecho do Riacho Alagadiço no Campus do Pici.....	210
Figura 53	– Sangradouro do Açude Santo Anastácio, na ponte do Campus do Pici..	210
Figura 54	– Prédios e casas populares, ao lado direito do açude, na Rua Viriato Ribeiro – ângulo 1.....	211
Figura 55	– Prédios e casas populares, ao lado direito do açude, na Rua Viriato Ribeiro Ribeiro – ângulo 2.....	211

Figura 56 – Tributário do Açude Santo Anastácio, advindo do sangradouro da Lagoa da Parangaba, pela perspectiva da Comunidade Papoco (nas Rua Tim Maia).....	211
Figura 57 – Tributário do Açude Santo Anastácio, advindo do sangradouro da Lagoa da Parangaba, pela perspectiva da Comunidade Papoco (Rua Bolívia)	212
Figura 58 – Trecho entre Campus do Pici e Comunidade “Buraco da Gia”, na Rua Cuba.....	213
Figura 59 – Processo de ocupação de área do Campus do Pici, próximo ao riacho Alagadiço, pela comunidade “Buraco da Gia” – 2009.....	214
Figura 60 – Processo de ocupação de área do Campus do Pici, próximo ao riacho Alagadiço, pela comunidade “Buraco da Gia” 2015.....	214
Figura 61 – Processo de ocupação de área do Campus do Pici, próximo ao riacho Alagadiço, pela comunidade “Buraco da Gia” - 2016.....	214
Figura 62 – Campo de Futebol, na Rua Nicarágua, entre Av. Mister Hull e Riacho Alagadiço.....	215
Figura 63 – Série histórica do trecho do Riacho Alagadiço, no Campus do Pici, pela perspectiva externa da rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral) - 2012.....	216
Figura 64 – Série histórica do trecho do Riacho Alagadiço, no Campus do Pici, pela perspectiva externa da rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral) - 2013.....	217
Figura 65 – Série histórica do trecho do Riacho Alagadiço, no Campus do Pici, pela perspectiva externa da rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral) - 2014.....	218
Figura 66 – Fluxo do Riacho Alagadiço para bairro Antônio Bezerra – parte 1.....	218
Figura 67 – Fluxo do Riacho Alagadiço para bairro Antônio Bezerra – parte 2.....	218
Figura 68 – Trecho do Riacho Alagadiço visto pela Rua Periguary – parte 1.....	218
Figura 69 – Trecho do Riacho Alagadiço visto pela Rua Periguary – parte 2.....	218

Figura 70	– Trecho do riacho Alagadiço na Rua Rui Monte, em Antônio Bezerra – parte 1.....	219
Figura 71	– Trecho do riacho Alagadiço na Rua Rui Monte, em Antônio Bezerra – parte 2.....	219
Figura 72	– Trecho do riacho Alagadiço na Rua Doutor Vale Costa, em Antônio Bezerra – parte 1.....	219
Figura 73	– Trecho do riacho Alagadiço na Rua Doutor Vale Costa, em Antônio Bezerra – parte 2.....	220
Figura 74	– Corredor fluvial do riacho Cachoeirinha, entre Faculdade privada e Fábrica de Jeans.....	221
Figura 75	– Primeiros trechos visíveis do riacho Cachoeirinha, na Rua Padre Sá Leitão e Rua Cuiabá (bairro João XXIII) – parte 1.....	221
Figura 76	– Primeiros trechos visíveis do riacho Cachoeirinha, na Rua Padre Sá Leitão e Rua Cuiabá (bairro João XXIII) – parte 2.....	222
Figura 77	– Primeiros trechos visíveis do riacho Cachoeirinha, na Rua Padre Sá Leitão e Rua Cuiabá (bairro João XXIII) – parte 3.....	222
Figura 78	– Trechos do riacho Cachoeirinha na Avenida Senador Fernandes Távora.....	223
Figura 79	– Trechos do riacho Cachoeirinha na Rua Jockey Club com Rua Noel Rosa.....	223
Figura 80	– Trecho do riacho Cachoeirinha na encruzilhada da Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Professor Heribaldo Costa (Avenida Perimetral) – parte 1.....	224
Figura 81	– Trecho do riacho Cachoeirinha na encruzilhada da Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Professor Heribaldo Costa (Avenida Perimetral) – parte 2.....	224
Figura 82	– Trecho do riacho Cachoeirinha na encruzilhada da Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Professor Heribaldo Costa (Avenida Perimetral) – parte 3.....	225

Figura 83	– Trecho do riacho Cachoeirinha próximo ao trevo entre a Rua Professor Heribaldo Costa e Rua Professor Miramar da Ponte – parte 1.....	225
Figura 84	– Trecho do riacho Cachoeirinha próximo ao trevo entre a Rua Professor Heribaldo Costa e Rua Professor Miramar da Ponte – parte 2.....	225
Figura 85	– Riacho Cachoeirinha, na Rua Coronel Matos Dourado (Avenida Perimetral), com galpão instalado às margens.....	226
Figura 86	– Muro do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado – parte 1.....	227
Figura 87	– Muro do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado – parte 2.....	227
Figura 88	– Muro do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado – parte 3.....	227
Figura 89	– Perspectiva do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado.....	228
Figura 90	– Corredor fluvial do Riacho Cachoeirinha, entre Avenida Perimetral (Henrique Jorge) e proximidades da Fábrica Unitêxtil (Dom Lustosa)..	228
Figura 91	– Acesso ao Riacho Cachoeirinha pela Rua Aracaju, no bairro Henrique Jorge.....	229
Figura 92	– Imagem de satélite da Lagoa (no terreno) da “Unitêxtil”, cujo sangradouro alimenta o riacho Cachoeirinha.....	230
Figura 93	– Passagem de tributário do riacho Cachoeirinha, advindo da Lagoa da Unitêxtil, na continuação da rua Conselheiro Araújo Lima – parte 1.....	230
Figura 94	– Passagem de tributário do riacho Cachoeirinha, advindo da Lagoa da Unitêxtil, na continuação da rua Conselheiro Araújo Lima – parte 2.....	231
Figura 95	– Perspectiva dos terrenos da vacaria pela Rua Tarcísio Peixoto – parte 1.....	231
Figura 96	– Perspectiva dos terrenos da vacaria pela Rua Tarcísio Peixoto – parte 2.....	232
Figura 97	– Passagem de tributário do Riacho Cachoeirinha, na Travessa Mará.....	232
Figura 98	– Riacho Cachoeirinha, na Rua Tarcísio Peixoto (Dom Lustosa) – ângulo	233

Figura 99 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Tarcísio Peixoto (Dom Lustosa) – ângulo 2.....	233
Figura 100 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Dr. Pedro Augusto (Dom Lustosa) – parte 1.....	233
Figura 101 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Dr. Pedro Augusto (Dom Lustosa) – parte 2.....	234
Figura 102 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Dr. Pedro Augusto (Dom Lustosa) – parte 3.....	234
Figuras 103– Riacho Cachoeirinha, na ponte entre Rua Doutor Pedro Augusto e Rua Doutor Vale Costa (Comunidade da “Chesf”) – parte 1.....	234
Figura 104 – Riacho Cachoeirinha, na ponte entre Rua Doutor Pedro Augusto e Rua Doutor Vale Costa (Comunidade da “Chesf”) – parte 2.....	235
Figura 105 – Trecho dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço, antes e após o encontro de fluxos.....	236
Figura 106 – Área de risco no encontro entre os riachos Cachoeirinha e Alagadiço...	236
Figura 107 – Riacho Cachoeirinha-Alagadiço, desaguando no rio Maranguapinho – parte 1.....	237
Figura 108 – Riacho Cachoeirinha-Alagadiço, desaguando no rio Maranguapinho – parte 2.....	237

LISTA DE ABREVIATURAS

APP	Área de Proteção Permanente
ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNDS	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CAGECE	Companhia de Água e Esgoto do Ceará
CHESF	Companhia Elétrica do São Francisco
CIONE	Companhia Industrial de Óleos do Nordeste
COELCE	Companhia Elétrica do Ceará
COOTRAPS	Cooperativa dos Transportadores Autônomos do Estado do Ceará
DOL	Distúrbios Ondulatórios de Leste
DRENURB	Programa de Drenagem Urbana
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EAA	Estudo de Avaliação Ambiental
EMCPici	Estação Meteorológica do Campus do Pici
FDID	Fundo Estadual de Reparação dos Direitos Difusos
FRIFORT	Frigorífico Industrial de Fortaleza S/A
LUOS	Lei de Uso e Ocupação do Solo
MEA	Massa Equatorial Atlântica
MECESA	Metalgráfica Cearense S/A
MP CE	Ministério Público do Ceará
PPP	Parceria Público Privado
PREURBIS	Programa de Requalificação Urbana com Inclusão Social
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
SEINF	Secretaria de Infraestrutura de Fortaleza
SNGRH	Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SER III	Secretaria Regional III
SEUMA	Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente de Fortaleza
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
VCAN	Vórtice Ciclônico de Altos Níveis

ZCI

Zona de Convergência Intertropical

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
1.1	Objetivos.....	22
1.2	Caracterização e delimitação da bacia e área de estudo.....	23
1.3	Justificativa.....	34
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA.....	36
2.1	Abordagem Sistêmica Da Bacia Hidrográfica.....	36
2.2	História ambiental pela história oral.....	43
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1	Aspectos éticos e coleta de dados.....	51
4	ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS DA ÁREA DE ESTUDO.....	58
5	RESULTADO DAS ENTREVISTAS.....	75
5.1	Retorno ao campo.....	75
5.2	Sobre a região e as pessoas.....	78
5.2.1	Riacho Cachoeirinha.....	78
5.2.2	Riacho Alagadiço.....	80
5.3	Os fluxos das águas.....	82
5.3.1	Mananciais e os “Correntes”	82
5.3.2	Fluxos Naturais, Sangradouros e Enchentes.....	85
5.3.3	Cacimbões, cacimbas, chafarizes e cacimbinhas.....	87
5.4	Potencial biológico.....	90
5.4.1	O “Segredo” dos peixes-beta.....	92
5.4.2	Peixamento do DNOCS e iniciativas de Lutas contra Fome.....	93
5.5	Práticas sociais.....	95
5.5.1	Sítios, vacarias, fábricas e avenidas.....	97
6	PRIMEIRAS CONSIDERACOES.....	100
6.1	Práticas e fluxos.....	103
6.1.1	Luta popular e Modernização dos Alagados.....	105
6.1.2	Córregos e Empreendimentos.....	108
6.1.3	Mão-de-Obra ou Autonomia.....	110
6.2	Práticas e biodiversidade.....	113
6.3	Complexidade.....	116
6.3.1	Universidade e Movimento: ser ou não ser.....	116
6.3.2	Oposição entre leste e oeste ou o “Verde” entre a favela e o progresso.....	117

6.3.3	Das contradições do que é “bom” e a “inversão” das lutas.....	119
6.3.4	Mudanças nas estações, fontes e recursos hídricos.....	124
6.3.5	Resumo histórico.....	126
6.3.6	Perspectivas dos depoentes sobre as transformações.....	130
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
	REFERÊNCIAS.....	142
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	149
	APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS) E DE VOZ (ENTREVISTA).....	151
	APÊNDICE C - ENTREVISTA 01 (LEONARDO SAMPAIO).....	152
	APÊNDICE D - ENTREVISTA 02 (AGUINALDO AGUIAR).....	160
	APÊNDICE E - ENTREVISTA 03 (NARCISO MOTA).....	169
	APÊNDICE F - ENTREVISTA 04 (ONDINA LIMA – ANÔNIMO).....	174
	APÊNDICE G - ENTREVISTA 05 (EVANDRO OLIVEIRA).....	180
	APÊNDICE H - ENTREVISTA 06 (JOSÉ VITAL).....	189
	APÊNDICE I - ANOTAÇÕES DE CAMPO.....	194
	APÊNDICE J- CATÁLOGO DE ESPÉCIES ANIMAIS E VEGETAIS...	198
	ANEXO A - AÇUDE JOÃO LOPES (BAIRRO VILA ELLERY).....	199
	ANEXO B - POLO DE LAZER NA AV. SARGENTO HERMINIO (BAIRRO SÃO GERARDO)	200
	ANEXO C - LAGOA DO SÃO GERARDO (ENTORNO E SANGRADOURO).....	202
	ANEXO D - RIACHO ALAGADIÇO (PRÓXIMO A LAGOA SÃO GERARDO)	203
	ANEXO E - RIACHO ALAGADIÇO (BOSQUE DO BEM E CANAL DO MOTEL)	205
	ANEXO F - RIACHO ALAGADIÇO (SHOPPING E PRACINHA).....	206
	ANEXO G - RIACHO ALAGADIÇO (BAIRRO PRESIDENTE KENNEDY)	208
	ANEXO H - RIACHO ALAGADIÇO E AÇUDE SANTO ANASTÁCIO (CAMPUS DO PICI, COMUNIDADES “CASA & RENDA” E “PAPOCO”)	210
	ANEXO I - RIACHO ALAGADIÇO (CAMPUS DO PICI E COMUNIDADE “BURACO DA GIA”).....	213

ANEXO J – RIACHO ALAGADIÇO (ENTRE OS BAIROS PICI E ANTÔNIO BEZERRA).....	216
ANEXO K - RIACHO CACHOEIRINHA (BAIROS JOÃO XXIII E HENRIQUE JORGE).....	221
ANEXO L - RIACHO CACHOEIRINHA (ANTIGO SITIO IPANEMA E BECO DO SUVACO, NO HENRIQUE JORGE).....	227
ANEXO M – TRIBUTÁRIO DO RIACHO CACHOEIRINHA (DOM LUSTOSA).....	230
ANEXO N – RIACHO CACHOEIRINHA (BAIRRO DOM LUSTOSA)	233
ANEXO O – ENCONTRO DOS RIACHOS CACHOEIRINHA E ALAGADIÇO (COMUNIDADE DA CHESF, BAIROS ANTONIO BEZERRA E DOM LUSTOSA).....	236
ANEXO P – FOZ DO RIACHO CACHOEIRINHA-ALAGADIÇO NO RIO MARANGUAPINHO (NOS BAIROS AUTRAN NUNES E GENIBAÚ).....	237

1 INTRODUÇÃO

As transformações pontuais e inconsequentes no campo da urbanização tardia mudaram a forma de nos relacionar e observar rios, riachos, lagoas, córregos, sangradouros, anteriormente existentes no espaço das cidades. O atual conhecimento sobre o passado deles está limitado a experiência de quem vivenciou outro tipo de relação com estas águas, quando elas eram “fontes de vida”. Nisto, vale o deslocamento ao outro para considerar o que sabem, criam, rememoram sobre o que viveram junto a estes fluxos, como saberes válidos e únicos à produção do conhecimento sobre o tema.

Para se estudar as mudanças no entorno dos riachos Cachoerinha e Alagadiço, a oeste de Fortaleza, requer perceber que elas estão associadas ao tipo de urbanização comum a muitas outras cidades, fruto de transformações globais e também locais. Porém, a perspectiva que isola o meio urbano como entidade à parte de seus moradores, cuja dinâmica de transformações é creditada apenas ao sistema capitalista, como explicação última e total, deixa de analisar uma gama de práticas que não são visíveis pela “chave de leitura política” (Magnani, 2002).

Assim, também, a leitura de uma paisagem não é só suas adaptações às fases do capitalismo ou a perspectiva de um observador sobre um recorte da realidade como numa pintura, nem sua representação particular. Elas são as relações dadas e construídas pelas culturas sobre determinados territórios. Um universo que reúne seres **vivos** e seus hábitos; meio **físico** e suas características; as **dinâmicas** sociais e ambientais. Define-se assim como objeto híbrido (Latour, 1994) composto por elementos humanos, não-humanos e sociotécnicos que se interferem mutuamente.

Para Silva (1986), a paisagem é um produto, um aspecto formal da sociedade num determinado momento pela forma de se relacionar e de organizar o espaço. O espaço é o resultado do ato de produção, ou melhor, transformação de um espaço anterior. Para ele, o valor do espaço está em seus atributos físicos da natureza e no que foi construído (material e simbólico), resultado do trabalho. A concretude do lugar pelas relações sociais de produção é o **território**. Dito de outra forma, o território é o acoplamento socioambiental no qual a produção material, simbólica, social, cultural se concretizam compondo a paisagem.

A paisagem vem, assim, possibilitar uma visão integrada de todos os elementos envolvidos na construção do “espaço total”. Este conceito, disseminado no Brasil por Ab`Saber (1995), refere-se ao **arranjo** adquiridos por uma determinada área em função da organização humana imposta ao longo do tempo e manifesta nos atributos remanescentes de um espaço

herdado da natureza. Para se chegar neste perfil é indispensável conhecer o funcionamento dos fluxos naturais (estes que, mesmo transformados e perturbados, nunca serão inteiramente eliminados), assim como também o histórico de relações e as formas de ocupação espacial.

Logo, a cidade e o rio são reflexos dessa multiplicidade que criam e transformam, inserida na diversidade de experiências e materialidades que coexistem. A unidade para esta investigação é pretendida pela síntese das estruturas presentes na paisagem da **bacia hidrográfica**, como mosaicos de múltipla composição (RODRIGUEZ et al, 2004) da sociedade, num determinado momento, pelos aspectos formais das relações e organizações do espaço. O confronto e coexistência entre diferentes perspectivas no espaço urbano é a condição para sua perpétua construção, que se faz e refaz pelas formas de uso, afeto, ocupação, etc.

No caso, esta bacia foi transformada de diferentes maneiras de um lugar a outro e é, por exemplo, uma área verde valorizada com praças públicas em uma região. Em outra, é um espaço marginalizado cercado entre galpões. São contradições que descortinam a produção desigual do espaço urbano e suas diferentes relações socioambientais (econômicas, políticas, culturais e naturais), em processos históricos, relacionais, em várias escalas de redes e fluxos, expressos e referenciados pelos territórios e efetivados pelas diferentes territorialidades (Saquet, 2009).

Como numa “flecha do tempo”¹ (Prigogine, 1997), diversos fatores influenciam nessas mudanças em intensidades, extensões e durações diversas. Seu estado atual é um somatório complexo que, estando em relação, gerou a entropia s neste “espaço de vida”, tornando-o em “esgoto a céu aberto”. Então, como desenvolver e refletir sobre a irreversibilidade e dinâmica entre passado e presente, avaliados a cada ponto da sub-bacia? Se o fenômeno em questão envolve transformações graduais e sistêmicas; os agentes e/ou eventos impactantes também ocorrem em diferentes graus, intensidades, extensões, períodos, localidades; e os impactos em seus elementos afetam as dinâmicas, que conseqüentemente transformam suas características, funções e serviços ambientes disponibilizados pelos referidos riachos.

É preciso instaurar um conjunto de “pesos e medidas”, repetições, diferenças, classificações, valores (simbólicos e materiais) denominados pelas pessoas que estiveram e estão em interações com estes riachos. Isto porque a população é a base e o sujeito

¹ O conceito, utilizado em diversas áreas do conhecimento, se refere a transformações realizadas num sistema ou fenômeno auto-organizado e inserido num espaço e tempo, em condições de não-equilíbrio, de modo que o retorno ao estado “natural” é imprevisível ou irreversível, pois envolve estruturas dissipativas de onde emergem outros padrões. Decerto, abre a questões da complexidade de sistemas hidrológicos, geológicos, ecológicos, climáticos, urbanos, políticos, envoltas do tempo, da criatividade e da incerteza em diálogo também com as leis naturais.

dos atos de produção que compõem as multi-territorialidades (Haesbaert, 2005). Por isto, a pesquisa parte de pressupostos da **abordagem sistêmica** para compreender primeiramente os elementos, atributos, organização, relações das dimensões fluviais e fazer dialogar diferentes saberes (acadêmicos e populares) dado a uma metodologia interdisciplinar mediada pela história oral temática com informações de arquivos e cartográficas.

Trata-se de uma investigação em história ambiental sobre a mútua influência da sub-bacia dos riachos Cachoeirinha-Alagadiço no crescimento urbano e os impactos sentidos pelas formas de uso e ocupação do espaço em suas características. As informações sobre os riachos serão geradas pela apreensão de relatos contendo memórias de experiências cotidianas e culturais junto a seus fluxos, sendo estes dois campos inerentes a conflitos (Jucá, 2003). O recorte de análise são as relações, dinâmicas, elementos e qualidades dos riachos, anterior e durante a intensificação da urbanização, pela reconstrução narrativa e imagética num horizonte de 30 a 50 anos a fim de comparar usos, componentes e atributos pretéritos aos atuais. Pois a paisagem que o antigo morador conheceu não é a mesma atualmente, nem sua relação com estes.

Ao reunir relatos de antigos moradores sobre as relações que tiveram com estes riachos, em busca de recompor um cenário complexo relativo às transformações destes, gera-se oportunidade para sistematizar conhecimentos de gerações passadas, esquecidos ou silenciados pelo ritmo acelerado na urbanização das últimas décadas (Almeida, 2003), que estiveram em contato com o ecossistema ribeirinho para compreender as mudanças como algo mais amplo, interdisciplinar, sistêmico e que envolva as inúmeras situações que contribuem ou que afetam a produção da **resiliência local**, no espaço e no tempo.

1.1 Objetivos

Portanto, esta pesquisa tem o objetivo central de descrever e interpretar os processos de transformação nas funções ecossistêmica² dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço, por meio de uma pesquisa qualitativa que vise reunir e articular, espacial e cronologicamente, relatos de antigos moradores da região e usuários das bacias. Isto é possível através das memórias projetadas pelas interações que tiveram com elas e pela atribuição às diversas funções ambientais dada em seus depoimentos.

Para operacionalizá-la, objetiva-se especificamente:

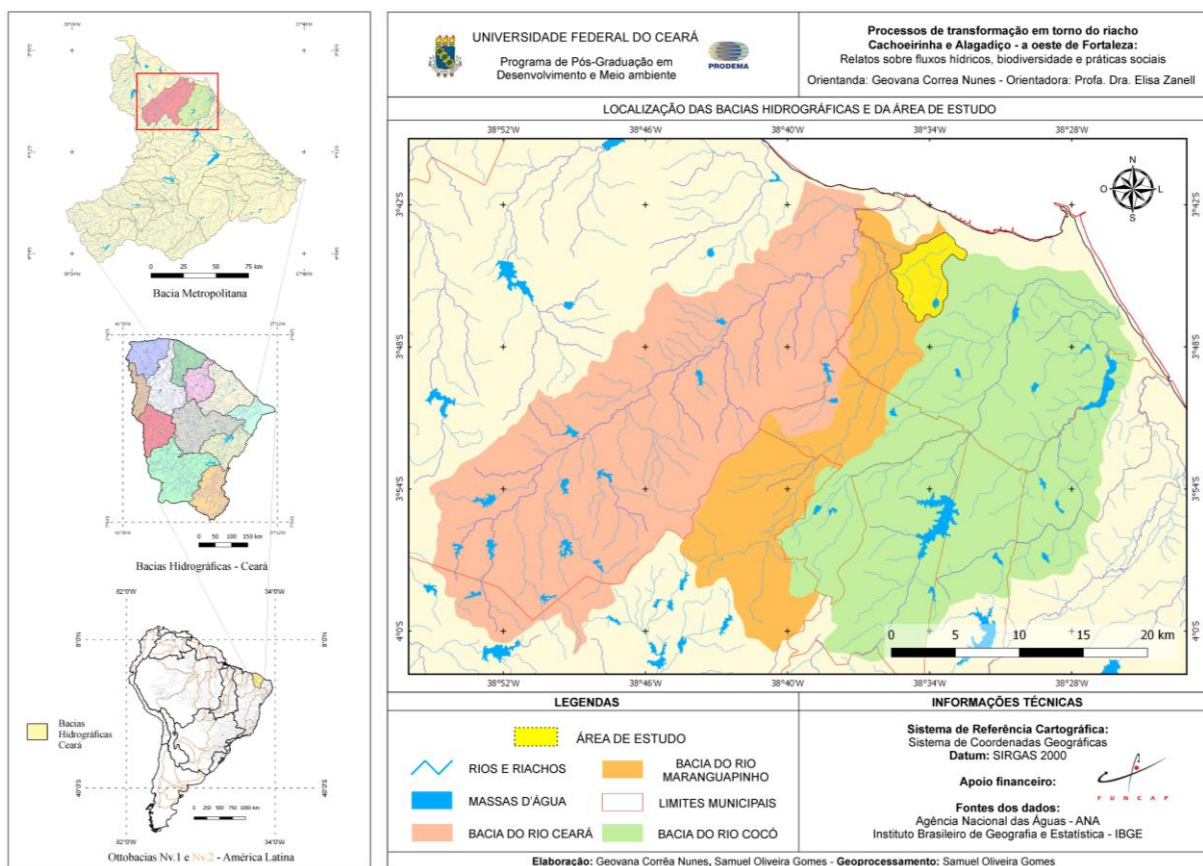
- Conhecer, por meio da história oral, as características ecossistêmicas e socioambientais da sub-bacia, na atualidade, destacando informações sobre a expansão urbana, os usos do solo urbano, bem como os problemas decorrentes da urbanização;
- Localizar, temporalizar e reunir diversos saberes sobre as características e os elementos, dinâmicas e serviços, impactos e processos, antigos e atuais, na relação sociocultural com os riachos construindo assim, a história ambiental da (sub)bacía;
- Catalogar as interpretações dos usuários sobre quais são ou foram os múltiplos usos, os diferentes agentes transformadores, as razões da degradação, os pontos de vulnerabilidade, suas conexões (de causa e efeito, retroalimentação, dependência, etc.), por meio de correlações temporais e espaciais, e se ainda há potencialidades, quais são.

² Para Nascimento e Carvalho (2003), Para diversos/as autores/as, as funções ecossistêmicas de bacias hidrografias são critérios multi-compostos e dialéticos que promovem as adaptações e resistências ambientais, inclusive com benefícios para a sociedade humana. Exemplos são as funções de regulação (atividade hidro-climática, biogeográfica, topológicas e mesológicas), suporte (agricultura, silvicultura, lazer, cultura, proteção da biodiversidade), produção (recursos genéticos, medicinais, matéria-prima para construção civil e artesanato), informação (beleza cênica, estudos científicos e educacionais, enriquecimento espiritual, desenvolvimento psicossocial, cognitivo, afetivo, recreativo pela valorização da natureza) e de serviços (controle de erosão e eólica, estabilização climática, biociclagem, armazenamento e fornecimento de nutrientes, combate à poluição, conserva a evaporação, equilíbrio no balanço hídrico, etc.).

1.2 Caracterização e delimitação da bacia e área de estudo

Fortaleza apresenta um sítio urbano cuja topografia é relativamente uniforme e plana, com poucas elevações, assentada numa planície plio-pleistocênica (de origem geológica recente) por meio de depósitos sedimentares no período quaternário. Este ambiente possibilitou a formação de várias lagoas, estando muitas delas aterradas e as restantes quase que totalmente poluídas, pois recebem dejetos e águas servidas das indústrias e residências das redondezas (DANTAS; SILVA; COSTA, 2009, p.114). Além disto, contêm duas grandes bacias hidrográficas que permeiam todo o território onde se estruturou a cidade, Cocó e Maranguapinho, sendo margeada por outras duas bacias, Pacoti e Ceará, além de outras secundárias formadas por riachos ou córregos de pequeno porte.

Figura 1 – Localização da área de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

A sub-bacia dos riachos **Cachoeirinha e Alagadiço** pertence ao sistema de drenagem do rio Maranguapinho e tiveram primordial importância para ocupação a oeste de Fortaleza, que fica sob coberturas da era cenozoicas e situam-se na zona de Tabuleiros Pré-

Litorâneos, atravessando terrenos cuja feição geomorfológica predominante é a Formação Barreiras, constituída por sedimentos areno-argilosos. Esses depósitos fluvio aluvionares são as faixas sedimentares ao longo dos leitos sazonais da drenagem do próprio rio. São representados por materiais transportados pelas águas superficiais e depositados nos baixios de inundação, formando os sedimentos fluviais no comprimento das drenagens e nos leitos. Sobre essas formas geomorfológicas desenvolveram-se Neossolos Quartzarêncios (solos arenosos) e Argissolos Vermelho–Amarelos (mais argilosos).

Estes sedimentos foram originados pelos processos de retrabalhamento dos terrenos interioranos e depositados junto ao litoral através de processos erosivos, dando caráter mais estável com **pouca variação em altitudes e declividades**, com feições tabulares, recortado pelas drenagens. Assim, entorno e à jusante dos reservatórios naturais, encontrava-se comumente areias, argila, silte com matéria orgânica. Nas margens dos rios formaram-se as planícies fluviais e, das lagoas, as planícies fluviolacustres geradas a partir da deposição por ocasião da ocorrência de inundações periódicas. Nestas planícies formaram-se solos denominados de Neossolos Flúvicos, onde se desenvolvia uma vegetação ciliar denominada Mata da Tabuleiro³, cujo porte era predominantemente arbóreo com sub-bosque fechado que apresenta queda de folhas na estiagem. Toda essa vegetação foi descaracterizada pela ocupação urbana.

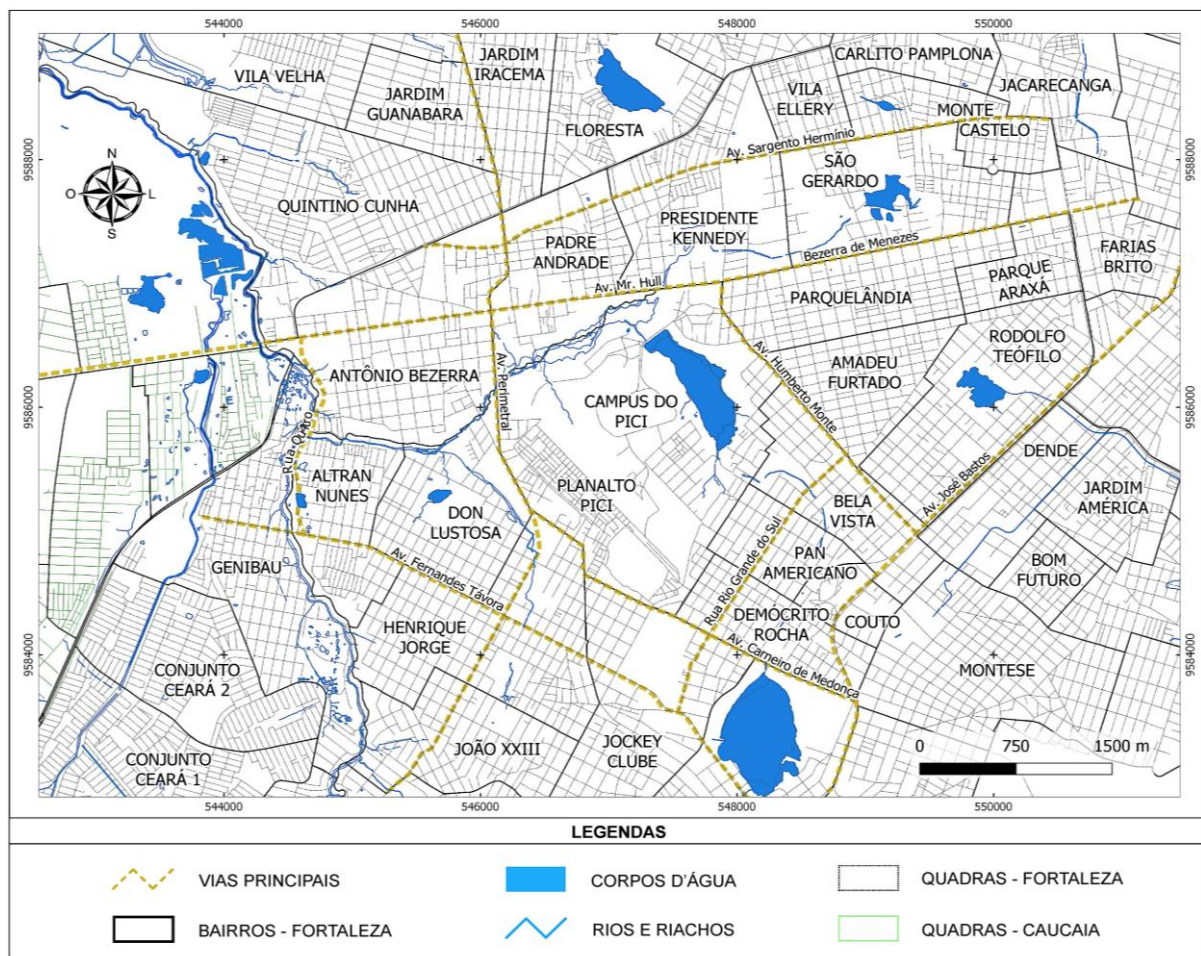
A bacia do rio Maranguapinho ocupa aproximadamente 27% da área total do município de Fortaleza, possui 09 afluentes, sendo 06 na margem direita, 03 à esquerda, 05 açudes e 09 lagoas, além de alguns mananciais menos expressivos, sem denominação oficial (FORTALEZA, 2003). Os riachos desta pesquisa situam-se a direita do rio Maranguapinho, abrangendo 04 lagoas e 02 açudes daquele total. Vistas de cima, por imagens de satélite, essa sub-bacia produz correlações que podem ser interpretadas como: o sangradouro da lagoa da Parangaba é tributário do **açude Santo Anastácio** que, por sua vez, é do riacho Alagadiço. Este se encontra com o riacho Cachoerinha, próximo à **lagoa do Genibau** e à foz no rio Maranguapinho, na comunidade da CHESF. Já este rio encontra com o rio Ceará há 05km deste desaguar no mar, no extremo oeste de Fortaleza, no bairro Barra do Ceará.

Neste percurso, estes dois riachos recebem contribuições de outros corpos d'água. Por questão de viabilidade, **Lagoa da Parangaba** e seu sangradouro no bairro Demócrito Rocha foram retirados da delimitação da pesquisa. Ficam, assim: o **açude João**

³ A Mata de Tabuleiro é uma mata úmida, graças aos ventos carregados de vapor de água que sopram do mar. Por ser transição entre mar, serras e sertão, ela apresenta espécies típicas de Mata Seca, Mata Úmida (Atlântica), Caatinga e Cerrado. No Ceará, essa vegetação foi descaracterizada pela ocupação urbana e está restrita a poucos locais devido a intensa urbanização das zonas próximas a Fortaleza (MORO et al., 2015).

Lopes e a lagoa **do São Gerardo** no alto curso do riacho Alagadiço; o açude Santo Anastácio, mais conhecido como açude da Agronomia, e seu sangradouro que fica dentro do Campus do Pici, à médio curso do Alagadiço; a **lagoa da Unitêxtil** que fica no terreno desta fábrica, no baixo curso do riacho Cachoeirinha. Fora deste território e demarcando fronteiras topográficas estão: a sul, o riacho das Pedras; a norte, a lagoa do Urubu; a leste, a lagoa do Porangabussu e o riacho Maceió, tributários da bacia do rio Cocó, representando assim o limiar entre duas grandes bacias que drenam as águas em Fortaleza; e a oeste e a jusante fica o próprio rio Maranguapinho, sem, no entanto, ser incluído no campo da pesquisa.

Figura 2 – Bairros e principais vias da área de pesquisa e entorno



Fonte: Elaborado pela autora.

O riacho Alagadiço tem origem com o açude João Lopes no bairro Vila Ellery e percorre ou margeia o território atual dos bairros Monte Castelo, São Gerardo, Presidente Kennedy, Campus do Pici, Padre Andrade, Planalto Pici, Antônio Bezerra e se encontram com o riacho Cachoeirinha no bairro Dom Lustosa. O Cachoeirinha começa no João XXIII e passa pelo Henrique Jorge, Jôquei Club, Planalto Pici e Dom Lustosa. O fluxo de ambos os riachos

segue até o Genibaú, servindo de fronteira entre os bairros Antônio Bezerra e Autran Nunes. Próximas a eles, foram construídas grandes avenidas, quais se destacam: Av. Sargento Hermínio, Bezerra de Menezes, Mister Hull, Governador Parsifal Barroso, Humberto Monte, Coronel Matos Dourado, Professor Heribaldo Costa (conhecida como Avenida Perimetral), Senador Fernandes Távora e Porto Velho.

Em geral, a porção oeste da cidade onde está a bacia do Cachoeirinha-Alagadiço é uma região densamente ocupada, mas historicamente desassistida de políticas públicas que promovam condições dignas de habitabilidade e bem estar social (SOARES, 2005, p.35). Isto tem impacto sobre a segregação e déficit habitacional que amplia a construção de moradias precárias em áreas de risco como às margens dos rios e a degradação dos recursos hídricos, posto que a área do rio Maranguapinho⁴ concentra 45% de todas as áreas de risco da capital. Calcula-se que, na década de 1970, haviam 18 favelas presentes em sua bacia hidrográfica (Sousa, 1978 apud Almeida, 2010). Hoje, nesse território, elas passam de 51 sob o título, agora, de áreas de risco (Castro, 2010).

A ocupação às margens destas bacias apresenta frequentemente o risco de solapamento das suas margens, contaminação por doenças atreladas à deposição de lixo no seu leito e margens, doenças de veiculação hídrica atreladas a ocorrência de inundações. De modo geral, as inundações e enchentes são parte do **ciclo natural** e dinâmico destes corpos hídricos, controlada pela pluviosidade marcadamente sazonal tendo-se o primeiro semestre do ano chuvoso e o segundo semestre seco.

As chuvas em Fortaleza se caracterizam por serem intensas e concentradas. Chove em média 1.584,0mm anuais (série histórica de 1981 a 2010 - EMCPici), sendo que aproximadamente 70% da chuva se concentra entre fevereiro e maio. De acordo com a estação meteorológica do Campus do Pici da série histórica de Fortaleza (período de 1981 a 2010), há uma variabilidade bastante expressiva na chuva. A precipitação varia de 945,1mm para o ano de 1993 (mais seco) a 2.900,1 mm para o ano de 1985 (mais chuvoso). No segundo semestre do ano, o Anticiclone do Atlântico Sul forma a Massa Equatorial Atlântica (MEA) que atua como força anti-ciclônica e confere tempo estável⁵ para a região.

⁴ O Observatório das Metrópoles (2005) identifica que a médio e baixo curso constata-se a extração generalizada de areia e argila para construção civil, a produção e queima de tijolos artesanais em suas margens, com utilização da vegetação nativa restante. Ainda por este levantamento, a população convive com o lançamento de efluentes industriais clandestinos, lançamento de esgotos domésticos, problemas no controle ambiental das lagoas de estabilização, causando mudança da turbidez, cor, odor da água e composição bioquímica.

⁵ A MEA é formada por duas camadas de ar. A camada superior é bastante seca, o que gera o fluxo de alta pressão que inibe a formação e o crescimento das nuvens (subsistência do ar). Isto é interrompida pela Zona de Convergência Intertropical (ZCI), o sistema mais importante no estabelecimento da quadra chuvosa que ocorre de fevereiro a maio. E atuam, em menor proporção, os Vórtice Ciclônico de Altos Níveis (VCAN) principalmente na

Por isso, as inundações estão associadas a duas causas básicas: os fatores climáticos (ou seja, intensidade e duração das precipitações que ocorrem na área das bacias) e os fatores fisiográficos (área, formato, declividades, tipo do solo, cobertura vegetal etc.), estes que determinam os efeitos de precipitações intensas nas bacias hidrográficas. Em resumo, Almeida (2010) lista os *principais fatores* que conecta a forma de ocupação aos riscos de inundações na bacia do rio Maranguapinho, são: padrão disperso de crescimento urbano com extensa ocupação e impermeabilização do solo; a estrutura urbanística orientada de acordo com o sentido das principais vias de acesso que modificou indiscriminadamente as condições originais; ocupação irregular das planícies de inundação da bacia do rio Maranguapinho; desigualdades sociais, segregação socioespacial e piores indicadores socioambientais da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), por fim, a degradação ambiental (desmatamento, poluição, processos erosivos, assoreamento) que desencadeiam os processos naturais.

Portanto, os efeitos das **enchentes e inundações** são agravados pelo desmatamento e a ocupação desordenada das áreas de várzeas, com consequente assoreamento do leito dos cursos d'água e a ocorrência de perdas materiais e humanas. Por outro lado, os períodos de estiagem prolongado das secas também são partes do ciclo natural em toda região semiárida. No Ceará, desde 2012, registra-se chuvas abaixo da média, em 2016, o Estado entrou no quinto ano consecutivo de seca (CEARÁ; FUNCEME 2016). Dentre algumas ações para possibilitar o abastecimento de água na Região Metropolitana de Fortaleza foi o aproveitamento das águas do Açude Maranguapinho, no alto curso. O que demonstra que, mesmo sofrendo intensa degradação, o rio Maranguapinho ainda dispõe de recursos hídricos para suprir as necessidades humanas primárias.

Tal como no passado, durante as secas de 1870 a 1930, a região do riacho Alagadiço também proveu recursos para as instalações destinadas a conter a circulação de imigrantes flagelados pela cidade. Estas eram os “currais do governo” ou “campos de concentração”⁶ que serviam para tratar de enfermidades, saciar fome dos retirantes (com a chamada “ração”), oferecer emprego aos aptos nas frentes de trabalho. Na capital, além do confinamento, tinha o propósito de evitar disseminar doenças epidêmicas (como varíola e cólera) e possíveis desordens no funcionamento do comércio. O local chegou a reunir 8 mil esfarrapados e eram permanentemente vigiados por soldados.

Uma nova concepção de cidade emerge e um novo espaço se estrutura com base no discurso médico neohipocrático dominante no século XIX. Normas que sugerem

pré-estação chuvosa, notadamente em janeiro; e os Distúrbios Ondulatórios de Leste (DOL), cujas chuvas ocorrem em junho e julho.

⁶ No interior, eles existiram nas cidades de Ipu, Quixeramobim e Senador Pompeu.

localizações de espaços que remontem perigo a saúde da população fossem redirecionados, de modo a se instalarem na direção oeste de Fortaleza, o que faria com que as doenças, segundo concepção miasmática da época, fossem levadas com o vento para mar a dentro, não atingindo aos moradores da capital. Como ocorreu com a construção do Campo de Concentração do Alagadiço na tentativa de evita, assim, novo surto de varíola (Travasso, 2011, p. 724).

No período de 1910 a 1920, a população fortalezense aumentou de 65.816 para 78.536 habitantes, como indício que muitos imigrantes se instalaram na capital após estes períodos. Porém, as **fronteiras socioeconômicas da cidade** já estavam intrinsecamente definidas pelo limiar com os bairros Jacarecanga e Benfica; pois foram bairros de elite que, pouco a pouco, foram abandonados pelas famílias de “renome” que começavam a ir morar nos bairros mais a leste, como Aldeota. Esta região é banhada pela bacia do rio Cocó que se tornou uma extensão dos bairros de classe média e alta, conclui Soares (2005). Assim como outros pesquisadores chegam a mesma interjeição:

Fortaleza é “dividida” em duas cidades bem distintas do ponto de vista do acesso à infraestrutura e da renda per capita. Existe uma cidade na zona leste que se caracteriza como um verdadeiro oásis de desenvolvimento, onde o poder aquisitivo das pessoas permite adquirir moradia de alto valor, em uma área da cidade com uma completa infraestrutura e acesso a todos os tipos de serviços e equipamentos urbanos.

Do lado oposto da cidade, a zona oeste, onde se localiza a bacia hidrográfica do rio Maranguapinho, ocorre uma ocupação urbana com predominância de assentamentos informais, com infraestrutura precária e de deficiente acessibilidade a serviços e equipamentos urbanos (transporte, serviços de saúde, educação, segurança, lazer). Além disso, parcela significativa dos habitantes da zona oeste de Fortaleza não tem acesso a moradias dignas, o que os força a ocupar as chamadas áreas de risco (Santos, 2011, p.130).

Décadas seguintes, visando também diferenciar os espaços dos trabalhadores e consumidores na cidade, foram construídos diversos conjuntos habitacionais para famílias de operários no extremo oeste e sul da capital, tais são os bairros Conjunto Ceará e Henrique Jorge (conhecido antes como Casa Popular). A infraestrutura instaurada e dispersa, advinda desta política industrial e habitacional, foi *indutora da ocupação desordenada e irregular dos vazios urbanos e das áreas de preservação permanentes – margens de rios, lagoas e dunas, pela abertura de loteamentos e o surgimento de favelas e ocupações irregulares* (Almeida, 2010, p.158).

O reflexo das ocupações indevidas pode ser percebido através do levantamento de cobertura florestal nativa e levantamento da fauna, em Fortaleza. Segundo o Inventário Ambiental de Fortaleza (Fortaleza, 2003), a bacia do rio Maranguapinho, logo, dos riachos Cachoerinha e Alagadiço, tem menor cobertura florestal nativa correspondendo a 2,76% de sua área total e apresenta o mais elevado processo de degradação ambiental; evidenciado pela

escassez da vegetação de porte florestal, principalmente a do tipo ciliar, exceto algumas macrófitas resistentes a certos poluentes.

A Mata Galeria (ciliar) encontra-se totalmente substituída por espécies exóticas e frutíferas, assim como por espécies forrageiras. No entanto, é possível encontrar alguns indivíduos remanescentes da mata original. Algumas espécies possuem caráter caducifólio e folhas pequenas. Essa mata tem como principal importância dificultar o processo erosivo dos taludes e, por consequente, o assoreamento do rio. Nas residências mais próximas se observa algumas frutíferas. Nos logradouros e calçadas verificaram-se as espécies exóticas.

A diminuição da vegetação ribeirinha (mata ciliar) promoveu a **fuga da fauna** para lugares com matas mais preservadas ou o seu completo desaparecimento do território, salvo: nas várzeas do extremo Sul em Fortaleza, próximo ao bairro Siqueira e circunvizinhanças, onde se pode observar raposa, guaxinim, casaco, diversas aves e répteis; na região estuarina do mangue do Rio Ceará; e nas praças públicas, a exemplos da fauna urbana.

Todavia, durante o período chuvoso, ocorre o domínio da fauna paludícola (que se tornam presentes em regiões pantanosas), sobressaindo-se as aves e os peixes. No decurso do estio verificam-se: aves insetívoras e frugívoras, répteis, alguns mamíferos vegetarianos e vários grupos de artrópodes, como insetos (cupins, formigas, borboletas, grilos, gafanhotos), aracnídeos, anelídeos (sangue suga, minhocas, etc.), quais participam como fonte proteica da base da pirâmide trófica.

Portanto, a manutenção da mata ciliar e do microclima ribeirinho são importantes na preservação da fauna local, pois várias dessas espécies já se encontram ameaçadas na região. E isto se deu por transformações que trazem consequências em conjunto e que, entretanto, são vistas de maneira isolada: como a retirada de areia destinada a construção civil (MAIA, 2010), visando meramente um valor econômico, que destroem a vertente de proteção e aumenta a erosão, gerando desmatamento e este, assoreamento, que aumenta o escoamento e a possibilidade de enxurradas, afetando moradias e vias de transportes mais próximos.

Numa visão de **solução também isolada**, a canalização e retificação do fluxo ribeirinho a fim de controlar e conter as enchentes impermeabiliza o solo, impossibilitando a infiltração da água e a reestruturação da vegetação, que atrairia novamente a fauna. Essas alterações estruturais aumentam as inundações, diminuem a evapotranspiração, a umidade do ar e aumentam a temperatura; dado que, sem a vegetação, diminui-se a quantidade de água (retida no solo pelas raízes, troncos e folhas) que iria para a atmosfera em forma de vapor, no fluxo de calor latente, o que aumenta a energia disponível para o aquecimento da atmosfera pelo fluxo de calor sensível (razão de Bowen) (Ayoade, 2004, p. 128-129).

O Balanço Hídrico Climático avalia o armazenamento de água disponível e quantifica os déficits e excessos hídricos ao longo do tempo. Como a bacia do rio Maranguapinho, composto por alguns cursos d'água de caráter intermitente, caracteriza-se por altas taxas de evaporação (dado a própria localização geográfica), isto acarreta perdas significativas das reservas acumuladas e contribuem para o déficit hídrico na bacia (Ceará; COGERH, 2010). Isto, somado à impermeabilização do solo e a retirada da vegetação, resulta em altos fluxos de calor sensível e altas temperaturas na superfície, além de trazer modificações para precipitação, umidade relativa, intensidade dos ventos, dentre outros; pois a energia será usada para aquecer a atmosfera e a superfície. O que leva a concluir que atitudes degradantes geram um **ciclo vicioso**.

Em pesquisa com população amostral de alguns bairros nas proximidades do rio Maranguapinho (Lima; Caldas; Campos, 2007, p.10-11), demonstrou-se que: 70,5% dos entrevistados tinham renda mensal entre um e três salários mínimos; 54,2% possuíam apenas o ensino fundamental incompleto; 75,5% da população era fixada há mais de 05 anos no mesmo local e 86,2% possuíam residência própria. Dentre os problemas relacionados ao rio Maranguapinho, a falta de saneamento básico é visível e 67,54% confirmaram que utilizam o rio-canal como escoadouro das instalações sanitárias e 10,9% despejavam seu lixo domiciliar. Quanto a saúde local, 27,6% declararam ter doenças respiratórias e 17,4% problemas de pele em decorrência da poluição.

Sobre a percepção ambiental, 98,7% dos residentes da área afirmaram que o rio está sujo e que a poluição dos rios/canais, o mau cheiro e ocorrência de vetores de doença (ratos e insetos) são os principais problemas locais. Em contraponto, 92,4% dos entrevistados não participavam de nenhum movimento social. 43,2% acreditavam que acionar o poder público seja a principal ação para melhoria da comunidade, mas somente 23,4% achavam que era preciso acionar lideranças comunitárias. Os autores concluem que isto demonstra a **desmobilização** social nessas comunidades.

Entretanto, vale salientar que dentro deste recorte, há outros contextos que se formam pela mobilização social. No caso da área correlata a pesquisa, há o diferencial da luta pela implementação do Parque Rachel de Queiroz. Possivelmente, não se trata de grupos massificados e, além disto, as demandas comunitárias são diversas. Mas sabe-se, na prática, pode-se supor que, sem o movimento Pró-Parque, não haveria sequer a promessa da consolidação de uma área verde entorno do curso destes riachos.

A **demanda dos movimentos** sociais locais pela preservação e proteção de suas águas, matas e oferta de serviços ambientais e culturais a população vem desde 1983⁷. Década seguinte, indivíduos, escolas e associações em torno do Polo de Lazer na Avenida Sargento Hermínio e no bairro Presidente Kennedy manifestam-se em defesa das áreas verdes e ribeirinhas mais próximas. Apesar de estarem em territórios e períodos diversos, estes movimentos se uniram pela demanda comum de proteção dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço, que se definiu com o tempo como a luta ambiental pela implementação do Parque Rachel de Queiroz, nome em homenagem a escritora.

Em 1996, deu-se início a construção de projeto urbanístico para construção de um Parque Linear, junto à prefeitura, coordenada pelo professor da UFC e arquiteto José Sales Costa e, além dos riachos Cachoeirinhas e Alagadiço, incluía trechos do rio Maranguapinho e sua área de influência de bairros Genibaú, Quintino Cunha, Bel Vista e Parque Araxá contemplando 21 bairros em Fortaleza, totalizando 254 hectares. Em 2003/2004, o Estudo de Viabilidade Ambiental (EVA) também foi apresentado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), através do convênio de Cooperação IEPRO/ UECE e consultoria IBI TUPI. Ainda que não seja um documento acessível digitalmente, há pequenos registros de imagens.

⁷ Em 1983, o movimento das CEBs em atuação no bairro Pici pautou a luta pela construção de um parque com equipamentos de lazer, cultura e arte em torno da Casa dos Benjamins, atualmente tombada (e inacessível), onde a família Queiroz usava em veraneio entre (o que hoje são) os bairros Planalto Pici e Jockey Club, visando também a proteção do riacho Cachoeirinha, que fica hoje aos fundos da pouca área verde que resta na região

Figura 3 – Ilustração da área para o parque linear, urbano e público Rachel de Queiroz



*Estudo de Viabilidade Ambiental (EVA) projetado em 2003.
 Fonte: Portifólio da IBI TUPI (2004).

Em 2013, a prefeitura anunciou ao movimento ter como prioridade dar continuidade ao processo. Para isto, contratou nova consultoria para “revisar e atualizar” o que, novamente, não seria executado até o final do mandato. Com isto, atualmente, estes riachos parecem para a população em geral um canal de esgoto, um intruso na paisagem urbana, apesar das múltiplas formas de uso e percepção por seus antigos moradores.

Basicamente, esta pesquisa não tem um objetivo prospectivo. Essa delimitação da área da pesquisa tem apenas semelhanças com projeto de parque, servindo-se também dos diagnósticos da biosfera local (FORTALEZA, 2003), mas não se refere diretamente ao projeto. Pois, quanto às diferenças: a área desta pesquisa não inclui o rio Maranguapinho, como mostra a figura anterior, nem o sangradouro da Lagoa da Parangaba (detalhe na cor laranja). Suas unidades de análise temporal e espacial junto a população são as bacias hidrografias e não como uma questão de planejamento feito por técnicos e especialistas.

Em geral, há diversos registros técnicos, pesquisas cartografia e quantitativas sobre a bacia principal (o rio Maranguapinho), como zoneamento geoambiental (Araujo et al, 2007), zoneamento de áreas de risco (Santos, 2011), da vulnerabilidade socioambiental (Almeida, 2010; Loureiro, 2011), com destaque a demografia, renda,

escolaridade e articulação política local (Lima; Caldas; Campos, 2007), transfigurações na paisagem (Maia, 2010), produção desigual do espaço (Freitas, 2004), análise do saneamento (Bento, 2011), dentre outros. Porém, estes carecem de maior abertura para metodologias qualitativas, à saber sobre os tipos de relação a população tem ou tiveram com essas águas fluviais e seu ecossistema.

Seu sistema de drenagem inspira a **existência de mananciais** dentro de Fortaleza, sem precisar recorrer ainda às memórias de antigos moradores, bastando observar a existência de empresas engarrafadoras de água⁸ que funcionam na atualidade e ficam em pontos mais altos e estratégicos da região. Assim, a conexão entre os riachos com as lagoas e açudes, se interpretada como unidade de análise por sua bacia hidrografia, ganham novo valor como espaço de vida e não meramente drenagem. Apesar disto, vistos de forma localizada, esses riachos mais parecem um canal de esgoto, um intruso na paisagem urbana, apesar das múltiplas formas de uso e percepção pela população. É possível desconstruir alguns mitos e estereótipos, através de comparações superficiais, contra a ideia de serem inúteis ou improdutivos para a cidade. Fato é que a forma de urbanização criou esta situação em que são associados a foco de doenças e perigo.

⁸ A exemplo, no Planalto Pici, das empresas Marília, Bonágua e Renan.

1.3 Justificativa

Os ecossistemas de água doce cobrem apenas 1% da superfície terrestre, mas dispõem de serviços de importância ecológica e econômica para sociedade humana, como a regulação do clima local e regional, reposição das águas subterrâneas, tratamento e diluição de detritos, uso direto em domicílios, indústria e agricultura. Como a água é utilizada para diversas finalidades, ela tem “múltiplos usos”, tais são: a pesca, atividades industriais, geração de energia, navegação, turismo, lazer, cultura, dentre outros.

Não obstante, o ciclo biogeoquímico da água é um dos que tem sido mais alterado e impactado pela atividade humana. Exemplo de impactos são a poluição térmica (com despejo de água quente que resfria componentes industriais), eutrofização (com despejo de grande quantidade de matéria orgânica), erosão das margens dos cursos d’água (com a retirada das matas ciliares). Isto se dá também pelo mau aproveitamento, altos índices de perda e técnicas inadequadas. No Brasil, a má distribuição geográfica e social⁹ deste recurso também suplanta a ideia de fartura.

Como um recurso natural, convém defini-lo como “bem” que não é possível de ser produzido pelo homem. Para Christofolletti (1999), porém, os componentes existentes na superfície terrestre não surgem como recursos naturais apenas porque se encontram no sistema da natureza. Essa categoria ganha relevância, no contexto em que é utilizado, em função da intervenção humana pelo conhecimento de sua existência, de como pode ser utilizado e pela sua integração a determinadas necessidades sociais.

Apesar dos agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano ribeirinho serem muitos, tais como: proprietários fundiários e dos meios de produção, promotores imobiliários, empresários, o Estado, etc. e os grupos sociais excluídos também são, quando produzem ocupações urbanas para moradia em áreas de risco, usam o rio para pescar, lavar ou escoar seus esgotos e lixos. Todos têm suas próprias relações de interesse, embora conflitantes, nas modificações deste território. Porém, poucos conhecem de fato este ambiente. Geralmente, estes são os mais criminalizados e estigmatizados.

E não é preciso voltar muito longe no passado para encontrar quem rememore a pesca, o nado, os mamíferos silvestres, as aves, as dificuldades em ir de um lugar a outro, durante os períodos de chuva. Para uns, a condição dos alagados desvalorizava a terra; para outros, cultivava o alimento por meio da pecuária e agricultura de várzea. Sabemos que este

⁹ Segundo a Agência Nacional das Águas (Brasil; ANA, 2007), o uso da água com fins agrícolas e industriais são responsáveis por 87% do total e apenas 13% é de uso doméstico.

embate foi ganho por determinada perspectiva de cidade, mas a luta pela revalorização urbana dos corpos d'água e o ecossistema entorno não acabou e nem começa agora.

Para além do “verde”, quem observa o contexto atual destes riachos pode apenas percebê-lo como foco de doenças, entulho de lixos, canal de esgoto, risco a furtos e marginalidade. E, apesar das inúmeras facilidades trazidas pela urbanização que as últimas gerações receberam de herança, há uma ignorância majoritária entre os mais jovens sobre os fluxos de água, hoje, esgoto a céu aberto, quanto a sua importância histórica ecossistêmica. Por isso, descortinar o potencial pretérito das relações, elementos e características destes exige conhecê-las e avaliá-las, antes e atualmente, a partir de uma abordagem e metodologia que considere os saberes da experiência dado o conhecimento de usuários mais imediatos; agentes que dialogam diretamente com os impactos sofridos, porque estão/estiveram inseridos no meio e conhecem os atributos perdidos, intuem quando e como.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

2.1 Abordagem sistêmica da bacia hidrográfica

A hidrografia, como estudo da água em oceanos, mares, lagos, rios, etc., é uma ciência complexa que pode ser abordada por suas propriedades, fenômenos, relações, problemas, situações, dentre outras questões. Segundo Rodriguez et al. (2004, p.41), a concepção sistêmica consiste em considerar qualquer destes atributos como uma **unidade** regulada e manifesta mediante algumas categorias sistêmicas, como: estrutura, meio, elementos, intensidade, etc., a fim de entendê-la como componente de algo maior, em constante processo de transformação e influência.

Um sistema é, assim, um **conjunto** de componentes ligados por fluxos, funcionando em unidade (Drew, 1989), cujas propriedades se dão pela multiplicidade de elementos, inter-relações e subordinações entre eles. Sua utilização na abordagem sistêmica pode-se dar quando o objeto estudado é uma formação integral em função de fluxos atuando em conjunto e pela formação de qualidades próprias ao sistema envolvidos por leis comuns (Rodriguez et al, 2004, p.42-43)¹⁰.

Deste modo, em uma análise ambiental, deve-se considerar as ligações e interações entre o conjunto composto por entradas, processos, saídas e elementos controlantes (aqueles que definem a retomada do ciclo e que variam em relação aos atributos/qualidades). Isto porque determinados tipos de **processos e fatores** têm inter-relações com o papel da composição, estrutura, funcionamento, evolução e dinâmica, que condicionam a formação da paisagem. Estes são componentes naturais como aspectos geomorfológicos, geológicos, climáticos, hídricos, edáficos e bióticos (Rodriguez et al, 2004).

A **paisagem** é, assim, um fato concreto que tem origem na interação do relevo, solo, clima, água, rocha (os fatores abióticos) e os fatores bióticos (flora e fauna). A abordagem sistêmica busca responder como se dá essa interação e a construção deste “fato”, incluindo o fator antrópico. No entanto, não é possível generalizar o funcionamento natural e humano pelas mesmas leis. Há diferenciações entre estas concepções. Mendonça (2001) argumenta que, por exemplo, as plantas tem sua própria lei natural (como é a fotossíntese para absorção da energia)

¹⁰ Esta abordagem se popularizou, a partir de 1950, com a Teoria Geral dos Sistemas através de Bertalanffy e, no âmbito da geografia, foi assinalado por Tricart (1977, apud LIMA; SILVA, 2015). Este visou classificar as unidades eco dinâmicas, caracterizando-as entre estáveis a instáveis, buscando o ordenamento e a gestão territorial, como instrumento lógico que enfoque as relações mútuas entre os diversos componentes de entidades globais, integrais e dinâmicas junto aos fluxos de matéria e energia, neste meio.

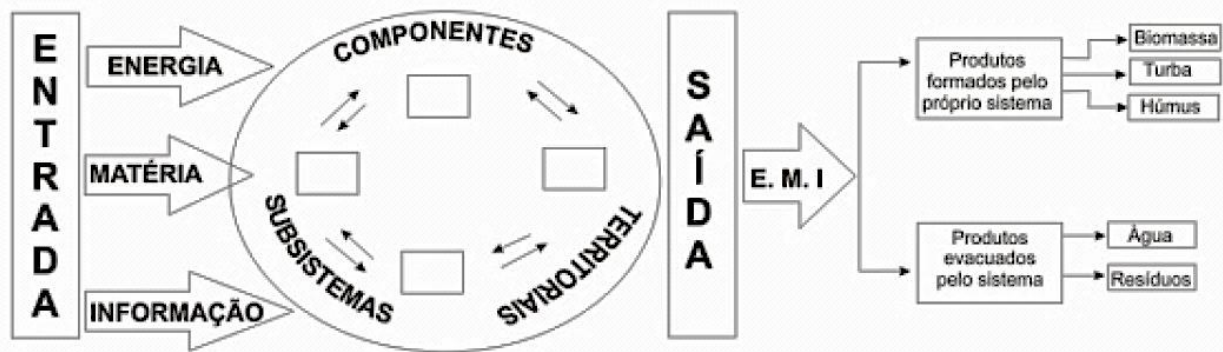
desde a origem no planeta até hoje. Entretanto, não existem leis gerais para os fenômenos sociais, no decorrer do tempo.

Em vista dessas diferenciações entre as leis naturais e sociais, não é difícil conceber que a ação da sociedade sobre a natureza se dê segundo leis muito diferentes das que regem os fenômenos naturais. Compreender a ação antrópica sobre a natureza de maneira dialética não é tarefa difícil; entretanto, afirmar que o processo evolutivo da natureza se dá dessa forma é prematuro (Mendonça, 2001, p. 28-29).

Por isso, as transformações humanas na paisagem consistem na modificação da estrutura, funcionamento, dinâmica e tendências evolutivas desta, dependendo da utilização das leis naturais para alcançar seus propósitos, modificando a direção e velocidade da evolução paisagística (Rodríguez et al, 2004, p.156). As vantagens deste enfoque para este tipo de análises são: a existência de um aparato conceitual diverso, a **distinção** do objeto e o meio circundante e em níveis de complexidade, assim como a facilidade em construir um modelo de partida para as operações de investigação (Rodríguez et al, 2004, p. 43)

A estrutura de um sistema situa-se num contexto amplo e delimitado pelo **arranjo** de seus componentes, unidades, elementos e suas relações; que abrange cada subsistema. Descreve-se o tipo de relacionamento e o comportamento de cada sistema a partir de suas variáveis (elementos), explicados por valores independente das características (atributos) de outras unidades, denominadas parâmetros e suas inter-relações (Christofoletti, 1979). Basicamente, um sistema é composto por elementos, relações, atributos e fluxos do que entra e sai (input e output).

Figura 4 – Modelo sistêmico do funcionamento da paisagem



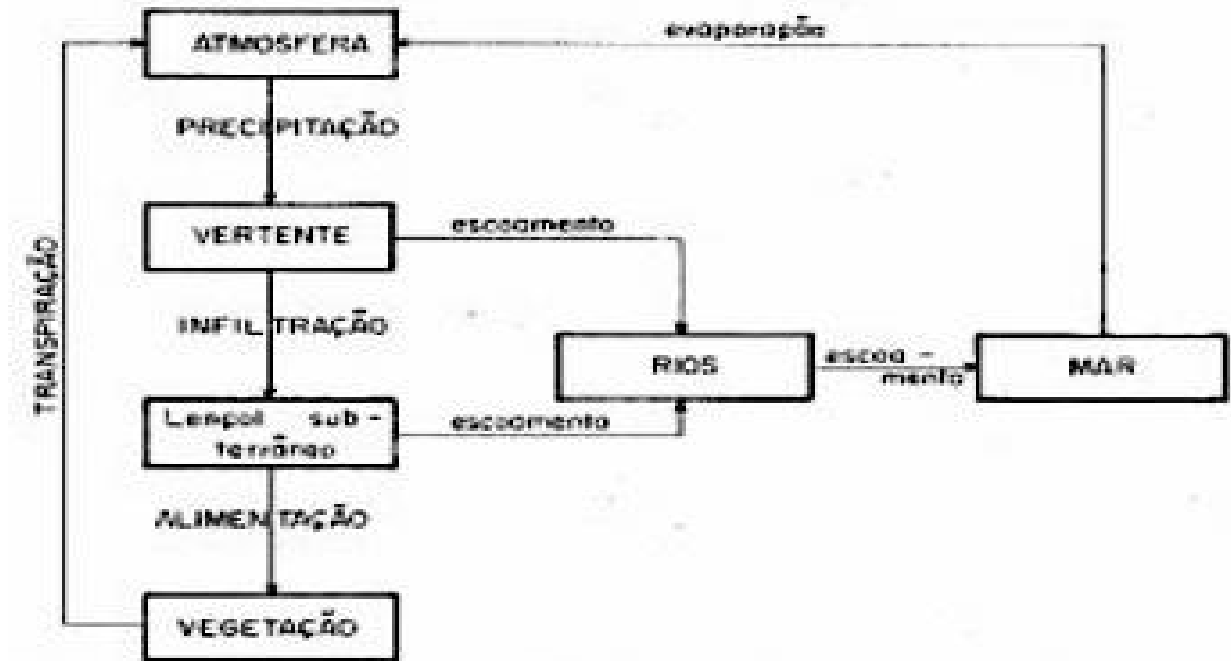
Fonte: Rodríguez et al (2004, p.42).

O ciclo hidrológico (com transpiração, evaporação, precipitação, infiltração, escoamento) mantém com a atmosfera, as vertentes, a vegetação, os rios, o mar e o lençol subterrâneo, um complexo **sistema morfológico em sequência**¹¹ que se retroalimentam: com

¹¹ Também chamado de sistema processo-resposta que é uma combinação entre sistema morfológico e em sequência. O primeiro associa propriedades físicas do sistema, são menos complexos e correspondem às formas

a precipitação, o fluxo de água encontra a vertente, nela se infiltra para alimentar as águas subterrâneas e, subsequente, a vegetação ou escoam para rios que seguem em direção ao mar. Tanto a transpiração quanto a evaporação geram as condições de condensação para nova precipitação.

Figura 5 – Sistema em sequência na relação entre subsistemas



Fonte: Christofolletti (1980, p. 4)

O objetivo é definir este conjunto de unidades e as relações entre elas. Em uma bacia hidrográfica, seus **componentes** serão: as condições climáticas, geológicas e biogeográficas. Seus **parâmetros** de drenagem relacionam-se com as temperaturas, a precipitação, a área e o volume dos afloramentos, a área e a densidade da cobertura vegetal, a profundidade do manto de alteração, etc. No todo ou nas partes, sua composição é de matéria, energia e estrutura. Este “todo” é determinado grau de organização, que forma uma unidade maior, cuja soma das partes assume novas funções (Christofolletti,1979).

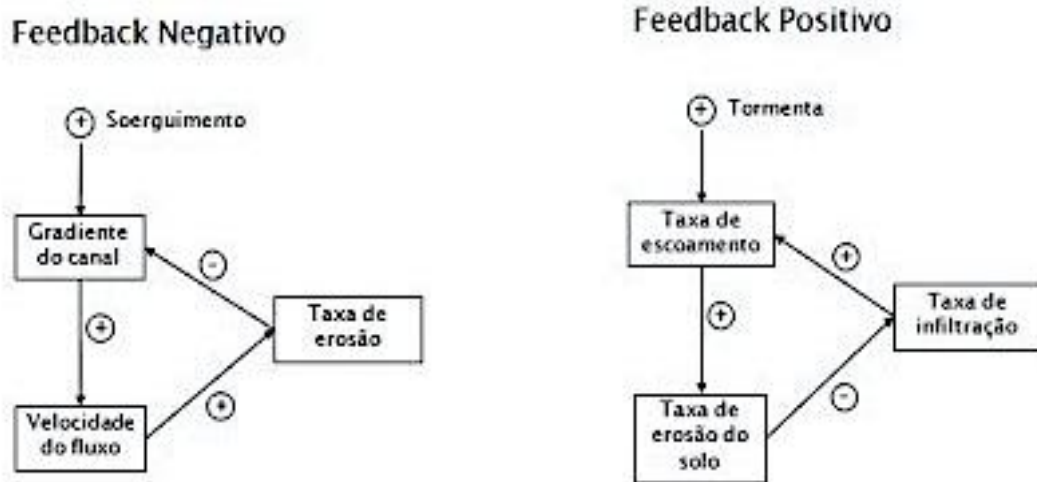
Em cada sistema, a matéria é o que foi mobilizado para o sistema. Este caso, a **matéria** é a água e detritos. A **energia** é o que gera a força que faz funcionar o sistema, capacitando a realizar trabalho, como a energia solar, potencial e cinética. Parte da matéria e energia pode ficar armazenada em vários setores, em tempos de diferentes escalas, constituindo

com diversas características relacionadas entre si, pela análise de correlação. O segundo são cadeias de subsistemas que tem grandeza espacial e estão, dinamicamente, relacionados por um fluxo de matéria e energia contíguos, ou seja, a saída de um (output) correspondendo à entrada (input) do que lhe é subsequente.

suas reservas. Por fim, a estrutura do sistema é constituída pelos elementos e suas relações, sendo expressa através do arranjo de seus componentes em tamanho, correlação e causalidade¹².

A causalidade identifica relações de causa (aquela que controla, considerada independente) e efeito (dita dependente, aquela que é controlada), de modo que a última só sofre modificações se a primeira se alterar. Sua direção mostra qual é a variável independente e a dependente. Definido qual o sistema, elementos e relações, é mais fácil delimitá-lo no espaço e no tempo, diferenciar suas unidades, interligadas pelas relações internas e estabelecer os controlantes que atuam nas relações externas.

Figura 6 – Modelo de Sistema-Resposta



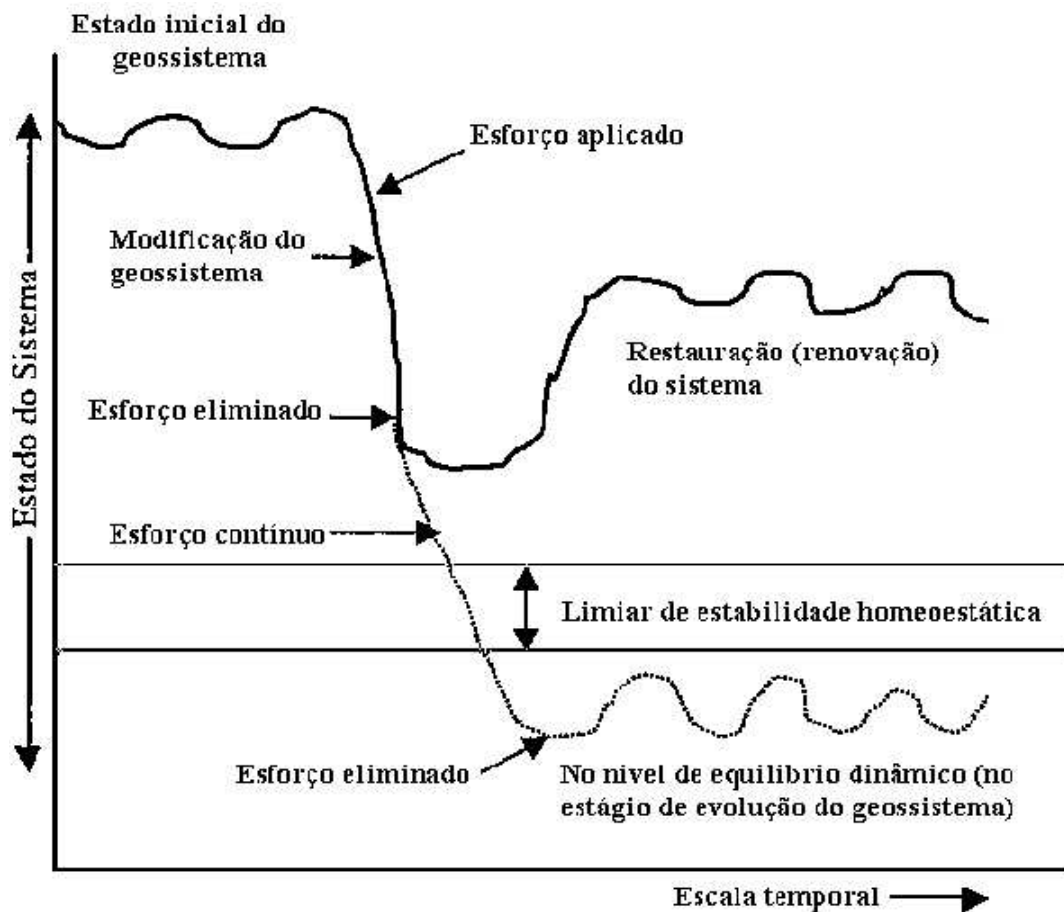
Fonte: Blog Geomorfologia Geral (Azevedo, 2011).

Deste modo, há o papel do **regulador** que armazena e põe em circulação o input, constituindo uma corrente composta por elos ininterruptos, inseparáveis. Quando alterados, os processos buscam formas de reajuste e as alterações tornam a influenciá-lo. Essa propriedade apresentada pelos sistemas é a retroalimentação ou feedback. Este mecanismo de auto regulação, como característica sistêmica, se dá pelo acúmulo de informações, fixadas na estrutura e nas propriedades do sistema e que se manifestam em, pelo menos, dois elementos que atuam um sobre o outro. Os reguladores definem o impulso energético limite entre o entorno e o sistema, diminuindo o ruído vindo do meio externo (Rodriguez et al, 2004, p.187).

¹² O tamanho é a quantidade de unidades que o sistema é composto. Sendo um sistema inter-relacionado, sua complexidade e tamanho são expressos através do número de elementos n-dimensional. A correlação entre as variáveis expressa o modo pelo qual eles se relacionam. A correlação canônica é quando se relacionam um conjunto de variáveis, cujo estudo é feito pela análise de regressão e a força é indicada pelo seu valor ou intensidade; enquanto o sinal, positivo ou negativo, indica a direção na qual ocorre o relacionamento (CHRISTOFOLETTI,1979).

A **auto regulação** consistem em preservar o *status quo*, mesmo que a paisagem passe por uma multiplicidade de estados temporais, isto significa que a estrutura básica desses estados é a mesma invariável. Ou seja, a paisagem em desenvolvimento conserva sua integridade e adapta-se a diferentes estados. O balanço do funcionamento e da estrutura são categorias para os estados funcionais da paisagem, podendo ser: homeostático, instável e crítico. (Rodriguez et al, 2004, p.193). As modificações feitas na estrutura e dinâmica dos sistemas precisariam não ultrapassar determinado nível de auto regulação.

Figura 7 – Reação de Geossistema pela imposição de esforço ou tensão



Fonte: Modificado por DREW (apud RODRIGUEZ et al, 2004, p.157).

Com o esforço aplicado, a paisagem original busca reestabelecer seu equilíbrio com a resistência dos elementos às tensões sofridas. O seu funcionamento é dado em constantes flutuações no fornecimento de matéria e energia, realizando ajustes internos que permitem absorvê-las dentro de determinada amplitude, cuja escala temporal indica a estabilidade ou instabilidade dos mesmos. O ponto crítico (de inflexão) é aquele que cria nova estrutura, novo estado homeostático, nova esfera de estabilidade, pois seus reguladores e mecanismos de defesa

deixam de ser efetivados. Assim, mudanças qualitativas geram nova composição e relação entre os componentes do sistema (Rodriguez et al, 2004, p.191).

Essa nova paisagem é mais **instável**, porque o mecanismo de auto regulação foi alterado, gerando um novo e diferente estágio de evolução, o que pode ser catastrófico. A **capacidade de suporte** representa o limiar que cada sistema tem para sustentar, por exemplo, a exploração pelas atividades humanas. Este limiar é atingido a partir da demanda por recursos naturais sem considerar as consequências sobre entropia do sistema. A ruptura do equilíbrio ocorre quando se ultrapassa a capacidade de absorção dos impactos. *Conscientes ou inadvertidamente, o homem produz modificações sensíveis nos processos e nas formas, através de influências destruidoras ou controladores sobre os sistemas em seqüências* (Christofolletti, 1980, p.10-11).

Figura 8 – Impactos à gestão de recursos hídricos em áreas urbanas



Fonte: Andrade, 2014.

Em geral, o ser humano não cria uma nova paisagem natural, mas introduz novos elementos que se instalam num contexto natural predominante, modificando sua estrutura e funcionamento. Enquanto os sistemas antrópicos são responsáveis pelas mudanças na distribuição de matéria e energia e na modificação do equilíbrio; os sistemas climáticos, biogeográficos e geológicos desencadeiam suas trajetórias de readaptação. A teoria sistêmica dá unidade e integração às estas esferas, tomando a paisagem como sua própria fisionomia. O que contribui para diferenciar, exatamente, os elementos **formadores e modificadores** da paisagem.

Os sistemas fluviais são, em resumo, sistemas “não isolado” e abertos formados por elementos componentes da erosão e deposição na paisagem fluvial e, embora possam ser fragmentados em subsistemas, baseados na predominância de processos de produção, transporte e deposição de sedimentos, devem ser considerados como um todo (Schumm, 1977 apud Saraiva, 1999). Diversos fenômenos geram mudanças e dinamismo, em qualquer fase do ciclo hidrológico¹³. Deste modo, os rios que foram a base de recursos para as primeiras cidades e assentamentos humanos são vitrines de “como” a natureza em ambiente urbano é produzida e transformada culturalmente pelo desenho da paisagem, para o subsídio de atividades humanas, pelos processos ambientais em cada ponto da bacia.

A compreensão de “corredor fluvial” é um padrão essencial de organização desta paisagem, pois através dele **circulam fluxos** de energia, matéria e espécies. E desempenha a coleta e o escoamento da água na vertente (função hidráulica), o suporte de biocenoses aquáticas com estabilização das margens (função biofísica), o papel de elemento estruturante e focalizador da paisagem (função paisagística), a disposição de recursos utilizados por agentes econômicos e sociais (função econômica) que determinam a maioria das intervenções humanas (Saraiva, 1999). Uma vez que as condições materiais e das atividades humanas nelas desenvolvidas tem um comportamento em conjunto, as mudanças significativas em qualquer dessas unidades geram alterações, efeitos e/ou impactos a jusante e nos fluxos energéticos de saída (descarga, cargas sólidas e dissolvidas) que podem ser compreendidas pela perspectiva do autoajuste.

A interação entre as variáveis resulta em múltiplas dimensões subjacentes ao funcionamento e estrutura dos ecossistemas fluviais, que conduzem a necessidade de considerar os corredores fluviais em uma perspectiva integrada entre as diferentes dimensões: **longitudinais** entre montante e jusante; **transversais** entre leito, margem e leito de cheias; **verticais** entre leito visível, lençóis freáticos e águas sub-superficiais e **temporais** que apresentam padrões de dinâmica e evolução variáveis, como escala geológica e escala humana, interanuais, sazonais e anuais (Saraiva, 1999).

As condições naturais podem acelerar os processos de degradação nas encostas das bacias hidrográficas estão em base da topografia, geologia, solos e clima, como chuvas concentradas, encostas desprovidas de vegetação, contato solo-rocha abrupto, descontinuidade litológica e pedológica, encostas íngremes, etc. Os fatores como erosividade da chuva;

¹³ As variáveis destes sistemas são: tempo, geologia, clima, relevo, vegetação, hidrologia, morfologia da rede de drenagem, das vertentes, do vale e do leito, e as características dos sedimentos. Estes são processos de caráter físico, além disto há os componentes bióticos, florísticos e faunísticos que unidos conferem complexidade a estrutura e funcionamento, mesmo dependentes do fluxo de água, sedimentos e nutrientes.

erodibilidade dos solos, são afetados por suas propriedades, natureza da cobertura vegetal e características das encostas, que controlam as taxas de erosão (Cunha; Guerra, 1996).

Mudanças ocorridas no interior das bacias de drenagem podem ter causas naturais. Entretanto, nos últimos anos, o homem tem participado como um agente acelerador dos processos modificadores e de desequilíbrio da paisagem. Park (1981) e Knighton (1984) consideram que o comportamento de descarga e da carga sólida dos rios tem se modificado pela participação antrópica diretamente nos canais, através de obras de engenharia e, indiretamente através das atividades humanas desenvolvidas nas bacias hidrográficas (Guerra; Cunha, 1996, p.354).

Os processos geomorfológicos e climáticos inferem na direção e magnitude das alterações devido a perturbações naturais e humanas, por isso ajudam a determinar as características bióticas e abióticas do rio. O uso irracional da camada mais superficial das encostas, muitas vezes, eleva os estágios de degradação e afeta vida microbiana, ali presente. Dentre as causas mais conhecidas estão: erosão, acidificação provenientes da atmosfera, acumulação de metais pesados pela mineração ou processos industriais, redução de nutrientes e de matéria orgânica pelo uso em lavouras e formas indevidas de ocupação. A compactação dos solos tem uma atuação inversa a porosidade e se reflete na densidade aparente do solo (Cunha; Guerra, 1996).

A análise desses processos constitui uma base conceitual e prática para a compreensão da estrutura e processos de sistemas fluviais, permitindo uma visão numa perspectiva espacial e temporal mais vasta (Naiman et al., 1992 apud. Saraiva, 1999). A complexidade dos sistemas fluviais está identificada em inúmeros estudos de caso que apresentam respostas espaciais e temporais diferenciadas da visão da engenharia, por enfatizar o **aspecto histórico das dinâmicas** do rio e a necessidade de se considerar respostas fluviais aos impactos ambientais com sua intercomunicação espacial.

2.2 História ambiental pela história oral

A relação entre sociedade e natureza remete a um tempo de longa duração que referência as transformações ocorridas na concepção e usos da natureza em diferentes sociedades e momentos históricos. Num resgate da história ocidental (SOFFIATI, 2005, p.28 apud ALMEIDA, 2010), constata-se que a natureza já foi interpretada como um grande mistério (visão sacralizada); através da dicotomia entre sagrado e profano (visão semi-sacralizada); pela postura interrogativa (holística-interrogativa dos físicos gregos); com uma concepção teleológica num processo de dominação e alteração a serviço do homem (semi-dessacralizada do judaísmo-cristão); pela reapropriação da concepção linear e escatológica

(visão mecanicista) até o advento cartesiano que separa por completo ser humano e natureza, dessacralizando-a para calcar a geração de riqueza (visão organicista contemporânea).

De modo cumulativo desde o século XVIII, esta oposição e usufruto por parcela da sociedade gerou a emergência dos problemas ambientais em escala planetária. Deste modo, o *status* da crise ambiental estabeleceu novas abordagens que compreendem a natureza como *produto de uma prolongada atividade humana* (PRIORI; PAIXÃO, 2015, p.159). Há, portanto, numerosos exemplos na história longínqua de interferência da ação antrópica na natureza que acarretaram **distúrbios** nas funções dos ecossistemas. Porém, a diferença nas últimas décadas está na escala, potência e dinâmica das mudanças no ambiente (OLIVEIRA; MONTEZUMA, 2010).

O exame dos significados das alterações e dos impactos ambientais derivados da intervenção humana, a começar pela sua própria historicidade, permite conhecer padrões de conduta e manejo do mundo natural. Os ambientais naturais são transformados e também transformam os homens e as sociedades, suas culturas e necessidades materiais e abstratas, gerando traços de civilizações peculiares no tempo e no espaço (Martinez, 2011, p.30).

Assim, para a historiografia, interferências nos fenômenos do meio ambiente ampliaram as incertezas, porque não ficam restritos às fronteiras políticas. A história ambiental se desenvolve num campo focado em tratar do papel e do lugar destes fenômenos, na vida humana, como **objeto** e **resultante** de processos sociais e ecológicos (Worster,1991, p.201), o que ampliou a participação de pessoas comuns, na conceituação de uma história “de baixo para cima” a partir de categorias como “território” e “territorialidade”.

Deste modo, o entendimento como eram e funcionavam as paisagens do passado também necessita da interdisciplinaridade para, a partir de um “ponto de vista ecológico”, chegar-se ao grau de suscetibilidade a perturbações, grau de estabilidade, o ponto em que uma mudança pode ser considerada danosa, excessiva e destruidora (Worster, 1991, p.205).

Para Worster (1991), há três níveis distintos de funcionamento da história ambiental que são parte de uma investigação única e dinâmica. Primeiro, o entendimento de uma “história natural” com seus **aspectos** orgânicos e inorgânicos de organização e funcionamento. Segundo a investigação do domínio socioeconômico a medida que os modos de **subsistência** interagem com o ambiente e raramente estão distribuídos de forma igualitária. Terceiro, de caráter mais intangível, estão as estruturas de **significação**, como valores, percepções, mitos, sentimentos, leis, etc. que definem o que é um determinado recurso.

Para tanto, Drummond (1991, p.5-8) descreve cinco características metodológicas e analíticas da história ambiental. Primeira, é ter o foco em uma região com alguma homogeneidade ou identidade natural e processos sociais e naturais circunscritos, podendo ser

também um **recorte** político e cultural. Segunda, é o **diálogo** sistemático com as ciências naturais para constituir os quadros físicos e ecológicos e avaliar o papel das sociedades, suas potencialidades e limites dentro o funcionamento dos ecossistemas.

Terceira, visa compreender o papel da cultura no **uso** dos recursos ao explorar interações entre eles e os estilos de sociedade. Quarta, é a **valorização** de fontes variadas pertinentes ao estudo das relações entre sociedade e seu ambiente (censos, inventários, leis, crônicas, memórias, diários, etc.), onde há informações sobre usos, conceitos, valores e disponibilidade de recursos. Quinta é o trabalho de campo que serve principalmente para identificar as **marcas** deixadas pelos diferentes usos humanos na paisagem.

Com vista em cada uma dessas etapas, esta metodologia deve atentar as demandas em conjunto e dialogar diretamente com outras disciplinas para: delimitação natural e/ou política (geografia), descrição física e ecológica (geomorfologia e biologia), investigação sobre uso dos recursos em cada cultura (antropologia), produção de conhecimento diversificado (sociologia) e descrição de eventos que transformaram e deixam suas marcas no ambiente (a própria historiografia). Assim, a investigação e descrição sobre a organização e funcionamento de paisagens, no passado, parte de documentos (mapas, pinturas, fotografias), do espaço físico onde se expressam e de narrativas locais, pois:

[...] o historiador ambiental deve entrar em contato com os saberes daqueles inseridos no ambiente. Com os procedimentos de história oral, por exemplo, pode se considerar o modo de vida e o posicionamento de pescadores sobre as tradições, salientando também os posicionamentos sobre a atual situação do meio. Tal abordagem ainda vai ao encontro de extrair de entrevistas as percepções de natureza, as compreensões do passado e as diferentes formas de agir na atual situação em que se encontra o meio ambiente. Pois como aponta Worster, buscando os significados da natureza, o historiador ambiental deve analisar como essas ideias são socialmente construídas (Lopes, 2010, p.491).

Entretanto, a busca de uma construção histórica de longa duração com séculos de gestação, visando compor um quadro analítico sintético e mais geral que dê status científico à historiografia, é intimidante se observado em pequenas escalas. Além disto, no campo da macro-história, o elemento unificador das grandes narrativas é o papel histórico e social dos Estados-nações. Mas dele também pode se extrair outros níveis de análise. Daí, vêm a defesa pela variação das escalas de observação em que se possa refletir os níveis, dos mais **locais aos globais** e vice-versa, compreendendo a multiplicidade desordenada e contraditória das transformações no mundo como possibilidade da feitura de uma micro-história (Revel, 2010).

Mesmo temas e fenômenos que já foram muito explorados assumem novos significados, quando se muda a escala. O princípio disto é que a micro-história revela fatores não-observados, não apenas como retórica para interpretar textos (mas acontecimentos). Assim, reduzir escala é procedimento analítico que confere uma descrição mais realista à ação social

com suas limitações e liberdades; não para construir modelos, mas **acessar informações** (LEVI, 1992) a partir de estudos intensivos que vão do “situado” ao “vasto” sem perder a contextualização. Para o autor, estes objetos de estudos são ambíguos, fragmentados, plurais de representações e dinâmicos em suas diferenciações sociais, cujas generalizações estão mais baseadas em metáforas e analogias.

Ao fazer uso de diferentes escalas de observação considera-se formas, temporalidades e velocidades descontínuas sem relação com o tempo jornalístico da crônica e história tradicional, que transcorre de modo único e linear. Portanto, a estratégia da micro-história é desenvolver uma pesquisa que ambicione menos *dar conta do mundo sócio-histórico mediante um conjunto de indícios especiais e sim compreender seus funcionamentos mediante a identificação e integração do maior número possível de variáveis* (Grendi, 1977 apud Revel, 2010, P.438). Com isto, o quadro limitado de vivências individuais ajuda a entender as dimensões sociais e espaciais das experiências.

Para Levi (1985 apud Revel, 2010), a abordagem macro privilegia tendências mais visíveis implementadas por diferentes atores em função de sua posição, recursos, situação, valores, crenças, etc. Do contrário, a micro-história estuda o que se passa, num lugar em que “nada” se passa. Visando esta outra perspectiva, Revel (2010) dá duas indicações: primeiro, que os atores sociais sejam recolocados no coração dos processos sociais a fim de tentar entender **como intervém** na produção destes; segundo, deve-se compreender a complexidade dos processos em seus diversos níveis. E, apesar desta opção metodológica, deve-se relativizar a oposição entre micro e macro para fazer dialogar, num jogo de escalas (Revel, 2010) não-lineares para se pensar um contexto múltiplo.

O problema maior está na questão das provas e demonstrações dos argumentos, o que tem a ver com as técnicas de exposição, comunicação e recepção com o leitor (mesmo tendo atendido às funções narrativas básicas). Levi (1992) considera que os **pontos de vista** do pesquisador e o leitor construirão o argumento. Mas existem outros sujeitos partícipes anteriores ao próprio leitor que são os narradores. Sobre estes são levantados alguns fundamentos, como: a fonte de informações vem de entrevistas; a necessidade de **aproximação** entre pesquisador, o entrevistado e o campus de investigação; estes que geram diferentes produções discursivas, dando pluralidade ao corpus narrativo, tendo como base diversas temporalidades e intenções quanto a um problema; que variam conforme a distância cultural do **narrador** com o passado a que se refere, valendo-se portanto como uma recusa a fontes tradicionais escritas através da síntese de contradiscursos que permitam novas leituras sobre os fatos.

Para tanto, é preciso atentar que os dados não são simplesmente coletados, são produzidos através da memória. Por séculos, o referencial teórico para esta questão foram Platão e Aristóteles para os quais ela é representação de algo ausente, dando a impressão de sê-la fixa. Tais como os “locais de memória” produzidos pela história hegemônica que, segundo Nora (1993), tem o papel material, simbólico e funcional para acomodar a memória moderna¹⁴ e o tempo homogêneo, como: datas, museus, figuras históricas, pinturas, estátuas, etc. que produzem memórias deliberadas, deformadas, arquivistas em ruptura as “sociedades de memória” em que se viviam o acontecimento e que mediavam a atualização permanente do passado como algo presente, como saberes repassados por gerações através da **oralidade**.

Em geral, esta mediação tem utilidade inevitavelmente na vida prática, pois a percepção no presente não existe sem alguma lembrança passada. Estas são produzidas no corpo, afetado pelo movimento, que sofre, devolve, opera, estabelece relações entre diversas imagens, ou seja, entre diferentes percepções da matéria relacionadas às ações possíveis do corpo. Nesta concepção, segundo Bergson (1999 apud Andrade, 2012A), não há dualidade entre imagem e coisa, pois ela é produto da e na consciência (corporeidade), produzida na interação.

Assim, a lembrança é um estado que passa do virtual para o atual pela potência de servir ao presente, ao colorir a percepção e se confundir com ela. A memória assim não produz necessariamente imagens, mas se apoia nelas para realizar-se. Para Le Goff (1992, apud Duran; Bentivoglio, 2013), os mecanismos de memória e capacidade de reelaboração do passado se dão no presente do entrevistado, do problema, do contexto, etc. como **atitude narrativa**. Portanto, não há narrativa sem um narrador.

Esta construção narrativa é um processo ativo de criação de um enredo de significações (subjetivas) para buscar sentido do seu contexto histórico pela narração que, segundo Portelli (1997A), através do trabalho da História Oral, gera versões sobre o passado e um mosaico composto por padrões variados que expõem informações concretas e passíveis de **verificação** (por mais que possam se apresentem de maneira contraditória). Logo, este “contador” é fonte de conhecimento, mas antes de tudo é uma pessoa, única. E, sobre isto, não há fontes “falsas”. Muito embora não haja fronteiras entre histórias, mitos, verdades pessoais, imaginação compartilhada.

Como processo e não um “depósito de dados”; as narrativas, a imaginação, a subjetividade são elementos **mutáveis** e, em alguns momentos, interessa perceber o que

¹⁴ Para este autor, a memória moderna é um ato de poder, age pela manipulação da memória e do esquecimento e é campo de conflito na conjugação entre memória coletiva (linear, seletiva, escrita, organizada) e individual (involuntária, fragmentada, oral, múltipla).

escondem (mais do que dizem) ou como seu tratamento pela pesquisa pode também gerar deturpações. Alguns destes tratamentos se apresentam como a tentativa de neutralidade, distância ou pontuação que, ao seguir as normas metodológicas ou textuais à risca, perdem as nuances, os ritmos, a velocidade, por seguinte, as intenções e até mesmo a forma de interação durante a entrevista como se, tornando-as insípidas, fosse possível comparar a oralidade à escrita; opõe-se este autor.

Como fontes orais, essas vozes da memória são processos sociais ativos, em construção, conflitantes e concorrentes cuja leitura e produção deve considerar a inter-relação entrevistador-entrevistado, presente-passado, compreendida como relação viva, dinâmica, pontuada de emoções e fragmentos (Senra, 2013), que enriquece a diversidade de interpretações. Esta diversidade, entretanto, não é excludente. Porém, necessita de seguir um contexto de responsabilidades éticas e técnicas (presentes no próximo capítulo) e que, para além das formalidades, diz respeito a conduta em campo como ter bom senso, saber ouvir, ser gentil principalmente na discordância, falar pouco, ser flexível na condução da entrevista, etc. (Portelli, 1997B).

O resultado desta interação terá caráter dialógico em que acontece um trabalho inconcluso e inexaurível de **seleção mútua** entre narrador e pesquisador, experimentado na igualdade das “entre vistas”, mas em busca das diferenças. Basicamente, o testemunho oral é um recurso potencial cujo conteúdo exposto depende desta relação. Por isto, o papel do historiador é também de protagonista dessa história ao estar dentro e fazendo parte; pois seleciona, molda, reage, dirige, organiza e propõe uma totalidade ao discurso de muitas vozes (Portelli, 1997A).

Sua tradução é inventiva. Neste sentido, a forma de apresentação transita de terceira para a primeira pessoa, já que *o contar da história é parte da história que está sendo contada* (Portelli, 1997A, p. 38). Assim também, necessita situar a origem ou o lugar de fala das outras pessoas. Entretanto, destaca-se que a história oral não tem um sujeito unificado, mas uma **multiplicidade de pontos de vista**. Neste sentido, o autor defende que esta prática não existe com parcialidade ou sem “tomar partido”, já que os diferentes lados existem no próprio contador. A busca de unidade e o conflito são partes indispensáveis da história oral.

A responsabilidade pela interpretação, é óbvio, não chega a reivindicar para nossas interpretações, acesso completo e exclusivo à verdade. Tem sido praxe, desde o início, na História oral, reproduzir as palavras textuais das fontes, com empenho muito maior do que em outras disciplinas (nem mesmo a história documentaria cita seus documentos de arquivo com o mesmo zelo com que os historiadores orais citam entrevistas). Assim, sejam quais forem as intenções que tivermos, o trabalho que realizamos adquire uma dimensão dialógica intrínseca, na qual nossas interpretações e explicações (expressamente claras) coexistem com as interpretações contidas nas palavras que

reproduzimos de nossas fontes e, ainda, com as interpretações que os leitores delas fazem. (...) Consequentemente, aquilo que criamos é um texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: As muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores (PORTELLI, 1997B, p.27).

Por fim, para o autor, a restituição da pesquisa aos seus participantes inicia com o aumento da consciência, adquirida desde a entrevista, quando os elementos do passado são expressos e ganham nova importância. Mas o principal, além de que os resultados retornem as fontes, é que as vozes dessas pessoas possam ser ouvidas e sejam levadas para fora.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada visa construir a História Ambiental sobre os processos de transformação nos fluxos, ecossistemas e usos dos riachos Alagadiço e Cachoeirinha através de seis relatos de antigos usuários e moradores, em seu entorno, ao traçar um roteiro com **corte cronológico e geográfico** que torne viável os depoimentos sobre sequências de eventos, evitando uma digressão sem procedências.

O método da História Oral visa registrar o conhecimento destas pessoas sobre o tema, organizando as informações e hierarquizando os agentes impactantes no equilíbrio dinâmico destes riachos a partir da concepção de cada colaborador(a), cujas vivências e percepções sobre esta bacia hidrográfica mudam conforme a classe social, o gênero, a geração, os usos que se fez dela. Um universo complexo, investigado por meio de entrevistas semiestruturadas acompanhadas de catálogos de espécies e mapas de diferentes períodos (apresentados ao final deste item) para estimular narrativas sobre processos, apontar mudanças estruturais, gerar descrições esquemáticas das relações internas, identificar componentes a fim de tratar das dimensões, qualidades e usos hoje e no passado.

Com isto, estes dados serão sistematizados no tempo e espaço que, mesmo subdivididos internamente, partem de um **mesmo contexto ou base ambiental** que foi transformada num horizonte de 30 a 50 anos. A bacia de drenagem dá a capacidade de organização dos fatos físicos e humanos, num arcabouço apropriado de estudo como unidade de análise a partir de sua topografia, hidráulica e hidrologia (COSTA, 2006), pois tem uma unidade facilmente delineada, sem ambiguidade, limitada pelo relevo e disposta numa hierarquia no ordenamento dos canais, além de se apresentar como sistema físico aberto em termos de inputs e outputs.

Aqui, a função do historiador se concentra em reconhecer os agentes do processo histórico, a fim de compartilhar com eles a chance de redimensionar o enredo da temática selecionada (JUCÁ, 2003, p36). Nesta pesquisa, os agentes são os mais velhos que, na

modernidade, aparecem como peças obsoletas, descartáveis, cujo espaço social lhe foi roubado e cujo valor da sua experiência é pouco reconhecida. Das vantagens, nesta aproximação e escolha, está a liberdade que têm em relatar, sentindo-se estimulados a rememorar o passado, como campo em que se situam na experiência urbana (JUCÁ, 2003).

Como o objetivo não é biográfico, apesar de partir disto, a História Oral Temática pode ser interpretada como uma técnica para usos de relatos orais que colocam o sujeito num lugar de destaque, valorizando suas experiências, o que diz sobre elas e como constrói suas representações. Ela traz outra compreensão sobre os registros tradicionais, revela espaços esquecidos ou relegados, permite brotar lembranças dos excluídos do processo historiográfico, fornece novas vozes. Se vista por um tradicionalismo metodológico, o sentimentalismo e o saudosismo aparecem como limites que desfiguram a realidade social. Porém, *os aparentes desvios da memória servem de roteiro para explorar a abrangência dos temas estudados* (JUCÁ, 2003, p33).

Na sua relação com a história, as narrativas possibilitam o confronto com informações coletadas, evita monólogos e garante a **polivalência de interpretações**, como canais singulares de informações que, presentes nos relatos e na reconstituição temporal, são a parte objetiva da memória e trazem conteúdos diferentes dos obtidos pelas fontes impressas (mapas, fotografias, reportagens, etc.). A proposta não é recuperar totalmente o que foi vivido, mas aproximar os agentes dos processos estudados, **propor a coautoria** do que é produzido, dinamizar a interpretação das informações coletadas como traços comuns da experiência coletiva, sujeita a mudanças e permanências.

A pesquisa parte de uma região demarcada por corpos d'água interligados aos dois riachos, como sangradouros, lagoas e açudes, que compõem uma sub-bacia do caudal principal, o rio Maranguapinho. Com vistas a realização das entrevistas, a subdivisão será os diferentes territórios dados pela própria paisagem urbana e os processos de ocupação a partir da modelação do sistema hídrico com base na topografia do terreno denunciado pela conectividade dos cursos d'água (topologia) e sua área de contribuição (topografia).

Este recorte espacial compartimentado visa a discussão de diferentes temas bióticos, abióticos e antrópicos a partir destes “setores” com diferentes trechos que compõem um recorte geográfico mais amplo da sub-bacia. O objetivo é realizar entrevistas sobre usos e processos de degradação dos fluxos hídricos, sem fixar-se aos limites políticos de cada bairro, mas ao agregado deles entorno do riacho Alagadiço e Riacho Cachoeirinha. Esta delimitação contribui para investigar a relação socioambiental através do espaço físico onde se deram e dão

diversas experiências de vida que possam expressar as transformações ocorridas nas paisagens pretéritas. Assim, temos:

1. Alto curso do riacho Alagadiço composto pelo açude João Lopes, Lagoa do São Gerardo e sangradouro na Rua do Canal, permeando a região dos bairros Vila Ellery, Monte Castelo e São Gerardo;

2. Médio curso do riacho Alagadiço que vai da área intitulada “Bosque do Bem”, no São Gerardo as proximidades da Parquelândia, passando pelo North Shopping até o terreno no Presidente Kennedy;

3. Baixo curso do riacho Alagadiço que abrange a região do Campus do Pici que abarca também o açude Santo Anastácio e seu sangradouro, nas proximidades dos bairros Bela Vista e Pan Americano, até a foz no bairro Antônio Bezerra, servindo de fronteira para o Planalto Pici e Padre Andrade.

4. Alto curso do riacho Cachoeirinha, já não há um manancial exposto e percorre o que hoje são os bairros João XXIII, Henrique Jorge até as mediações entre Planalto Pici e Jockey Club, onde existia a Lagoa do sítio Pici;

5. Médio e baixo curso do riacho Cachoeirinha, segue da região aonde existiam as antigas cacimbinhas, próximas ao Centro Social Urbano (CSU) no Planalto Pici, atravessa o terreno do antigo sítio Ipanema, no Dom Lustosa até a foz entre Antônio Bezerra e Autran Nunes, abrangendo a Lagoa da Unitêxtil e seu sangradouro.

3.1 Aspectos éticos e coleta de dados

Inicialmente, para compreender melhor este universo, serão realizadas entrevistas abertas e exploratórias com representantes do movimento ambiental que tenham experiências passadas na região. Exemplos possíveis são: Leonardo Sampaio, morador do Jockey Club que atua como educador popular e foi um dos membros das CEBs, quando se iniciou a luta pela implementação do parque em torno da casa da família Queiroz e Aguinaldo Aguiar representante do movimento pró-parque na região do Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio e bairro Vila Ellery.

Apesar das referências serem ligadas a questões políticas do parque, interessa recorrer ao registro que estes agentes construíram por meio de suas diferentes atuações. Com isto, será possível acessar informações e arquivos que ampliem o espectro social, político e ambientalista que contribuam para reforçar ou reformular o questionário semiestruturado

previamente construído (que será exposta a seguir) para, então, dar vez e voz a relação cultural junto a estes riachos, favorecendo o momento de imersão, observação, identificação, contato e entrevistas com moradores antigos que tenham ou tiveram vivências diretas com suas águas através da pesca, do lazer e outros usos locais, no passado e atualmente, ampliando a rede de correlações.

Inicialmente, a seleção destes colaboradores será com base: na idade, no tempo de moradia, na disposição ou saúde para participar e pela localização de proximidade (física ou afetiva) com os riachos. Isto que os define dentro de uma “rede”, composta pelo território em torno destas bacias hidrográficas, no qual a “colônia” é descrita por traços de comportamentos comuns que os caracteriza por interações como antigos usuários. Dado que as entrevistas são qualitativas, não será preciso serem feitas em grande quantidade, pois visam se aprofundar na experiência de cada indivíduo, colaboradores/as da pesquisa.

Em grande parte, são tios, pais, avós, vizinhos desta primeira geração que, em sua infância e juventude, já não tiveram oportunidade de vivenciar essas águas limpas. Isto é num curso de 30 anos, mais ou menos. Por isto, interessa resgatar relatos de 40 a 50 anos atrás com o testemunho sobre fatos, acontecimentos, períodos, processos ambientais, sociais, políticos e econômicos, cujo as informações observáveis a nível geográfico ou histórico por documentos, como a comparação entre mapas do passado e atuais na perspectiva de quem vivenciou estas mudanças.

Com o estudo do tema, a escolha do tipo de entrevista, a preparação dos equipamentos e do roteiro com todos os tópicos a serem considerados a cada relato, o contato inicial com cada entrevistado deve tornar claro a relevância de sua contribuição e o respeito por sua experiência. Para tanto, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento formalizado para apresentar o projeto, em poucas palavras, contendo o tema e justificativa com os objetivos, a localização do estudo e indica o âmbito de sua participação, além dos rumos do projeto com uma pergunta de corte: Como os ecossistemas existentes em torno dos riachos Cachoerinha e Alagadiço se transformaram? (APÊNDICE A)

Dali, a garantia de proteção aos participantes na pesquisa, em respeito a sua dignidade, direitos e bem-estar com base na manifestação de seus desejos através da Autorização de Imagem e de Voz (APÊNDICE B)¹⁵. Dentre os riscos, durante a entrevista, se

¹⁵ Este procedimento segue os padrões de excelência, ética e equidade (BRASIL, 2012) na produção científica, fiscalizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) tal como prevê as Resoluções 466/2012 e 510/2016. Isto deve ser considerado mesmo que certos eventos durante a pesquisa também sejam imprevisíveis. Esta anuência deve seguir o protocolo de consentimento (gravado ou assinado) dado pelo participante e/ou por seu representante legal, livre de intimidação, subordinação, dependência ou vício; após esclarecimento completo e pormenorizado sobre

destaca o estímulo a rememorar eventos em relação a estes riachos que possam ter caráter trágico (como enchentes, inundações com perdas materiais e humanas ou acidentes como afogamento, etc.) que estejam em associação com o histórico de vida daquela pessoa; além do risco de esquecimento e confusão sobre períodos no tempo, minimizado pela postura respeitosa.

Dentre os benefícios estão: reforço ao sentimento de pertença ao local e o valor socioambiental dos riachos e seus ecossistemas para a população urbana a partir do ato de rememorar antigas práticas e usos diversos; Valorização da memória de pessoas mais velhas e experientes que acabam sendo esquecidas pela velocidade das novas mídias; Apresentação de versões sobre o processo de urbanização, canalização e degradação dos riachos que não critique e tache a população mais pobre como os responsáveis pela poluição. Esta etapa de consentimento deve buscar o momento, a condição e o local adequado; visa também assegurar a confidencialidade e privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e comunidades, inclusive em termos de autoestima, prestígio e/ou aspectos econômico-financeiros¹⁶.

As entrevistas devem ser marcadas com antecedência (com data, horário, local apropriado) e sua estrutura pode ser adaptada conforme as especificidades locais e a biográficas de cada entrevistado. Durante a conversa, as gravações devem ter prévia anuência da outra parte. Nesta fase, o caderno de campo deve ser bastante usado para registros, como: o andamento do projeto, os contatos, estágios para se chegar no entrevistado, como ocorreu a gravação, eventuais incidentes e impressões. A fim de despertar narrativas, um catálogo de espécies e cartas hidrográficas serão manuseadas em escala que tenha destaque aos detalhes e aos pontos de referências, como ruas, avenidas, edifícios, terrenos baldios, escolas, etc. em duas versões no tempo: uma atual e outra com o mosaico de fotografias aéreas que datam de 1978.

O objetivo é compreender os riachos para além de lembranças e experiências, ele é um sistema e como tal reúne diversos elementos, relações, processos, transformações e não apenas “representações” do que foram para as pessoas. Pretende-se que as entrevistas tragam informações visuais, sensitivas, localizadas e processuais no tempo. E que facilitem a geração

natureza da pesquisa, potenciais riscos e incômodos que possam acarretar, concedendo tempo adequado para que o/a convidado/a a participar da pesquisa possa refletir, consultar e tirar todas suas dúvidas sobre a mesma.

¹⁶ Para tanto, visa respeitar os seguintes princípios: Autonomia (através de consentimento informado e notificado através de documento em duas vias, garantindo que o/a participante possa desistir a qualquer momento de ceder as informações); Não maleficência (a fim de evitar coação sob possíveis danos previsíveis); Beneficência (para maximizar os benefícios e buscar o mínimo de risco); Justiça e Equidade (possibilitando também que o/a participante da pesquisa possa estar acompanhado de assistência pessoal).

de informações sobre a presença ou ausência de fauna e flora específica, pontos de referências, usos diversificados, delimitando fluxos, extensões, distancias, etc. a fim de obter respostas a pergunta de partida. Neste caso, a subjetividade não seria um risco de erro ou desvio, mas forma de enriquecer e ampliar o conhecimento desta relação. Por isto, a princípio, algumas perguntas foram estruturadas para servir como pistas ao que interessa empreender como objetivo final:

- **TEMAS DE APRESENTAÇÃO:** Qual seu nome e idade? Quanto tempo mora nesta região? Onde morou antes? O que o fez mudar-se para próximo (ou distante) do riacho em questão? O que se via no caminho entre sua casa até ele? E, hoje em dia, como é?

- **TEMAS RELACIONAIS:** Como foi sua relação com o riacho Cachoeirinha? O que fazia, qual periodicidade e importância, em quais localizações? Havia práticas comuns e múltiplos usos dados pela comunidade, vizinhos e familiares?

- **TEMAS ECOSSISTÊMICOS:** O que se observava da paisagem ao entorno dele? Como era composta (a fauna, flora, solo, no entorno)? Qual era a área total deste ambiente, no período de cheias e secas? Havia áreas verdes no entorno? Como era o desenho dos riachos (em relação a estrutura dos canais, profundidade, largura) e a qualidade da água (que sedimentos continha, qual a cor, o odor)? Atualmente, ainda há vida nele (que tipos)? Como está hoje o fluxo dessas águas?

- **TEMAS TERRITORIAIS:** Como era a localidade (infraestrutura de escolas, moradia, transporte)? Quais obras de urbanização mais impactaram na paisagem e ecossistema (a título de percepção sobre os impactos no tempo, localização, em grau de importância)? O que melhorou e piorou com o crescimento urbano?

- **TEMAS PROCESSUAIS:** Como observa a sequência de eventos que conecta o passado ao que existe hoje? Ainda há locais que façam referência ao que existiu no passado? O que essas mudanças provocaram? Ou o que causou as limitações citadas? Associe, segundo seu intento, processos de causa-consequência.

Em geral, esse conjunto de perguntas pretendem facilitar a organização de diferentes informações sobre o antes e agora de modo a reunir e relacionar diversas informações: históricas, geográficas, ecológicas, arquitetônicas, sociológicas, ambientais que compreendam o dinamismo e o movimento relativo aos questionamentos feitos, como uma forma de reconstrução do objeto em suas múltiplas dimensões a partir da base geomorfológica onde estão localizadas as feições da paisagem e do território, tanto em relação a natureza quanto a sociedade.






É preciso retomar o fato que a percepção da paisagem não é unívoca, pois conota a um espaço vivenciado de diferentes formas e determinado por quem a vê, como papel ativo,

criativo, subjetivo e pode ser formado pela confluência de diferentes visões (METZGER, 2001, p.02), cuja noção básica é a espacialidade e a heterogeneidade do espaço com aspectos naturais, culturais e geomorfológicos. (...) *uma análise detalhada dos impactos locais, ela visa entender as modificações estruturais e funcionais trazidas pelo homem, absorvendo a complexidade de seus componentes, naturais e culturais* (METZGER, 2001, p.07). Para tanto, conclui o autor, deve ser espacialmente explícita, lidar com espaços heterogêneos e considerar múltiplas escalas de análise.

Apesar do conceito paisagem ter abordagens diferenciadas, aqui, visa ser estudar através da influência humana como parte integrante dela, onde é vista como fruto da interação da sociedade com a natureza. Pois, por exemplo, para SAUER (2006, apud PRIORI; PAIXÃO, 2015) atividade é o agente, natureza é o meio e a paisagem é o resultado. No caso da bacia dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço, temos diferentes escalas em que são articulados: cada trecho visto como unidade, o conjunto de cada riacho ou a própria bacia, como um todo. Assim, a partir de um objeto determinado, esta pesquisa visa sistematizar relações e características ambientais, localizar os relatos no mapa, catalogar os diversos relatados e construir representações gráficas, desenvolvendo uma narrativa dinâmica que abarque processos de transformação no espaço e tempo deste território.

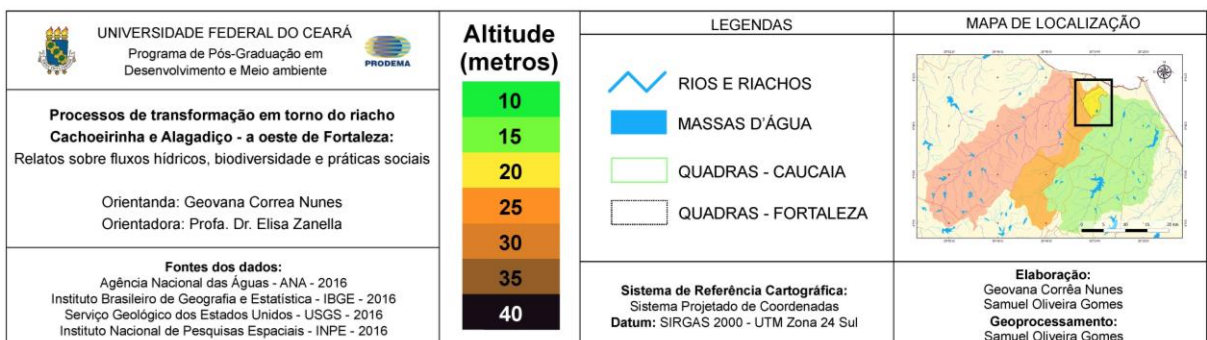
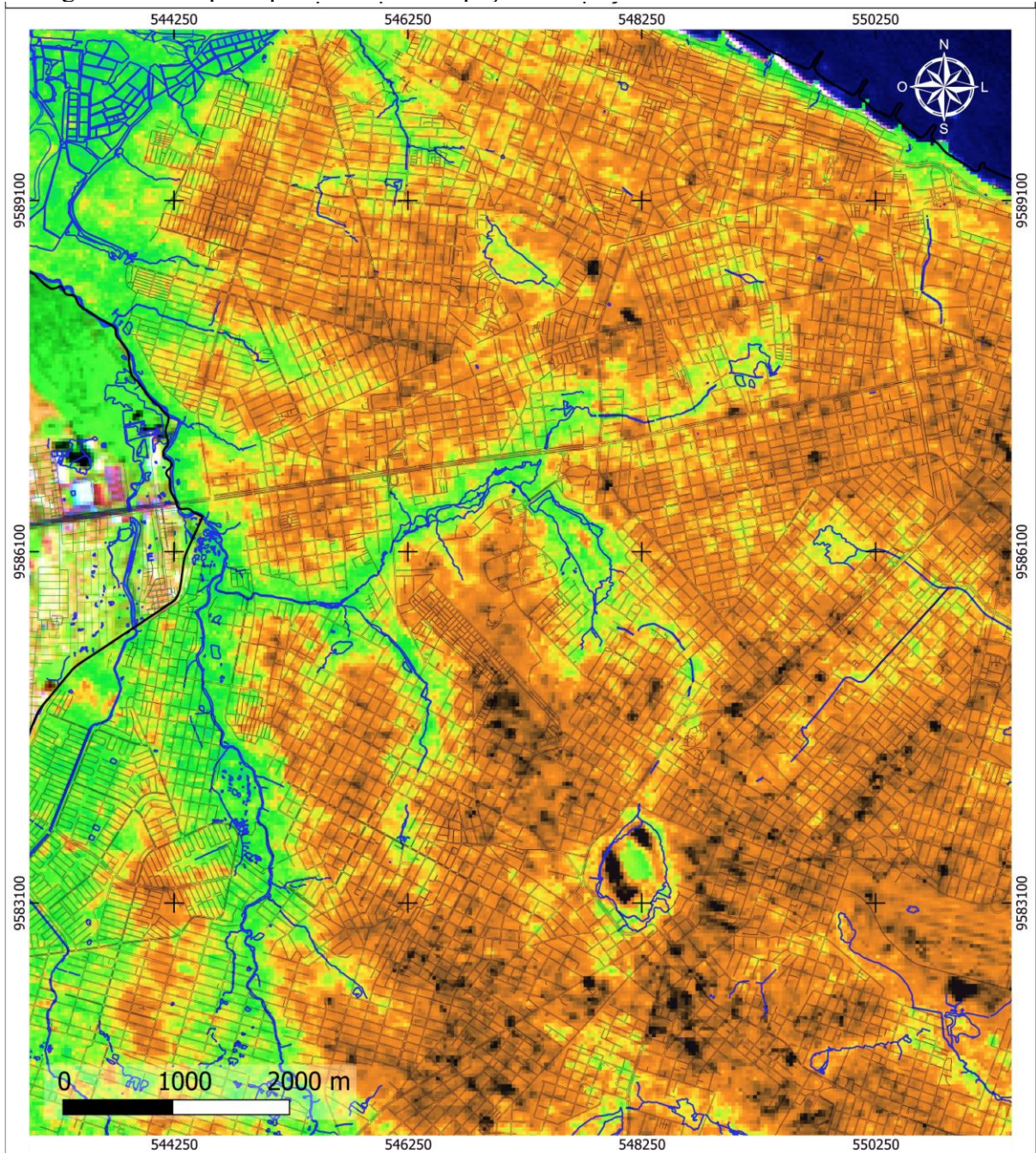
Figura 9 – Mosaico Aerofotográfico da Área de Estudo e seu Entorno / 1978.



 <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio ambiente</p> 	<p>Formas - Vetores</p>  <p>CORPOS D'ÁGUA</p>	<p>Informações técnicas</p> <p>Fontes dos dados: Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente de Fortaleza- SEUMA - 2015 Governo do Estado do Ceará - 1978 Digital Globe / Google Earth - 2016</p> <p>Sistema de Referência Cartográfica: Sistema Projetado de Coordenadas Datum: SIRGAS 2000 - UTM Zona 24 Sul</p> <p>Elaboração: Geovana Corrêa Nunes, Samuel Oliveira Gomes</p> <p>Geoprocessamento: Samuel Oliveira Gomes</p>
<p>Processos de transformação entorno do riacho Cachoeirinha e Alagadiço - a oeste de Fortaleza: Relatos sobre fluxos hídricos, biodiversidade e práticas sociais</p>	<p>Imagens - Matrizes</p>  <p>MOSAICO AEROFOTOS FORTALEZA 1978</p>	
<p>Orientanda: Geovana Correa Nunes Orientadora: Profa. Dr. Elisa Zanella</p>	 <p>IMAGENS DIGITAL GLOBE FORTALEZA ATUAL</p>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 10 – Mapa Hipsométrico e Ocupações Urbanas da Área de Estudo e seu Entorno



Fonte: Elaborado pela autora.

4 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS DA ÁREA DE ESTUDO

Por diversas vezes entre as décadas de 60 a 90, as ruas próximas ao atual AÇUDE JOÃO LOPES ficaram encharcadas¹⁷ durante as chuvas. Os jornais na época se reportavam ao fato chamando-o de mini dilúvio¹⁸. Parte das famílias ficavam abrigadas na hospedaria que, no século XIX e XX, receberam retirantes das secas. Relata-se que a barragem deste açude era represado, na década de 40, na Av. Sargento Hermínio. Logo, as melhorias significavam uma maior contenção dessas águas.

Estas obras tiveram início na década de 60, devido às constantes inundações, visando melhorar a drenagem e “contenção” (ANEXO A). Esse problema foi capaz de unir grupos religiosos, famílias ocupantes do entorno, mulheres lavadeiras que usavam antigos olhos d’água (as cacimbinhas)¹⁹ buscando juntos a organização comunitária. A reforma mais recente no entorno do açude, quando concluída em 2013, contou com a construção de quadras esportivas, pista de *skate*, lavanderia comunitária, dentre outros equipamentos, estando hoje totalmente acimentada.

Dali, seu sangradouro segue hoje por baixo das vias até o POLO DE LAZER, que fica na referida avenida. Uma área verde usada por uma feira popular semanal, espaço de recreação, esporte, lazer e que disponibiliza um chafariz, cotidianamente utilizado para consumo familiar na região. Porém, uma parte considerável da área que seria destinada ao Parque Rachel de Queiroz foi perdida para construção de um prédio que ficou em disputa entre movimento ambiental e construtora, desde 2007. Neste contexto, os grupos mobilizados próximos ao Polo juntamente com moradores próximos ao açude José Lopes fortaleceram as mobilizações em torno do Movimento Pró Parque Rachel de Queiroz²⁰.

O Polo, como espaço fisicamente já instituído, favoreceu que estes grupos pudessem acompanhar mais próximas as ações políticas e reagir mais agilmente àquelas prejudiciais às áreas verdes, tão escassas. Mas isto não foi suficiente para barrar a obra na área de proteção e que, depois de finalizado com 26 pavimentos, ainda influenciou a abertura de uma rua que o separa hoje do espaço público do Polo de Lazer (ANEXO B), cuja estrutura existente foi reformada recentemente.

¹⁷ ISAIAS, 2013.

¹⁸ BEZERRA, 2003.

¹⁹ BEZERRA, 2003.

²⁰ Conta-se que o movimento ganhou este nome durante uma reunião de apresentação do projeto Parque Rachel de Queiroz, em 2007, no colégio Santa Isabel, fruto de reivindicações diversas e contínuas para preservação dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço (SALES, 2007).

Até 2003 o local também contava com área de proteção ambiental de acordo com a LUOS (Lei de Uso e Ocupação do Solo) de 1996 não tivesse sido alterada em 2004 com o claro interesse de permitir que esta obra iniciada em 2007 pudesse ter todos os índices construtivos mais permissivos da cidade, não importando os impactos que obras de tal dimensão provocam na Paisagem horizontal do parque, no importante lençol freático da região com o aumento progressivo de zonas impermeáveis, com a redução da massa vegetal, na direção dos ventos e no cotidiano de uma população que vem brigando por mais espaços verdes e de lazer na zona mais adensada da cidade.

Com o início das obras em 2007 é que veio a tona tal alteração na lei, posto que até então acreditava-se que o que vigorava para aquela área era o decreto de desapropriação de 1976, que definia aquela área como de interesse público para fins de preservação paisagística. A comunidade denunciou a obra que foi embargada pela Secretaria Regional I por construção irregular de muro separando a área do terreno da área de proteção, pela derrubada de cerca de 15 árvores adultas e pela demolição de casa secular, sem nenhuma autorização para tal. Caso que a se repetir na atualidade.

A obra reiniciada no fim de julho pela construtora Harmony vem construindo um stand de vendas no local, executando movimentações profundas de solo, inclusive direcionando terras para área de preservação permanente, tudo isso sem que haja uma única placa de autorização dos órgãos responsáveis por autorizar tais obras (SALES, 2011).

Figura 11 – Movimento Pró-Parque e Via acimentada para circulação de pessoas construída entorno de uma árvore, no Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio – parte 1



Fonte: Arquivo do Movimento Pró Parque

Figura 12 - Movimento Pró-Parque e Via acimentada para circulação de pessoas construída entorno de uma árvore, no Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio – parte 2



Fonte: Arquivo do Movimento Pró Parque.

Em 2015, visando valorizar mais a região entorno deste Polo, a LAGOA DO SÃO GERARDO veio à vista na paisagem urbana após dragagem de terrenos alagados, seguidas da construção de uma bacia de cimento semelhante ao açude João Lopes. Ao redor, vê-se uma igreja católica, vários novos prédios e uma vila de casinhas estreitas e coloridas. Estes moradores são quem ainda ocupam as calçadas e pescam. Há também alguns terrenos com áreas verdes muradas, um campo de futebol e o sangradouro da Lagoa, que está contido entre muros e entulhos (ANEXO C). Já a trilha entre árvores que a conectava ao Polo foi transformada numa pista rala com paralelepípedos, dando ar de maior “segurança”.

A partir desta “nova” lagoa até a RUA DO CANAL, o ambiente do riacho segue o padrão canalizado. Em 2015, uma placa de obras do Programa de Drenagem Urbana (DRENURB) informava, no local: “Macro Drenagem do Riacho Alagadiço. Trecho compreendido entre o Açude João Lopes e a Avenida Coronel Matos Dourados. Início: 02/06/2012. Prazo: 300 dias. Valor: R\$28.576.342,28”. Este representa um dos maiores investimentos deste programa em Fortaleza (FORTALEZA, 2015), coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Infraestrutura (SEINF) com financiamento do BNDS . Estas obras aconteceram dali até o Campus do Pici. Entretanto, não foram além.

Estas consistiram em reformar ou construir os paredões de cimento do canal. Porém, vez por outra no cruzamento entre as ruas Eretides Martins e do Canal (ANEXO D), o ralo do esgoto se rompe, deixando a mostra o buraco capaz de provocar algum acidente. Ao

redor desse canal, há prédios antigos mais baixos, casas de luxo, dentre prédios mais novos e altos, indicando que é uma região que tem crescido bastante verticalmente e também quanto à renda. Uma população que o vê como canal de esgoto e deseja torna-lo em um ambiente menos incômodo, aonde cresce o matagal e os carros ficam estacionados a sombra de alguns ficus e nim. Sem instalação como uma praça, favorece que as pessoas não usem este espaço para caminhadas ou outras formas de lazer.

Figura 13 – Obra de canalização do Riacho Alagadiço ao lado de um vazamento de esgoto.



Fonte: Arquivo do Movimento Pró Rachel de Queiroz.

Logo adiante na continuação dessa rua, há um trecho de área verde adotado pelo grupo de engenharia C. Rolim, dado a construção de quatro torres residenciais com 24 andares. O lugar leva o nome de BOSQUE DO BEM²¹ e foi inaugurado junto a prefeitura como primeiro trecho do parque²². Nele foi usado, pela primeira vez neste riacho, a tecnologia do gabião²³ nas bordas com o plantio de árvores nativas, tal como pedido pelos movimentos e nunca executado pela prefeitura em suas demais intervenções. Tal uso compôs um ambiente único de referência estética e ecológica (ANEXO E). Além disto, há outros equipamentos como quadra esportiva (alagada durante as chuvas), parquinho infantil e espaço para caminhada, apesar do pouco recuo até a pista de automóveis. Antes dessa reforma, muitos reclamavam do abandono, porém alguns

²¹ Atendido pelo programa Adoção de Praças e Áreas Verdes, que permite que pessoas físicas, associações e empresas cuidem de espaços públicos, associando seu nome ou marca.

²² SOBRAL, 2015.

²³ Gabião é uma estrutura de drenagem armada com seixos e malha de aço que estabiliza taludes, obras hidráulicas e viárias.

moradores mais antigos cultivavam nas proximidades milho e feijão por hábito e para consumo, demonstrando que cada um se relaciona com o riacho a sua maneira.

Depois, drenador por baixo da RUA OLAVO BILAC, o riacho Alagadiço reaparece ao lado de um motel vizinho ao “bosque”, canalizado e entre grades de ferro, decorado com postes de iluminação oval e algumas árvores como ficus e jameiro, que fazem sombra para os taxistas na espera de seus clientes. É certo que as pessoas que frequentam, moram ou passam por esse local há mais de 25 anos, associam-no a um canal, simples e factível. Não há ali qualquer olhar direcionado a ele como riacho ou práticas relacionadas a “estar” ou “permanecer” no lugar, ouvir o fluxo das águas ou curtir o espaço. Apesar dos cuidados com a aparência do mesmo, é só um disfarce mais atrativo.

Figura 14 – Trecho do riacho Alagadiço canalizado ao lado de trecho com gabião (ao fundo).



Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de Maio / 2016.

O próximo trecho é do NORTH SHOPPING. Em 2001, ele cobriu o riacho Alagadiço em galerias para construção e concretagem de um estacionamento (ANEXO F). Ficou comprovado que a ampliação do empreendimento estava sendo realizada de maneira irregular e sem as licenças necessárias. Na época, a SER III notificou o responsável pela obra, determinando o seu embargo. No entanto, a empresa seguiu com os trabalhos. Além dessas, há cinco ações contra este, tramitando em juízo por conta de crimes ambiental e desrespeito à legislação de uso e ocupação do solo, além de denúncia sobre o lançamento irregular de efluentes no riacho. Entretanto, o próprio secretário da regional, na época, considerou que se podia “negociar” algumas compensatórias ambientais com a empresa.

Em 2013, o juiz da 3ª Vara da Fazenda Pública, embasado em laudos técnicos e perícia judicial, entendeu que shopping devia pagar uma indenização pelos danos morais coletivos que se mostram irreversíveis em decorrência da violação à ordem urbanística e que o Ministério Público do Ceará (MP-CE) deve realizar uma perícia para fixar e corrigir monetariamente valor da indenização, sendo este direcionado ao Fundo Estadual de Reparação dos Direitos Difusos (FDID)²⁴. Mesmo com isto, o shopping ainda foi premiado pelo Instituto Socioambiental Chico Mendes²⁵ pelas ações em “Educação Ambiental”. Há ainda relatos que a própria construção deste shopping obstruiu e soterrou uma grande área alagada, dando início às transformações severas no ecossistema da região.

Ao lado, há a PRACINHA DO SHOPPING, como é conhecida e que foi adotada por essa empresa. Ela tem gramados, plantas ornamentais sempre bem podadas, pavimentação com tijolinhos, estacionamento, coreto, bancos, seguranças, parquinho infantil, Ecoponto da COELCE e algumas estátuas de animais feitas de fibra de vidro em tamanho real, dando a impressão de fazendinha com cercas. O riacho corre canalizado entre o muro de um condomínio e a praça, ficando “protegido” por cercas de aço. Neste trecho, há árvores como eucalipto junto a carnaubeiras, sem qualquer prioridade pelas nativas, sim por espécies que consomem muita água.

Em seguida, “resiste” ainda o TERRENO BALDIO no bairro Presidente Kennedy por detrás do Colégio Santa Isabel, na Av. Governador Parsifal Barroso. Lá, há alguns anos, foi uma área verde com uma diversidade de árvores de porte alto, arbustivas e capinzais, porém era associada ao risco de assaltos e entoca de bandidos. Com as obras de macrodrenagem da DRENURB, muitas árvores foram arrancadas e as que sobraram são, hoje, apenas uns troncos secos e com vegetação rala. O terreno, que está sendo usado como estacionamento e a área para

²⁴ DUTRA, 2007.

²⁵ ICM, 2007.

acúmulo de entulhos de construção, tornou-se assim baldio (ANEXO G). Décadas antes, foi o sítio de uma grande vacaria.

Nas cheias, algumas crianças se arriscavam a banhar-se e era comum irem caçar passarinho, preá e fazer outras traquinagens, além de improvisarem um campinho para partidas de futebol. Um terreno que, anos seguidos, tem sido foco das lutas de grupos do bairro Presidente Kennedy, do colégio vizinho, dos condomínios mais antigos no entorno e demais coletivos do Movimento Pró-Parque. E, nunca, o foco desta luta foi a “limpeza” do espaço, mas a integração com as áreas verdes da cidade, não como pracinha planejada, sim como ecossistema, lugar de pisar na terra, caçar minhoca, refúgio para animais (não domésticos) com fauna nativa.

Figura 15 - Antes da canalização no trecho do riacho Alagadiço por trás do Colégio Santa Isabel, na Avenida Governador Parsifal Barroso.



Fonte: Arquivo do Movimento Pró Rachel de Queiroz.

Figura 16 - Antes da canalização no trecho do riacho Alagadiço por trás do Colégio Santa Isabel, na Avenida Governador Parsifal Barroso.



Fonte: Arquivo do Movimento Pró Rachel de Queiroz.

Dali, o riacho segue entre dois postos de gasolina e, por baixo da BR 222 (Av. Mister Hull), chega até o CAMPUS DA UFC onde se encontra com o sangradouro canalizado do açude Santo Anastácio. Como o termo “açude” remete a ideia de águas que foram embarceiradas para contenção e conservação, esta subdivisão com o riacho no passado talvez não fosse tão definida. independente disto, esta barreira é exatamente a principal via de acesso a diversos departamentos do Campus. Certa vez, o canal de drenagem estava tão entupido durante o período de cheias que as águas do açude vazaram por cima da estrada, interditando a passagem, alagando um núcleo da engenharia de pesca e carregando vários peixes e meses de pesquisas, neste fluxo.

O AÇUDE SANTO ANASTÁCIO ou açude da Agronomia recebe contribuições do sangradouro da Lagoa da Parangaba. Esta conexão fica no extremo sul do Campus com os bairros Pan-Americano e Bela Vista. Em seu entorno, há uma área de proteção e biodiversidade mais plena, menos urbanizada. Sua vegetação é em parte exótica, como mangueiras e castanholas, parte nativa e ribeirinha, apesar do imenso capinzal que se alastra constantemente. Lá, houve também um processo de disputa política na Câmara de Vereadores pela demarcação da Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) da Matinha do Pici que foi votada com unanimidade, mas diminuiu de 82,59 hectares da proposta inicial para 42,62 hectares do total sancionado, limitando-se a área ao redor do Açude²⁶.

²⁶ Ainda assim, isto a tornou como parte de o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), podendo realizar convênios com órgãos federais e obter recursos, como uma Unidade de Uso Sustentável, sendo necessário um Plano de Manejo e de um Conselho Consultivo.

Figura 17 – Visão de satélite do Açude Santo Anastácio (ao centro), seu sangradouro tributário do riacho Alagadiço, próximo ao muro entre Campus do Pici da Av. Mister Hull.



Fonte: Extraído do Google Earth, série histórica outubro/2016 (Na imagem, o Norte está a Noroeste).

De acordo com os especialistas do município, a Arie foi diminuída em quase 50%, mas a proteção aos 82 hectares será mantida através da criação do Parque Raquel de Queiroz (ROCHA, 2016). Apesar de todos os debates, a lei não a protege apenas por ter sido assinada, mesmo que esteja dentro da área de um Campus Universitário. Isto porque, como veremos, a delimitação do Parque não impediu novas ocupações nos hectares que ficaram fora da ARIE. E o próprio Campus construiu novos prédios na área de proteção. Além de que a mata nativa não quer dizer mata originária, pois há relatos que esta região já é uma área de replantio.

E, como esta área faz parte de um sistema maior que inclui o meio urbano, também recebe rejeitos de todos os tipos. Dado a quantidade de matéria orgânica concentrada, é comum ver este açude tomado por aguapés. Por vezes, a quantidade é tanta que falta oxigênio para os peixes e, ocasionalmente, centenas deles aparecem mortos. A solução dada tem sido retirar constantemente parte desta vegetação. Fato é que inexistente gestão integrada destas águas entre universidade, prefeitura e as comunidades entorno. Muitas destas são áreas de ocupação que foram limitadas pelos muros do campus, porém nem tudo está cercado (ANEXO H).

Há casas consolidadas cujos muros limitam o acesso a trechos do açude e, em outros, há vários entulhos com a intenção de aterrar para construir mais moradias. Além disto, suas margens são usadas para fins diversos, como campo de futebol, serviços de mecânica, com troca de óleo, lavagem, etc. Porém, nos momentos em que a universidade tentou controlar esses usos e limitou, por exemplo, o acesso ao campinho improvisado na terra batida, houve retaliações com furtos a equipamentos internos da mesma. Com isto, vê-se que é um problema

de ordem maior do que se imagina e envolve a falta de políticas de moradia, saneamento, lazer, etc. para região.

Em trecho dentro do Campus, o riacho sofreu intervenção do DRENURB com construção de linhas de contenção de suas margens (ANEXO I). Sobre esta região, existe a comunidade conhecida como BURACO DA GIA que fica entre a fábrica CIONE e alguns núcleos de estudos da agronomia, tendo uma estradinha de acesso ao campus usado por muitos servidores e antigos moradores durante a semana e aos domingos. Em seu fluxo natural, o Alagadiço produzia uma fronteira que mantinha as casas em certa distância da universidade, sem necessitar de muros. Após a construção de barreiras de contenção e da terraplanagem do alagado; novas moradias foram construídas em questões de meses. Atualmente, resta pouco desta área verde. Exatamente, os hectares retirados da ARIE.

Parece absurdo a prefeitura favorecer novas ocupações com base no que deveria combater: o sufocamento dos recursos hídricos e do ecossistema ribeirinho na cidade. Além disto, diminuem-se as chances de haver áreas disponíveis para real construção do projeto de parque linear Rachel de Queiroz. Infelizmente, este não será o único exemplo. Mas, enquanto isto, esta mesma gestão recebe menção honrosa²⁷ pelo que não prática: a criação de ambientes inclusivos em áreas vulneráveis. E o riacho segue, resistente: a oeste do Campus do Pici, no ANTÔNIO BEZERRA, o Alagadiço vai em direção à sua foz no encontro com o Cachoeirinha, no bairro Dom Lustosa.

Figura 18 – Obra de contenção do riacho Alagadiço no Campus do Pici.



Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de julho/2012.

Entretanto, retomando o passo-a-passo das obras da SEINF, vale considerar que estas não ultrapassam o limiar oeste do Campus do Pici, na rua Coronel Matos Dourado. Com isto, a RUA RUI MONTE permaneceu mais de 05 anos em péssimas condições (como

²⁷ FORTALEZA, 2017.

facilmente é exibido pela imagem abaixo). As pessoas em geral e o próprio transporte público evitavam usá-la, deslocando-se e depois retornando alguns quarteirões para simplesmente chegar a outra ponta, em segurança. Deste modo, as boas (ou más) notícias de intervenções em outras regiões do riacho Alagadiço, produziram também um “silenciamento” sobre as verdadeiras prioridades da população.

Figura 19 – Trecho na Rua Rui Monte, entre os bairros Antônio Bezerra e Dom Lustosa.



Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de Janeiro e Julho/2012.

O próprio nome Alagadiço remete as áreas úmidas com um geossistema e ecossistema próprio, ciclos de cheia e seca, como são as regiões de alagados em que não existem uma linha retilínea única e a vegetação é mais arbustiva, sendo possível o cultivo da agricultura de várzea. Não é mais isto o que se vê hoje. O riacho Alagadiço que vem gradativamente sendo canalizado, como política de macrodrenagem da prefeitura na contramão do que pedem os movimentos ambientais (THEOPHILO, 2011). Isto que gera consequências diretas para o forma que a sociedade percebe e se relaciona com essas áreas. Sobre estas áreas úmidas, considera-se que:

Infortunadamente algo que ha debio representa un valioso patrimonio afectivo, paisagístico, urbanístico y arquitectónico de las ciudades y su entorno, además de importante recurso natural de donde obtener sus aprovisionamientos básicos y atender sus problemas sanitarios, se ha convertido en un problema para urbanizadores y planificadores pragmáticos, que no han asumido esta rica relación territorial como virtud, sino más bien como defecto (ESCOBAR, 2001p. 148).

Ademais, novas questões estão presentes na comparação entre o leste e o oeste, tendo como referência o Campus do Pici. Primeiro, sobre o que já foi aqui descrito, a leste trata-se de uma região mais urbanizada, com infraestrutura plena num contexto em que mais pessoas se aglomeram em prédios, frequentam pouco às ruas e se divertem em shoppings. Esta região, então, é a “menina dos olhos” para um parque de aparências, pois sua visibilidade ali é bem

maior. Já a oeste de Campus, é uma região marcada pelo rio Cachoeirinha. Dentre seus trechos visíveis, podemos destacar:

No alto e médio curso, há apenas pequenos trechos visíveis próximo a casa que pertenceu à família Queiroz²⁸, no sítio antigo Pici. É uma casa tombada, mas sem acesso a visitantes e cheia de problemas na infraestrutura. Em frente, na rua, existem quatro pés de benjamins que demarcam e destoam das outras casas, pois foram plantados quando as vias e o entorno não estavam urbanizados. Isto que a intitula como CASA DOS BENJAMINS. Aos fundos, nas narrativas sobre a região, relata-se a existência do AÇUDE DO SÍTIO PICI que ia até a Av. Senador Fernandes Távora. Hoje, após a construção da Av. Professor Heribaldo Costa, há apenas um filete deste riacho.

Entre a fábrica TERCEIRA VIA, na rua Monsenhor Hipólito Brasil, e a Av. Porto Velho existem dois terrenos que foram ou são ainda sítios e vacarias que cercam o riacho Cachoeirinha, mantendo-o relativamente preservado, pois não sofreram totalmente com a especulação (ANEXO J), mas sim com o cultivo de capim às margens. Entre esses dois terrenos, o riacho está submerso por ruas, residências e não se identifica ao certo seu manancial de origem. Seu ponto inicial está perdido, possivelmente, embaixo de mais um estacionamento que impermeabiliza o solo, pois há narrativa que ali (também) foi uma região de alagados com várias lagoas.

Em frente a esta fábrica de jeans, há também um posto de gasolina e ambos se instalaram às margens do Cachoeirinha para explorar seus recursos ou terrenos e acabam por contaminar as águas superficiais e subterrâneas. De certo modo, são serviços atrativos para mão de obra não especializada e que chegam para engordar a demanda por moradia e transportes. Mas “não especializados” também foram as autoridades que permitiram essas instalações e usos indevidos deste recurso e seus terrenos. Eventos que já anunciavam o que aconteceria no terreno mais adiante, em 2016, no sítio Ipanema: desmatam, muram, constroem na vertente do riacho, a exemplo dos diversos galpões com usos indefinidos e condomínios.

²⁸ Onde se supõe que a escritora Rachel escreveu o livro O Quinze (ESTEVEZ, 2010).

Figuras 20 - Antes no trecho entre Fábrica 3a Via (quadrante superior direito) e o Sítio Ipanema (quadrante inferior esquerdo), entre Avenidas.



Fonte: Extraídos do Google Earth, nas séries históricas de outubro / 2009 (Na imagem, o Norte está apontado para o sudoeste)

Figuras 21 - Depois no trecho entre Fábrica 3a Via (quadrante superior direito) e o Sítio Ipanema (quadrante inferior esquerdo), entre Avenidas.



Fonte: Extraídos do Google Earth, nas séries históricas de outubro / 2016 (Na imagem, o Norte está apontado para o sudoeste).

O caso do SÍTIO IPANEMA (ANEXO K), ao lado do riacho Cachoeirinha é mais gritante. Referência histórica e símbolo reminescente para região sobre as formas de vida e organização social ali existentes foi demolido em área de proteção e, em seu território, foi construída uma enorme estrutura de supermercado. Até a sua construção, poucos sabiam do que se tratava, pois não havia nenhuma placa explicativa. Fato que esta obra invadiu uma área verde ainda livre, cujo trecho do riacho ainda não havia sido retificado. Em sua outra margem, há terrenos privados, condomínios e ocupações populares. Estas últimas, sim, são tidas como vulneráveis e invasoras. Em seus quintais, se vê plantações, árvores frutíferas, criações de galinhas que remetem aos usos antigos. Apesar de também usarem a área às margens do riacho como sumidouro para as fossas, porém não são os únicos.

Figuras 22 – Antes no terreno do Sítio Ipanema.



Fonte: Extraídos do Google Earth, nas séries históricas de outubro / 2009 (Na imagem, o Norte está apontado para o leste.)

Figuras 23 – Depois no terreno do Sítio Ipanema.



Fonte: Extraídos do Google Earth, nas séries históricas de outubro / 2016 (Na imagem, o Norte está apontado para o leste.)

Na região que segue do sítio Ipanema até a COMUNIDADE DA CHESF, na foz do Cachoeirinha, há residenciais fechados que utilizam as áreas próximas aos recursos hídricos

e moradores antigos que também foram construindo ali moradias menores, formando becos e ruas estreitas da Comunidade Sovaco do Peba. Esta comunidade é uma ocupação de risco conhecida por ficar ao junto às antenas de alta tensão da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF). Os riscos se definem, além disto, pela proximidade com o leito dos dois riachos, o grande acúmulo de lixo, as vias de passagem para as outras margens intrafegáveis com pontes de madeiras estreitas, as obras de saneamento inconclusas, além do perfil socioeconômico das famílias.

Na “área comum”, dito, nas ruas; vê-se o cultivo de frutíferas e outras árvores para sombreamento, instalação de mesas de bilhas, bancos improvisados pela população, varais de roupa. Por isto, mesmo poluído, o entorno do Cachoeirinha mantém ainda este clima de comunhão entre aquelas pessoas (ANEXO L). Fato que as transformações com interesses escusos têm sido mais rápidas que as intervenções visando seu uso público (decerto inexistentes para este segundo riacho como um todo). Basicamente, estas últimas descrições se referem ao baixo curso do Cachoeirinha a partir da “bifurcação” com o riacho Alagadiço que, na real, é um ponto de chegada (foz) e não de partida (manancial).

Há ainda dois pontos que se referem a esta região entre Antônio Bezerra, Dom Lustosa e Autran Nunes: é o caso da LAGOA DA UNITÊXTIL com seu sangradouro e da Lagoa do Genibaú. Esta primeira é um corpo d’água que fica dentro do terreno de uma empresa, sem qualquer acesso público e as imagens de satélite demonstram que seu entorno é ou foi usado para extração e depósito de lavras de areia, certamente visando a comercialização. Apesar das frutíferas nas proximidades, a lagoa está exposta ao sol, vento e assoreamento. Fragilizada, ela chega a quase secar nos períodos de estio e seu sangradouro se transforma num fino filete. Seu sangradouro tem águas claras e também passa por um terreno privado (ANEXO M), onde existe uma das últimas vacarias ativas daquela área e que, atualmente, está sendo cercado e já consta uma placa de “Vende-se”. Logo, a “bifurcação” é composta pelos dois riachos e este sangradouro.

Figura 24 – Visão de satélite do terreno da Lagoa da Unitêxtil, no Dom Lustosa.



Fonte: Google Earth (3D).

A LAGOA DO GENIBAÚ está já próxima ao rio Maranguapinho, na esquina da rua Quatro com rua Liberdade, com o entorno totalmente impermeabilizado por um estacionamento de ônibus pertencente a cooperativa de transporte COOTRAPS e tem apenas algumas árvores a circunda de maneira simbólica, já que está encaixotada em paredes de concreto. Ao que parece, a Estado não interfere nesses usos, como se o recurso hídrico não fosse um bem público, já que há cinco anos atrás ainda se via uma aérea verde permeável ao seu redor (ANEXO N). Os descasos favorecem a livre gestão, conforme as necessidades de uma população desassistida que utiliza os riachos como desembocadura de lixo. Neste trecho que segue em direção ao rio Maranguapinho, também são caracterizados pela: extração de areia, garagem para caminhões, ocupações em locais indevidos, a existência de pontes muito estreitas ou danificadas (nas ruas Hipólito Pamplona e Coronel Joaquim Leitão), onde não há espaço seguro para pedestres, automóveis e bicicletas trafegarem simultaneamente.

O que se percebe com este apanhado de informações é que, não apenas Fortaleza subdividida entre as bacias do Maranguapinho e Ceará. O próprio recorte geográfico dos riachos Cachoerinha e Alagadiço apresentam características internas distintas, no que se refere à infraestrutura básica, classe econômica e os usos dados em seu território. Na porção mais próxima ao Centro da cidade, estão situados os bairros que possuem um bom atendimento água, saneamento e recolhimento de lixo, apresentando os melhores índices no que se refere à renda e formação educacional. Já na porção mais a oeste e mais próximo ao rio Maranguapinho, o

quadro se reverte e são identificados os bairros pouco servidos, sem renovação de uma infraestrutura já obsoleta, sem áreas verdes públicas e, por coincidência, uma população com formação e renda menor, onde há áreas seriamente comprometidas, com riscos de alagamento e privadas do acesso humano.

5 RESULTADO DAS ENTREVISTAS

5.1. Retorno ao campo

Propor encontros com pessoas que me estimularam a pensar esse tema como objeto de pesquisa que envolve tantas memórias e transformações, agora com conversas gravadas, é bastante desafiador, conforme registros de campo (APÊNDICE I). Coloco-me em primeira pessoa, porque este foi o tipo de relação travada com esses colaboradores, num sentimento de intimidade em maior ou menor grau com quem topou em fazer parte e transmitir suas memórias, vivências e opiniões. Com alguns, nós já havíamos conversado várias vezes sobre diversos assuntos relacionados e, de repente, eu estava munida de gravador, câmera, diário de campo, mapas, catálogos, perguntas, documentos de autorização, consentimentos. Logo, é um sentimento inevitavelmente tenso sobre como gerir estes encontros.

As primeiras conversas se deram, inicialmente, com pessoas que já tinha alguma **proximidade na relação** com os riachos até chegar a outras que foram acessadas por meio deste processo de contar a empreitada: Evandro (53 anos), Leonardo (62), Narciso (44) e Aguinaldo (50) foram estas que primeiro consegui marcar as conversas porque já compartilhávamos de diálogos e práticas sobre a luta ambiental e práticas de resistência. Já Ondina (88) e Seu José Vital (90) foram indicações de amigos nesta pesquisa, sendo recebido após apresentação da proposta com apoio geral de amigos, vizinhos e família. O local das entrevistas foi sugerido pelas próprias pessoas, aonde elas se sentiriam melhor para conversar, dentro do percurso e perímetro dos dois riachos.

No território do **riacho Alagadiço**, Aguinaldo preferiu a praça recém reformada do Polo de Lazer²⁹. Já Dona Ondina estava na calçada de casa, como fica toda tarde³⁰. Narciso me recebeu em seu local de trabalho e das “melhores férias” para a infância, no Campus do Pici³¹. Quanto ao **riacho Cachoeirinha**: A princípio, Leonardo sugeriu duas opções: Uma entre a escola que trabalha no Autran Nunes³², outra no Espaço Cultural na rua Noel Rosa³³; Seu José

²⁹ Este Polo de Lazer fica na Av. Sargento Hermínio, próxima ao açude João Lopes, a pracinha da Vila Ellery, a Lagoa São Gerardo e Rua Eretides Martins / Rua do Canal.

³⁰ Sua residência foi sede de um sítio, onde ela criou seus filhos, e fica nas proximidades do “Bosque do Bem”, entre Rua do Canal e o estacionamento do North Shopping.

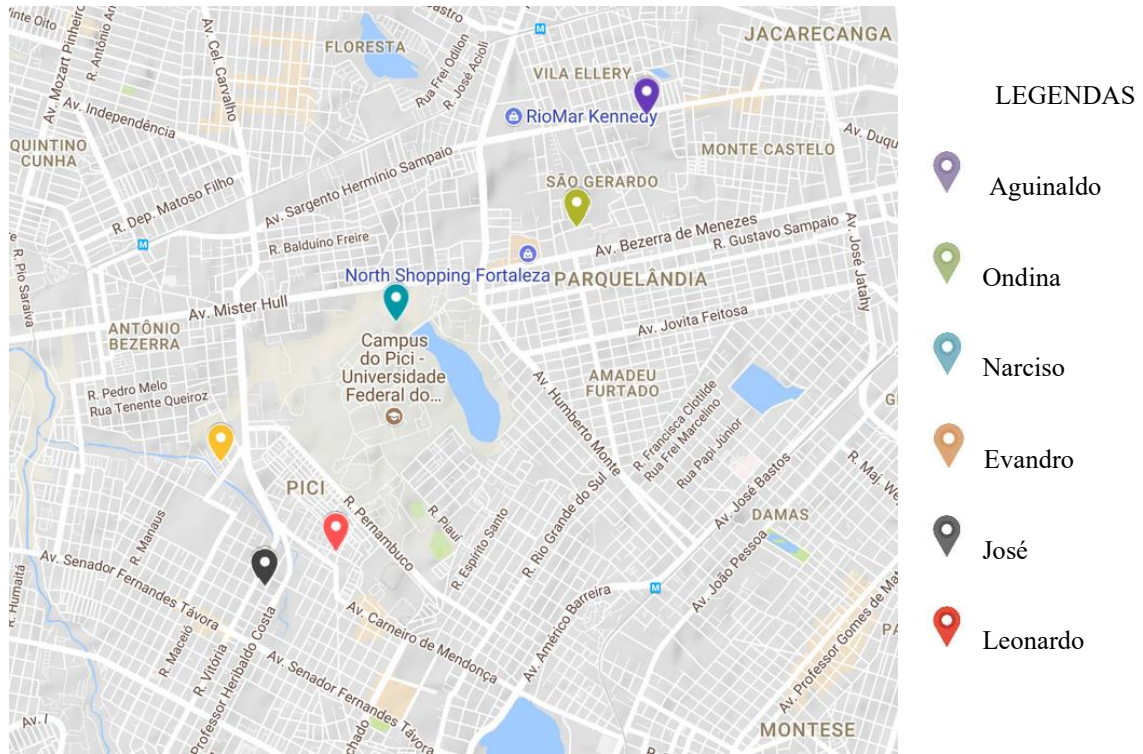
³¹ O Campus fica entre Av. Humberto Monte, Av. Mister Hull, Av. Perimetral, Rua Pernambuco e outras ruazinhas, terrenos na periferia e novos prédios.

³² A escola fica perto da foz dos dois riachos no rio Maranguapinho, depois do Linhão da Chesf, local que foi indicado por ele como antiga Lagoa do Genibaú.

³³ Espaço cultural frei Tito de Alencar (ESCUA) fica na rua Noel Rosa no Planalto Pici. Esta rua forma os fundos da histórica Casa dos Benjamins, sede do antigo sítio Pici.

Vital me recebeu em sua casa que fica na Av. Perimetral³⁴. Por fim, o papo com “tio” Evandro se deu na beira do rio canalizado no trecho depois do antigo sítio Ipanema e mais próximo ao Linhão da Chesf³⁵.

Figura 25 – Localização das entrevistas realizadas



Fonte: Própria com uso de Google MyMaps.

Foram conversas que duraram em torno de 40 minutos a 03 horas. Tempo em que ocorreu também várias conversas ou interferências paralelas de diversos os tipos (familiares, vizinhos, pessoas na rua, motos, telefonemas). Por vezes, algumas dessas pessoas participaram da conversa, principalmente, no caso de Evandro e Aginaldo. Enquanto, com Ondina e Leonardo ocorreu de forma mais fortuita. Em geral, estas permanecerão como informação indireta, interativa e pontual.

Nas primeiras conversas, importou tirar dúvidas com as pessoas mais próximas. Nestas, cheguei a confundir nomes de ruas e pontos de referências, dados no passado; ora deixei que a conversa deambulasse demais, ora puxei foco de forma a “tatear e tropeçar no escuro”

³⁴ Sua casa fica entre praçinha da igreja Henrique Jorge e rua Franco Rocha, trecho aonde ficava o antigo açude do sítio Pici, aos fundos da Casa dos Benjamins.

³⁵ Ele mora no Henrique Jorge, mas vivenciou todo o território desde a barragem no açude do sítio Pici até o rio Maranguapinho.

para estimular os relatos. Mas, conforme as entrevistas ocorreram, pude melhor entender e atualizar perguntas, já situando-as no contexto apreendido pelas entrevistas anteriores. E, nas situações favoráveis, compartilhei o café da tarde, levei tapioca, ajudei no almoço, compartilhamos uns peixes fritos, o que ajudou a criar situações agradável para todos, dado o pouco tempo disponíveis para as pessoas em suas rotinas e para a própria pesquisa. Essas e outras impressões seguem no Diário de Campo (APÊNDICE C).

Os diálogos foram muito instigantes e cada uma teve traços fortes de narrativa. Leonardo e Aguinaldo falam muito a partir das lutas e **juventude**. Narciso e Evandro, da **infância** na mata. Seu Zé e Ondina, das **dificuldades** e do surgimento da “cidade”. Todas comporão um mosaico de experiências que supera a própria reflexão de questões subjetivas para traçar um diálogo entre estes relatos, compondo um só tecido multifacetado e processual. De forma localizada, os depoimentos abrangeram grande parte desta teia espacial e relacional composta pelos riachos. Exceto pelos trechos do Alagadiço entre o Buraco da Gia, Antônio Bezerra, sua foz no Linhão da Chesf³⁶ até o rio Maranguapinho, aonde não foi possível realizar entrevistas, mas que estarão citadas indiretamente.

A princípio, antes das entrevistas, havia uma perspectiva que os corpos d’água se limitariam aos que hoje são visíveis ou são percebido “em campo”. Adianta-se, por isso, que daquele primeiro mapa que relacionava os recursos às vias e aos bairros, não só serão reafirmados por novíssimos corpos d’água, novíssimos empreendimentos e novas vias que visivelmente apagaram as histórias que aqui se virão... através de relatos sobre “outras e mais” córregos e “velhas” lagoas, soterradas.

Ao rememorar-las pelas narrativas e reunir diferentes perspectivas sobre e a partir dos riachos; outros tantos elementos irão surgir como animais e plantas que estiveram presentes neste mesmo território de vida, mantido a partir daqueles antigos fluxos. Basicamente, essas vozes partem de um “campo narrativos”, de “locais” e “tempos” de fala, origem, moradia, percursos e práticas. Deste modo, temos a casa, a vizinhança, as ruas, o serrote, a levada e outras referências que surgem de um simples diálogo sobre o que foram e como estão estes dois riachinhos.

Deste modo, a construção da história ambiental do Alagadiço e Cachoeirinha, construído por meio de histórias orais compartilhadas por estas pessoas será apresentado por três eixos basilares, compostos pelos relatos sobre o passado dos **fluxos hídricos**,

³⁶ Nome usado para região do encontro dos riachos, Cachoeirinha e Alagadiço, onde foi instalado uma linha da transmissão da CHESF e cujas margens foram ocupadas e mais antigamente era chamado de Pau da Velha, em referência as pontes improvisadas de madeira.

biodiversidade e práticas humanas no entorno. E, nesta espiral do tempo, o texto retorna a atualidade descrevendo os processos de transformação entre estes três tópicos para tratar das práticas sociais relacionadas aos fluxos e das práticas relacionadas à biodiversidade, por fim, um debate sobre a complexidade na relação entre estes três eixos.

5.2 Sobre a região e as pessoas

Para introduzir é precisa destacar, basicamente, que os relatos “sem tratamento da escuta” geraria apenas contos aparentemente dispersas, no tempo, espaço e narrador(a). Então, os **locais de fala** como “campo até onde as histórias de cada um(a) alcança”, geram pontos de interseção fundamentais para verificação e confirmação dos dados a partir das repetições entre diferentes fontes.

Quanto a região oeste de Fortaleza, até o começo do século passado, era composta por três a seis grandes bairros ou “distritos”, sendo: **Barro Vermelho, Pici e Alagadiço**. E, nas proximidades, Barra do Ceará, Centro e Parangaba. Todos estes se subdividiram em vários outros³⁷. Os mapas em lona, levadas a campo, com as fotografias aéreas de 1978 e de relevo contribuíram bastante para situar o início da conversa sobre esse passado.

Neste sentido, o contexto da região se mescla com a vida dessas pessoas, o que faziam, como e quando foram morar ali. Nisto, muitas **localidades** que se repetem nas falas não existem mais atualmente; há diversas lagoas e trechos soterrados ou que não são mais vistos com facilidade. Por isso, o adjetivo “antigo” e “antiga” serão usados junto a estes para facilitar a identificação sobre a existência destas águas, lânticas e lólicas³⁸. As informações que se seguiram foram dadas pelos próprios interlocutores. Logo, nada melhor que usar suas próprias palavras para descrever estas relações.

5.2.1 Riacho Cachoeirinha

Evandro (APÊNDICE G) chegou na região do riacho Cachoeirinha com um mês de nascido junto aos irmãos e à mãe, na década de 60. Conta que foi o avô, dono de terrenos na Parquelândia, quem doou o terreno da casa onde moram até hoje, no Henrique Jorge, antigo

³⁷ Barro Vermelho é, hoje, Antônio Bezerra. Pici foi todo o trecho da Parangaba até o rio Maranguapinho, segundo Leonardo que resgata esta informada do contato que teve com um historiador da região, seu Domingos. Já Alagadiço foi a região do São Gerardo.

³⁸ Por exemplo, a “antiga” lagoa do Genibaú no bairro Autran Nunes, que foi a foz de ambos os riachos e que era um grande alagado até o rio Maranguapinho, também segundo Leonardo.

Casa Popular. Na época, era uma região afastada e cheia de dificuldades. Sua mãe era lavadeira e atendia a famílias, proprietárias dos sítios. Relata as brincadeiras de criança, as proibições, os pontos ideais para pesca. Todas vivas nas memórias:

EVANDRO: Muita gente que eu conheço, assim, ainda lembra disso com bastante emoção do tempo que a gente não precisa ir muito longe para ter um lazer (...) Meus amigos que é do meu tempo, que tem a minha idade hoje, dizem assim: “Porra, Evandro, tu lembra daquele tempo de quando a gente tomava banho no rio, andava de cavalo?” (...) Nessa época assim, era tudo assim, tudo praticamente era só uma cerquinha, cerquinha mesmo que a gente passava por embaixo com a maior facilidade. (...) as casas era uma aqui, outra acolá. Tipo interior. Era um interior.

Leonardo (APÊNDICE C) conta que se mudou em 1973, vindo de Abaiara. Quando mais jovem, já foi comerciante, morou fora do estado, participou de greves durante a ditadura e, marcado para o desemprego dado a militância, retornou ao Ceará. Aqui, ajudou a criar e manter o ESCUTA, foi diretor do Centro Social Urbano (CSU) quando realizou projetos produtivos dentro da cidade; foi Secretário de Habitação que nos anos 80 criou o HABITAFOR; Secretário de Meio Ambiente de Caucaia; integrou os movimentos “Jornada de Lutas contra a Fome” das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e idealizou junto a estes, o Polo Cultural Rachel de Queiroz, em 1983, dando início ao movimento Pro Parque.

Apesar disto, ao recordar os diversos sítios que compunham a região, não vê mais os lugares para implementar este projeto que tanto lutou. Conta que ocorreram loteamentos e ocupações gradativas entorno deste ambiente e que estas se intensificaram nos anos 90, década em que ainda se via campos de futebol na região e 2000, quando o tipo de ocupação mudou drasticamente. Ele utiliza o mapa de 1978 para nos situar neste ambiente:

LEONARDO: Aqui, está a universidade. Isso aqui fica a base velha dos americanos e era só essa pista principal que é a rua Pernambuco. Mas em 78, aqui já era campus (...) em 78, ainda tinham aqui as pistas onde eram as corridas de carros. O autódromo Virgílio Távora, quando ele foi construído, foi que ele saiu daqui. [...] Era tudo natural, uma vegetação natural. O rural dentro do urbano (...) que prevalecia aqui nessa região e, por isso, que eu me identifiquei muito com a região porque eu vim do interior e encontrei tudo isso aqui. Não diferenciava muito não do que estava lá.

Seu José Vital (APÊNDICE G) foi um antigo bodegueiro (dono de mercearia) muito conhecido na região do Henrique Jorge e Jóquei Clube. Veio para Fortaleza em 1958 para servir ao exército e, depois de morar fora, retornou ao terreno no alto de um morro, que adquiriu a partir deste trabalho, que ficava em frente ao açude do sítio Pici.

JOSÉ: A minha vivência mais foi aqui. Eu passei, acho que uns seis anos no Rio e São Paulo. O resto foi aqui nesse bairro. Aí, eu tomei banho nesse... aí, era um açude, quase

uma lagoa, sabe? Tomei banho aí, muitas vezes, época de inverno, de cheia... Aí, depois, rasgaram tudo, botaram pra lá e acabou-se.

5.2.2 Riacho Alagadiço

Narciso (APÊNDICE G) rememora suas idas ao campus universitário do Pici, entre 11 a 14 anos, passar férias na casa dos primos junto aos irmãos e amigos da vizinhança do açude Santo Anastácio e sangradouros³⁹. Há 25 anos, ele trabalha na Horta Didática, como agrônomo e servidor administrativo da UFC, além de ter se formado nesta mesma universidade. Fala da dicotomia que sentia quando entrava no campus, as brincadeiras de “uma infância perfeita” na imensidão da região, como área de desbravamento, alegria, mistério, conhecimento:

NARCISO: (...) A gente tomava banho no açude, era a diversão principal, nadar, pescar com aquelas boias, tomar banho no açude, quando o entorno era ainda todo de mata, haviam pouquíssimas casas. Essa era uma região erma. Eu ficava assim maravilhado, quando pegava o ônibus. Eu morava no Montese, pegava ônibus pro Centro e do Centro pegava o ônibus Jovita Feitosa, que vinha pelas ruas, asfalto, casas e, de repente, o ônibus quando entrava na UFC (...) aparecia aquela ruma de árvores e, depois, o açude. Eu achava um negócio assim mágico.

Ondina (APÊNDICE G), a mais velha dentre os interlocutores, trabalhou como datilógrafa, cantou muito em serenatas e fez muito aluá. Relata que a área aonde mora próxima a Olavo Bilac, há 47 anos, havia poucas construções, uma capela, uma hospedaria, grandes terrenos privados, vacarias, moageira e o terreno da Secretaria de Agricultura. Contexto em que hoje são grandes prédios e o recém inaugurado “Bosque do Bem”. Em geral, resume que lá predominava o mato, água, alguns caminhos e o bonde era o São Gerardo.

ONDINA: Em 1970, eu vim para cá, do Jardim América perto da João Pessoa. (...) Quando nós chegamos aqui, tinha essa rua Olavo Bilac (...). Ai, chamavam isso aqui tudo de Olavo Bilac. Mora onde? Lá na Olavo Bilac. Ai, essas casinhas aqui de rua, tudo era desse tamanho, umas coisinhas, era tudo grudadinha, era bem pequenininha. Isso tudo aqui era vacaria. (...) já tinha a igrejinha São Judas Tadeu. Não era igreja, era uma capelinha bem escurinha e a frente era só grama, mato. (...) e tinha a hospedaria, para onde vinha os flagelados, o povo das secas, dos interiores. (...) onde hoje é a casa dos velhos, hoje, é um luxo. (...) Quando cheguei aqui, era maior esquisito. Eu não queria vir para cá de jeito nenhum. Porque esse terreno aí era só de botar lixo (...) ali era o curral dos burros, da moageira, curral dos animais.

Aguinaldo (APÊNDICE G) recorda da região do riacho Alagadiço a partir de sua juventude, porém mais ligado a região aonde ficam, hoje, o Polo de Lazer e o açude João Lopes. Diz que ali era conhecida como região do orfanato, onde hoje é uma creche, cujo cuidados ficavam a família Rocha Lima, donas de muitos terrenos na região. Ele participou como militante de ocupações pela moradia e trabalhou em fábricas do entorno. Membro do

³⁹ Nessa época, seu tio era servidor da UFC e, como era comum, muitos destes moravam nas proximidades do Campus com suas famílias.

movimento Pro-Parque, descreve a importância dessas águas para a população mais antiga, as transformações na forma de ocupação da região e nos fluxos hídricos, etc.

AGUINALDO: Lembro das pessoas pescando. Às vezes, eu sonho com essas imagens, sabe? (...) No riacho mesmo, ainda não estava tão poluído. Essa questão da poluição é a partir dos anos 80. Eu tenho imagens do açude assim totalmente cheio de lixo, nos anos 90, por aí.

5.3 Os fluxos das águas

Munidos com os mapas de relevo e das fotografias áreas de 1978, as conversas foram direcionadas a descrever, inicialmente, as origens desses mananciais e a forma de seus corpos d'águas, no passado.

No Alagadiço, haviam mais áreas de brejo alagado e pantanoso, enquanto o Cachoeirinha pegava mais correnteza e havia maior risco de afogamento em períodos de muita chuva, ao ponto das crianças e jovens serem proibidos pelas famílias de nadarem em determinados espaços e períodos do ano. Ambos os riachos foram alimentados por lagoas e seus sangradouros, que variavam de dimensões. Mas, conforme a primeiras interferências em seus fluxos, provocaram enchentes que marcaram o processo de ocupação urbana.

Assim também, em seus percursos, haviam diversas brolhas de água como olhos d'água chamadas cacimbinhas, o uso de cachimbões e chafarizes de usos comunitários. Há também narrativas, em diferentes localidade e sentidos, que aparece o termo “corrente” para tratar (na nomeação popular) de períodos ou de trechos em que a água fluía com correnteza ou que córregos e sangradouros se expandiam.

5.3.1. Mananciais e os “Correntes”

O AÇUDE JOÃO LOPES que fica no bairro Ellery não tinha este aspecto de uma bacia acimentada com formato de “olho”. Ele fazia parte, nitidamente, dos mananciais do riacho Alagadiço e recebia contribuição hídrica de outras duas lagoas, cujos sangradouros se juntavam na região alagada entre o que é, hoje, este açude até depois da Avenida Sargento Hermínio. Deste modo, atualmente...

AGUINALDO: O riacho passa por deixo do bairro Ellery. Sabia? O riacho Alagadiço. Nessas conversas, a gente descobriu que o riacho, ele se formou a partir do sangradouro de duas lagoas no Álvaro Wayne e ele tem uma depressão, porque ele sobe no sentido da nascente, do leste. E ele está todo canalizado e coberto no bairro Elley. Ele passa ali do lado da Associação, ali no meio da praça. (interrupção)... O açude João Lopes... as lagoas que deram origem a ele é a LAGOA DO URUBU e ela tem um braço, um sangradouro, uma coisa assim e outra LAGOA NO CARLITO PAMPLONA, perto da praça do Carlito que foi totalmente soterrado.

O sangradouro do açude João Lopes alagava até a referida avenida e desaguava na antiga LAGOA DA CINCOL, tendo continuidade de fluxo pela Rua Eretides Martins, já com o nome do referido riacho. Aguinaldo explicita que CINCOL era uma empresa que tinha um grande terreno, cheia de água, mato e *só tinha um caminho para uma pessoa andar*. Um

conhecido se aproxima e completa *ali era tudo uma lagoa. (...) a água vinha no meio da canela. (...) No meio da lagoa, era água aqui nos peito.*⁴⁰

No caso dos mananciais do riacho Cachoeirinha, há também relatos da existência de mananciais entre lagoas conectadas por seus sangradouros, como exclama Leonardo.

LEONARDO: O riacho Cachoeirinha ele tem início na Lineu Machado (...) aonde tem a praça do João XXIII. As águas dali geram fonte do riacho Cachoeirinha e tinham mais na frente as lagoas. Tinham DUAS LAGOAS conhecidas, próximas as antenas da rádio Assunção, que é muito antiga ali. E aonde é a Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, era o Centro de Formação da COELCE que funcionava lá, então ali passava o riacho aberto.

Registra-se, aí, a existência pretérita de fontes no atual bairro João XIII, de duas lagoas no Jôquei Clube (sede da antiga rádio Assunção), da existência do riacho ainda visível na região aonde é a referida faculdade e, dali estas águas seguiam por onde haviam diversos sítios instalados até o açude do sítio Pici⁴¹. Este que é o sítio da família Queiroz, cujo nome se origina do livro Pery e Cecy (Percy), de José de Alencar, versão sustentada por Leonardo e algumas outras fontes.

LEONARDO: Agora, quando eu andava lá no sítio e via que tinha um açude e que a parede do açude foi quebrada, mas ainda acumulava água e tinha muita garça, marreco, galinha d'água, tinha esses pássaros aquáticos que gostam dessas águas. Então ... era muito vivo ali. As árvores que tinha muito grandes, uma parte de uma matinha bem viva, bem natural (...). Estou falando do lugar, da casa, que a escritora Rachel de Queiroz escreveu o livro O Quinze, foi nesse sítio que andei, que entrei, que conheci por lá. Porque era o riacho Cachoeirinha, além ali das lagoas, tinha o açude do sítio Pici. Depois ele dava continuidade com o sangradouro ali até onde hoje é a rua Franco Rocha.

Foi esta diversidade que inspirou Leonardo e o movimento que integra à defenderem a preservação ambiental, no início de 80, através da demanda para a instalação do Polo Cultural Rachel de Queiroz, entorno da casa e do antigo **AÇUDE DO SÍTIO PICI**, como o lugar que a escritora Rachel de Queiroz tem registros com a irmã, posando na parede deste açude, hoje, uma avenida.

Bem mais a frente, o encontro entre os dois riachos com o sangradouro da **LAGOA DA UNITEXTIL** entre os bairros Antônio Bezerra, Dom Lustosa e Autran Nunes formava a grande **LAGOA DO GENIBAÚ** que tomava grande parte da área até a foz no rio Maranguapinho e que desenhava, na paisagem, o encontro de quatro braços de riachos ou córregos⁴². Esta informação é repassada tanto por Evandro, quanto por Leonardo.

⁴⁰ Pouco depois, esta pessoa se afasta e só ficamos com estas e outras poucas informações.

⁴¹ Atualmente, sua localidade se refere a antiga Rua Monsenhor Hipólito Brasil e a “atual” Rua Professor Heribaldo Costa (parte expandida da Av. Perimetral)

⁴² Região atualmente conhecida como Linhão da CHESF ou comunidade da CHESF.

LEONARDO: Isso aqui, toda essa área aqui era a lagoa chamada Lagoa do Genibaú (aponta para região da foz dos riachos). Aqui era a parede da lagoa entre o Antônio Bezerra e o Autran Nunes que recebe, recebia as águas do riacho Cachoeirinha e do riacho Alagadiço e aqui ele formava uma grande lagoa.

Essa lagoa ai, eu ainda conheci com muita água. Ela represava até perto aqui da perimetral, era muita água represada (...) aonde passa também a linha da Chesf, o linhão da CHESF como a gente chamava (...) passa exatamente aonde nessa área do encontro dos dois riachos e passa por dentro onde era a lagoa (...)

No Campus do Pici, Narciso analisa o mapa e se espanta ao compreender, depois de tanto tempo convivendo naquela região, que o manancial do açude Santo Anastácio é o sangradouro da lagoa da Parangaba⁴³. Ele comenta que conhece, especialmente, o sangradouro que conecta o referido açude ao riacho Alagadiço⁴⁴ e que haviam vários afluentes temporários.

Neste tópico interessa tratar que, no tempo das cheias além do afluente principal do açude Santo Anastácio, Narciso descreve a existência destes muitos outros riachinhos que surgiam e os meninos chamavam de **CORRENTES**. Eles vinham da altura da Rua Argentina, aonde os ônibus da Bela Vista saiam para pegar a Av. Humberto Monte. Este ambiente ganhava um valor especial para as crianças.

NARCISO: (...) Meus primos chamavam: “Vamos lá na corrente”. No começo, eu não sabia o que era corrente. Depois eu vi a corrente (...) era um lugar mágico. Eram vários riachinhos dentro da mata na altura da canela ou da cocha, que eram os afluentes do açude Santo Anastácio. E ali a gente pegava os melhores carás, piaba. Ali era o melhor lugar de tomar banho, porque não era uma lagoa funda. Era um riachinho, que a gente ficava deitado e boiando, na sombra da árvores, porque fazia uma alameda de árvores fazendo sombra e, no final do corrente, quando a gente ia até o final, encontrava de novo as casas, a civilização, ruas, casas. Era lá para a rua, eu não lembro bem, Paraguai, Argentina. A rua aonde os ônibus da Bela Vista saiam (...) para pegar a Humberto Monte. (...) No tempo das cheias, ficavam muitos afluentes, muitos açudes. Eu contava como dedos, como ruas, cinco, seis, sete correntes que todos (...) desaguavam no açude. E a gente (...) tinha aquelas correntes que eram territorializados. Os meninos da nossa idade diziam “não venham outros para cá não, porque é aqui que a gente vai pescar”. E como era eu (...), meus dois irmãos (...) e mais três primos, então, nosso time era seis. A gente juntava mais quatro ou cinco amigos, então, era um grupo de dez, doze meninos “véi” que tomava conta daquela área do riacho e só a gente pescava lá. Coisa de território, né?

Sobre os períodos da chuva, Ondina e Evandro lembram de invernos⁴⁵ pesados, com muita chuva e trovões que “davam medo”. Nestes períodos, ela comenta que chamavam o riacho Alagadiço de “levada” e “corrente”, dependendo da quantidade de água. Para Evandro, corrente era o sangradouro do açude da Unitêxtil.

Neste aspecto, as águas pluviais faziam surgir outros fluxos, durante os períodos de chuva, marcando o território no passar de milênios. Porém, a ocupação humana também se deu

⁴³ Território que ficou fora da área de pesquisa.

⁴⁴ Área por detrás da Horta Didática (UFC), onde trabalha há 10 anos.

⁴⁵ No Ceará, o verão é comumente chamado de inverno, por ser durante a quadra chuvosa.

em diferentes épocas, nem somente nas formas mais recentes como urbanas, rurais e sim, também, as ancestrais, como veremos Evandro argumentar.

5.3.2 Fluxos Naturais, Sangradouros e Enchentes

Até hoje, toda a região do açude João Lopes e proximidades é lembrada por **enchentes** históricas. As mais marcantes foram nos anos de 64, 74 e 97. Eram conhecidas por serem muito destruidoras e terríveis, capazes de acabar com tudo do povo que morava nas proximidades em poucas horas, define Aguinaldo.

AGUINALDO: Eu presenciei também, não como vítima, mas como militante do movimento social. Eu morava aqui no bairro, mais para lá. Mas as enchentes que eu vi aqui, o povo perdeu o pouco que tinha em poucas horas. Presenciei isso também.

As ruas entorno do açude ficavam, inclusive, sem acesso durante as chuvas. Quando os sangradouros das Lagoas do Urubu e da antiga Lagoa no Carlito (considerados por Aguinaldo como início do riacho Alagadiço) ainda eram descobertos, um acidente de carro ocorreu durante uma grande chuva no carnaval e ficou conhecido por causar a morte de duas pessoas que não o conheciam, nem o viram.

AGUINALDO: Eu alcancei o riacho ali. Eu cheguei em 78, aqui no bairro Ellery, do interior pra cá. Eu estudava numa escola bem aqui (...) E morava (...) perto da Olavo Bilac. (...) E eu lembro que, no inverno, a gente tinha uma dificuldade terrível. A gente tinha que fazer uma volta bem grande para poder chegar na escola. Passava por cima de umas pontes. Não faz tanto tempo, né? (...) Ele já estava canalizado nessa parte aqui [mais a oeste]. Acho que o canal chegava bem por aqui, onde hoje é a praça. A partir da praça ele era descoberto.⁴⁶

Até a década de 80, o **sangradouro do açude João Lopes** tinha sua desembocadura depois da Av. Sargento Hermínio dentre um conjunto de ruas que são, hoje, condomínios⁴⁷. Ali, formava-se *um brejo, uma área pantanosa* no entorno da antiga Lagoa da CINCOL. Seu sangradouro seguia aonde hoje é a rua do Canal com rua Eretides Martins. Área que antigamente, em períodos de chuva, e só era atravessada por pequenas balsas improvisadas feitas com tronco de bananeira, paus, isopor amarrados com barbante. Sobre a atual Lagoa do São Gerardo, ele comenta que:

AGUINALDO: O riacho passava e quando chovia alagava. O pessoal que morou aqui há muito tempo, até os anos 80, diz que ali costumava alagar, mas não formando assim uma lagoa, né? (...) Era tipo um pântano, uma coisa assim alagada. E aumentou depois que fizeram o sangradouro do açude João Lopes pr' aí. (...) Eu lembro de enchentes gigantescas de passar meses a Eritides Martins alagada (...).

⁴⁶ Entre as ruas Doutor Almeida Filho e Raquel Holanda.

⁴⁷ As ruas são Odete Pacheco e Lavras da Mangabeira.

Dona Ondina mora após a rua do Canal, no alto de uma serrinha próximo ao Alagadiço. Quando sua casa ainda era um sítio, ela recorda que a água subia até próximo a casa e que haviam grandes pedras em que o gado ficava em cima para protegê-los da frieira. Comenta que a região onde hoje é o North Shopping era só “água e mato, pé de azeitona, pé de mangueira”. Descreve o trecho próximo a sua casa, hoje, Bosque do Bem, como uma **água limpinha** com areia branquinha embaixo.

E, sobre o terreno por detrás do colégio Santa Isabel, no bairro Presidente Kenedy, Aguinaldo comentam que haviam outros riachinhos e córregos. Um destes córregos vinham da área próxima a Av. Sg. Hermínio e Rua Olavo Bilac, onde passava por detrás da antiga fábrica de fiação FENALBRASE e iam em direção a vacaria do seu Natal, ainda em funcionamento na época, para desaguar no riacho Alagadiço, no alagado onde foi construído a Av. Governador Parsifal Barroso, continuação da Av. Humberto Monte⁴⁸. Aguinaldo e Ondina descrevem o percurso, entre aquela rua até o colégio, como um *caminhozinho de areia com mato de um lado e do outro*, casinhas estreitas e distantes.

AGUINALDO: (...) Lá embaixo da fábrica passava um córrego e eles aterraram esse córrego, sabia? (...) Tinha uma área verde e passava um córrego lá. (...) A vacaria era da escola pra cá, exatamente aonde tem a área verde (...) gigantesca (...) e deixou de existir (...) eu acho que foi com a construção da avenida.

Até a década de 70, o **riacho Alagadiço** no trecho do Campus Universitário ainda era acessível através de uma pequena ponte de madeira pela Avenida Mister Hull. Lá, haviam mais áreas com atividades rurais, vacarias, plantações, currais que Narciso, mesmo com as transformações, relata uma vivência recente que lhe demonstrou o potencial do riacho já nos anos 2000, quando já era funcionário da universidade.

NARCISO: Uma vez, eu fazendo a cerca e medindo, fui andando, andando e, você via que a área estava alagada, mas não se tinha sinal do riacho. Aí, eu vi um tamanhinho de um metro de riacho. Fui andando na lama, andando na lama, fui pisar no riacho. Afundei até a altura do peito, vupo, d'uma vez. Ou seja, era a calha viva aonde o riacho corria. Coisa de você dar um passo e estar pisando na lama, que não chega nem no joelho, e de repente você afunda acima do umbigo, na altura do peito. Aí, você se desespera, mas segura num capim, dá outro passo e está fora. É um negócio que normalmente você não vê, porque era no tempo seco que a gente foi fazer a cerca em volta da Horta. Porque, no tempo cheio, é um brejo molhado com cerca de 50 a 100 metros. 50 metros para o lado de cá, que eu conheço e 50 metros para o lado de lá. E, na chuva grande, fica mais de 200 metros molhado. A água bate aqui perto desses tamarindos, até lá o riacho são 100 metros e do riacho até o muro azul, que é o Colégio da Polícia Militar, são mais 100 metros. Então, fica 200 metros de área molhada, esse riachinho que na seca é um metro ou dois, só, de calha viva. Então, tem um potencial muito grande (...)

⁴⁸ Um trecho deste córrego ainda é visível e canalizado (Vide ANEXO G).

Sobre o **riacho Cachoeirinha**, Evandro também toma como referência o próprio rio hoje. Porém se refere ao canal de cimento⁴⁹ ao se referir, em semelhança, a sua largura antiga equivalente a 20 metros: *Era um rio de correnteza. Como ainda é hoje, esse aqui. A profundidade variava conforme a localização, variando da mais rasa a mais funda. Mas não muito, define. Exceto, em épocas de chuvas fortes, porque vinha água de todos os locais e era uma batalha d'água.*

EVANDRO: O rio era mais ou menos dessa largura aqui, que está canalizado... e chovendo ele subia, porque vinha água de todos os locais e era uma batalha d'água. (...) Como te digo, certas partes fundas e outras maiadas. (...) quando a mãe ia lavar roupa, a gente ficava era na parte baixa do rio. (...) Até quando eles soltavam água aí⁵⁰, a coroa não deixava nós vir porque era perigoso. Ela vinha com força, pfsss, arrastando isso aqui tudo. Ela vinha por esse caminho aqui. Era só mato, não tinha casa, não tinha nada na época.

Durante as chuvas e aumentos de fluxos das águas, Evandro recorda que sua mãe proibia ele e os irmãos de se banharem no riacho Cachoeirinha. Ele era quem sempre escapava mesmo sem permissão, mas não das surras. Importa que, sem ou com, era preciso conhecer os caminhos, buscar as cumeeiras e seguir trilhas, fundamentais para conseguir andar ali nestes períodos.

5.3.3 Cacimbões, cacimbas, chafarizes e cacimbinhas

Se esses caminhos tortuosos próximos a Alagadiço e Cachoeirinha foram para Narciso e Evandro imagens de mistérios, desbravamentos, aventuras e momentos de lazer; isto se deve ao conhecimento desses territórios, tendo os traçados dessas águas como fundamento as áreas que formavam. E isto foi quando ainda não havia tantas intervenções urbanas e como diz Evandro, não havia tanta desigualdade.

Ela já existia, diz ele, mas era entre moradores da região e os patrões⁵¹. Logo, as antigas fontes de água públicas nas proximidades dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço tiveram primordial importância para estabelecimento das comunidades no entorno, principalmente quando não havia infraestrutura, como energia e água encanada nestes locais. Havia ainda a presença de caixas d'água do DNOCS, CAGECE e energia em algumas áreas próximas a avenidas que foram instaladas, progressivamente.

⁴⁹ Um trecho canalizado no Dom Lustosa, aonde deu a entrevista, na rua Pedro Augusto.

⁵⁰ Refere-se aos funcionários do DNOCS que, até final de 70, soltavam a água ao limpar as caixas d'água instaladas próximos, hoje, ao Hospital da Mulher, entre Planalto Pici e Jôquei Clube.

⁵¹ Como: donos dos sítios, do gado, da olaria, da fábrica ou de alguma loja de tecidos no Centro, ou mesmo alguns funcionários públicos, como da RFFSA (Rede Ferroviária Federal S/A), etc.

Os usos destes equipamentos estiveram associados às pessoas de influências econômica e à instalação de fábricas. Quando não apenas, outros estabelecimentos como os sítios e algumas fábricas compraram e muraram terrenos delimitando seus próprios córregos e lagoas privadas, como foi o caso da Unitêxtil, CINCOL, FENALBRASE e vários sítios com vacarias e olarias. Mas o fornecimento de água à população em geral daqueles bairros era garantido pelas cacimbinhas, cacimbões e chafariz, pois não havia água encanada a todos.

Os **cacimbões**, assim, estiveram relacionados mais aos donos de terras e vacarias. Eles construíam e dispunham ao uso comum. É o que Dona Ondina fala sobre um antigo *cacimbão medonho do mundo* próximo a sua casa. Ele foi feito pelo antigo proprietário do seu lote, dono de terras, gado e chamado por ela de “doutor”. Todas as casas ao redor da sua foram construídos com a água dele. E, segundo ela, muita gente vivia desta.

O mesmo ocorre com as **cacimbas**, na região do Planalto Pici⁵². Desde antigamente, suas águas foram usadas para beber e possibilitou que as ocupações se mantivessem até formar um bairro que ganhou infraestrutura como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). Lá, atualmente, há muitas empresas engarrafadoras de água: O que confirma a existências de fontes. Já no São Gerardo e Vila Ellery, os **chafarizes** que têm uma presença forte na organização comunitária.

AGUINALDO: (...) Ele fica na praça do chafariz. Esse chafariz tem um papel gigantesco, né? Muitas pessoas que moram entorno da pracinha são moradores antigos. (...) essa praça do chafariz era onde tinha a TV do bairro, TV pública, quando as pessoas iam para praça assistir televisão. A praça aonde ocorria as principais atividades, da igreja, quando não tinha igreja, pessoal ainda ia fundar a igreja católica. Essa praça recebeu as primeiras assembleias que deu origem a associação de moradores, em 86. (...) em torno do chafariz, está a escola mais antiga da região todinha, a escola Mauro Bezerra. E é provável que o chafariz seja também bem antigo. (...) ele devia já ser uma bomba coletiva, uma bomba manual. Talvez o motor mesmo tenha sido bem depois. (...) num período o em que a cidade não tinha água potável. Não tinha serviço de água e saneamento.

Já as **cacimbinhas** se formavam nas proximidades de ambos os riachos como pequenos olhos d’água, fontes fundamentais para a autonomia comunitária. Leonardo conta que *as cacimbinhas eram para banho, porque tinham os peixes. De beber eram as cacimbas (...) mesmo*. Ele define que *as cacimbinhas brotam, elas nascem do solo já vem brotando*. Evandro já não faz essa diferenciação. Para ele, as cacimbinhas também eram fontes de água potável, se colhida no horário certo.

EVANDRO: As cacimbinhas que era já ali próximo do centro comunitário, ali, do CSU (...) As cacimbinhas, todas as comunidades pegavam água lá (...). Tanto para beber quanto para lavar roupa. [...] Essa água que passava aqui, ainda passa... essa água nos

⁵² Relevô fundamental para dividir os fluxos de água entre Cachoeirinha, Alagadiço e sangradouro da Lagoa da Parangaba.

bebia, nos lavava... não tinha água da CAGECA, não tinha nada canalizado ainda, a gente bebia a água desse rio aqui, muitos anos, a avó dele, minha mãe, toda minha família. Que nos ia buscar no galãozinho aqui e enchia os potes, era do tempo do pote ainda, nem tinha geladeira. Nos tinha mais saúde que n's temos hoje, porque nos bebia uma água vindo da fonte, que jorrava lá em cima e descia bem limpinha. A gente ia buscar na madrugada para beber uma água bem limpinha pra você beber e chegava e coava e bebia. (...). ... e a gente ainda tomava um banho de madrugada com uma água bem geladinha, bem limpinha. Porque de dia tinha muita gente pescando, aí, toldava a água, tinha gente tomando banho, lavando roupa. A minha mãe sustentou nós tudinho aí nesse rio aí, lavando roupa para as pessoas que tinham mais condições. A avó do loro era lavadeira que lavava no rio. Chegava e sentava em cima de uma pedra e começava a bater, pa, pa, pa. Começava a bater em cima da pedra, não tinha roupa que aguentasse.

No **Alagadiço**, elas ficavam ao lado da associação, aonde agora é a pracinha do bairro, com banquinhos e áreas de esporte. Ou seja, suas antigas cacimbinhas foram soterradas. No **Cachoeirinha**, ficavam na rua Franco Rocha, como situa abaixo Leonardo. Eram usadas para banho, criação de peixes e consumo. Fonte de vida, alimento, renda aparentam não terem resistido as investidas da urbanização. Mas continuam teimosas, borbulhando em poças entre muros e os novos empreendimentos. Elas também eram parte dos riachos.

LEONARDO: Porque era o riacho Cachoeirinha, além ali das lagoas, tinha o açude do sítio Pici. Depois ele dava continuidade com o sangradouro ali até aonde hoje é a rua Franco Rocha. Ali, tinham as cacimbinhas aonde as pessoas lavavam roupas, as crianças pescavam, brincavam, tomavam banho no riacho. Era uma água toda natural, bem limpinha, a água. As mulheres traziam roupa até da Aldeota e lavavam aqui, nas cacimbinhas. Elas vinham com as trochas de roupa e lavavam aqui.

5.4 Potencial biológico

As narrativas sobre a diversidade de espécies estão relacionadas às atividades praticadas por cada pessoa, idade e gênero. Utilizei os dados do Inventário Ambiental de Fortaleza (2003) para estimular as conversas. Neles, as pessoas rememoram vivências e incluem até outros peixes, bichos e plantas. Momento em que determinaram **o que tinha**, não tem mais e **o que ainda tem**; não por sugestão da pesquisa, mas como próprio efeito de um catálogo com imagens (ANEXO O).

Dentre as descrições mais intensas sobre estas espécies estão as de Narciso, Evandro e Ondina. Evandro conversa sobre o tema entre os sobrinhos, comentando até sobre vivências recentes. Dona Ondina chama seu filho e pede que lhe traga os óculos, neste momento de folhear as fotografias e ler os nomes. Há emoção e afetividade na forma de comentar, com exclamações: *Ôh! Olha! Eita!*

Evandro é bem incisivo e saudoso sobre o que não tem mais, na região do Cachoeirinha. Chega, no seu intento, a classificar algumas espécies como “em extinção”. Certamente, a partir do seu ambiente afetivo. Fala empolgado sobre os animais que **comiam** e outros que “não prestava” para comer. Comiam cassaco, camaleão, teju, marreco que caia da revoada. Cururu e tijubina, não. Dentre os répteis, ele sentiu falta do catálogo citar o **tiu**, um lagarto maior que o tejo. Sobre os pássaros, lista:

EVANDRO: (...) tinha o golinha, tinha papa-capim, tinha papa-arroz, tinha a sabiá, tinha a graúna (...). O anum preto, tinha o anum branco, a andorinha do campo, né? O gola, o fogo-apanou, ainda tem lá em casa isso aqui, porque o quintal ainda tem árvore, elas vão comer lá. O sibite, os dois tipos de sibite. Esse aqui, praticamente, eu não vi mais não (sibite pretinho), eu vejo mais esse aqui (o sibite relógio). Está muito em extinção, esse sibtizinho aqui (...) O papacu, oh, também é difícil (...) O papacu, aqui, juntava muito ali na baixada, ali. Eles vinham comer aquele alpiste, né? Tinha uns pés de alpiste, assim, ai dava muito o golinha, o papa-capim (...) Xexéu era muito difícil, viu irmão. É mais do interior, o xexéu, da caatinga. O sanhaçu ainda tem. Tem um casal lá no quintal que ele vai, todo dia, comer acerola. Papa lagarto, oh, esse bicho aqui ninguém nunca mais eu vi ele (...) João-de-barro, vixi, João-de-barro se sumiu mesmo. Rouxinolzim também, está difícil, não é (...) Ainda tem por aqui a rasga-mortalha nas igrejas (...) Pardal, oh. E o pardal também estão quase em extinção, nós tinha muito pardal. Tu se lembra assim? Porque o pardal já é do teu tempo, já. E até hoje tem pardal, mas é muito pouco. De primeira, você chegava ali na igreja assim [assobia]. (...) Vinha as revoada de pardal.

Dentre as plantas aquáticas que serviam para alimentar os bichos ou que traziam beleza e ambientação para o entorno das águas, cita o capim elefante, flor de lírio, alpiste, vitória régia do sertão, outra *com defesa do molusco, que queimava feito um cansaço*. Cita que

havia várias espécies de peixes: piaba, traíra, curimatã, jacundá, piú, muçum⁵³. E, dentre os que faltam no catálogo, está o **pitu**:

EVANDRO: Está faltando pitu, tinha muito pitu. Tinha muito loca assim, todo dia tu podia ir assim numa loca daquele que tinha dois, três pitus. E grande, do tamanho de um palmo assim, carnudão assim. Tu é doido, era bom demais.

Quanto aos pitus antigamente na região, Narciso diz que eram mais raros na região que frequentava, no Campus do Pici. Comum era pescar **camarão pequeno** que encontravam nos sangradouros para servir de isca para os peixes maiores. Na época, sempre tinham cara, piaba, muçum, bodó.

Já Ondina recorda de ter encontrado até **caranguejo**. Segundo ela, *alguma coisa dava errado* e eles pareciam por lá. Certamente, pelo corredor ecológico que conectava o mangue na foz da bacia Ceará-Maranguapinho com a região do açude João Lopes, segundo a pesquisa local sobre mananciais feita e citada por Aguinaldo⁵⁴.

De outro modo mais recente, Dona Ondina e seu filho se empolgam em contar o que ainda veem. Comentam a existência atual e abundante de garça, galinha d'água, martim pescador, lavadeira e que existe até ninhos delas nas árvores que foram plantadas as beiras do rio, ultimamente, e que as pessoas ainda tem pescado, sendo o muçu o mais presente. No Bosque do Bem, aos finais de semana, sempre se juntam um grupo de três a cinco pessoas dentre adultos e crianças. No Dom Lustosa, falam do seu Dé que enche vários espetos de peixes para comer.

De uma forma em geral, havia também a prática de **agricultura**, que faz Dona Ondina definir que *tudo que precisasse, tinha* e que ela sabe plantar de tudo, feijão, milho, jerimum. Só não tem mais aonde. Outra característica da época é a importância da carnaúba que o marido pedia para vir de fora, pois tinham que ser grandes o bastante para construir a ponte no riacho que passava na área baixo do sítio em que viveram⁵⁵.

De forma geral, os grandes sítios concentraram bastantes destes corpos d'água, áreas valorizadas como fontes de recursos que, até então, evitava-se como área de ocupação urbana. O que atraía para as **proximidades das fontes**: as vacarias, os pequenos sítios, as moageiras, as grandes propriedades de terrenos públicos, como Secretaria de Agricultura e universidade.

⁵³ E, deste último, afirma que comeu demais e pegava uns “grossões”, mas que hoje é só peixe cará.

⁵⁴ Pois a Lagoa do Urubu, sugerida como manancial do Alagadiço, é alimentada por um riacho conectado a foz da macro bacia Ceará-Maranguapinho, na Barra do Ceará.

⁵⁵ Sua casa era de feita de troncos da carnaúba e usavam também a cera, que ela mesma produzia, para diversos artigos da casa, quando não havia o plástico. “Depois que inventaram o plástico, carnaúba perdeu o valor”, conclui.

Narciso relata que, mesmo hoje na região do Campus, pessoas o procuram para saber que tal cobra é verdadeira ou falsa coral e que, na horta onde trabalha, há pelo menos duas famílias de soins que disputam territórios. Dentre as espécies que recorda, ele inclui o maracujá do mato e o cipó do Tarzan (como chamavam), usado para pular dentro do açude de cima dos pés de azeitona que ficavam a beira d'água. Sobre as azeitoneiras, Dona Ondina se alegre ao recordar que ela era *cheia de meninos* e estes iam “caçar” azeitona preta para comerem: *Aí, era bom demais*. Sobre esta diversidade, Evandro resume:

EVANDRO: Eu era o mais danado. (...) por isso que eu tenho muita imunidade, porque vivi muito tempo assim (...) igual a índio. Ia para o rio, tomava banho, comia fruta, comia manga, comia tudo que tinha, tinha manga, tinha goiaba, tinha caju, tinha seriguela, tinha todas as espécies. Você comia que chegava em casa e não tinha nem fome. Porque era mais o feijão. O feijão que era o prato do nordestino, feijão com farinha, fazia o capitão. (...) o brejo é muito bom para o feijão. (...) tinha macaxeira, tinha mandioca, tinha cana de açúcar. Tinha várias espécies de plantas alimentícias. Tinha a batata doce. O pivete entrava no terreno e ia buscar. Mas não era para estragar, era pra encher a barriga da molecada. A batata doce com um peixinho, tu é doido. Isso foi mais de 70.

5.4.1 O “Segredo” dos peixes-beta

Evandro, Narciso e Aguinaldo realçam (em comum) sobre a “febre” dos peixes-beta, peixe-beto, peixe-galo. Como crianças, não sabiam processar como havia essa diversidade de peixes-betas em diferentes cores. Narciso fala que os encontrava em poças de terrenos alagados, próximos aos sangradouros e correntes do **açude Santo Anastácio** e que, meninos, guardavam segredo do local para que pudessem criar vantagens frente a outras turmas de crianças, destacando que havia uma “ciência” para saber onde ficavam o tipo albino, vermelho, azul.

Aguinaldo define que a antiga **Lagoa da CINCOL** era conhecida como a região desse peixe em Fortaleza, porque vinha gente da cidade toda pegá-los. Todo sábado, juntava uma turma da sua rua, próxima a MECESA (fábrica próxima a rua Olavo Bilac), para ir buscá-los. Não apenas como diversão, parte era também vendida, inclusive, como indica um antigo morador que passou no Polo de Lazer, durante as gravações destes depoimentos. Completa a informação dada como que eles tinham que ficar na água de poço ou do rio, porque morriam com a água clorificada da CAGECE.

AGUINALDO: Essa região aqui era muito conhecida como a região do peixe beta (...) Vinha gente da cidade toda. Eu não sei porque razão, mas aqui tinha os melhores peixes-beta e de várias espécies. (...) Esse prédio aqui era tudo uma lagoa (...)
 TRANSEUNTE: Nós pegava tudo peixe beta aí. Agora não, está tudo construído. (...) mas aí era tudo uma lagoa. Se chamava a Lagoa da Cincol. (...) Aí, nós pegava peixe beta. Chegava em casa, botava no vidro e saía vendendo. E tinha uma coisa, a água que

nós botava ele, não podia ser água da CAGECE, não, porque tem cloro. Ele morria, por causa do cloro. Tinha que ser água do poço ou água que não tenha cloro.

O peixe-beta, se for a mesma espécie originária de outro continente, foi uma espécie certamente introduzida. Porém, Narciso memorado uma espécie local, presente no catálogo como guppy, que chamavam por guaru ou guaruaru. Independentemente deste impasse geográfico e biológico da espécie, a manutenção dos criatórios naturais, significa um diálogo humano com os ciclos naturais de cada espécie; físicos e geográfica das poças; químicos das águas que, por si só, já tem grande significância.

Como são espécies pequenas e atraentes como alimento para peixes maiores, este conhecimento que Narciso diz ser necessário para encontrá-los, possivelmente, diz respeito a cacimbinhas menores em que eram possíveis alocar, proteger e separar por gênero da espécie e/ou cores.

5.4.2. Peixamento do DNOCS e iniciativas de lutas contra fome

Há também outras duas experiências que envolveram o potencial biológico destes riachos. Primeiro a mais recente foi ainda na década de 80, após a reabertura política, quando Leonardo se tornou diretor do Centro Social Urbano (CSU) e junto a uma equipe da prefeitura composta por agrônomos, engenheiros de pesca e alguns moradores, seguiram às experiências que teve durante as “Jornadas de Lutas contra a Fome” das CEBs em que exploravam o potencial produtivo das áreas verdes urbanas.

Nesta, em específico, havia um terreno que minava água na comunidade do Papoco, no Parque Universitário aos fundos da UFC, que foi usada para tanques naturais de criação de tilápias, 140 canteiros de plantas medicinais, hortaliças e mudas, 200 codornas, 100 cabras leiteiras, marrecos, etc. Em poucos meses, já havia fartura de peixes e puderam compartilhar disto num sentimento de abundância, utilizando um dos afluentes do açude Santo Anastácio. Ou seja, em das “correntes”, como chamara Narciso.

A outra iniciou na década de 70, a partir da instalação do DNOCS na região mais alta do Planalto Pici e foi até, mais ou menos, 1984. Segundo Evandro, havia uma caixa d’água que, periodicamente, era lavada e a água derramada ia em direção ao riacho Cachoeirinha. Ele e seus amigos esperavam a água descer pela rua Franco Rocha, nas proximidades do sítio Pici.

EVANDRO: Aquela caixa d’água ali, passava um mês sem lavar, aí quando eles lavavam, que eles jogavam lá, aí, os peixes, pfsss [...] na rua Heribaldo Costa (...) ali ainda é o brejo (...) ali era o local aonde esperava a água vir lá de cima. (...) aí, nós descia... psssssssss. (...) nós esperava quando vinha um tufo de água de lá. Ali, porque, vinha toda por baixo do chão, por dentro dos tubos, ne. Ai, quando ela chegava ali já era nua. Ai ela ssssssss. (...) Isso era em 80, por ai, 80.. 78. [...] Só tinha a Perimetral que era sentido único. Aliás, era dois sentidos, a perimetral. Dois sentidos numa via só. (...) o novo é o que passa ali, na Heribaldo Costa. Ai, o

ponto mesmo era ali, aonde nós esperava a chibatada d'água, nera? (...) não tem o canal ali? Ali é o final do tubo. (...) nós ia por dentro dos matos, por dentro dos brejo medonho (...). Nas curvas do rio. Porque o rio vem, pfssss, faz as curvas.

Ele descreve que, nesses momentos, a pesca era favorável, pois ficamos muitos peixes reunidos. Nisto, ele dá a entender que eles vinham do DNOCS. Mas, como esta atividade intensificava a velocidade das águas, é provável que os peixes se acumulassem de modo a parecerem mais fartos.

Ainda assim, a situação não se deu por esclarecida. Então, quando perguntei ao senhor José Vital se ele conhecia ou vivenciou essa mesma história, ele esclarece o que sabe. Segundo ele, o DNOCS colocava alevinos em dois pontos: no açude do sítio Pici e nas cacimbinhas próximas ao CSU que, ambas, ele chamara de Lagoas. Logo, eram também “cultivados” pelas condições ambientais dos ecossistemas ribeirinhos e lacustres, na época. Uma política de peixamento.

JOSÉ: (...) Esse pessoal do DNOCS ele fornecia peixe, por exemplo, aqui. Eles soltavam muito peixe aqui. Que tinha a lagoa, né? E lá pra baixo já pertencia já ali onde é o Planalto Pici. Também tinha uns lagos por ali e eles soltavam peixes (...). Eles botavam pequenos e quando crescia o pessoal pescava, né?

5.4 Práticas sociais

A interação com os riachos define os saberes que se tem deles. Não apenas estes em si, mas o entorno e as atividades realizadas em associação com os terrenos, as fontes d' água; a caça, a criação e o cultivo do alimento para consumo próprio, troca ou venda; do lazer e trabalho realizado dentro e às margens; os percursos, as ocupações comunitárias até situações relacionadas ao ambiente ribeirinho que só são percebidas quando se perdem.

A primeira é a **pesca**, comum a todas localidades. Narciso conta que, quando criança, tomava café na casa dos tios e depois “se mandavam” para o meio da mata com uma latinha de goiabada e um vidrinho de óleo, porque sabiam que alguns agricultores plantavam macaxeira e batata doce ao redor do açude.

NARCISO: Quando dava uma ou duas horas da tarde, a gente estava com fome, arrancava a batata da leira, cortava com um canivetezinho, fazia uma fogueirinha, fritava essas batata-doce e comia com as piabinhas e os caras que a gente tinha pescado (...) eles não viam porque a gente ia pela mata, pelos caminhos, por dentro do açude, tomando banho (...) Era muito massa e passava o dia. Chegava na casa da minha tia já no final da tarde, no por do sol⁵⁶.

Semelhante e também diferente de Narciso, que praticava a pesca durante às férias, Evandro e sua família se alimentavam constantemente dos peixes que capturavam. No caminho dessas águas, ele chegava a percorrer mais ou menos três quilômetros por dentro do fluxo do riacho até sua foz no rio Maranguapinho.

EVANDRO: No meu tempo era bom demais, nós tomava banho nesse rio aí. Nós descia de ponta a ponta, lá dali da Rachel de Queiroz e vinha descendo, pescando e tudo até aqui embaixo. Às vezes, nós descia até o FRIFOR, pescando. Nos pegava o alimento aí dentro do rio, que não era difícil, só mato e tal ne? Aí, a gente pegava a comida, aí, no rio (...) A caixa d' água ali, que tem lá no Pici, quando ela soltava água pra lavar a caixa, aí vinha todo tipo de peixe na enchente. Que ela desemboca dentro do Maranguapinho.

Não muito diferente, a importância das **lavadeiras** tinha grande valor social e econômico. Além desta atividade tem ajudado a sustentar diversas famílias, como a mãe do Evandro fez, as cacimbinhas onde diversas mulheres lavavam roupa geravam momentos de encontros, socialização local, interação comunitária e também diferenciação social entre bairros ou famílias “nobres” e “pobres”.

⁵⁶ Sobre isto, ele brinca que sua mãe ainda não sabe, nem pode saber, de como tinham tamanha liberdade para estar no meio do mundo e na amplitude dos horários de exposição ao sol.

Outras atividades que Evandro narrou foram os trabalhos que exercia quando tinha 15 e 16 anos, fazendo o transporte, descarrego e produção de **cal, areia e tijolos**. O cal era produzido no interior, mas parte da areia era lavrada das margens do Maranguapinho, ambos usados para a construção civil. Ele descreve: *quando comecei a ficar adolescente (...) ai a gente ia (...) buscar tijolo nas caieiras que faziam muito aqui. Tinha cal, que era uns meios de serviço que não faltava.*

De modo em geral, a comunidade tinha grande interação com essas águas através das atividades dos ribeirinhos, pescadores, **agricultores** que plantavam batata, feijão, macaxeira, no entorno do açude e nas proximidades, relata Narciso, até o cultivo de pomares com bananeiras, cana, coco nos quintais. E que, diversas vezes, o açude ficava lotado de pescadores.

NARCISO: Meu tio tinha uma boia, que a gente ia, brincava. Então, faziam muito a atividade dos ribeirinhos, pescadores, agricultores. [...] E a turma, além da agricultura e da pesca, tinha a interação de lazer, de recreio, de brincar no açude, de tomar banho, de encontro, de namorar, de jogar futebol, na beira do açude tinham vários campos. Eu lembro que vizinho ao meu tio tinha um funcionário antigo daqui que era tratorista, seu Adonias, e ele tinha um time de futebol que juntava a rapaziada todinha, meus primos, filhos deles, a vizinhança. Ainda hoje eu falo com os funcionários antigos daqui da universidade (...) todo mundo se lembra do Fudenga. Fudenga era o time de futebol (...) E no Fudenga era onde juntava os campeonatos, uma turma vinha de longe para jogar bola. Era uma história conhecida aqui nessas região, as partidas de futebol na beira do açude Santo Anastácio. Era um marco.

Algo semelhante é dito por Aguinaldo, que descreve que a região do Alagadiço na Vila Ellery tinha enormes **campos de futebol**, campos de várzea e, com isto, haviam até ligas mais organizadas como JK, Cruzeiro, Vila Iracema, Joinville, Tiradentes que formaram jogadores que disputaram depois em times maiores. Os campeonatos movimentavam as relações comunitárias, trocas sociais, as disputas saudáveis, os momentos de lazer.

Outros usos eram as estradas usadas para **transportar o gado**, que vinha do interior, para o matadouro no Montese e depois Parangaba. Como havia pastos, água e currais as proximidades do Cachoeirinha, era um percurso ideal. Se descrito pelas ruas existentes atualmente, o gado chegava em Fortaleza pela Av. Mister Hull, passava por Antônio Bezerra, pela rua Rui Monte ia pela Av. Perimetral, entrava na Rua Franco Rocha, depois a Rua Carneiro de Mendonça e chegava na Av. Gomes de Matos, indo para o corte, como detalha Leonardo.

LEONARDO: O Antônio Bezerra tem a estrada do gado, né? Aí o matadouro era no Jardim América, aonde é o colégio Figueira Lima (...). Dali até o Extra era onde ficava as vacarias, onde ficava os currais de gado, aonde tinha os matadouros, aonde tinha um mercado que vendia a carne do gado ali (...) eu estou falando lá do Montese. Porque, na estada do gado, o gado passava por aqui que vinha do Norte. Ai vinha do Antônio bezerra, pegava o que é a Perimetral, entrava na Franco Rocha, depois Carneiro de Mendonça aí chegava na Gomes de Matos... tudo isso era conhecido como estrado do gado e passava por aqui, pelo Pici. E já com essa grande produção de leitura, de gado e de animais aqui nessa região.

[...] A Estrada do Pici que é quando o matadouro sai do jardim américa e vem para Parangaba, ali perto do cemitério, mais ou menos, por detrás do cemitério de Parangaba. Naquela região do terminal lagoa. A rua estrada do Pici vai até ali.

5.5.1 Sítios, vacarias, fábricas e avenidas

Em Antônio Bezerra, antigo Barro vermelho, a av. Mister Hull era a antiga estrada do Soure (atual, Caucaia) e esta região ligava o município vizinho ao Centro de Fortaleza, passando pelo Alagadiço (atual, São Gerardo). Leonardo conta que essa avenida conectava a estação de trem em Antônio Bezerra até as duas fábricas de beneficiamento de castanhas CIONE e outra do algodão, a antiga Companhia Ceará Industrial. O final dela já era no Colégio Santa Isabel com av. Humberto Monte, onde existia o final da linha do bonde São Gerardo, vindo do Centro. A Av. Bezerra de Menezes não existia como hoje. Ambas eram só uma estradinha de terra com duas vias, uma de ida e outra, retorno ao ponto.

ONDINA: Eu cheguei aqui em janeiro de 1970. Aqui, era Alagadiço. Conhecido por Alagadiço. Isso aqui era só terreno, água e mato. Não existia nada aqui. Da Bezerra de Menezes para cá, esse bairro aqui, essa rua aí... ela não era. O bonde que era São Gerardo. O colégio Santa Isabel era o fim da linha do bonde. Então, tinha o nome de São Gerardo o bonde. Quando acabou o bonde, ficou o ônibus São Gerardo. Mas só ia até o colégio.

Pra lá era Antônio Bezerra. Não era Bezerra de Menezes, não. Era Barro Vermelho do colégio para cá. Quando passava um carro, minha fia, ficava tudo vermelho de barro, os carros e a gente e tudo. Aí foi indo, tinha uma família ali perto da faculdade, que eles tinha muita coisa, muita terra, eram ricos. Bezerra de Menezes, a família. Aí botaram o nome, aí a avenida passou a ser avenida Bezerra de Menezes. Foi tirado por essa família (...) aí, hoje o bairro passou a ser São Gerardo.

Estes ciclos de mudanças e novidades não ocorreram apenas com os nomes e formatos de vias e bairros. Ocorreu com os “donos das terras” que lotearam pouco a pouco e transformaram minimamente a cidade através da posse da terra. Ondina e Aguinaldo frisaram a existência de sítios e grandes proprietários na região do Alagadiço, mas (tal como a área que se tornou o bairro da Parquelândia) foram terras voltadas para especulação e formação de bairros planejados pelo poder aquisitivo do lote, quarteirão, vilas, casa. Região que atraiu as primeiras infraestruturas dentro do território dos riachos.

EVANDRO: A gente morava (no Henrique Jorge) na luz de lamparina, ainda. Não tinha água encanada, não tinha saneamento básico. Não tinha... o meio era de fossa, ainda. Fazia um banheirinho e jogava tudo pra fossa. (...) Na Parquelândia, meu avô já tinha uma casa lá que já tinha tudo. (...) já era bem urbanizada. (...) Ali, em 64, como dizia meu avô, que ele comprou muitos... comprou bem umas cinco casas lá e era muito barato, o preço na época. E, hoje em dia, o metro quadrado dali da Parquelândia é bem caro.

Já no riacho Cachoeirinha, a avenida principal mais próxima era a Perimetral, quando está ainda era uma estradinha de duas faixas que vinha ao lado da igreja Jesus Maria e

José, no Barro Vermelho. Leonardo conta que a rua Monsenhor Hipólito Brasil foi a primeira a ter o papel de demarcar o campo divisório entre os sítios da região, no sentido norte e sul. Segundo ele, esta região a leste do rio Maranguapinho até oeste da Parangaba era conhecida como Pici.

LEONARDO: A rua monsenhor Hipólito Brasil (...) começa na Unitêxtil e termina no jóquei Club (...) essa região aqui é exatamente aonde é o hospital da mulher, hoje. Então, a rua que fazia o extremo entre esses sítios era essa, a rua Monsenhor Hipólito Brasil. Porque pra cá fica o sítio Pici. Aí, pra cá fica o CSU Cesar Cals, já fica o sítio Pici (...) Então ela cruza tudinho aqui. [...] Os historiadores já colocam que essa região era conhecida como Pici. O seu Domingo que foi um que conheci aqui, diz que até o Maranguapinho era conhecido como Pici. [...] Passou a Lagoa de Parangaba até a Zé Bastos para lá, tudo era conhecido como Pici, nos anos 40, anos 30. [...] acho que foi anterior aos americanos aqui, porque toda essa região aqui era conhecida como Pici.

Enquanto Ondina e Aguinaldo identificam os terrenos dos sítios pelos nomes dos proprietários das terras no entorno do Alagadiço que deram, inclusive, nome à principal avenida como a família Bezerra de Menezes e que mantinham estabelecimentos de utilidade pública, como o orfanato sob propriedade da família Rocha Lima. A princípio, Leonardo e Evandro citam, na região do Cachoeirinha, nomes específicos dados a estes sítios, como: Pici, Ipanema, do Papai, do Papai do Céu e até “dos doidos”. Apesar disto, também associam estes nomes às principais atividades econômicas das famílias proprietárias.

LEONARDO: Tinha o sítio do papai, tinha o sítio do papai do céu (...) eram duas coisas. O sítio do papai era ao lado do sítio Pici, da Rachel de Queiroz. O sítio do papai do céu era daquelas famílias lá da Pedro pereira que vende linha, ele morava aqui. na rua Antônio Ivo com Silva Baima... [...] E tinha o sítio do seu Raimundo que era um senhor que trabalhava na REFESA e tinha um sítio ali que fica também na Antônio Ivo. Tudinho tinha vacaria, todos eles tinha vacaria. Era uma criação de vaca enorme aqui na região (...) e tinha aqui aonde nós estamos que era o sítio da santa casa de misericórdia, mas quem tomava conta eram as irmãs de caridade do hospital de São Vicente, que chamavam o asilo da Parangaba. Então, aqui era conhecido como o sítio dos doidos. [...]

Ele explica que os *doentes que viam lá para o hospital, ficavam melhores e não voltavam mais para o interior, aí, como eles eram agricultores (...) trazia eles pra cá pra plantar*. Isto fala com propriedade porque, além de ser a área em que está instalado o ESCUTA, era uma atividade proposta por sua irmã e freira Maria Teresa. Define assim como uma área agrícola, aonde eram cultivados feijão, milho, macaxeira, etc.

Conta também que um dos últimos sítios a resistir a urbanização que foi o Ipanema, que tinha uma importância histórica e geográfica. Ele dava nome a linha de ônibus “Sítio

Ipanema” e toda área que ia de sua sede na Perimetral até a Maria da Hora⁵⁷. Hoje, este sítio é memorado apenas pelo residencial Ipanema, como primeiro condomínio a beira do Cachoeirinha. Evandro já argumenta que este sítio foi desmembramento do sítio do Papai, que veio depois do sítio Pici pertencente a família Queiroz e que, depois, ainda se tornou o sítio do seu Barreto que era o terreno do residencial mais “o que sobrou do sítio”.

Importa saber que eram terrenos próximos a Perimetral ou outras avenidas aonde, em geral, concentravam as sedes dos sítios e havia o acesso a energia elétrica, como afirma José Vital que morra nessas proximidades e já tinha energia quando chegou em Fortaleza, em 1954. Entretanto, instalado há poucos metros da avenida Perimetral, Leonardo já comenta que morou algum tempo sem energia. Seu tipo de ocupação era exclusivamente para moradia e, logo, não possuía gado, máquinas nem terras. Sobre isso, Ondina argumenta que havia energia no sítio em que morava porque o antigo proprietário teve influência sobre isto.

⁵⁷ Esta mulher foi liderança comunitária que desenvolveu ações assistencialistas na região, desde a ditadura, e tem sede está instalada próxima a fábrica Terceira Via.

6 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Dentre desses relatos, contêm referências às localidades e relações que mantêm, entre altos e baixos, a circulação das águas que se manifestavam em diferentes formatos: riachos, alagados, lagoas. Diálogos que dão parte de características ancestrais destas áreas ribeirinhas, pantanosas e lacustres. Hoje, parte destas são ruas, avenidas, canais, terrenos privados, fábricas, ocupações, estabelecimentos comerciais; o que leva Leonardo a afirmar que *quem mora por ali não conhece a história desses riachos, dessas lagoas, porque foi tudo aterrado*.

Em comum, estes dois riachos tiveram seus mananciais vivos dentro de Fortaleza que, como capital, teve um processo longo e diferenciador de ocupação de suas margens, tal como conhecemos hoje. Porém, ao tratar da biodiversidade e das práticas sociais no território, a linguagem da “cidade mercado” e dos fluxos hídricos diferem exponencialmente, concorrem, se enfrentam causando perdas humanas e a outras espécies.

Apesar das enormes interferências, como veremos adiante, estes riachos continuam fluindo. Sua qualidade, frequência, percurso estão certamente transformados, porém, o que se manteve? Ao articular conversas, pedalar pelo território da bacia, ouvir novamente os relatos percebe-se como se dão os **pontos de conexão** entre estas águas, seus mananciais, sangradouros, etc. e que ainda está dado pela forma e relevo em cada local aonde há memórias sobre existências daquilo que foram e ainda são; enquanto funcionar as leis naturais, como a da gravidade, fruto das conexões entre partes mais altas e baixas do território.

Deste modo, quanto aos fluxos do **alto curso** do Alagadiço, suas águas se reuniam devido a duas regiões mais altas nos atuais bairros Floresta e Carlito Pamplona⁵⁸, formando os vales e sangradouros que alimentava o atual açude João Lopes que fica na Vila Ellery e, conseqüentemente, o riacho Alagadiço. Este, por sua vez, formava uma região pantanosa na direção **sudeste** aonde hoje é o bairro Monte Castelo e a av. Sg. Hermínio. Na sequência, dado aos altos no Parque Araxá e onde hoje é a igreja São Gerardo⁵⁹, este brejo fazia um desvio para **sudoeste** e ganhava o fluxo de riacho.

Por seguinte, o Alagadiço seguia dali em direção a **oeste**, por entre os altos existente na região do atual Polo de Lazer e shopping RioMar, na av. Sargento Hermínio, que empurra mais o fluxo para onde é a atual av. Bezerra de Menezes, exatamente, o North Shopping. Dali

⁵⁸ Onde ficam as duas lagoas do Urubu e a “antiga” no Carlito Pamplona.

⁵⁹ Construída em 1925, esta igreja era uma simples capela.

em diante, flui o seu médio curso. Assim, a princípio, ele faz basicamente uma rotatória dentro dos atuais territórios do Polo de Lazer e North Shopping.

O **médio curso** do Alagadiço é composto pelas águas deste fluxo inicial e outras que se desviavam desta origem, na região do bairro Floresta, indo em direção **sul**. Pode-se compreender a existência desse córrego, citado por Aguinaldo, pela relação atual entre av. Sargento Hermínio, Humberto Monte e Bezerra de Menezes⁶⁰. As regiões destas duas primeiras avenidas ficam em dois altos⁶¹ e a última fica ao centro deste contexto, numa região de vale. Deste modo, há um outro alagado, pântano, brejo, que fica hoje no terreno por detrás do colégio Santa Isabel, no Presidente Kennedy, que reúne tantas águas vindas da região do North Shopping quanto do atual shopping RioMar, antiga FENALBRASE.

Dali, ele mantém a direção **sudoeste** e segue para a área dentro do Campus do Pici. Lá, suas águas se somam ao sangradouro do açude Santo Anastácio⁶², formando mais outra região brejeira. Isto se dá porque há as massas de relevo no Padre Andrade, no próprio Campos do Pici⁶³, no Planalto Pici e em Antônio Bezerra. Com isto, no **baixo curso**, ao passar na área do Campus, segue a **sudoeste**. Enquanto isso, o riacho Cachoeirinha que tem foz comum a do Alagadiço, vem de outra direção e juntos formavam a antiga Lagoa do Genibaú.

O **alto curso** do Cachoeirinha tem relação com os altos na Lagoa da Parangaba, no Planalto Pici e na região entre Henrique Jorge e Dom Lustosa; estando, portanto, neste meio. Foi relatado que seu manancial é no atual João XXIII e formavam três lagoas, seguindo em direção **norte**, com pequeno ângulo a leste, que desembocavam no antigo açude do sítio Pici. Este compunha o **médio curso** e é uma região aonde ainda existem alguns terrenos de antigas vacarias. O percurso dessas águas foi definido pelos fluxos que vinham de áreas mais altas no Dom Lustosa e Planalto Pici, pressionando mais em direção noroeste até a foz.

Já a região no Autran Nunes, Henrique Jorge e Dom Lustosa tem relação com a composição da Lagoa da Unitêxtil e seu sangradouro. Por fim, a lagoa de Genibaú recebia influência de regiões altas em Antônio Bezerra e no Autran Nunes. Como os antigos sítios, alagados e lagoas são hoje divisórias entre bairros, foi importante observá-los novamente, agora, como referência às relações que compõe os caminhos e origens dessas águas.

Desde a relação entre altos que **capta e direciona** até o vale que desenha os **percursos e dimensões**. Por mais que atente e se tente mudar seus fluxos, uma lagoa que não

⁶⁰ Estas ruas antigas ainda não tinha a conexão da Av. Gov. Parsifal Barroso e, nesta, formava-se um alagado cheio de pequenos córregos, que desapareceram.

⁶¹ Locais onde, hoje, são respectivamente o novo shopping RioMar, no Presidente Kennedy, e o bairro Bela Vista, por detrás do Campus do Pici.

⁶² Este açude é o baixo curso do sangradouro da Lagoa da Parangaba e está fora da pesquisa.

⁶³ Próximo aos departamentos de química, física e núcleo de meteorologia.

existe mais, um canal submerso que passa por baixo de vias, eles continuaram a existir. Apesar do pouco detalhamento de como eram, há o dado principal: a afirmação da existência dessas fontes dentro da cidade, num período de 30 a 40 anos atrás.

Os próximos capítulos trataram, a nível das práticas experimentadas por cada depoente, sobre estas transformações. O que se deve considerar é que eles são as fontes das informações inscritas por suas ações, como sujeitos ou em comunidade

6.1 Práticas e fluxos

(...) *Era muito horrível isso aqui. (...) Hoje está uma cidade, não é!?*, exclama Dona Ondina que, até há pouco tempo, saía com um facão para cortar as carrapateiras que cresciam ao redor do **riacho Alagadiço** a fim de melhorar a aparência do ambiente próximo a sua casa⁶⁴. A canalização diminuiu os alagados e atraiu mais empreendimentos, porém como ela mesma disse: *continua brejo, continua afundando*.

Sua rua foi aberta por cima de um antigo CACIMBÃO que foi fundamental para instalação e construção das primeiras casas naquela região. Na tentativa de desativá-lo, muitas carradas de pedra e areia foram postas dentro, ano após ano. Mas, frequentemente, este terreno afunda e é preciso refazer, assim como as demais vias que atravessam o Alagadiço. Espera, agora, que os canos gigantes de esgoto que foram ultimamente instalados resolvam essas questões, ou seja, contenham os fluxos naturais.

ONDINA: Aqui tinha um cacimbão que era um acolá embaixo e outro aqui. essas casas todas foram feitas com a água da cacimba daqui. (...) ali na rua, aonde estão os carros, era um cacimbão bem grande. (...) Ali, dias e dias, afunda aquilo ali e fazem de novo. Porque era um cacimbão medonho do mundo. Foi tanta carrada de pedra que botaram lá, para encher, areia da praia, muita coisa pra encher aquilo ali. Mas, foi não foi, está afundando. Agora, fizeram um serviço até mais ou menos. Não afundou mais. Não vê ali a Bezerra de Menezes? Só vive afundando, porque passa carro demais, né? É peso.

Já no **Cachoeirinha**, em 2009, Leonardo conta que encontrou uma placa de “vende-se” que estava no terreno do antigo AÇUDE DO SÍTIO PICI em área de proteção. Para ele, apesar de haver um decreto para criação do Parque, não há qualquer controle sobre os usos por meio dos órgãos públicos. E a iniciativa privada tira vantagens desta situação. São os movimentos reunidos pela bandeira Pró-Parque que fazem este acompanhamento e, inúmeras vezes, saíram sem vitórias. As perdas são cumulativas. Neste caso, um resquício do que foi o entorno deste açude pôde ser protegido por mais um tempo:

LEONARDO: Quando olhei era o açude do sítio Pici, aí, eu fiz um artigo “vende-se um açude” (...) aí, fui falar de (...) qual era o terreno que estava sendo (...) A história da Rachel de Queiroz que tem foto dela com a Maria Luiza, andado na parede desse açude. E eu tenho levado as autoridades ambientais da prefeitura... Quando levei já a Secretaria de Meio Ambiente e a equipe dela lá, para preservar e não deixar autorização de construção aonde era ao açude. Para preservar o último verde que tem no Henrique Jorge e que tem história. Uma história muito rica, uma história muito forte, aonde a própria Rachel publicou uma foto dela, criança andando em cima (...) há qualquer momento, pode ser aterrado e virar um prédio, virar um edifício, virar um shopping, virar qualquer coisa.

⁶⁴ Onde, em 2015, inauguraram o atual “Bosque do Bem”.

Então, ele questiona como o primeiro projeto do Parque Rachel de Queiroz existiu tanto tempo sem decreto (de 2007 até 2014). E, depois, o que se decreta sem delimitação? Ou, o que é pior, a que serve uma demarcação sem vigor⁶⁵? Basta observar os exemplos desta realidade em que as exceções fazem a regra em relação ao Plano Diretor de Fortaleza cujas leis de uso de ocupação são mudadas pontualmente, a surdina, na transição da gestão municipal. Foi o que aconteceu com o terreno ao lado do Polo de Lazer e com o último campo de futebol de várzea na Vila Ellery, conta Aguinaldo:

AGUINALDO: Esse prédio aí⁶⁶ era uma área de proteção. Tinha uma casa secular, uma casa muito antiga, foi demolida sem autorização sem nada. Era uma área que no primeiro projeto era destinada ao parque. Nunca foi pública, não era área de preservação, mas era área de proteção. Uma área intermediária (...) Proteção você tem um índice pequeno de construção, não é? Aí, a câmara em 2003 (...) muda a lei de uso e ocupação do solo do plano diretor sem ninguém perceber. (...) nós descobrimos 10 anos depois, fizemos denúncias, tentamos reverter. (...) Sempre no final da gestão, uma coisa que a gente percebeu. (...) sempre nos últimos dias do mandato. Aí, geralmente, a gestão que está saindo, ela tem um pacote para negociar. Geralmente, negociou na campanha eleitoral (...) O terreno da garagem da empresa de ônibus santa maria, era área destinada ao parque e nesse caso ali tem um agravante. Metade dele era pública, era do município. Aí nos denunciemos, o município entrou com ação, denunciemos a ocupação ilegal (...). Antigamente era um campo de futebol. E a prefeitura entrou com ação, ganhou e vendeu a preço de banana. Tipo assim, um quinto do valor para ocupante, para o criminoso, nos últimos dias... foi tipo 30 de dezembro (...)

O movimento pró-parque descobriu também, em 2013, um projeto da DENURB para **construção de um canal** totalmente fechado que vai de encontro às propostas da SEUMA para implementação do referido Parque. Afinal, o que resta de um riacho canalizado no sentido de proporcionar um ambiente de vida a outras espécies e de lazer aos humanos? Talvez, um gramado com banquinhos. Mas as características de seus fluxos estarão totalmente prejudicadas. O movimento, então, se manifestou contra o referido projeto e conquistou, apenas, que este não fosse mais um canal totalmente fechado.

LEONARDO: (...) Um projeto feito na gestão do secretário Feijão, da infraestrutura, que esse projeto quando nós vimos, quando o Aguinaldo descobriu esse projeto, era um canal fechado. Eles iam fechar um canal de cimento desde a Sargento Hermínio, continuando ele fechado, até a Mister Hull. O projeto foi aprovado dessa forma... foi em 2012, 2013, 2014, esse projeto já estava para ser implementado quando compramos a briga. (...) eles botaram uma manta, quando botam uma manta ali, a água não penetra mais no solo (...) e fizeram por dentro da universidade.

Ou seja, a canalização prevista se manteve. O receio, agora, é que canalizem tudo que ainda resta com paisagem de borda e área verde. Isto porque a canalização dialoga diretamente com a especulação respaldada pelo novo código florestal, explica Leonardo.

⁶⁵ Nisto, Leonardo se refere ao decreto feito nesta última gestão, que sequer tinha a área definida. Somente depois é que foi feito um aditivo e que também, como analisa, não teve valor prático.

⁶⁶ Ele se refere ao prédio da Harmony, construído ao lado do Polo de Lazer.

LEONARDO: Quando ele é um riacho, ele tem que ser preservado trinta metros de um lado e trinta metros do outro. Ele tem quinze metros de cada margem do riacho que não pode ter construção nenhuma (...). No momento que ele é feito um canal, aí, ele deixa de ser riacho. Quando ele deixa de ser riacho, e aí só tem cinco metros, pode construir em até cinco metros desse canal. Só deixa uma pista de cinco, seis metros de um lado e d'outro, pronto, o resto pode ser todo ocupado.

6.1.1. Luta popular e Modernização dos Alagados

Desde cacimbões que foram fechados e soterrados às águas dos chafarizes que são desencorajadas de ser usadas, mesmo que ainda acessíveis e usada por muitas pessoas⁶⁷, há esta tentativa de “modernizar” as relações entre as práticas sociais e os usos que se fazem dos fluxos naturais das águas. No caso das cacimbinhas na região do riacho Alagadiço que haviam na Vila Ellery foram, na melhor das hipóteses, transformadas em pracinha com quadras de esporte construída pela prefeitura ao lado da associação do bairro e por cima do sangradouro da Lagoa do Urubu que **alimenta** o açude João Lopes.

Esta região, principalmente da Vila Ellery e Monte Castelo, sofriam com enormes alagamentos e enchentes históricas. Deste modo, entorno de suas águas se organizaram muitas lutas que se refletem pelo papel da Pracinha do Chafariz para a organização e o movimento popular local, como também pelas lutas por moradias em condições mais dignas e seguras através de ocupações às margens dos alagados.

AGUINALDO: (...) Ocupação de enfrentamento a polícia e o escambau. Da turma resistir debaixo de lona. (...) a ocupação aqui durou dois anos, o povo resistindo, morando debaixo das barracas. Ocupamos a prefeitura alguma vezes... então era um movimento de luta que se formou aqui, nos anos 80, de luta pela moradia e que transformou essa região aqui na região que mais conseguiu casas a partir da luta de ocupação de casa para essas famílias a partir da associação.

Entretanto, como resposta das políticas públicas a estas demandas, foi realizado a **mudança no fluxo** do sangradouro do açude João Lopes, por baixo do solo, o que desativou a LAGOA DA CINCOL. Aguinaldo contextualiza que o sangradouro do que hoje é o açude João Lopes alagava até depois da Av. Sargento Hermínio, formando a antiga lagoa.

AGUINALDO: Aquela canalização é do final dos anos 70 (...) a canalização deste principal trecho, hoje ele está só essa parte aqui descoberta⁶⁸. Em 82, tenho uma foto do jornal O Povo com ele já canalizado nessa parte aqui. E já coberto para cá, todo coberto. (...) Sabe-se que o açude, na verdade, ele vinha até a Sargento Hermínio, aqui ó (aponta para o mapa de 78). Ele parava aqui. Provável que aqui seja um período de poucas

⁶⁷ Outros chafarizes ficam disponíveis na calçada da fábrica MECESA (Metalgráfica Cearense) e no Polo de Lazer, mas limite-se a quantidade de garrafas que podem ser levadas por pessoa/dia.

⁶⁸ Ele se refere ao açude João Lopes. Seu “principal trecho” era seu antigo sangradouro que ia em direção sudeste, despontando em direção a rua Padre Anchieta. A parte descoberta é uma pequena amostra que confere formato de olho à bacia de concreto.

chuvas, com chuvas menos intensas. Quando ele enchia, ele encostava na Sargento Hermínio, as informações que a gente tem. Aí, tinha um pontilhão, alguma coisa. E essa região está toda ocupada, atualmente. Inclusive por prédios.

E que, como política de drenagem, os alagados foram transferidos diretamente para o trecho que é, hoje, a região da LAGOA DO SÃO GERARDO⁶⁹. Os fluxos se movimentavam sudeste e depois sudoeste. O que modificou não só os fluxos, mas a existência de uma área alagada que provia e mantinha diversas formas de vida, inclusive, dos peixes-beto. Local totalmente ocupado por empreendimentos.

AGUINALDO: O sangradouro era bem aqui assim, oh (...). E ele continua existindo. Passa até embaixo de uns condomínios, ali. Dentro de um conjunto que a prefeitura construiu aqui. Aí, eles fizeram um sangradouro ao lado do Polo, por aqui (...). Isso aqui é um conjunto habitacional, aqui do lado. Isso aqui é um conjunto dos anos 70, aqui do lado, foi construído. Aí, o governo do estado, o SANEAR, acho que foi o Sanear 2, fez um sangradouro do açude por aqui oh. E ele desagua aqui atrás do Polo (...).

Exceto a área do Polo foi mantida e recém reformada. Assim, estas mudanças de fluxo, vieram **em resposta às lutas** por moradias associadas às demandas da especulação imobiliária. Pois a instalação dos conjuntos habitacionais públicos viera acompanhados e/ou seguidos por enormes prédios e empreendimentos da iniciativa privada. O local aonde era a Lagoa da Cincol, há alguns conjuntos habitacionais dos anos 70 e 90, além de prédios, conjuntos residências e pequenas ocupações. Dentre estas, ele rememora e descreve, ainda em referência ao mapa de 1978, sobre o diferencial entre os diferentes tipos de conjuntos, nesta região.

AGUINALDO: (...) É um conjunto construído pela prefeitura no final dos anos 90 (...) conjunto habitacional (...) pessoal veio de área de risco, muitos assim de esquema de favorecimento político, alguma coisa assim. Aqui tem outro conjunto ao lado que é aqui, foi uma ocupação. Uma ocupação de resistência, de enfrentamento a polícia, numa área também que era área de preservação. E fomos nós que coordenamos, foi a associação, não é.⁷⁰

Essas e outras obras **modificaram a comunicação e dinâmica** entre os alagados que *não era assim uma lagoa, meio que um pântano*⁷¹, diz Aguinaldo sobre a atual área da Lagoa São Gerardo que é alimentada por canal artificial que conecta, por baixo da terra, os dois tanques: o açude João Lopes com ela. Somado a isto, há o fluxo antigo que se mantém vivo e denunciado, mesmo submerso, pelas *águas que ainda minam embaixo dos prédios*⁷².

⁶⁹ Ele sustenta que é uma lagoa recém construída e não existia antes da mudança de fluxo.

⁷⁰ Aguinaldo se refere a ocupação que desencadeou a construção de um dos conjuntos habitacionais dali e que foi apoiado pela Associação de Moradores da Vila Ellery, que ele integra.

⁷¹ Como transcrito no item 5.3.2 (Enchentes, fluxos e sangadouros).

⁷² Instalados entre as ruas Odete Pacheco e Lavras da Mangabeira (a mesma da legenda 47).

Assim, antigo fluxo ainda persistente está somada às águas que foram transferidas para perto do Polo de Lazer e que sobrecarregaram os alagados que desembocam seu fluxo no que é hoje o cruzamento a rua Eretides Martins para a rua do Canal e que, mesmo seguindo como riacho canalizado, continuavam sendo um grave problema para vizinhança e motoristas, apesar do gradual processo de “modernização” destes alagados.

AGUINALDO: Eu lembro de enchentes gigantescas de passar meses a Eretides Martins alagada (...) não alagou mais, porque essa Lagoa aqui ela está funcionando como lagoa de amortecimento. O objetivo dela foi segurar as águas aqui né? E vai soltando lentamente daqui para cá (...) ⁷³

Ele conclui que, como solução aos problemas criadas pela política de drenagem **para controle das enchentes**, esta lagoa São Gerardo foi construída em terrenos particulares reunindo todas as águas sufocadas e concentradas neste processo. Em partes, a revelia dos proprietários dessas terras, ele afirma. Porém há muitas formas concretas de favorecê-los, posto que diversas áreas do antigo projeto do Parque ficaram liberadas para iniciativa privada e, além disto, desde o início dos anos 2000, o Estado comprou da família Rocha Lima uma creche de dentro do antigo orfanato. Pública, em terreno particular. *Comprou e fechou. É um prédio antigo, que é passível de tombamento devido ao estilo dele e o tempo também. Aí, está abandonado há 10 anos*, constata Aguinaldo.

E, ao circular por naquela região, observa-se que a existência do antigo sangradouro ou olho d'água cercados pelos fundos de empreendimentos formando uma rua sem saída (ANEXO C), que está sendo soterrado aos poucos com entulhos de construção e lixo escondido entre muros destes grandes prédios, é só um dos exemplos que era uma área que *no primeiro projeto, (...) eram destinados ao Parque Rachel de Queiroz. Acho que agora está assim (...) tudo isso aqui está ocupado. Tem prédios e empreendimentos aqui*, revela Aguinaldo.

Então, resumidamente, a primeira resolução foi **soterrar** as águas usadas por populares e utilizar as lutas para especular a região, entre a Av. Sg. Hermínio a Av. Bezerra de Menezes, ao instalar conjuntos habitacionais dentro de áreas de proteção e assim, justificar a mudança no fluxo do riacho e, anos depois, instalar com uma lagoa artificial, associada aos novíssimos empreendimentos e a especulação de áreas verdes, privadas.

Basicamente, as respostas para as lutas vieram com a taxaço da natureza dos alagados como ‘causadora’, ‘perigosa’, ‘culpada’, ‘nojenta’, para futuramente gerar os múltiplos lucros destes “dividendos”. Porque, basicamente, os gritos vindos pelas lutas populares foram “atendidos” para, posterior e lentamente, serem seguidos por obras **privadas**

⁷³ Nisto, se refere a direção do fluxo do Alagadiço que segue para oeste pela Rua do Canal.

de grandes impactos para os fluxos naturais do Alagadiço, como expansão de avenidas, construção de shopping⁷⁴, grande prédios e condomínios.

Ou seja, uma solução pontual para “resolver” a questão dos alagamentos favoreceu sua destruição, artificialização e diferentes ondas de especulação ao redor. Isto que pode ser uma conclusão geral para toda a pesquisa, entretanto, tem-se diferentes visões. É preciso adiantar que essas leituras são fluidas.

AGUINALDO: A leitura que eu faço hoje é, assim, é menos romântica sobre essa questão das ocupações de sem teto. Foram ocupações de sem teto. Quem tinha nem entrava porque era banido mesmo. Um movimento sério que foi organizado aqui a partir dos anos 80, né. Digo sério porque eu participei e vi de perto, ajudei a construir também e tudo. E se nós não tivéssemos ocupado, digo eu que nunca peguei em casa, obviamente, nesses locais. Eu e os outros membros da associação. Nunca pegamos. No meu caso, eu estava solteiro e tudo... Se nós não tivéssemos ocupado essa área aqui, por exemplo isso aqui seria prédios hoje.

6.1.2 Córregos e Empreendimentos

Os pequenos córregos do Alagadiço tiveram proximidade com as grandes e antigas fábricas que primeiros se instalaram na região. A exemplo temos o córrego relatado por Aguinaldo, no terreno da **antiga fábrica FENALBRASE**⁷⁵, e que foi soterrado. Já em torno do percurso que ele fazia até encontrar o riacho Alagadiço, no terreno por detrás do colégio Santa Isabel, onde ficava a **antiga vacaria** do seu Natal, está totalmente canalizada e cercada por condôminos, supermercados, altos prédios e casas de luxo.

AGUINALDO: Eu lembro ali perto do RioMar, perto da Olavo Bilac desse riacho passando. E eu sempre achava que ele vinha de cá, e ele não vinha de cá, ele ia para lá⁷⁶ (...) E fala-se que aqui tem algumas fontes. Diz-se que o Açude João Lopes tem uma, que aqui atrás tem outra⁷⁷

Basicamente, os primeiros grandes empreendimentos datam do início dos anos 90, época que o North Shopping foi construído na Av. Bezerra de Menezes e, depois, muito recentemente numa área de especulação enorme próximo ao novo shopping RioMar, na Av. Sg. Hermínio aonde ficava a antiga fábrica. De todos os fluxos da região, a área da antiga vacaria (terreno por detrás do Colégio Santa Isabel) captava as águas do riacho Alagadiço e dos antigos córregos que desciam diretamente da Lagoa do Urubu⁷⁸, tendo como referência o

⁷⁴ Os shoppings demarcam bem este processos, tanto nos anos 90 quanto nesta década atual.

⁷⁵ Fábrica que atualmente é um dos terrenos de especulação em frente ao novo shopping RioMar.

⁷⁶ Nisto, se refere a direção do riacho que ele achava ir do Pici (sul) pra av. Sg. Hermínio (norte) em vez do contrário.

⁷⁷ Sobre outra suposta nascente atrás do Polo de Lazer.

⁷⁸ O Alagadiço vinha de leste, como já descrito, os córregos a norte e se reuniam nas proximidades onde é a Av. Governador Parsifal Barroso.

córrego da FENALBRASE. Sobre este terreno, Leonardo supõe que seu futuro é duvidoso, apesar de previsto também ao projeto do Parque, porque...

LEONARDO: (...) Os caras estão negociando com a prefeitura, vão lotear isso aqui todinho e vão construir prédios, essa área todinha aqui. (...) eu vi o cara. Nós marcamos uma reunião aqui na capela São Francisco⁷⁹ para vir o pessoal da secretaria de urbanismo e meio ambiente. Aí, veio a secretaria com a equipe dele todinha e apareceu um homem lá. Aí, eu comecei a conversar com ele e ele me disse que era proprietário dessas terras aí e estava atrás da secretaria de meio ambiente para dar autorização para ele construir, nessa região aí. Né, que é uma área verde que está lá. (...) Dizem que de engorda, né? (...) no final de 2015 para 2016, que ele esteve aqui dizendo, atrás... aí a secretária só fez marcar com ele. Eu não sei o que foi o resultado. (...) mas o Aguinaldo tem as resposta dessas histórias, do que foi que deu.

Já na região entre o Campus do Pici e a fábrica CIONE, há dois ou mais córregos. Um em direção à fábrica e outro às antigas vacarias da UFC. Antes, na parte noroeste do campus e a região por trás desta fábrica, que fica na Av. Mister Hull, eram separados pelos grandes terrenos alagados do riacho Alagadiço⁸⁰. Leonardo conta que esta avenida conectava a fábrica a estação de trem e a chamada Rodoviária dos Pobres, em Antônio Bezerra. E que, por isto, esta e outras fábricas tiveram, no passado, uma influência muito grande nas ocupações de terras naquela região destes riachos, pois oferecia emprego para essa população sem uma mão-de-obra qualificada, vinda do interior.

LEONARDO: A fábrica CIONE teve uma importância muito grande nas ocupações de terras aqui também. Porque a população vinha do interior, principalmente da região Norte do Estado (...) descia no trem na estação aqui de Antônio Bezerra, morando nessa região. E a indústria que... a fábrica que oferecia emprego para essa população sem uma mão-de-obra qualificada era a fábrica CIONE. Então, empregou esse povo aqui todinho. Então eles pagavam aluguel, moravam em casas de família e foram ocupando as terras também.

Na década de 90, as obras na av. Mister Hull, que tem fluxo oeste a leste, foram para expandir, ampliar e também construir o viaduto que facilitou o acesso desta à Av. Perimetral, cujo fluxo é norte e sul; Aguinaldo conta que, após as obras, muito material de construção foi jogado na região por detrás e ao lado da CIONE e do Campus. E que isto, primeiramente, modificou e deslocou o lugar aonde o riacho passava e, conseqüentemente, possibilitou outras novas instalações aonde antes, existia apenas antigas casas de funcionários da UFC.

Assim, essa população para se livrar do aluguel, passou a ocupar as terras “ociosas” próximas ao riacho. Porém, foi a **canalização dos brejos** no Alagadiço, que aconteceu nos

⁷⁹ Esta capela fica ao lado do CSU, na região do Cachoeirinha e Planalto Pici, na Av. Perimetral.

⁸⁰ Como demonstra a descrição feita por Narciso sobre os fluxos no Campus e apresentada no item 5.3.2 (Fluxos, Sangradouros e Enchentes)

últimos anos como consequência do projeto aprovado pela DRENURB, acabou-se os alagados e, com isso, os fatores que impediam novas ocupações. *Era o que protegia o espaço. E ao passo que ele virou canal, a população ocupa a margem*, conclui Leonardo.

Agora, como ocupantes da nova área que foi recentemente canalizada pelo poder público, esta forma de atuação popular por moradia pode até ser criminalizada. Inclusive há, para aquele trecho do riacho Alagadiço, um grande financiamento do Banco Mundial para construção de equipamentos, destinados ao projeto do Parque, revela Aguinaldo. Para a população, a conquista de suas *necessidades básicas é primordial* e não foi ela quem canalizou o riacho. Mas enquanto certos empreendimentos são **bem-vindos** e incentivados; outros são **criminalizados** e expulsos.

6.1.3 Mão-de-Obra ou Autonomia

Os sítios eram bastante comuns na região de ambos os riachos. No Cachoeirinha, grande parte dos corpos d'água estava na posse desses terrenos. E as diversas atividades ligadas a este riacho gerava também autonomia, numa área com pouca infraestrutura, para as necessidades básicas das comunidades mais próximas como provimento de água, lazer, alimento. A fábrica CIONE e a fábrica Unitêxtil atraíram mão-de-obra. O que **ampliou as diversas demandas** por moradias, empregos, transporte, etc. No caso da Unitêxtil, havia um enorme terreno em sua posse com uma lagoa dentro e um sangradouro. Este foi sendo loteado até restar apenas histórias. Na época...

EVANDRO: A Unitêxtil já tinha seu recurso natural, que era uma fonte que tinha aí dentro, que era o rio da Unitêxtil e que também desemboca nesse canal aqui, lá na frente (baixo curso do Cachoeirinha...) ele era pequeno, ele não era muito grande não (o sangradouro da Unitêxtil). Está aí, a lagoa da Unitêxtil, que ela foi aterrada, aqui oh. Olha, você vê o tamanho dela aqui (observando no mapa).

Ali, para você vê... Eles pegaram, aterraram a lagoa e o rio não parou de chorar, que é o rio da Unitêxtil. Você passa ali, por essa rua por trás das casas do Anderson e você vê a água bem limpinha. Porque até ali não tem (...) poluição. É mais ou menos limpa. Mas ela ainda é suja (...).

Já o loteamento dos sítios foi acompanhado da instalação e ampliação de avenidas. Algumas já existiam, como a Estada do Pici, Rua Pernambuco (que foi a pista de pouso e decolagem da Base Aérea Americana), a Rua Monsenhor Hipólito Brasil (que, segundo Leonardo, dividia os sítios na região). Outras foram feitas ou ampliadas em cima dos mananciais, como a Av. Professor Heribaldo Costa, Av. Fernandes Távora, Av. Lineu Machado, como conta Leonardo:

LEONARDO: (...) Da Lineu Machado até a Avenida Senador Fernandes Távora, ele foi transformado em canal, canal coberto, canal fechado de cimento. (...) Ao passo que fecha ele de cimento, a população aterra as lagoas e, hoje, são moradias que estão lá no lugar onde antes eram as lagoas (...). acabou-se o riacho, virou canal de cimento, fechado. Então, esse trecho da Lineu Machado, pegando pro João XXII até a Senador Fernando Távora, ele é fechado.

As primeiras ocupações por populares próximas ao riacho Cachoeirinha aconteceram na região do sítio da Casa de Misericórdia (chamado sítio dos doidos, como já relatado), especificamente, a partir das ocupações das comunidades da Lua, Fumaça e Portelinha, no final dos anos 70. Até 90, fotografias aéreas tiradas pelo movimento das CEBs mostram que ainda havia diversos campos livres, destaca esta informação.

LEONARDO: Aí, depois a Santa Casa de Misericórdia loteou o sitio, alguns compraram o sitio, mas quando eles lotearam a área já estava todo ocupada com a favela da fumaça (...) foi a família conhecida como Os Tributinhas, vinham de Iguatu e começaram a ocupar aqui essa área, mesmo loteada. (...) uma vez um cara entrou na justiça para despejar um pessoal que estava em dois lotes, mas houve uma reação tão grande que eles desistiram (...)

Estas e outras ocupações formam, hoje, a região do Planalto Pici que é próxima do Buraco da Gia, fronteira com o Alagadiço e Antônio Bezerra e, em outro extremo, do terreno do DNOCS no Jóquei Clube e que agora só funciona como chafariz. Margeia também onde ficavam as cacimbinhas, o antigo açude do sítio Pici no Henrique Jorge, o açude santo Anastácio e os correntes, no Campus do Pici, descritos por Narciso quando conta sobre suas brincadeiras de infância. Estes possivelmente são os mesmos córregos aonde Leonardo desenvolveu o projeto produtivo na comunidade do Papoco.

Ele conta que ali, em 90, onde tinham construído os tanques de criação de peixe, foi todo ocupado no processo de construção da rua Chile. Certamente, é a expansão da mesma ocupação que Narciso participou com os primos no início. O maior impacto neste contexto, porém, foram a venda e as grandes construções nos terrenos que protegiam as **cacimbinhas** e o antigo açude do sítio Pici⁸¹,

EVANDRO: As cacimbinhas era ali, aonde tem aqueles galpões ali, o posto de gasolina (...) até aqui embaixo perto do CSU. (...) aí, não sei se você já viu, ali tem entre aqueles galpão um da polícia militar com mais de 50 viaturas. Ali era as cacimbinhas aonde a gente ia buscar água, ia tomar banho, porque ninguém tinha banheiro, a gente ia tomar banho lá. (...) aonde eram as cacimbinhas, de lado e por detrás da terceira via. (...) . Aí eles deixaram só o canal e construíram os galpão lá.

LEONARDO: Hoje, tem um edifício no lugar (...) exatamente no lugar onde eram as cacimbinhas foi construído um edifício. E, por último, também foi construído também um prédio comercial em uma outra parte dele. Foi construído onde tinha uma grande

⁸¹ Leonardo defende que este sítio que deu nome a região, bairro e ao Campus da universidade.

vacaria, que tinha ali, foi construído a fábrica Terceira Via e um bloco de apartamentos. Tudo em área de preservação, porque é área do riacho.

(...) Você passa e tem ela, a água correndo por baixo do prédio, porque ali era uma nascente. Era não, ainda é, uma nascente que está minando água lá. Eles não puderam nem entupir de uma vez, porque eu acho que ela estoura ali, porque está saindo água de lá de dentro.

Dentre uma versão e outra, as cacimbinhas eram uma vasta área que foi totalmente ocupada por empreendimentos com base em investimentos financeiros, após a ampliação da Av. Perimetral pela construção da Av. Professor Heribaldo Costa. O intuito destas ocupações foi bem diferente, inclusive, tendo a presença massiva e ostensiva de policiais que estão instalados em um dos galpões que cercam o Cachoeirinha, visando proteger os estabelecimentos privados e conter a população favelada. Sobre estes galpões, a Fábrica Terceira Via e o posto de gasolina presentes nas falas, Leonardo completa.

LEONARDO: Os galpões é uma coisa absurda. O dono daquele posto perto da Terceira Via, pagando propina (...) O posto era área verde e os prédios, considerando o projeto do parque, em parte nenhum poderia ser construído ali. A Terceira Via era no polo de confecção, eles compraram o terreno da vacaria e construíram a Terceira Via lá e ainda jogavam as águas da lavanderia junto com tinta dentro do riacho. Ou seja, acabando com toda a vida aquática que tinha ali. Nesse processo eu fiz denuncia duas vezes na época. Essa água ainda vai pra lá, mas ela não sai mais com a cor azul não.

Vê-se, então, que as primeiras pessoas que ocuparam aquelas áreas, apesar de não terem condições de pagar pela terra, sabiam a importância daquelas águas para suas vidas e autonomia. Desta forma, pela própria segurança e permanência, não se instalação nas regiões de vale e sim nos pequenos morros, como fica explícito pelo nome Planalto do Pici. E, em momento algum, elas tiveram vantagens ou foram beneficiadas com a condição de vida que tiveram. Ainda assim, souberam proteger e usufruir dos riachos, do ambiente de vida, fonte de alimentação, renda, lazer. Diferente dos demais empreendimentos e avenidas, que soterraram, modificaram e controlaram os fluxos, destruindo o ecossistema.

Por fim, muito recentemente, ocorreu a construção de um grande supermercado com estacionamento no terreno dos últimos sítios, o sitio Ipanema. A obra aconteceu sem grandes alardes. Derrubou uma casa histórica às margens riacho Cachoeirinha, levantou em alguns meses uma enorme estrutura de ferro, para evitar alagamentos e foi recém-inaugurado, sem qualquer indício do que foi antes e do riacho que cruza o terreno que deveria fazer parte do “prometido” Parque.

Na foz destes riachos no encontro entre Cachoeirinha, Alagadiço, sangradouro da Unitêxtil que formavam a antiga lagoa do Genibaú, Evandro enumera: *um, dois, três e quatro... quatro canal de rio. Agora, é esgoto.* Assim, dentre as situações descritas, fazem que Leonardo

defenda que há pouquíssimos trechos visíveis deste riacho. Sobre a região anterior ao rio Maranguapinho e depois do Linhão da CHESF, ele traz os últimos acontecimentos:

LEONARDO: Aonde passa onde também a linha da CHESF, a linha da CHESF como a gente chamava (...) passa exatamente aonde nessa área do encontro dos dois riachos e passa por dentro onde era a lagoa (...) Não junta mais água. As pessoas estão aterrando de um lado e de outro. (...) Eles estão murando e aterrando e já construindo (...) Essa área aqui que está sendo construída. Fizeram um conjunto aqui, foi o Governo do Estado que construiu, aqui tem outro conjunto também feito. Um é particular e outro do Governo do Estado. E na parte do riacho eles vai cada vez mais (...) virando canal. São obras mais recentes, está tudo murado, eles meteram um muro aqui. E aí, vai diminuindo o espaço verde que era para ser preservado.

Tomando de exemplo a impunidade dada aos grandes, os pequenos proprietários passam a cercar seu pedaço de terra, privatizando o acesso ao recurso hídrico. O Estado também estimula a estas ocupações com a construção de conjuntos habitacionais pelas políticas de habitação em áreas que deveriam ser protegidas.

6.2 Práticas e biodiversidade

Inúmeros são os exemplos de áreas previstas para serem de proteção que foram ultimamente ocupadas por condomínios, galpões, postos de gasolina, supermercados, fábricas. Estes são associados ao **progresso da cidade**, a exemplo do trecho onde ficavam as antigas cacimbinhas⁸². Isto, para José Vital foi muito bom. Porém, estas foram seguidos por uma falsa instalação de infraestrutura, já que a estrutura de captação de saneamento permanece sem tratamento, na perspectiva de Evandro.

Há sim a captação do esgoto, mas não há estações de tratamento suficientes para aquela região⁸³. Portanto, é um caso complexo em que a urbanização trouxe benefícios que diminuiu os alagamentos e enchentes, porém o montante de RESÍDUOS lançados diretamente nos riachos, lagoas e açudes sem tratamento trouxeram **consequências desastrosas** à qualidade do ecossistema ribeirinho.

AGUINALDO: Porque faz parte da vida e quando acaba com uma lagoa ou um riacho (...), quem primeiro sofre é a pessoa que pescava, é a pessoa que pegava palha pra fazer artesanato, o barro. O impacto de imediato seja sob essas pessoas. Pode ser que ela não elabore sobre isso, mas isso fazia parte da vida delas, pro bem e pro mal também, por conta das enchentes. Porque não adianta a gente romantizar o passado, né? Como que só tinha coisa boa e tudo.

⁸² Entre a Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Franco Rocha.

⁸³ O mapa disponível no site "Fortaleza em Mapas" que comprovava esta informação e a concentração de estações de tratamento à lesta da cidade foi retirado de acesso, muito recentemente.

No caso do Campus do Pici, Narciso descreve como as **áreas verdes** por detrás dos departamentos de agronomia e zootécnica até a comunidade Buraco da Gia e o colégio da Polícia Militar, na Av. Mister Hull foi, paulatinamente, destruída. Primeiro, rememora que há uns 12 anos, as primeiras árvores foram cortadas para instalação de grandes linhas de energia. Depois, há uns 08 a 10 anos, passaram os primeiros tratores dragando o rio “para ficar só a calha”, define. Nesse período, a UFC retirou as cercas e construiu o muro que a separa da referida Avenida.

NARCISO: [...] Um impacto que vejo foi para as estrangeiras que ficam aqui, que eu cito o açai e o buriti. Mas de qualquer forma, é porque a gente percebeu elas, que a gente plantou. Mas deve ter outras nativas que foram impactadas. A gente só percebe porque, como passou a draga e o trator... eu ainda não falei isso. O trator passou dragando, acho que uns cinco anos de fazerem o murete, o trator passou dragando, depois ele passou de novo, refazendo o canal do meio, então, eles passaram e levaram muita arvores. A gente não via os prédios do outro lado. Tinha muita azeitona, jambo, mangueira, coqueiro, isso aqui tudo era lotado de arvores. Foi tudo derrubado. (...) eu estou aqui há 10 anos, a draga passou há uns 07 anos e foi logo no começo. Tá uns 08 a 10 anos que foi sendo retirado as arvores, gradativamente. Ah, me lembro. Foi antes disso até. Quando passaram esses postes de linhas grandes, cortaram muitas arvores que ficavam embaixo. A linha de energia elétrica. (...) Cortaram as arvores, depois dragaram o rio para ficar só a calha, depois encaixotaram o rio.

Na primeira década de 2000, este muro foi construído e separou o campo visual do campus que ainda era visível pela avenida. Até então, não se via os prédios do colégio Militar que ficam do outro lado do riacho. E, por fim, nos últimos anos desta década, o já citado projeto do DRENURB terminou de **encaixotar o rio** com um paredão que não permite mais que o riacho alague a região, como era comum e o que mantinha mesmo espécies de outro clima e habitat crescendo ali. “Foi tudo derrubado”, resume Narciso.

Esta degradação foi, então, gradativa e com impactos cumulativos e não, necessariamente, concentrados em alguns poucos fatores. Em contraponto ao que vemos, hoje, temos os relatos até sobre as décadas de 70 e início de 80 como períodos que ainda foram fartos nos aspectos da **biodiversidade**. De 80 em diante, as mudanças no ambiente urbano já começam a despertar a percepção de que algo precisa ser feito e protegido, como quando ocorre com as primeiras solicitações populares pela proteção do sítio Pici, em pauta desde 1983.

LEONARDO: Aí, foi quando entrou a nossa questão, a nossa defesa da preservação ambiental ali, construindo, o que eu colocava, o polo cultural Rachel de Queiroz, porque era um sitio, o sitio Pici. E eu andei ali e tinha animais, muitos animais, até nambu eu vi ali, passado assim que não é normal, porque essa região aqui ela tinha uma mistura (...)

Porém, a instalação de fábricas nas periferias; a atração de mão-de-obra sem planejamento para essas regiões somadas ao déficit habitacional; a concentração de

investimentos em infraestrutura (como estações de tratamento de esgoto) em áreas mais “nobres” da cidade e ausência em outras; a burocracia e as contradições das gestões municipais que opõe a execução de obras entre os departamentos públicos (no caso da atuação ineficiente da SEMACE e da expansão de áreas canalizadas pela política de drenagem do DRENURB), dentre outros fatores vieram sobrecarregar as áreas de proteção a beira-rio e a própria qualidade da água.

EVANDRO: Isso aqui era um serrote e isso aqui era um brejo, aonde passava o rio. (...) de 90 para cá, já houve uma certa agressão. Porque foram construídas muitas casas, aí foi 80, 90, até hoje. (...) Acho que com toda agressão o rio ainda é vivo, mas só que é bastante poluído. Porque ele nasce muito longe e vem... se desse continuidade aonde ele morreu para começar tudo de novo... mas desde 70 que eles estão fazendo isso, canalizando de ponta a ponta.

Não tem mais os peixes que tinham, nem os pássaros, nem as plantas que conviviam, alimentavam os pássaros e alimentavam toda uma cadeia. A traíra, a curimatã, esses aí foram todos extintos (...) era só o esgoto mesmo que era jogado a céu aberto. Não tinha ainda uma estrutura como hoje... que eles cuidam, eles limpam na época de eleição. (...)

Ondina, ao comentar que se pudesse plantaria “de tudo”, porque sabe como faz e se alimentava do que cultivava, expõe a limitação quanto à posse da terra para continuidade desta atividade. Pois o seu pequeno sítio, antes produtivo, também foi todo loteado. O que chama atenção, especialmente, é o contraste entre o que “ainda tem” e “não tem mais” nas falas de Ondina e Evandro, como moradores e usuários mais antigos.

Retornando a situação das aves atualmente presentes no Alagadiço no Bosque do Bem em comparação com aquelas vistas na região do Cachoeirinha, perto do linhão da CHESF; a diversidade de espécies é mais presente na área que foi “**requalificada**”, que naquela que está **canalizada**. O exemplo é a lavadeira. Enquanto Evandro diz que tinha demais e que hoje dificilmente a vê; Ondina e seu filho comentaram que tem demais “ali”, no “Bosque”. Citam até a existência de ninhos desta espécie nas árvores recém plantadas.

Pela localização dos relatos neste território da sub-bacia, supõe-se que haja uma articulação entre as áreas que recebem ou não a infraestrutura. Como o caso do Alagadiço, que teve outro tipo de desenvolvimento no aspecto de como foram instalados os empreendimentos. Sobre isto, Aguinaldo descreve e analisa:

AGUINALDO: A história da urbanização da região, dessa pressão... acho que tem relação assim, a avenida, o shopping, o North shopping e a expansão da bezerra de Menezes, a ocupação da bezerra. Do lado pra cá da bezerra, era tudo alagado naquele trecho ali. Tudo fazia parte da margem do riacho. Quando chovia o riacho era bem largo. Aí o North shopping aterra, é uma coisa mesmo combinada. A história da... a prefeitura traz a infraestrutura, só que antes pode ter ocupações ou no mesmo período ou logo depois. As grandes obras, elas chamam essas ocupações, no caso, as ocupações de empreendimentos.

Entretanto, para a população em geral principalmente no Cachoeirinha, essas áreas ribeirinhas foram espaços de vida. *Nós éramos os índios dessa região*, conta Evandro para quem não havia dia ruim, além de realizarem outras atividades socioeconômicas e de lazer a partir do riacho. Ele relata:

EVANDRO: Minha irmã mais velha dizia assim, “ixi, hoje não tem nada”. Aí, a gente “não mulher, pode deixar que está garantido”. Aí, nós ia pescar e trazia uma ruma de peixe... para comer, não é. (...) Nós só pegava para comer. Nós não pegava para estragar não.

6.3 Complexidade

Desenvolver esta pequena demonstração de história ambiental sobre dois riachos presentes num ambiente “urbanizado”, a partir dos relatos concedidos, é um desafio complexo; pois reúne e articula diversos elementos, percepções, tempos, espaços em que Cachoeirinha e Alagadiço estão envolvidos nos desejos, medos, vivências de cada pessoa que depôs. O contexto da entrevista e as relações de cada uma com o/s riacho/s, no ambiente que se inserem ajudam a compreender também que não há um discurso unívoco.

6.3.1 *Universidade e Movimento: ser ou não ser*

As ações como pesquisadora tiveram também algumas influências no momento do encontro. Todas as pessoas envolvidas sabiam que não se tratava de uma pesquisa da prefeitura, por exemplo. Porém Ondina e José sentiram forte o peso da universidade e, possivelmente, se inibiram ao buscar as palavras certas. Claro que a universidade é muito boa para quem estuda e pesquisa; para Ondina que sonha com a neta estudando lá, pertinho de casa; para José cujas filhas já são doutoras.

Entretanto, o papel de “representante do saber” é perigoso. Não por se tratar de uma instituição de pesquisa, mas a forma de comportamento também tem seus riscos. Por exemplo, dado que a entrevista com José foi a última, muitas informações estavam caducas e apareciam nas falas da pesquisadora como “ouvi dizer”, “parece que” sem deixar espaço para o “novo” que José pudesse trazer. Acaba que ele ou concordou ou discordou das perguntas e incitações, com frases curtas.

Então, aquele sentimento tateante é fundamental para qualquer interlocução e não um problema, como se achou a princípio. Outro falso problema é a não identificação enquanto movimento ambiental, tal como Pró-Parque, posto que isto definiria mais facilmente as intenções da pesquisa sem forjar uma neutralidade que toma tanto ou mais “partido”. Portanto,

mesmo acompanhando de perto, lendo sobre, indo a reuniões do movimento e participando de grupos nas redes; o processo de isolamento da escritura do projeto isenta da culpa de se colocar como parte de um coletivo tão misto, cujas linhas de atuação são tão diversas e nunca exclusivas.

Ainda assim, o início das entrevistas partiu de pessoas do movimento. Entre elas, foi precisa reforçar que não era uma pesquisa sobre/ contra/ a favor do Parque, projeto de parque, promessa do projeto e sim sobre os riachos e os processos de transformações em seu ecossistema, fluxos e usos. Se esta questão aparece como embate ou tema é algo inevitável para a vivência destas pessoas que estiveram sensíveis, próximas, juntas e/ou à frente desta demanda e acompanharam em que ela se tornou: um falseamento da origem. Ou seja, a luta que virou o incentivo necessário aos grandes negócios.

Inicia com diferentes movimentos com o potencial de unir angústias e desejos de pessoas em diferentes lugares, gerações, situações. Não como uma ideia agregadora de cima para baixo, mas a partir das práticas e pequenas ações, *como o riacho reúne comunidade, grupo... a partir daí, essa semente vai se desenvolvendo e vai unindo grupos como o riacho como elemento condutor dessa ideia*, como diz Aguinaldo. as lutas mais pontuais foram tomando corpo e entrando em contato até perceberem-se como uma só.

6.3.2 Oposição entre leste e oeste ou o “Verde” entre a favela e o progresso

A primeira dificuldade para que isso acontecesse foi a **estratégia de desagregação**, de separação desta história. Porque, com a narrativa de cidade que se escreve entre avenidas, muros, bairros, empreendimentos, separando e encaixotando fluxos, como dar-se conta que aquela água que passa canalizada na pracinha do shopping, aquele açude cercado de novos prédios, o riachinho que persiste entre galpões forma a unidade de uma bacia hidrográfica? O primeiro ponto foi a oposição na própria cidade em relação a bacia do rio Cocó, a leste da cidade.

LEONARDO: Porque o que a gente vê é uma luta muito grande pela preservação do rio Cocó. Do lado oeste, tinha praticamente esses dois riachos e ninguém se mobilizava pela essa preservação ambiental daqui que é o riacho alagadiço, o riacho Cachoeirinha e essa parte do açude aonde existia uma grande área verde que se acabou.

Como vimos, há mais elementos desta hidrografia que os olhos podem ver. Mas a simples diferenciação entre leste e oeste, Cocó e Maranguapinho colocam os movimentos em conjuntos diferentes. E, mesmo se tiverem os mesmos objetivos, vemos que há outra visibilidade e grande valor agregado em parte ao Cocó. Entretanto, este se refere a um trecho

muito exclusivista do Parque do Cocó, instituído próximo a elite empresarial da cidade e não a este rio como um todo. O mesmo acontece na relação entre Alagadiço e Cachoeirinha. O primeiro agrega o projeto de ser a “nova” área verde da cidade; o outro é uma região de operários⁸⁴.

Deste modo, há o Parque que conhecemos através do: Bosque do Bem, o “novo” Polo de Lazer e a “nova” Lagoa, no Alagadiço. Enquanto, no Cachoeirinha, estão os novos galpões, “novos” supermercados, “novos” prédios e velhas avenidas, cercando ou por cima de suas águas. Formam-se, por um lado, o “novo” centro comercial e “área verde” bem próximo ao Centro de Fortaleza; por outro, se disseminam os “novos” empreendimentos ou obras em cima dos poucos trechos verdes da “periferia”.

Aí, de repente, as áreas que a população destes bairros ouviu falar que seriam um Parque não saem do papel, mas sim da possibilidade. Enquanto se refaz ou reforça a existência de alguns locais mais favorecidos e bem específicos, como são todas as notícias relacionadas com ele, emitidas pela Prefeitura⁸⁵. Parece que, para as pessoas em geral, o tal Parque existe como numa imagem da mídia, mas não sabem sequer da existência do Cachoeirinha, ou das lagoas, das cacimbinhas, da vegetação e bichos, muito menos do prazer de um banho no rio.

AGUINALDO: Aí, é atrasado, a cidade viver essa urbanidade, a densidade urbana, transporte, (...) e ao mesmo tempo você ter esses recursos preservados, convivendo? Acho que o debate também passa por isso. Criaram uma concepção de que isso é do passado, é algo de uma cidade pequena, de uma cidade interiorana, não é de uma cidade moderna. E eu acho que não há um debate sobre isso. Se há, é muito na academia, pesos nas paredes das salas de aula, né? (...) obviamente, que tem que ter lá, também, esse debate. Mas tem que ter em outros espaços também. Nos movimentos sociais não há. A nossa dificuldade histórica da luta pela preservação do riacho e do Parque Rachel de Queiroz tem sido o pouco envolvimento dos movimentos populares (...) com a temática. Não há uma preocupação das associações de moradores... Se tu vai para sindicato, nem se fala, ele que é mesmo distante... Grupos religiosos, não há uma percepção que seja importante... As escolas, as escolas de ensino médio, ensino fundamental, estão surgindo as escolas profissionalizantes. Tanto fundamental como médio, não há. Há casos pontuais de uma ou outra professora. (...)

Então, voltando ao debate as localidades, há o campus da Universidade que **resguarda** material e imaterialmente estes saberes e parte dos recursos hídricos, florísticos, faunísticos em questão. Logo, um espaço público de interesse de toda a comunidade no torno e da cidade. Mas que também **separa** estas localidades deixando-as subdivididas, coincidentemente, em leste e oeste. Os primeiros muros da UFC foram erguidos nos anos 90, nas regiões a sul e oeste do Campus, no Planalto Pici e Papoco.

⁸⁴ E, agora, as lavadeiras das cacimbinhas se deslocam para trabalharem nas “casas de família”.

⁸⁵ Como a reforma do Polo de Lazer e a inauguração do Bosque do Bem, todos no Alagadiço.

NARCISO: Então, eu via profissionais, pessoas daqui dizendo que era para eu ter cuidado com as favelados. Então, eu achava um absurdo, assim, que eu já estudante saia de laboratórios bem equipados e com muitos equipamentos que eu não sabia bem para que servia a metade daquilo e, quando atravessava ali o portão depois da Embrapa, que era o portãozinho que eu entrava, uma criança no chão nua no meio da lama comendo só um pratinho de feijão. Aquela dicotomia, esse impacto me deixava cada vez mais louco (...) “pra que essa universidade desse tamanho? Por que essa comunidade não consegue interagir?”

Independente dos motivos que levam a esta situação, houve o **apagamento** das diversas atividades comunitárias relacionadas ao açude Santo Anastácio e sangradouros. Nada muito diferente das outras áreas, porém, ali há ainda aquela sensação bucólica, de contemplação da natureza, mas o que se esconde através de seus muros é a segregação entre recurso hídrico e as comunidades (ou, como esta mesma relação pode se transformar em algo degradante e insustentável).

NARCISO: (...) Viu essa comunidade em volta do açude Santo Anastácio crescer e se desenvolver. Nossos primos tiveram casa lá, os amigos deles que eram nossos amigos de futebol, de brincadeira, de pescaria, crescendo e fazendo suas casas em volta. Muita gente de fora chegando, isso já no final da década de 90, ou seja, 7 a 8 anos depois a violência aumentando muito assim por conta dessa gente que chega e não tem mais a percepção do valor da natureza, que a brincadeira era tomar banho no rio, era pescar. Então, o pessoal já, principalmente a juventude, já não tinha mais tanto campo de futebol, campo para soltar raia, né? As próprias moradias e a institucionalidade se fechando e cercando as áreas pra comunidade.

Conforme os muros se erguem, a interação continua existindo. Mas, com certeza, não serão apenas através de caminhadas e books fotográficos de debutante, como ocorrem atualmente. Sem o contato direto, as vivências de infância, os usos sustentáveis destes recursos, perde-se o valor ou importância para os moradores mais próximos. Aliás, como essas comunidades não são vistas (a nível físico e simbólico), essa **invisibilidade** também de suas necessidades permitiu as mais recentes ocupações e o uso de áreas preservadas como territórios de gangues. Assim, o medo destas pessoas estimula que as distâncias sejam ampliadas e alimenta a enorme indústria da segurança privada, silenciando ou “naturalizando” o genocídio da juventude negra e outros problemas sociais de racismo ambiental (a exemplo das águas que são as mesmas, mas mude o local onde elas estão e tudo muda).

6.3.3 Das contradições do que é “bom” e a “inversão” das lutas

Enquanto isto, a leste da sub-bacia no riacho Alagadiço (alto e médio curso), se constrói o outro valor do “verde” associado a algumas áreas ribeirinhas e lacustres. E que, não por menos, foi a região que iniciou as grandes ocupações como shopping, condomínios e

prédios onde eram só *mato, lama e pé de azeitona*, como definiu Ondina. Decerto, a primeiro momento, confundiu bastante ouvi-la elogiar os novos equipamentos, construídos pela iniciativa privada no Programa de Adoção de Praças da prefeitura que é o Bosque do Bem, ligados às quatro torres de 24 andares, o Varandas do Bosque, construídas em cerca de 23 a 30 metros do riacho, pela construtora C. Rolim.

A calçada a beira-rio com iluminação, arborização, quadras, equipamentos de ginástica para idosos são sedutores. Inclusive, utilizaram a tecnologia do gabião, demanda do Movimento Pró-Parque contra a canalização para todo o percurso do riacho. E que só foi atendida em dois pontos: no bosque entre a Rua do Canal e o North Shopping e no terreno baldio sob custódia da especulação imobiliária, que existe depois da pracinha do shopping e antes da universidade⁸⁶.

ONDINA: (...) O canal, aí, foi uma coisa muito descente. E ainda teve até a inauguração. Que isso aí tudo é obra da C.Rolim, C.Rolim com prefeitura. Aí, eles fizeram... acolá, tem o negócio de fazer ginástica. E está tudo dentro do matos, né (...)? Pessoal abandona as coisas. Aí fez a inauguração, foi tão animada, tão bonita a inauguração do canal. Botaram até o nome de... ele disse até que era... não é o nome avenida do canal. É avenida Rachel de Queiroz. Disse que era para ser o nome avenida Rachel de Queiroz.

Sem perceber, Ondina repassa uma informação que “denuncia” a **apropriação** do nome e da história da escritora que está relacionada a outro trecho da bacia, no riacho Cachoeirinha, onde fica sua antiga casa, resquício do antigo sítio Pici. Ela também cita bastante o termo “bom”, muito bom, quanto à realização da obra do Bosque do Bem. E todos os benefícios para uma região que era de brejo, cheia de lama. Porém, enquanto isto, Ondina mostra-se apreensiva sobre o futuro da neta querida, pelo medo de (in)segurança, da ida e volta dos estudos e que as últimas obras foram muito boas. Ainda assim, no dia da inauguração, ela questiona publicamente que ali continua canal:

ONDINA: E eu disse assim: E o canal? “Não é canal, não é mais canal. É uma avenida...” Isso aí nunca deixa de ser canal, não é? Pra uns... Porque não mora uns nesse apartamento aí? É um perigo ali né não? Eles pelos menos tem o alarme deles. Eles não andam... E esses meninos no lugar de ajudar, ou vender ou construir para ajudar aquele ali do povo, porque quando chegar gente ali, do jeito que não tem mais nada... mas vai ter muito segurança... condomínio muito caro.

⁸⁶ Ainda assim, a diferença entre estes dois trechos é gritante, pois este último ainda não houve empreendimentos o suficientes para “adotá-lo” e, depois da obra do gabião, está devastado, cheio de entulhos e servindo de estacionamento (Vide Figura 07).

Enquanto sussurra suas dúvidas de como ficará as proximidades com tantos prédios, associa isto a melhoria ou não de segurança, se os antigos vizinhos vendem para valorizar a região ou se essa sensação é só para quem anda de carro e mora nos prédios. Por fim, não se vê em condições de participar deste seletivo grupo. “Muito bom” é a valorização da terra, para qual sua casa com tantas vivências e esforços, é só uma ínfima parte a espera de garantia para suas próximas gerações. Pois, apesar do shopping vizinho ser de 1991, sua ruazinha alagava com o cacimbão aterrado e a não era asfaltada até 2016.

Agora é uma cidade, diz ela, assim como José Vital. E o que é “uma cidade”? Num inevitável valor de compra e venda, possuem hoje só o espaço da própria casa. Mas o pedaço de terra que tem, tem um valor pela região que se valoriza a partir de diversas perdas, como os vizinhos que venderam seus terrenos ou do acesso aos recursos hídricos e suas funções sistêmicas. É o caso de José que mora em frente à Av. Professor Heribaldo Costa, onde existia o antigo açude do Sítio Pici, que ele chama de Lagoa e cujas águas do Cachoeirinha e suas cacimbinhas foram tomadas de assalto pelos empreendimentos ali instalados⁸⁷.

Ainda assim, ele se satisfaz com essas mudanças, porque elas trouxeram um pouco mais de conforto, dado o acesso a outros serviços. Então, a “cidade” importa mais que a lagoa proporcionava e oferecia? Ele diz que, talvez, seja por sua idade que já não o estimula fazer tantas coisas que antes fazia, deseja uma vida mais tranquila e tem a vontade que, um dia, valorize para oferecer também de herança. Já que existem novos condomínios e outros empreendimentos da região do Cachoeirinha. Porém, o que é “bom” ou a “boa” trazem algumas aberturas a interpretação. Como quando Ondina fala sobre a alimentação e as dificuldades na região que mora.

ONDINA: Meus meninos como estão ficando tudo veio, tudo veio. Mas quando era menino, comia tudo, hoje não gosta mais de milho, não come milho, não come um feijão verde, não come nada. Que coisa engraçada isso, né? [...] **o pessoal só quer coisa feita, coisa boa**. Era um sacrifício pra gente viver. Pão de milho, a gente fazia tanto. A gente chamava pão de milho a gente chamava cuscuz. Não existia nem cuscuzeira, a gente fazia no prato e no pano. Dentro de louça não. Ou alumínio ou porcelana. Qualquer coisa assim, porque se colocar louça quebra. Eu fazia tanto mugunzá. Coisa boa... Era um abandono isso aqui, hoje é um bairro nobre. Hoje, tem valor.

Ela se mostra saudosa das comidas que, hoje, não tem mais valor, que ninguém mais quer ou gosta. A “coisa boa” como algo já feito e “pronto para o consumo” é o símbolo desta “nobreza”. Enquanto, a “coisa boa” para ela só tinha valor na época do abandono e dos “sacrifícios” para se viver. Transições que trouxeram facilidades inquestionáveis e perdas, além

⁸⁷ Estes foram o Posto de Gasolina, a fábrica Terceira Via, condomínios, galpões, supermercados.

dos hábitos alimentares (aluá, mugunzá, cuscuz, etc.), de socialização (como festas populares, reisados, serenatas), foi também de espaços. Pois:

AGUINALDO: O que foi que aconteceu com essas áreas aqui? quando elas melhoraram, quando veio a infraestrutura, aí o povo está sendo expulso. Tu tem que **lutar agora para permanecer**. Porque a especulação é forte aqui. e tem essa relação com os recursos hídricos também. Porque quem é que morava perto dessas áreas? O povo pobre. Quem é que sofria com os alagamentos? O povo mais pobre. Quem é que estava mais perto? Quem tinha mais condições estava mais distante do riacho, da lagoa, do (...) aí tem um movimento agora inverso. Também, olha a cidade de Fortaleza. A cidade não era de costas para praia? Expulsaram os pobres da praia para construir a beira mar. [...] Essa história de elite ir para o litoral não é tão antiga. Acho que ocorre isso aqui também, né?

A inversão se expressa pelas **dificuldades** que Aguinaldo viu as pessoas sofrerem em épocas de chuva. Antes, a luta social levou a conquista de moradias e do projeto de Parque nas proximidades do Alagadiço e Cachoeirinha. Hoje, sua implantação se concentra em áreas, cujos arredores estão na mão da especulação imobiliária, ou seja, pondo em risco o próprio Parque e a moradia de quem lutou para ter onde morar. Basta o exemplo que as diversas lutas empenhadas como movimento, neste território⁸⁸ foram **transformadas** em atuais intervenções da prefeitura, como: o novo e já existente Polo de Lazer, a nova Lagoa e a nova pista de caminhadas⁸⁹ que serviram mais para beneficiar os negócios e campos particulares situados ao redor, constata-se a partir da sequência de fatos.

AGUINALDO: Claro que a gente tem que perceber a cidade como uma coisa muito complexa. Ela seria extática? Jamais, né. (...) Aí, ela não vai crescer? Ela não vai se desenvolver? O que questiono é que esse desenvolvimento é muito excludente. Tanto ele exclui o mais pobre, quanto mais destruindo essa parte...
[...] Há uma concepção hoje... ha uma despolitização gigante do movimento comunitário popular dessa região e, talvez, da cidade toda. E há uma percepção de que não há mais espaço para as lutas que nós fizemos. As lutas dos movimentos comunitários é muito em torno de questões bem pontuais. A água, esgoto, a creche, o posto de saúde, a casa e há uma visão ingênua, na verdade, de que não precisa lutar mais. Lógico, que as pessoas continuam sem moradia e sendo expulsas dessas áreas.

Então, cedemos⁹⁰ as delícias da urbanização tardia e concentrada...? Da valorização do preço do metro quadrado... Da pista de caminhada que representa menos perigo que a trilha no meio da mata... Do sonho na vitrine em novos centros comerciais climatizados espalhados pelas periferias? Pois sim, onde há centro, há periferia cuidadosamente mantida a distância, apartada mesmo na vizinhança. Afinal, como poderá ser criada e mantida a noção de

⁸⁸ Não apenas a luta ambiental, sim as lutas que se iniciam junto à igreja e organização popular.

⁸⁹ Basicamente, é o que se resume o Bosque do Bem. E a “nova” Lagoa é a do São Gerardo.

⁹⁰ Como movimento ambiental e população em geral, àqueles que sonham com dias melhores.

insegurança? Erguem-se muros, coloca-se “vende-se” e, pouco a pouco, já não há mais espaço para que este ecossistema realmente seja protegido⁹¹.

Esta demanda pela preservação dessas áreas ribeirinhas se expressa pelos movimentos que ocorreram nos anos 80, 90 e 2000 nas regiões do Cachoeirinha e Alagadiço. Estes iniciaram separadamente, cada qual em seu território, até se conhecerem e se perceberem como um só. Em 1983, na região do Cachoeirinha, surge da percepção que o Sítio do Pici estava perdendo suas características de importância histórica, biológica e produtiva. Em 90, no Alagadiço, dado às obras contra enchentes que descaracterizaram completamente o antigo ambiente. Em 1996, a gestão do Juraci encomendou o projeto. Em 2007, sua segunda parcela foi paga e o projeto apresentado pra sociedade⁹². E mais nada.

O que gerou as condições para que, em 2014, a atual gestão se “gabasse” de ter criado e regularizado o referido “Parque” (FORTALEZA, 2014) que, porém, não apresentava nenhuma delimitação e realizou apenas obras redundantes, como revitalização de um equipamento já existente (FORTALEZA, 2015) e criação de um bosque realizado pela iniciativa privada (SOBRAL, 2015) que disfarça, inclusive, a necessidade de uma compensação de danos ambientais mais séria⁹³. Neste processo, o antigo projeto do parque foi retirado da internet pela Prefeitura, que investiu grande parte dos recursos para readaptá-lo e lançá-lo numa chamada “consulta pública”, quando o “novo” projeto e suas apresentações animadas já existiam⁹⁴.

Por razões desconhecidas, a delimitação com as coordenadas só a ocorre em 2016 (FORTALEZA, 2016) e a apresentação do memorial descritivo em 2017 (FORTALEZA, 2017). Na sequência, a prefeitura recebe menção honrosa das Nações Unidas (ONU, 2017; FORTALEZA, 2017) simplesmente pelo reforço a um projeto que não foi posto em prática. Em todo esse processo, vê-se apenas a enorme burocracia que aprofundou a degradação deste riacho e seus recursos para fazer “chover no molhado”. Afinal, a delimitação não impediu a construção, por exemplo, do supermercado Cometa no antigo Sítio Ipanema (Item 6.1.3). Ainda

⁹¹ O que significa que, mesmo com os escassos recursos que ainda tem, há o grande risco que o Parque não aconteça por sérias limitações da gestão pública, no diálogo interno e externo, em que departamentos não sintonizam seus projetos e a iniciativa privada comanda as ocupações de grande impacto ambiental sem qualquer impedimento.

⁹² Inicialmente, foram usados 400 mil reais para elaborar o primeiro projeto através do Instituto de Estudos, Pesquisas e Projetos da UECE (IEPRO), cujo arquiteto responsável foi o professor da UFC José Sales. A gestão contratante não terminou de pagar, quem fez isto foi a subsequente em que *a prefeitura gastou o dinheiro, fez o projeto e acabou-se (...) não fez nada, nada, nada*, diz Leonardo.

⁹³ Dado o impacto ambiental da construção de quatro torres às margens do riacho.

⁹⁴ A exemplo das Consultas Públicas que ocorreram, em 2015, sobre o “novo” projeto de Parque. Em uma delas, jovens esportistas de bicecross, que haviam construído a própria pista de treinos, questionavam sobre a destruição da mesma. E o gestor respondeu que poderia “consultar” aonde daria para construir uma nova, mas que a remoção daquela já estava projetada. Logo, fica a questão: por que o “novo” projeto não veio depois dessas consultas?

assim, aquele primeiro projeto teve importância para o movimento ambiental a oeste de Fortaleza a fim de reconhecerem as áreas de lutas em comum que deveriam ter sido e ainda serem protegidas.

A questão é que as **reformulações** e certas **redundâncias**, da última e atual gestão, deram abertura para transformá-lo em algo distante do que se iniciou como parte da história popular de luta por dignidade dos povos vítimas da indústria das secas e que vieram para Fortaleza dado que ofereciam emprego ou condições para produzir o próprio alimento (durante gerações). Ultimamente, essa luta tornou-se um jogo especulativo e degradante de suas fontes. Não porque a população que lutou o quisesse assim, mas lhe é imposta uma perda indescritível e imemorável já que não se volta na flecha do tempo, tal como foi, em relação às práticas e espécies extintas⁹⁵. É como se a própria “indústria das secas” chegasse à metrópole e se instalassem nestas áreas, no sentido mais danoso, através a destruição, poluição, sufocamento, deslocamento, tamponamento, degradação, controle, capitalização de seus fluxos e suas fontes de água.

6.3.4 Mudanças nas estações, fontes e recursos hídricos

A percepção de diversas mudanças é sentida também no clima, não apenas quanto à precipitação de chuvas nas quadras chuvosas, mas também a partir da fauna e da flora cíclica e ainda resistente, em poucos trechos se comparada com a antiga abundância e os encantamentos que se via. Isto é sentido tanto por Ondina como Evandro que relatam a ocorrência de invernos que manifestavam a grande força da natureza e que nem se comparam aos atuais, sem duração ou continuidade.

EVANDRO: As estações eram diferentes como as de hoje. Porque nós tinha mesmo o inverno, tinha mesmo o verão, tinha a primavera, tinha o outono. Hoje não tem mais não. (...) porque naquele tempo você tinha inverno com seis meses e seis meses com trovão e relâmpago, que você ficava era com medo. Bum! Bum! Você era menino e ficava curioso do que era aquilo. Ai, quando o cara já foi entender, ai o cara já ia para o meio da chuva. Era pau d'água, era tudo alagado! Que não tinha nada de saneamento, não era? Não tinha esgoto, nem nada. As águas procuravam o rio para ir embora. Era um inverno de seis meses de chuva, assim, que chovia um mês direto. Não é que nem hoje que chove um dia e passa um mês sem chover ou uma semana. Ai, a estatística do inverno, oh, e hoje, nós não sabe mais distinguir o que é inverno, verão e outono. Antigamente, a gente sabia. (...) A primavera era flores por todo canto, que você

⁹⁵ Isto está dito na perspectiva, no ambiente de experiências, de seus antigos usuários. Porém, é possível atrair ou cultivar espécies que estão em outras regiões de mesmo bioma, como acontece com o Bosque do Bem. Isto se dá, apenas, numa gestão ambiental que dialogue com as outras espécies além da humana, tal como o padrão cultural vigente que dissocia as conexões entre as diversas dimensões e ciclos naturais.

passava e “vixi, que é bonito demais”. O capinzal assim todo florido, né? Tinha as orquídeas (...).

Outra consequência foi sob as fontes de água para dessedentação. De modo geral, a urbanização já havia feito outros usos dos cachimbões, soterrando-os. Algumas cacimbas de uso coletivo ainda existem no Planalto Pici, mas estão sendo fechadas pouco a pouco, dado a riscos e a ocorrências de acidentes. Próximo a estas, vê-se empresas engarrafadoras de águas. Na Vila Ellery, Aguinaldo constata que a prefeitura tenta acabar há muito tempo com os chafarizes e analisa que *tem uma política de extinção dos chafarizes. Ela alega o problema da qualidade da água, da contaminação. Acho que tem uma pressão gigantesca das empresas de água.*

A água como bem da humanidade, conclui, está sendo privada do livre acesso. Pois, aquele discurso que legitima esta privação, certamente, defende que as empresas engarrafadoras irão oferecer uma água de maior qualidade e menos poluída. Entretanto, a poluição foi ocasionada pela descaracterização de seus fluxos. Leonardo está “certo” que a prefeitura faltou com respeito ao meio ambiente ao dar autorização para que fossem construídos empreendimentos como fábricas, condomínios, galpões que canalizaram o espaço aonde existiram o ecossistema, fluxos, fontes dos riachos. Evandro compartilha da mesma visão:

EVANDRO: Os governos, os governantes que não tiveram assim, que não tiveram respeito nem mesmo pela população, que morava ali e dependia de tudo aquilo. Porque se fosse fazer assim “Vamos fazer uma votação? Nos pode jogar os esgotos dentro do rio Maranguapinho?” Ninguém ia aceitar. Porque eu acho que **nós era os índios dali**. Que dependia dali de muitos anos atrás. Porque se a minha geração dependia dali, imagine as gerações passadas? Dos meus avôs, das minhas avós, tataravós, não é não? [...] comunidade que era até ribeirinha... não tem dia ruim, porque nós temos o rio ali, não tem dia ruim.

Tem gente aqui que está comendo arroz com feijão porque não tem um rio para pescar. Que poderia ser uma fonte de alimentação. Até mesmo essa pessoa que mora por aqui, poderia colocar um alevino aqui, não vamos deixar o rio morrer não [...]

Eles acharam assim que foi de grande aproveitamento para a comunidade, mas não foi não. Eles acabaram com uma fonte de renda, mesmo de lazer e renda... de muitas pessoas que dependiam assim do rio, por um peixe, de água para lavar uma roupa, ou uma louça. Até mesmo uma louça a gente vinha lavar no rio. A gente só levava mesmo água pra beber. A gente só tirava uma água pra beber ou tomar um banho. Ninguém desperdiçava nada. [...]

Acabaram as pedras natural do rio (...) tinha a pedra natural do rio, né, que ela que limpava o rio. (...) tinha várias pedras, umas redondinhas, outras brancas, outras pedras, outras marrom, de várias qualidades. Eu acho que aquelas pedras ali ela tinha um alimento, limpavam, sei lá, deve ter alguma coisa a ver, né? [...]

E isso aí, levou embora também o quê? Levou embora a fauna, a flora, né? Os pássaros, as águas, as plantas aquáticas, tudo, foi muita coisa.

6.3.5 Resumo histórico

No início do século passado, a capital cresceu demograficamente com a ocorrência de ciclos de seca⁹⁶ e, aos poucos, a elite local se desloca com suas obras no estilo *belle époque* para leste do Centro e em oposição a oeste, no Alagadiço, Barro Vermelho e Barra do Ceará (OLIVEIRA, 2013). Esta foi uma região inicialmente excluída como local da instalação de fábricas e hospedarias para retirantes⁹⁷ e, conseqüentemente, ocupado pelas gerações de degradados das secas que seriam transformados em massa de trabalhadores.

Figura 26 – Publicação sobre efetivo populacional nos campos de concentração do Ceará.

20-6-32 p. 1

O EFETIVO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DOS FLAGELADOS

Pelos últimos dados recebidos oficialmente, o efetivo de flagelados nos diversos campos de concentração deste Estado conta-se da seguinte maneira:

Ipú	6 507
Fortaleza	1 800
Quixeramobim	4 542
Senador Pompeu	16 221
Cariús	28 648
Burití	16 200
Total	73 918

Fonte: Arquivo do Jornal O Povo de 20/06/1932.

O Centro, que já habitava o imaginário urbano “moderno”, sofre diversas modificações das vias e equipamentos, no século XIX e XX, evidenciando a disciplinarização e a exclusão dos pobres do centro da cidade (OLIVEIRA, 2013). Neste processo, interferiu-se em suas ruas, no traçado dos recursos hídricos e na forma como a população se relaciona com estes. Maia Neto (2012) trata que isto representou as primeiras intervenções para conter os caminhos da água, assim como as mobilizações sociais pela sua preservação. Assim também

⁹⁶ Na virada do século XIX para o século XX, Fortaleza passa por grandes mudanças urbanas, entre melhorias e o êxodo rural, e cresce muito, chegando ao final da década de 1910 como a sétima cidade em população do Brasil (WIKIPEDIA, 2017). Esta enciclopédia cita ainda que as migrações repetiram-se nas secas de 1888, 1900, 1915, 1932 e 1942. Nestas três últimas datas foram instalados “campos de concentração” no interior para evitar a chegada de retirantes à capital, contudo bairros de alta densidade demográfica, como o Pirambu e outras regiões da periferia, têm seus processos de formação diretamente ligados com as migrações de camponeses seduzidos pelas promessas da modernidade da capital do Ceará.

⁹⁷ Como resultado da política higienista, os “campos de concentração” foram instalados a oeste da capital e próximos aos corpos d’água, aonde são hoje São Gerardo e Pirambu. Eis que, assim, o riacho Alagadiço e demais lagoas e alagados são citados pela história, como fonte aos sedentos, a fim de ficarem cativos e não vagando pelo centro, nem transmitir doenças pelo vento para os moradores de regiões mais “nobres”. Essa informação é confirmada por Ondina e Aguinaldo. Ela cita o local desta hospedaria, próxima a sua casa na rua Olavo Bilac.

como houve uma marginalização daquelas pessoas que utilizavam o riacho para banho e, cumulativamente, para seu próprio sustento⁹⁸.

Andrade (2012B) considera que, até 1933, a cidade de Fortaleza cresceu induzida por planos e normas de regulação urbanística elaborada pelo poder público, mas edificada pelas mãos da iniciativa privada, cujos maiores proprietários de imóveis urbanos eram negociantes (lusitanos, cearenses e estrangeiros) envolvidos com o comércio internacional. Basicamente, parte dos insumos do gado, carnaúba, algodão, castanha vinham pela estrada de Soure, atualmente, Caucaia ou a estrada de ferro, na Parangaba, antigo município de Arroches. O gado que ia para o abate, no Centro, passa a ir pela Estrada do Gado até o Montese (antigo Pirocaia⁹⁹) e depois para Parangaba pela Estrada do Pici e, nas últimas décadas do século XX, para o FRIFORT (Frigorífico Industrial de Fortaleza S/A) que fica às margens do rio Maranguapinho e, por fim, Fortaleza deixa de ter seu matadouro¹⁰⁰.

Ainda na década de 40, a Segunda Guerra chega com seu alvoroço agitado pelas ondas do rádio e pela instalação das Pistas de Comando Americana no Pici e Cocorete, as aparições e queda do zepelim¹⁰¹, a primeira delimitação do que viria se tornar a universidade federal, a “criação” da beira-mar como ponto turístico¹⁰², as garotas Coca-Cola, reforma de avenidas principais para comunicação entre distritos da cidade através Centro, os bondes elétricos, produtos industrializados como o cinema, chiclete, guloseimas e música estrangeira, o algodão, borracha, a guerra com vitória para os aliados e a adoção de novas formas de transporte, motorizado.

⁹⁸ O autor relata que Fortaleza foi uma cidade repleta de água. Entre 1980 a 1940, aumentou-se os investimentos na construção de bueiros subterrâneos e as barreiras no Centro, tornando cada vez mais difícil encontrar boas “lagoas” para as brincadeiras. Na época, isto já foi visto como “ganância imobiliária”. Em paralelo, ocorrem as primeiras proibições de banho de rio durante o dia, criando sim certo estereótipo e exclusão de quem assim o fizesse ou necessitasse.

⁹⁹ O antigo nome é uma toponímia indígena que significa “o caminho do boi”. O nome atual refere-se a cidade italiana em que os soldados brasileiros e cearenses foram combater durante a segunda guerra. A mudança do nome se dá quando as remoções e deslocamento de antigos moradores da “beira-mar” já não “cabem” na Varjota e são instalados às margens sul da cidade (XIMENES, 2004).

¹⁰⁰ Este é um recorte do início do século XXI até anos 80. Peixoto (2010) em matéria intitulada “Antônio Bezerra, um bairro movimentado” relata que o Frifort teve grande impacto ambiental para este ambiente, apesar de ter se especializado no abate industrial. Após sua desinstalação, a capital deixa de saber a procedência de sua carne.

¹⁰¹ Leonardo destaca como um evento marcante na região do Pici, Alagadiço e Barro Vermelho.

¹⁰² Apesar da Av. Beira-Mar só ter sido construída nas décadas seguintes, o Estoril (antigo Vila Morena) já era usado como casa de veraneio à elite e cassino aos soldados norte-americanos.

Figura 27 – Fotografia da Estrada de Soure sob o mangue da bacia Ceará-Maranguapinho.



Fonte: Biblioteca Nacional / Foto de Justa, O (19--).

A “vida às margens deste quadro”, porém, seguia com os sítios que começavam a **ceder espaço e trabalhadores para às fábricas**. Estas que estimulam a construção dos primeiros conjuntos habitacionais de operários, como no Henrique Jorge, conhecido na época como Casa Popular. Mas, como muitos serviços tardaram bastante a chegar, como energia, água encanada, saneamento, ruas asfaltadas; os próprios hábitos permaneceram ainda com traços de rural, como leite vindo direto da vaca, a levada em tempos de chuva, limitação de transporte, etc.

Como política pública, neste período, o Governo Federal construiu uma série de açudes no Ceará para deslocar trabalhadores para frentes de trabalho e gerar condições de manutenção dos sertanejos no interior ou para o Norte do país, através do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). Entre as décadas de 1950 e 1960, Fortaleza passa por um grande crescimento econômico e inaugura a UFC e o Porto do Mucuripe (WIKIPEDIA, 2017). No final dos anos 70, durante a Ditadura Militar, implanta-se o Distrito Industrial de Fortaleza no município de Maracanaú. O que deixou vazios urbanos que incentivaram novas ocupações por moradia (ALMEIDA, 2010).

Estes “vazios urbanos” que mantinham a região do Alagadiço e Cachoeirinha às margens do Centro, apesar da proximidade. Também durante os anos 70, com objetivo de melhorar a circulação de pessoas e mercadorias, foram construídas novas vias, reformadas e ampliadas outras, conectando as periferias e ao encontrarem a força das águas como obstáculo, iniciaram em algumas partes os tapamentos de fluxos e usaram seus traçados para dividir diversos bairros, formando áreas de litígio através dos riachos.

Consequentemente, os grandes sítios foram loteados e, para a população mais pobre, restou ocupar e lutar por moradia nas proximidades de áreas alagadas ou pouco acessíveis, como Planalto Pici e Vila Elery. Porém, essa população deixa sim espaços para que os riachos continuassem a gerar alimento e oferecer seus múltiplos usos. No início dos anos 80, percepção dessas mudanças e das necessidades da população desfavorecida é que gerou a força para as primeiras reivindicações e observações de danos ao ecossistema que anteriormente conheceram, apesar das melhorias.

LEONARDO: (...) Desses movimentos, dessas coisas que eu apresentei para prefeitura, em 83, o projeto que era o Polo Cultural Rachel de Queiroz, que era preservar toda essa área do açude do sitio Pici e riacho Cachoeirinha, na parte que não tinha sido atingida ainda.

Leonardo, Ondina, Aguinaldo, foram pessoas que citaram o movimento das CEBS e/ou igreja, durante a pesquisa. E, por exemplo, através das Jornadas de Lutas contra a Fome, puderam constituir (ou não) um olhar diferenciado sobre a população e o território, assim como a importância ou dificuldades a partir da urbanização entorno destas águas. Em paralelo a isto, já havia a histórica criminalização midiática e sociopolítica da população e das regiões “por entre” as cercas (dos sítios e primeiros estabelecimentos como Campus Universitário, Secretaria da Agricultura, Secretaria de Segurança, COELCE, CAGECE, DNOCS, etc.) que utilizavam o recurso hídrico para banho, pesca, enfim, sua manutenção no território. E, assim, esta população já nascia “marginal” e estereotipada.

ONDINA: Esse pedaço ai, hoje é a CAGECE. A CAGECE ali era o curral dos animais, a moageira. Para o lado de cá, era a casinha do morador que tomava de conta dos animais. Pra lá, quando eu cheguei aqui, já tinha aquela ruazinha do caminho, mas era tudo umas casinhas bem pequenininhas e tinha uns índios que morava ali naquele terreno (...). Menina, este marido só vivia olhando esses índios. Hoje, está tudo sobrado, viu como é que está a ruazinha ali? É tudo metido a rico, fizeram a CAGECE (...) onde tem a caixa d'água acolá? Pois sim, na ruazinha assim. Hoje, está tudo diferente. Para acolá é tudo prédio. (...)

GEOVANA: E como sabia que era índio, acolá?

ONDINA: Era índio, do mesmo jeito de índio vei fedorento. Era uns homens vei horroroso.

A partir das demandas do mercado por velocidade e dos movimentos por melhorias contra enchentes, alagamentos, etc. vieram os primeiros deslocamentos de fluxo das águas por meio de pontos canalizados e aterrados, o que gerou novas áreas acessíveis a construções. Deste modo, nos anos 90, iniciou-se nova onda de loteamentos e ocupações. Só depois com os muros,

limitações, segregações instauradas e reforçadas é que, como dito por Narciso, perdeu-se a vivência¹⁰³, os sentidos, o valor, daqueles lugares encantados e férteis pelas águas.

AGUINALDO: A questão é que eu me pergunto. Fortaleza é uma cidade sem memória? Talvez, tenha até a ver com a origem dela. Porque Fortaleza não era a principal cidade do Ceará. Fortaleza cresceu, historicamente, muito recente. Aracati, Icó, Sobral, Camocim eram cidades incomparáveis com Fortaleza. No entanto, Fortaleza que foi ser a capital. E a cultura aqui é de que tudo tem que ser reconstruído permanentemente, né? E uma ideia que a cidade não pode conviver com os recursos hídricos. Isso tem muito a ver com a ação do serviço público, do poder público.

Porque essas lagoas que você vê aqui¹⁰⁴, em 78, né? Aqui nessa região, havia várias lagoas. Só tem o que, hoje, mais o quê? Tem o Santo Anastácio, lá do Campus do Pici, porque é uma área que está protegida... e é artificial e que é público. Aí, você tem a Lagoa do Urubu... o Açude João Lopes, que é artificial. O que mais? O Pirambu tinha dezenas de lagoas, ali naquela região. Não tem mais. (...) E se tem lagoas, tem córregos, tem riachos.

Então, o “último golpe” contra este ecossistema ribeirinho foram a permissão e o incentivo a grandes ocupações de empreendimentos em paralelo a expansão de moradias em áreas de baixa renda. De uma forma em geral, a ação cumulativa sobre estes recursos descaracterizou-nos e degradou totalmente. A luta pela qualidade das águas e áreas verdes entornos desses riachos, açudes e lagoas, apesar de ter conquistado, desde 1996, um projeto de parque que abrange 21 bairros na região oeste de Fortaleza não assegurou a sua proteção.

6.3.6 Perspectivas dos depoentes sobre as transformações

Então, a partir de quem se sente prejudicado ou beneficiado com essas mudanças, podemos traçar alguns perfis. As pessoas mais idosas e associadas ao trabalho doméstico e de sustentabilidade de suas famílias, pelas questões de gênero e geração, foram pessoas que elogiaram mais as obras de melhorias, pois se referem ao passado como tempos difíceis, com lugares afastados, cheio de mato e que agora “é uma cidade”.

Já aqueles interlocutores que viveram nestes ambientes em sua juventude e infância, desenvolveram um senso crítico que sabe avaliar as perdas e ganhos com um pouco mais de saudosismo e diferenciações entre agentes. Por exemplo, quando Evandro foi questionado sobre as causas destas transformações, ele diz:

EVANDRO: A agressão parte do poder, do estado, da prefeitura e também as pessoas contribuem muito, para jogar o lixo no canal (...) acho que o poder público é submisso e deve estar ganhando alguma coisa para [...] botar esses esgotos para dentro do rio Maranguapinho (...) porque para que serve os órgãos de meio ambiente? (...) porque um rio desse que vem de tantas gerações se acabar assim? [...]

¹⁰³ É o que trata no item “Das contradições do que é ‘bom’ e a ‘inversão’ das lutas”.

¹⁰⁴ Ele aponta para região do Alagadiço e Pirambu, no mapa de mosaico de fotografias de 1978.

Os impactos ambientais foram feitos por dois órgãos. A prefeitura e a CAGECE. [...] Porque o saneamento... isso que a CAGECE fez não foi um saneamento. [...] Porque não tem estação de tratamento. Está entendendo... Essas águas são jogadas para dentro do rio e não tem um aproveitamento. Não poderia ser aproveitado? [...] isso que rolou aqui desde a década de 80, 90, 2000, né? isso foi uma estratégia que o governo e a prefeitura ganharam de botar a CAGECE, não cobrar da CAGECE uma estação de tratamento. Jogaram tudo para dentro do Maranguapinho. [...]

O esgoto acabou com a fauna e a flora. Porque poderia passar só o rio sem o esgoto e ali fazer uma estação de tratamento para essas águas que descem aqui ser reaproveitada. Isso aqui é o próprio desperdício. Aqui vem junto .. a água da chuva, a água dos rios, a água dos esgotos. (...) tu acha que não é um desperdício não, dessas águas pluviais? Que vão para dentro do canal e vão também para poluir no mar. Polui no mar. [...] já que acabaram com o rio também estão querendo acabar com o mar. Porque estão poluindo o mar também.

Usado como canal de esgoto, o riacho reúne as águas de diferentes origens e, com isto, perde o potencial biológico, de reutilização e aproveitamento de cada uma delas. Porém, este é um problema generalizado e diz respeito a resoluções de questões sem o estudo das correlações, gerando outros problemas até mais graves, desde que o ponto gerador “saia da vista” da maioria.

Assim se define como o saneamento sem estações de tratamento que é despejado no leito de um rio que era vivo e segue em direção ao mar; enquanto rende bilhões a uma empresa que foi privatizada, exatamente, na promessa de maior eficiência na gestão destes resíduos. Na concepção de parte dos depoentes, há sim corrupção, propina, interesses privados envolvidos nisto e até se definiu o Estado como “gestor dos interesses do capital”.

Nada que seja novidade, pois como diz Leonardo, *tudo faz parte também, a gente não tem como fugir disso, da má gestão do poder público de não preservar o pouco que a gente tem*. E, nisto, ele lista inúmeras situações em que, pelo projeto do Parque Rachel de Queiroz ou da Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS), não poderia haver licença para construção de postos de gasolina, fábricas, condomínio, shoppings e empresas dado a grande proximidade com o que eram antes áreas verdes, alagadas, ribeirinhas. No entanto, há até incentivo para que isto aconteça.

Porém, o propósito aqui não é tanto de denúncia, mas constatação sobre as transformações dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço, compondo suas histórias de vida e morte a partir dos usos, biodiversidade e fluxos existentes e modificados com a urbanização. De fato, o movimento que vem da iniciativa popular já concluiu que a luta pelo parque foi “em vão” e que só favoreceu o seu contrário. Porém...

AGUINALDO: Claro que não podemos ser ingênuos, na lógica da especulação imobiliária das construtoras, o parque atende a interesses pesados. Então, o projeto leva em conta isso. E tem objetivos bem claros. Não é a toa que aonde tem que ceder para

alguns empreendimentos, eles cedem. Como foi o caso do mercantil¹⁰⁵, do prédio ai (...) a prefeitura mapeou, ele sabe aonde tem uma área aqui que dá para construir um prédio de 20 andares, a área bem pequenininha.

Porque com a tecnologia hoje da construção, você precisa de pouco espaço para construir um prédio gigante. Então, eles vão alterando inclusive para deixar áreas, para tirar áreas de proteção e preservação ambiental, para tirar da lei de uso e ocupação do solo. (...) então, a área do Presidente Kennedy, porque até hoje a prefeitura não entrevistou lá? Aquele ao lado da escola Santa Isabel. Porque o metro quadrado ali vale quanto?

¹⁰⁵ Ele trata do supermercado Cometa, construído no antigo sítio Ipanema que tinha uma reserva de fauna e flora que foram totalmente destruídas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse estudo, ao buscar pôr em diálogo as diferentes narrativas e vivências, a partir de micro-histórias na perspectiva de diversas relações instauradas com os riachos Cachoeirinha e Alagadiço em Fortaleza, e compreendendo os elementos que compõem e compuseram sua biodiversidade, transformada ao longo do tempo, é fundamental afirmar: esta não é uma conclusão fixa. A pesquisa é datada, estando intrinsecamente ligada ao período em que foi escrita e às pessoas que compartilharam suas perspectivas e memórias, refletindo tanto os ciclos da natureza quanto a impermanência e a dinâmica do espaço urbano, ora acelerada, ora invisibilizada.

De modo geral, optou-se por não seguir um padrão temporal rígido, permitindo que as variações das memórias (entre 20 a 40 anos) se misturassem, ecoando a fluidez da História Oral. Da mesma forma, a série de imagens digitais não seguiu um período estrito, mas abrangeu registros desde o início da série histórica do Google Maps (em 2003) até a atualidade (2016-2017). Essa escolha pela ferramenta digital – seja por imagens de satélite, seja aquelas produzidas pelo carro do Google Street View¹⁰⁶ – reside na facilidade de acesso, na universalização da sua visualidade, na possibilidade de estabelecer uma série histórica que exemplifique as mudanças da paisagem urbana com certa “impessoalidade” na produção.

No entanto, sobre o uso das imagens digitais, ainda que este não tenha sido uma pauta conceitual tratada durante a construção metodológica e sim uma opção feita durante o processo, destaca-se o seu potencial pedagógico e analítico demonstrado por seus usos, tendo sido exaustivamente praticado na construção de narrativas. O que não deixa de conter diversos vieses em seus usos pelo caráter múltiplo das informações acolhidas e a inserção da autora no contexto da pesquisa. Também por isso, contribui para firmar este texto como um produto aberto em que muitas outras histórias caibam, se entrecruzam, se somam, disputam entre si como parte do jogo da História Oral e Ambiental que não visam se eternizar como narrativa única oficial. Ao contrário, abre espaço para a intersubjetividade e disputas simbólicas de perspectivas simultâneas.

Ademais, considerando que o uso das tecnologias digitais pode gerar oportunidades de engajamento da pesquisa acadêmica e, embora não tenham sido apresentadas como resultado

¹⁰⁶ O carro do Google Street View utiliza nove câmeras para capturar imagens panorâmicas (360° horizontal e 290° vertical), scanners a laser para medir a tridimensionalidade do terreno e um receptor GPS para marcar o posicionamento geográfico das imagens.

dessa dissertação, exercitou-se construir um mapeamento utilizando a plataforma MyMaps¹⁰⁷ como forma de devolutiva às comunidades, movimentos, entrevistados e famílias que acolheram a pesquisa. Nela, torna-se possível realizar marcações com pontos utilizando ícones diversos, definir áreas, e anexar textos, fotos, vídeos com descrições em cada lugar marcado. Com esta ferramenta, foi possível apresentar os dados de maneira mais acessível, utilizando marcações de categorias próprias (como Lugares de Referência Histórica e Comunitária, Atividades Pretéritas, Áreas Verdes e Pracinhas, Potencial Biológico e Empreendimentos) dos quais é possível visualizar suas contribuições junto a outras.

Essa iniciativa abre um campo de usos da tecnologia da informação junto à educação formal e à educação popular, como ferramenta para criação de conhecimento de modo colaborativo. Ainda que este não tenha sido o objetivo desta pesquisa, **todos os dados** e processos contidos podem orientar o desenvolvimento metodológico de usos pedagógicos. De toda forma, é necessário não apenas colecionar dados, **porém**, e acima de tudo, desenvolver o **senso crítico** para analisar a imagem, que também não é neutra ou **deve ser** tratada como dado objetivo, **à parte** das pessoas que influencia e interfere em certa objetificação do contexto, quando neste existem pessoas, histórias, lutas, perdas, afetos, medos.

A natureza, em um longo processo de urbanização, tem sido afetada em diversos de seus serviços ecossistêmicos. E neste deslocamento e perda de territórios vivos, é se inventam e se regeneram, ora como um produto a ser vendido, ora como um vínculo a ser resgatado. A partir dos temas aqui tratados, demonstra-se que há diferentes formas de tratamento ou relacionamento com suas águas, que variam em função da área, do riacho focalizado, e sobretudo da classe, idade, relação com o espaço e moradia dos atores sociais, apesar de todos comporem uma mesma micro-bacia. Um apanhado de narrativas, além de conter diferentes versões sobre o tema, congrega diferentes vivências dentro de um mesmo contexto processual, mutável, múltiplo e diferenciado.

Se tomarmos o campus universitário (Campus do Pici / UFC) como unidade divisória dessas análises territoriais, teremos: A nordeste, o shopping, prédios comerciais, “progresso” que domesticou seus alagados, enquanto tenta disfarçar a existência de áreas populares, habitadas por quem viveu o território em seu estado “natural”. Essa região representa, quase no sentido literal, uma vitrine (de algo que se vê e admira, mas é preciso pagar para usá-lo); e, a sudoeste, as cachoeiras que já não jorram, exceto, nas memórias de quem delas

¹⁰⁷ Experimentação de registro de pontos e categorias geradas pela pesquisa e entrevistas com o uso da plataforma colaborativa MyMaps, a fim de apresentar e debater os resultados da pesquisa junto aos colaboradores: <https://bit.ly/4qAb3As>.

se lembrava, região esta que representa o atraso, uma estação no tempo, a pobreza de quem “não evoluiu”.

Portanto, nestas considerações finais, deseja-se demarcar como esses espaços ou ecossistemas não se fazem de maneira espontânea e são transformados pela forma como as relações se dão, no espaço-tempo. Isto ocorre porque, ainda que em períodos semelhantes, as relações variam de acordo com o local onde se vive, bairro, comunidade e região. As águas que passam próximo a torres residenciais que se valorizam com um ambiente urbanizado “próximo à natureza” são as mesmas que banham as margens da ocupação ribeirinha na comunidade de Chesf. Ambas têm águas em seus quintais, mas a forma como são tratadas pela população, mercado e Estado só se comparam porque esta pesquisa se propôs a isso, ou qualquer outro exercício que tenha essa intencionalidade, pois sequer há a noção no senso comum de ser o mesmo rio, dada a fragmentação das paisagens.

E como um quebra-cabeça, foram remontadas algumas peças soltas e em contraste que proporcionam o encaixe e a diferenciação. Para ilustrar, dentre as várias histórias tratadas no texto geral desta dissertação, destacam-se dois exemplos, não mais na comparação entre leste e oeste, Alagadiço ou Cachoeirinha, mas a partir de um mesmo riacho, demonstrando como se transforma a forma como os relacionamos e percebemos. Primeiro, entre localidades do Alagadiço: Buraco da Gia (médio baixo curso) e Bosque do Bem (médio alto curso), ambos nas proximidades de uma grande via de veículos que inicia como BR 020 e se transforma em Avenida Bezerra de Menezes.

O primeiro está canalizado (Figuras 58 a 61), teve toda sua vegetação e árvores derrubadas, o que estimulou a invasão de população sem acesso à cidade e à moradia, quando antes era uma área produtiva dentro do Campus do Pici por comunidades vizinhas que plantavam suas roças. Enquanto o segundo foi requalificado (Figuras 42 e 44), teve árvores nativas plantadas, gabião construído e novas moradias apenas para quem tem alto poder aquisitivo, quando antes era um “matagal maior do mundo”, como percebe uma colaboradora da pesquisa. O primeiro é sinal de insegurança, vulnerabilidade socioambiental e medo. O segundo é luxo, contato com natureza e segurança 24 horas, cuja manutenção da área pública é realizada por fins privados.

Assim, enquanto a parceria público-privada (PPP) executou a reforma do que se chamou “primeiro trecho inaugurado do parque” ao lado de torres residenciais em 2015, a prefeitura municipal canalizou uma área ainda “natural” em 2012, mas que poderia ser integrada ao parque linear se tivesse sido realizado o uso de gabião em vez de canalização, como previa o projeto do próprio município e demandavam os movimentos sociais. Certamente,

há forças e interesses em questão ao não privilegiar certas áreas, o que superaram o escopo desta pesquisa. No entanto, o caso ilustra como a forma de se perceber o riacho muda conforme o território e a população o ocupam.

Para exemplificar em outra comparação (e podem ser muitas outras) apenas para título de exercício final, tem-se a análise descritiva entre a comunidade Sovaco do Peba entre Henrique Jorge e Dom Lustosa (a médio baixo curso do riacho Cachoeirinha), e a encruzilhada entre a fábrica Terceira Via, o posto Estrela, um galpão e uma sucata em área verde (em seu médio curso). Esta comunidade (Figuras 89 e 90), que tem seus fundos de lote virados para o riacho, certamente, direciona as tubulações de esgoto diretamente para o fluxo do rio. Por outro lado, a fábrica e o posto de gasolina (Figuras 79, 80 e 82) instalados na área onde relatos rememoram da existência de um antigo açude Pici e das cacimbinhas (popularmente conhecidas por toda a região), produzem resíduos poluentes próprios do tingimento e da lavagem de *jeans*, bem como a emissão de fluidos advindos do armazenamento de gasolina no subsolo.

Se verificado o impacto, o que polui mais? Como fazer essa medição? Obviamente, não é o que está em questão. Até porque, como diz um dos entrevistados, “o esgoto da CAGECE vai todo para o riacho”, de toda e qualquer maneira, ainda que as moradias tivessem integração ao sistema de saneamento da região. Ou ainda que se deseje aferir, pode-se apenas entender que um tipo de resíduo é o orgânico e que os outros são químicos. Porém... enquanto as ocupações da favela a beira-rio que forma uma vila muito estreita podem representar miséria e criminalização, aos olhos de fora; as empresas instaladas na Av. Professor Heribaldo Costa irradiam “progresso” e, assim como os vários galpões sem identificação com seus grandes muros, apenas escondem a relação hídrica que já foi tão importante para as comunidades que ali se instalaram na formação deste território/região.

Ou seja, a depender dos agentes, a forma como os danos são notados dá-se de maneira diferente, ainda que ambas as partes estejam ocupando “regular” ou irregularmente as margens do rio. No entanto, aqui, não se pode deixar de reconhecer que o acoplamento, a vinculação, é outra. Se as empresas utilizam os cursos d’água para se livrarem ou lavarem seus resíduos, além de, provavelmente, utilizarem as águas subterrâneas como fontes, há pessoas dessa mesma comunidade que mantiveram ou até mantêm relação com o ecossistema ribeirinho. Isso ocorre ainda que, em grande parte, essa conexão esteja fragilizada pela poluição das águas, correntes, córrego, que foram destituídas do potencial biológico e social que geravam, como fonte de alimentação e autonomia para famílias que fugiam da fome e se mantinham sem depender de servirem ao mercado de trabalho permanentemente.

Os novos empreendimentos podem usufruir e ser valorizados pela presença de um pequeno trecho “preservado” como produto a ser pago para pertencer, mas seus proprietários provavelmente não compreendem na prática a sua importância para além da estética paisagística proporcionada pelas áreas verdes destinadas a especulação imobiliária, exceto como algo bonito, mas poluído. Paralelamente, partindo da perspectiva que as ocupações pra moradia são criminalizadas ambientalmente pela forma como estão instaladas e expressam a ideia de atraso ao desenvolvimento urbano, elas representam mais a negligência governamental em inúmeros aspectos, como será analisado mais adiante.

Fato que ambos os riachos tiveram seus mananciais e/ou sangradouros aterrados, o que não é demérito exclusivo de nenhum. Suas lagoas de captação tiveram suas margens cimentadas e cercadas de muros, como no caso do açude João Lopes (Figuras 29 e 30), soterradas por pistas como a Lagoa da CINCOL (sem registros, exceto narrativos, ver Apêndice D). Seus sangradouros foram deslocados para lagoas artificiais, como a Lagoa Alagadiço ou Lagoa São Gerardo (Figura 33 a 35), visando controlar os fluxos modificados pela urbanização e também valorizar os terrenos ao redor, visto que antes eram lembrados anteriormente pelas enchentes (Figura 31) e pela pobreza (Figura 26).

Essa busca por dominar as forças das águas, que se tornam “revoltas” quando perdem seu ambiente ecossistêmico de matas ciliares, é própria das atividades antrópicas, em especial em ambientes urbanos. Enquanto os movimentos ambientalistas prezam pela preservação e recuperação de espécies, por compreenderem a relação e dependência múltipla entre seres para a qualidade e sustentabilidade de vida — favorecida por tecnologias simples como o uso de gabião nas construções das margens dos rios —, a população em sua maioria ignora esse tipo de “detalhe”, porque está mais interessada na reprodução de sua vida, no cotidiano capitalista. O que se manifesta, por exemplo, na preocupação de não se perderem seus móveis na próxima chuva por conta de uma enchente ou deslizamento de solo, nos períodos chuvosos.

Portanto, de todo modo, a canalização de trechos do riacho trouxe benefícios como o controle de fluxos, que permitiu a instalação e/ou permanência de moradias mais próximas, sejam prédios às margens do riacho Alagadiço na Avenida do Canal (Figura 38, 39 e 41), bairro São Gerardo, seja a favela no riacho Cachoeirinha na Rua Dr. Pedro Augusto (Figuras 99 a 101), bairro Dom Lustosa. As diferenças residem, talvez ou principalmente, em como se dão, persistem ou se transformam as relações com o lugar, primeiramente. Assim, se for comparada a aparência de jardim com gramados e arbustos de flores, a fim de evitar que cresçam matagais que representem riscos e gerem medo, na beira do canal na região com famílias de mais poder

aquisitivo e, por outro lado, for observada a calçada com guarda-corpo, sendo esta a própria margem do rio, onde a vizinhança instalou pontos de tapioca, mesas de bares, sinucas, dentre outros usos junto às sombras das árvores, tem-se novamente o contraste entre um lugar para contemplar/controlar versus outro para se viver, usar, e ser parte.

A perspectiva dessas comunidades ainda se vincula, convive, mora, circula em meio a antigos usuários cujos conhecimentos e vivências do passado resgatam na memória os tempos em que foram férteis, havendo ainda aqueles que persistem em alguma pesca, como forma de lazer e alimento das espécies que conseguiram sobreviver à poluição. Por outro lado, para muitos que não o conheceram em vida ou por histórias, o riacho passa invisibilizado como canais de esgoto ou drenagem urbana. Em zonas comerciais, os riachos desaparecem soterrados por estacionamentos de shopping, condomínios, canalizados por ruas, muros, avenidas, gerando um conforto urbano que já não se interessa por quais espécies existiram.

Ainda assim, adaptável a novas rotas e margens, os fluxos fortes, fracos ou parados não deixam de fluir. Suas fontes brotam nos chafarizes, como o re-existente no Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio, em bueiros espalhados pelos muros e nas empresas engarrafadoras de água instaladas no Planalto Pici. Mas, ao passo que a gestão urbana seleciona ou privilegia o que, como e onde executa ou não ações alinhadas ao projeto de parque linear, as áreas sem valor econômico para o mercado são ignoradas e seu valor ambiental se perde, embora algumas pessoas persistam em lembrar e dizer. Porém, se esses riachos podem voltar a ser esplêndidos, reunir e alimentar aves, plantas, répteis e anfíbios, e se isto pode trazer inúmeros benefícios de melhoria do clima, redução do calor, dentre outros, por que tantas diferenças no tratamento? Não se trata apenas de hábitos difíceis de se mudar: há intencionalidades em dar e se tirar valores.

Sobre isso, o último exemplo para terminar a conclusão é o caso de uma obra em curso, iniciada na finalização desta pesquisa, cujos resultados são incertos, porém, o processo é nítido: a destruição total do antigo sítio Ipanema (Figuras 88 e 89), cujos terrenos dos fundos na outra margem do riacho são moradias de favela, para a construção de um supermercado que simplesmente cimentou todo o terreno. Tal ação impediu o sonho das lideranças e moradores em ver dali o tal parque da zona oeste de Fortaleza com valor patrimonial e ecológico inestimável, o qual foi destituído. Não foi por falta de espaço, pois havia e ainda existem outros terrenos para a construção de obras comerciais diversas. Quanto aos riachos, não. Portanto, não houve ou não há um alinhamento dentro da própria governabilidade do município em associar meio ambiente e infraestrutura, o que se torna uma problemática recorrente em diversos momentos passados e futuros.

Fato que, assim, se completou a total subversão das áreas naturais a oeste do Campus do Pici, exceto pelo trecho do riacho Alagadiço em Antônio Bezerra (Figuras 66 a 69) e áreas de sítios particulares cercados por casas (Figura 74). Enquanto a leste do campus universitário, onde existe toda uma infraestrutura de urbanização com prédios e outros equipamentos comerciais, há ainda a área detrás de uma escola particular (Figuras 49 e 50), do qual um dos entrevistados adiantou a existência de um investimento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para construção de uma grande obra que utilizará a estética dos alagados para implementar um setor do parque: Onde? Para quem?

Parece, sob o risco desta pesquisa, haver um tipo de cidadão e região que mereça ter os cursos das águas renaturalizados com tecnologias acessíveis de gabião, em áreas requeridas por grandes empreendimentos, enquanto outro tipo, ao perder o papel ecossistêmico dos riachos, tem também destruída a sua autonomia. Talvez, essas negociações escusas na implementação ou não de planos diretores de cidade visem levar “desenvolvimento” que significa controlar e minimizar a natureza. E depois que a mesma está poluída e desnaturalizada, não é mais possível que produza alimentos. Para isso, as comunidades ribeirinhas precisam “trabalhar” acessando o mercado como trabalhadores marginalizados e fragilizados pela falta de opções, para retornarem como massa de consumidores, enquanto os projetos arquitetônicos de áreas verdes renaturalizadas são vendidos como um produto de modernidade e luxo.

Em resumo, a urbanização excludente distanciou a população desses recursos e, conseqüentemente, as gerações seguintes já não souberam dar-lhes o devido valor. Este cenário favoreceu a apropriação, pelo mercado, tanto da natureza quanto das pessoas (sua força de trabalho, vivências e imaginários). Ao passo que se degrada este recurso, a água ganha valor de compra e venda; a lavadeira se torna diarista; o neto de pescador torna-se caixa de supermercado; o rio é coberto para se tornar pista de passagem para transportes públicos lotados; a criança que pescava e brincava já não tem mais acesso nem lazer, irá retornar a violência causada pela falta de referências culturais em suas raízes.

É preciso deixar em destaque que a(s) comunidade(s) era(m) o rio: nos fazeres, nas proibições da mãe, no lazer e nos alimentos. Portanto, a desterritorialização do riacho é mútua e ambos perdem. Para além do discurso do “verde” como um valor a ser pago para poder acessá-lo (ALVES, 2013) — o que expulsa antigos moradores pela aquisição de suas terras e concentra diversas obras ambientalmente sustentáveis em espaços específicos das urbes —, é fato que a natureza não diferencia sua atuação pela renda, escolaridade ou cor. Por isto, trata-se apenas de uma decisão: dialogar ou não com ela, suas leis ambientais, seus elementos e variáveis. A partir

do momento em que se vê o ambiente pelo que ele é e não pelo que o capital entende, pode-se assim construir outra relação, cultivar e colher seus “frutos”.

Isto inicia pela compreensão que um rio não é apenas a calha por onde escorre as águas, como deduz Leonardo a partir da forma de atuação das políticas públicas de canalização. Um rio, um riacho, uma lagoa é principalmente o ecossistema que mantém com as águas da chuva e subterrâneas, com a umidade relativa do ar, o relevo e a vegetação, com as espécies aquáticas, terrestres e do ar, enfim, quando destruímos a comunicação entre estes diferentes subsistemas, interferimos diretamente na qualidade das águas e nas existências de outras espécies, indispensáveis a qualidade de vida humana. Por isso, é urgente que haja esta nova visão crítica, integrada e sistêmica, pois não sabemos até quando a cidade poderá explorar e usurpar os recursos de outras áreas sem planejar sua própria sustentabilidade, como demonstra já ter existido a partir dos diversos relatos de autonomia, conhecimentos, usos e alteridade com a natureza aqui descritos pelas narrativas.

Isto se inicia pela compreensão de que um rio não é apenas a calha por onde escorrem as águas, como deduzido por Leonardo a partir da forma de atuação das políticas públicas de canalização. Um rio, um riacho, uma lagoa é, principalmente, o ecossistema que se mantém com as águas da chuva e subterrâneas, com a umidade relativa do ar, o relevo e a vegetação, com as espécies aquáticas, terrestres e do ar. Enfim, quando se destrói a comunicação entre estes diferentes subsistemas, interfere-se diretamente na qualidade das águas e na existência de outras espécies, indispensáveis à qualidade de vida humana. Por isso, é urgente que haja esta nova visão crítica, integrada e sistêmica, pois não se sabe até quando a cidade poderá explorar e usurpar os recursos de outras áreas (de onde vem sua água, energia e recursos) sem planejar sua própria sustentabilidade, como se demonstra já ter existido a partir dos diversos relatos de autonomia, conhecimentos, usos e alteridade com a natureza aqui descritos pelas narrativas.

Em última instância, esta dissertação demonstra que os riachos, como metáfora e realidade concreta da organização urbana, são o ponto de convergência de forças onde a lógica excludente da cidade se materializa e se perpetua. A luta pela água e pela vida em suas margens é, portanto, a luta pela própria memória, contra a invisibilização da existência daqueles que não se inserem no projeto hegemônico de urbanização. Ao documentar a desterritorialização mútua, do rio e de suas comunidades, desvenda-se que a sustentabilidade não reside apenas na tecnologia de mitigação ou no discurso do “verde”, mas sim na democratização e descentralização do direito a um meio ambiente saudável.

Reverter este quadro exige, primeiramente, a desconstrução da noção fragmentada e utilitária do ambiente, que vê o riacho como recurso a ser especulado. É urgente a implementação de uma visão crítica, integrada e sistêmica nas políticas públicas ambientais e de infraestrutura, que reconheça o rio em sua totalidade ecossistêmica e cultural. Que as narrativas e vivências aqui reunidas sirvam de base para o diálogo entre a academia, as comunidades e poder público, construindo não apenas inúmeras versões de projetos para parques lineares, mas sim a prática de territórios vivos, onde a água possa voltar a ser o vínculo que alimenta, proporciona lazer e autonomia, em vez de ser o divisor que segrega, polui e criminaliza.

Por fim, a metodologia adotada, centrada na História Oral e Ambiental, abre caminhos para a continuidade da pesquisa e a intervenção em Educação Ambiental permanente. O uso de ferramentas digitais, como a plataforma MyMaps para georreferenciamento das entrevistas e imagens, demonstrou ser um instrumento pedagógico poderoso para a análise crítica comparativa, capaz de dar a ver as contradições territoriais, ao passo que localiza, delimita, descreve, coleta, organiza, analisa, compara dados, contribuindo para o planejamento de intervenções comunitárias, por exemplo. Essa articulação estimula a leitura crítica das paisagens e dos ecossistemas por parte de estudantes e comunidades, permitindo que os sujeitos da formação compreendam o rio não apenas como um objeto de estudo, mas como um processo vivo e em disputa. Assim, a pesquisa se desdobra em uma ferramenta de conscientização contínua, capaz de fomentar o senso crítico e o engajamento na defesa dos territórios hídricos urbanos.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. O Conceito do Espaço Total e a problemática da reorganização dos espaços regionais. *In*: LOCH, Ruth e CAMPOS, Nazareno (org.). **Resgate Histórico das Semanas de Geografia da UFSC**. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1995. p. 96-104.
- AGUIAR, A. **Entrevista II**. Entrevistador: Geovana Correia Nunes. Fortaleza, 2017. 2 arquivos (97 min.), Fortaleza, 2017.
- ALMEIDA, L. Q.. **Vulnerabilidades socioambientais de rios urbanos**: bacia hidrográfica do rio Maranguapinho, região metropolitana de Fortaleza, Ceará. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.
- ALMEIDA, R. de C.. A Memória dos Idosos como Instrumento de Avaliação dos Impactos da Urbanização sobre os Recursos Hídricos. *In*: FELICIDADE, N.; LEME, A.A. (org.). **Uso e Gestão dos Recursos Hídricos no Brasil**: Velhos e Novos Desafios para a Cidadania. São Carlos, Editora RIMA, 2003.
- ALVES, T. C. V.A. **Parque urbanos de Fortaleza/CE**: espaço vivido e qualidade de vida, 2013. Tese (Doutorado em Geologia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.
- ANDRADE, B. O. Imagem e Memória-Henri Bergson e Paul Ricoeur. **Revista Estudos Filosóficos**, São João Del Rey, n. 9, p.136-150, 2012A.
- ANDRADE, M. J. F. S. **Fortaleza em perspectiva histórica**: poder publico e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade 1810-1933. Tese de Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012B.
- ARAUJO, M. V. *et al.* Zoneamento geoambiental e estudo geológico da bacia do rio Maranguapinho/CE. *In*: Simpósio brasileiro de recursos hídricos, 17., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [s.n.], 2007.
- AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BENTO, V. R. S. **Centro e periferia em Fortaleza sob a ótica das disparidades na infraestrutura de saneamento básico**. 2011. Mestrado (Dissertação em Geografia - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- BEZERRA, H. Final dos Anos 40. **Blog Vila Ellery**. Fortaleza. 30 mar 2003. Disponível em: <http://vilaellery.blogspot.com.br/2010/03/final-dos-anos-40.html>. Acesso em: 30 jan 2017.
- BRASIL. Agência Nacional de Águas (ANA). **Diagnóstico da outorga de direito de uso de recursos hídricos no Brasil**: fiscalização dos usos de recursos hídricos no Brasil. Brasília: ANA, 2007 (Cadernos de recursos hídricos, 4). 1 CD-ROM. Disponível em: http://www.ana.gov.br/AcoesAdministrativas/CDOC/CatalogoPublicacoes_2007.asp. Acesso em: 30 ago. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, 2012**. Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, 13 jun. 2013. Seção 1 p. 59.

CASTRO, R. A. **Quando o Rio vira Risco**: estudo da história social do rio Maranguapinho. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em História. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CHRISTOFOLETTI, A. **Análise de Sistemas em Geografia**, HUCITEC/EDUSP, São Paulo, 1979.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. 2.ed. Edgard Blücher. São Paulo, 1980. 188p.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgard Büchler, 1999.

CHUVAS 24 de abril de 1997. Fortaleza, 2013. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B-Z32WoOyVc>. Acesso em: 30 jan. 2017.

COMPANHIA DE GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS. **Plano de Gerenciamento das Bacias Metropolitanas**: Revisão do Plano de Gerenciamento das águas das Bacias Metropolitanas e elaboração dos planos de gerenciamento das águas das bacias do litoral Acaraú e Coreaú, no Estado do Ceará. Fase 1, Bloco 1. Programa Nacional de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos – Proágua Nacional, Fortaleza. 2010.

COSTA, L. M. S. A. Rios urbanos e o desenho da paisagem. *In*: COSTA, L. M. S. A. (org.). **Rios e paisagem urbana em cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/Editora PROURB, 2006.

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. Degradação ambiental. *In*: CUNHA, S.B.; GUERRA, A.J.T. **Geomorfologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 337-374, 1996.

DANTAS, E.; SILVA, J.; COSTA, M. C. L. **Da cidade à metrópole**: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

DIARIO DO NORDESTE. Uma floresta na cidade. **Diário do Nordeste**. Fortaleza. 21 mai. 2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/uma-floresta-na-cidade-1.208066>. Acesso em: 30 jan. 2017.

DREW, D. **Processos interativos homem-meio ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DRUMMOND, J. A. A. História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, São Paulo, v.4, n.8, p.177-97, 1991.

DURAN, M. R. C.; BENTIVOGLIO, J. Paul Ricouer e o Lugar da Memória na historiografia contemporânea. **Dimensões**, Vitória, v. 30, p. 213-244, 2013.

DUTRA, A. Justiça estadual determina fechamento do North Shopping. **O Povo**. Fortaleza, 31 ago 2007. Disponível em:

<http://inventarioambientalfortaleza.blogspot.com.br/2007/12/reportagem-do-jornal-o-povo-sobre-o.html>. Acesso em: 30 jan. 2017.

ESCOBAR, I. Humedales, ríos, ciudades y paisajes territoriales. Una relación ambiental del territorio. *En*: MONTAÑEZ, G. *et. al.* **Espacio y territorios: Razón, Pasión e Imaginarios**. Universidad Nacional de Colombia. Red Espacio y Territorio (RET), Bogotá, p. 147-166, 2001.

ESTEVES, L. Programa Meu Bairro na TV: Henrique Jorge. **CETV 1ª edição**. Fortaleza. 22 abr 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vaxMCWvBBVY>. Acesso em: 31 jan. 2017.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. **Drenagem e Manejo das águas pluviais do município de Fortaleza**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, Plano Municipal de Saneamento Básico da Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (SEUMA), 2015.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Prefeitura de Fortaleza recebe menção honrosa das Nações Unidas pelo projeto de parque Rachel de Queiroz. **Site da P.M.F.**, Fortaleza, 09 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-recebe-mencao-honrosa-das-nacoes-unidas-pelo-projeto-parque-rachel-de-queiroz>. Acesso em: 15 jul. 2017.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal de. Revitalização do Polo de Lazer da Sargento Hermínio segue em ritmo acelerado. **Site da P.M.F.** Fortaleza, 7 ago. 2015. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/revitalizacao-do-polo-de-lazer-da-sargento-herminio-segue-em-ritmo-acelerado>. Acesso em: 15 de jul. 2017.

FORTALEZA, Prefeitura Municipal. **Inventário ambiental de Fortaleza**. Fortaleza: Secretaria Municipal de Meio Ambiente / SEMAM, 2003.

FORTALEZA. **Decreto Municipal nº 13.292, de 14 de janeiro de 2014**. Dispõe sobre a criação do Parque Linear Rachel de Queiroz. Diário Oficial do Município, Fortaleza, 14 jan. 2014.

FORTALEZA. **Decreto Municipal nº 13.764, de 08 de março de 2016**. Altera o Decreto Municipal nº 13.292, de 14 de janeiro de 2014, o qual dispõe sobre a criação do Parque Linear Rachel de Queiroz. **Diário Oficial do Município**, Fortaleza, 08 mar. 2016.

FORTALEZA. **Decreto Municipal nº 14.027, de 30 de maio de 2017**. Declara de utilidade pública e interesse social as obras de urbanização, paisagismo, drenagem, terraplenagem, estruturas e instalações do Parque Linear Rachel de Queiroz, localizado em 19 trechos nas Regionais I e III, no Município de Fortaleza/CE. Diário Oficial do Município, Fortaleza, 30 mai. 2017.

FREITAS, C. F. S. A produção desequilibrada do meio ambiente urbano de Fortaleza e o papel do movimento ambientalista. *In*: Encontro nacional da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em ambiente e sociedade. **Anais [...]**. Indaiatuba: ANPPAS, 2004, p. 203.

FUNDAÇÃO CEARENSE DE METEOROLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS. **Ceará passa pela pior seca prolongada desde 1910**. Secretaria de Recursos Hídricos. Fortaleza. 12 set

2016. Disponível em: <http://www.funceme.br/index.php/comunicacao/noticias/740-cear%C3%A1-passa-pela-pior-seca-prolongada-desde-1910#site>. Acesso em: 30 jan. 2017.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: Encontro dos geógrafos da América Latina. **Anais** [...]. São Paulo: USP, 2005. p. 6774-6792.

HONÓRIO, B. Açude João Lopes. **Blog Vila Ellery**, Fortaleza, 10 de março de 2010. Disponível em: <https://vilaellery.blogspot.com/2010/03/acude-joao-lobes.html>. Acesso em: 30 jan. 2017.

IBI TUPI, Projetos e Consultoria. Parque Rachel de Queiroz. **Portifólio do Estudo de Viabilidade Ambiental (EVA)**, 2004. Disponível em: <https://ibitupi.wordpress.com/portfolio/parque-rachel-de-queiroz/>. Acesso em: 30 nov. 2016.

ICM. **Anuário da Responsabilidade Socioambiental Chico Mendes: premiados 2007**. Brasil: Instituto Chico Mendes, 2007. Disponível em: http://institutochicomendes.org.br/anuario/?page_id=1329. Acesso em: 30 nov. 2016.

JUCÁ, G. N. M. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária da UEC, 2003.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEVI, G. Sobre a *Micro-História*. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp. 1992. p.133-161.

LIMA, B. P.; CALDAS, M. S.; CAMPOS, R. Subsídios para um plano de gestão dos recursos hídricos da bacia do rio Maranguapinho – Ceará, Parte I: diagnóstico ambiental e áreas críticas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS. **Anais** [...]. São Paulo: [s.n.], 2007, p. 90.

LOPES, A. R. S. História Ambiental: uma demanda contemporânea. **Caderno de Pesquisa CDHIS**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 483- 496, jul./dez. 2010.

LOUREIRO, C. V. **A Vulnerabilidade como indicador de qualidade ambiental em área do baixo curso dos rio Maranguapinho e Ceará/CE**: subsídios para o zoneamento ambiental. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAIA NETO, E. F. Do Banho “de Chuva” e outras “Danações”: Sociabilidades nos “Tempos de Meninos” em Fortaleza (1890-1940). **Sæculum: Dossiê História e Práticas Cotidianas**. Fortaleza, v. 2, n. 27, p. 56-78, 2012.

MAIA, I. C.; MEIRELES, A. J. A. **A transfiguração das paisagens da bacia hidrográfica do Rio Maranguapinho no município de Maranguape – CE**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

- MARTINEZ, P. H. História ambiental: um olhar prospectivo. **Cad. Pesq. CDHIS**, Uberlândia, v. 24, n. 1, 2011.
- MENDONÇA, F. Geografia física: ciência humana? 7. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- METZGER, J. P. O que é Ecologia de Paisagens. **Biota neotropica**, São Paulo, v.1, n.1, p. 1-9, 2001.
- MORO, M. F. et al. Vegetação, unidades fitoecológicas e diversidade paisagística do estado do Ceará. **Rodriguésia** [S.l.], vol. 66, n.3, pp.717-743, 2015.
- MOTA, N. **Entrevista III**. Entrevistador: Geovana Correia Nunes. Fortaleza, 2017. 1 arquivos (41 min.), Fortaleza, 2017.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 2, n.10, p.7-28, 1993.
- OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Como anda Fortaleza?**. Fortaleza: UFC/FASE, 2005.
- OLIVEIRA, E. **Entrevista V**. Entrevistador: Geovana Correia Nunes. Fortaleza, 2017. 3 arquivos (1 hora e 39 min.), Fortaleza, 2017.
- OLIVEIRA, R. N. N. O processo de modernização de Fortaleza. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC. **Anais da XII Semana de História da FECLESC: desafios contemporâneos**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Projetos urbanos premiados pela ONU valorizam espaços públicos e mobilidade não motorizada**, Brasil, 9 mar. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/projetos-urbanos-premiados-pela-onu-valorizam-espacos-publicos-e-mobilidade-nao-motorizada/>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 9, n. 14, p. 25–39, 1997a.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13–49, 1997b.
- PRIGOGINE, I. A ciência na era de transição. **Parcerias Estratégicas**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 82–85, 1997.
- PRIORI, A. A.; PAIXÃO, L. A. A paisagem como fonte histórica e como produtora de memória. **História Revista**. Goiás: UFG Impresso, v. 20, p. 158-167, 2015.
- REVEL, J. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, 2010.
- ROCHA, M. Arie da Matinha do Pici vira lei e passa a proteger 47 hectares de mata nativa em Fortaleza. **Ceará Notícias**. Fortaleza, 15 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.cearaenoticia.com.br/2016/04/arie-da-matinha-do-pici-vira-lei-e.html>. Acesso em: 15 jun. 2017.

RODRIGUEZ, *et al.* **Geocologia das Paisagens**: uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

SALES, J. Criado Movimento Pro Parque Rachel de Queiroz. **Inventário Ambiental Fortaleza**, Fortaleza, 22 out 2007. Disponível em: <http://inventarioambientalfortaleza.blogspot.com.br/2007/10/criado-movimento-pr-parque-rachel-de.html>. Acesso em: 30 jan. 2017.

SALES, J. População realiza protesto contra obra não autorizada em área verde. **Inventário Ambiental Fortaleza**, Fortaleza, 9 set. 2011. Disponível em: <http://inventarioambientalfortaleza.blogspot.com.br/2011/09/populacao-realiza-protesto-contra-obra.html>. Acesso em: 30 jan. 2017.

SAMPAIO, L. **Entrevista I**. Entrevistador: Geovana Correia Nunes. Fortaleza, 2017. 3 arquivos (93 min.), Fortaleza, 2017.

SANTOS, J. O. **Estudo da fragilidade e riscos ambientais em áreas urbanas**: contribuição ao ordenamento territorial no município de Fortaleza-Ce. 2011. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Territórios e territorialidade**: teorias processo e conflitos. Organizado por Marcus Aurélio Saquet & Eliseu Savério Spósito. São Paulo. Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009, p37-56.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 73-94. (Geografia em Movimento).

SARAIVA, M. da G. A. N. **O rio como paisagem**: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SENRA, Marcia Cristina Senra Marinho de Lima. **Ciências Sociais e Questão Metodológica**: fontes orais, história de vida e memória. 2013. Disponível em: blog.newtonpaiva.br/pos/wp-content/uploads/2013/02/E4-CS-03.pdf. Acesso em: 30 jan. 2017.

SILVA, A. C. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. *In*: SANTOS, M.. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 25-37.

SOARES, J. M. B. **Parque Ecológico do Cocó**: a produção do espaço urbano no entorno de áreas de proteção ambiental. Fortaleza: edUFC, 2005.

SOBRAL, V. Rachel de Queiroz. Inaugurado primeiro trecho urbanizado do parque. **O Povo**, Fortaleza, 26 julho 2015. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/>. Acesso em: 07 jan. 2015.

THEOPHILO, R. A. M. Relatório sobre a proposta de canalização do Riacho Alagadiço: Impactos e Soluções Alternativas. **Carta do Movimento Pró-Parque Rachel de Queiroz à Prefeitura Municipal de Fortaleza**, 2011.

TRAVASSO, L. S. M. Uma história não contada: o campo de concentração para flagelados de 1915 em Fortaleza – Ceará. *In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA UNICAMP. Anais [...].* Campinas: UNICAMP, 2011, p. 34.

VITAL, J. **Entrevista VI**. Entrevistador: Geovana Correia Nunes. Fortaleza, 2017. 1 arquivos (37 min.), Fortaleza, 2017.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **HISTÓRIA DE FORTALEZA**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hist%C3%B3ria_de_Fortaleza&oldid=49771713.
Acesso em: 5 jun. 2017.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n.8, p.198-215, 1991

XIMENES, Raimundo Nonato. **De Pirocaia a Montese**: fragmentos históricos. Fortaleza: Raimundo Nonato Ximenes , 2004.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Olá, sou Geovana, estudante do Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento (PRODEMA/UFC). Desde muito jovem, tive curiosidade sobre os riachos Cachoeirinha e Alagadiço, pois foram cenários para diversas fases da minha vida. Porém, nunca pude tomar banho ou pescar de maneira sadia em suas águas, lagoas e açudes. E, conversando com pessoas sobre 40 ou 50 anos atrás, sempre ouvi histórias curiosas sobre eles, o que me despertou cada vez mais o interesse em **registrar e organizar** essas narrativas.

Para isso, iniciei conversando com lideranças do Movimento Pró Parque Rachel de Queiroz que, assim como eu, são do movimento ambiental de Fortaleza. Dali, passei a reunir mapas, fotografias, notícias, diagnósticos e pesquisas sobre a bacia hidrográfica desses riachos e a formação dos territórios na Zona Oeste de Fortaleza. Agora, desejo encontrar pessoas que queiram e possam contar, dialogar e recordar sua relação com os riachos Cachoeirinha e/ou Alagadiço, em entrevistas gravadas que me ajudem a reconstruir a história ambiental de seus fluxos hídricos a partir de experiências, percepções e memórias.

Este é um convite para você participar desta pesquisa. Sua participação pode ser aceita ou recusada a qualquer momento, sem necessidade de justificativa, e não implicará em remuneração. A colaboração é **voluntária**, ou seja, de livre consentimento após o esclarecimento de todas as suas dúvidas. Os benefícios de sua participação poderão ser:

- A **valorização** de memórias sobre os referidos riachos, tributários e mananciais.
- A diversificação de interpretações sobre os impactos e/ou vantagens das mudanças trazidas pela urbanização na relação com eles.
- O fortalecimento do sentimento de pertença local e do valor socioambiental destes riachos e seus ecossistemas para a população usuária de suas águas na cidade.

Há, porém, o risco de você se sentir constrangido ou alheio a alguma pergunta. Quanto a isto, você pode negar-se a responder a qualquer momento ou pedir para deletar qualquer trecho da gravação, sem sofrer qualquer retaliação. A entrevista deve levar aproximadamente **20 a 40 minutos** do seu tempo, podendo se estender conforme seu desejo.

Seus dados só serão divulgados conforme as suas próprias escolhas. O propósito é construir, de modo colaborativo, com antigos moradores e **usuários** dessas águas, reunindo registros e contando uma história através de quem a viveu. Assim, o registro poderá (ou não): Ter sua identidade real ou anônima; Ficar arquivado, integral ou parcialmente, em dispositivo privado ou público; Ser utilizado numa página na internet com um mapa que apresenta trechos das narrativas localizadas na região específica, para uso de estudantes, pesquisadores e educadores; Os resultados gerais da pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos da pesquisa e podem ser publicados em congresso e em revista científica especializada.

Por fim, reafirmo que todos os procedimentos éticos serão respeitados, quanto:

- Sua liberdade para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa sem sofrer qualquer forma de retaliação ou danos;
- Ao uso e identificação de seus dados;
- Ao uso e arquivamento das entrevistas, seja parte ou apenas trechos.
- Às partes selecionadas que poderão ou não compor a publicação em mapa com acesso virtual.

Aos resultados gerais da pesquisa que, tal como autorizada, poderão ser **publicados** com interesse **científico**. Demais usos só poderão ocorrer com o seu consentimento e autorização prévia.

Qualquer dúvida ou consideração sua pode ser feita ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFC (CEP/UFC), que resguarda este meu compromisso.

Endereço da responsável pela pesquisa:

Pesquisador Responsável: GEOVANA CORREIA NUNES

Instituição: Universidade Federal do Ceará / PRODEMA

Endereço: Centro de Ciências, Bloco 902, Campus do Pici

Telefones para contato: (85) 3366-9781

E-mail: antropoietica@gmail.com

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a sua participação na pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000

Rodolfo Teófilo fone: 3366-8346.

O abaixo assinado _____, ____ anos, RG: _____. declara que é de livre e espontânea vontade que está participando da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste termo e que minha participação é de caráter voluntário e não serei remunerado.

Pesquisador Responsável: _____

Data: __/__/__

Participante: _____

Data: __/__/__

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS (FOTOS E VÍDEOS) E DE VOZ (ENTREVISTA)

Eu, _____, CPF _____, **AUTORIZO** a GEOVANA CORREIA NUNES, coordenadora da pesquisa intitulada: PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES ENTORNO DOS RIACHOS CACHOEIRINHA E ALAGADIÇO - A OESTE DE FORTALEZA: RELATOS SOBRE FLUXOS HÍDRICOS, BIODIVERSIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS a fixar, armazenar e exibir a minha imagem e voz por meio de fotos, trechos de falas e vídeos com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais.

Para tanto, específico sobre a abrangência desta autorização de acordo com a seleção de dois dos itens abaixo (e, conseqüente, exclusão dos demais), que consideram:

- O uso de minha imagem e voz, exclusivo, para fins acadêmicos aqui estabelecidos;
- O uso de minha imagem e trechos de fala para fins acadêmicos e cartográficos, podendo ser publicado e ser mantido acessível para o público geral na internet;
- A preservação do meu anonimato;
- A explicitação de minha identidade associada unicamente aos relatos à pesquisa.

A pesquisadora responsável GEOVANA CORREIA NUNES, assegurou-me também que os dados serão armazenados em meio Banco Virtual Privado, protegido por senha, e serei consultado para autorizar outros usos para além deste aqui conferido.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens e gravações.

Assinatura do participante da pesquisa

Fortaleza, _____ de _____ de 2017,

Assinatura do pesquisador responsável

ESTE DOCUMENTO DEVERÁ SER ELABORADO EM DUAS VIAS; UMA FICARÁ COM O PARTICIPANTE E OUTRA COM O PESQUISADOR RESPONSÁVEL.

APÊNDICE C - ENTREVISTA 01 (LEONARDO SAMPAIO)

DATA DA ENTREVISTA: 22 de maio de 2017

LOCAL DA ENTREVISTA: Espaço Cultural Frei Tito de Alencar (ESCUTA) – Planalto Pici

NOME DO ENTREVISTADO: Leonardo Sampaio

NOME DA ENTREVISTADORA: Geovana Correia

DURAÇÃO TOTAL: 93 minutos

- **ÁUDIO 01 (00:14:31)**

LEONARDO: Aqui está a Universidade (aponta para o mapa com fotografias aéreas de 1978). Isso aqui fica a Base Velha dos Americanos. Era só essa pista principal que era... a rua... Pernambuco. Mas em 78... aqui ainda tinha as pistas aonde eram as corridas de carro. Que o autódromo Virgílio Távora, quando ele foi construído, é que ele saiu daqui. Então, nos anos 60 até mais ou menos... o início dos anos 70, é que começou a ser mais loteado essa região aqui. Toda essa região. Mas essa parte aqui é da Base antiga. Chama Base dos Americanos ou chamava a Base do Pici. E... até esse período aqui. Depois de 70, houve algumas ocupações que a população tentou...

GEOVANA: Setenta pra oitenta?

LEONARDO: É!

GEOVANA: Então, é uma fotografia já modificada da década anterior, né?

LEONARDO: Eu tenho uma foto de 90 que é muito interessante... aérea. Então, em 90, a gente vê os campos de futebol que tinha. Que quando eu fui diretor do Centro Social Urbano ali (na avenida Perimetral), tinha muita desova, né? Aí dentro... Porque era uma mata grande, pessoal soltava gado. Os donos de vacaria aqui, eles tiravam o leite e soltavam o gado aí dentro, principalmente nesse período de inverno, aqui dentro desse terreno aqui (circunscribe o Planalto Pici com o dedo). Aí, tinha os vaqueiros que cuidavam deles aí. Era muita pastagem de gado/ pra gado que tinha aí. Eles soltavam de manhã e de tarde recolhia...

GEOVANA: E ali é a Bezerra de Menezes, a Mister Hull? Pra cá assim, ó.

LEONARDO: É... pronto, aí vem a Mister Hull que pega a Bezerra de Menezes.

GEOVANA: A Humberto Monte...

LEONARDO: A Humberto Monte que vai sair na José Bastos.

GEOVANA: Você lembra de uma história que você me contou na primeira conversa... quando não era um projeto, ainda. E você conta que tinha umas lagoinhas aqui (aponta para comunidade do Papoco) que foi um projeto da época do... Porque, na verdade... a gente se conhece também de conversas sobre o Parque Rachel de Queiroz, mas eu ao máximo que pude, estou tentando conversar sobre os riachos. Porque se for sobre a política, é bem cruel {é... pronto...}. Mas como é sobre as transformações, a gente pode falar também a título político... que muitas coisas... é sua fala, se colocar nesse papel questionador que...

LEONARDO: É, aí eu vou trazer o riacho Cachoerinha. O riacho Cachoerinha ele tem início na Lineu Machado, no João XXIII...

GEOVANA: Ele nasce aonde? Porque hoje em dia tem tipo o espaço de uma faculdade.

LEONARDO: Ele nasce na Lineu Machado, por ali, aonde tem a praça do João XXIII {ali era a fonte}. As águas dali geram fonte do riacho Cachoerinha {hanram} e tinham mais na frente as lagoas. Tinha duas lagoas conhecidas, próximas as... antenas da rádio Assunção, que é muito antiga ali. E aonde é a Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, era um Centro de Formação da COELCE que funcionava lá. Então, ali passava o riacho aberto. Depois, de lá da Lineu Machado até a Avenida Senador Fernandes Távora... ele foi transformado em canal, canal coberto, canal... fechado de cimento. Então, ao passo que fecha ele de cimento, a população aterra as lagoas e, hoje, são moradias que estão lá no lugar onde antes eram as lagoas.

GEOVANA: Porque os riachos foram cobertos.

LEONARDO: Foram cobertos. Acabou-se o riacho, virou canal... coberto... de cimento, fechado. Então, esse trecho da Lineu Machado, pegando pro João XXII até a Senador Fernando Távora, ele é fechado. Aí, foi quando entrou a nossa... questão, a nossa defesa da preservação ambiental ali, construindo, o que eu colocava, o Polo Cultural Rachel de Queiroz, porque era um sitio... o sitio Pici. E eu andei ali e tinha animais, muitos animais...Tinha... até nambu eu vi ali, pássaro assim que não é normal encontrar, porque essa região aqui ela tinha uma mistura, ela se misturava urbano e rural (interrupção). Então, o verde que tinha aqui estava muito relacionado ao Pici... Estava muito relacionado com as vacarias, com a criação de animais que tinha, então, tinha muito verde na área. E tudo isso foi se dispersando a partir do momento que... aquela região lá acabou-se. Quem mora por ali não conhece a história desses riachos, dessas lagoas, porque foi tudo aterrado. Foi tudo aterrado. Agora... quando eu andava lá no sitio e via que tinha um açude e que a parede do açude foi quebrado... quebrou a parede do açude... mas ainda acumulava água e tinha muitos... garça, marreco, galinha d'água, tinha esses pássaros aquáticos que gostam dessas águas. Então, eles... era muito vivo ali. As árvores que tinha muito grande, uma parte de uma matinha bem virgem, bem natural... Estou falando do lugar, da casa, que a escritora Rachel de Queiroz escreveu o livro O Quinze {Hanram}, foi nesse sitio que andei, que entrei, que conheci por lá {Que é bem por aqui assim}.

É! Porque era o riacho Cachoeirinha... ele, além ali das lagoas, tinha o açude do sítio Pici. Depois ele dava continuidade com o sangradouro ali e mais aqui, chegando na... aonde hoje é a rua... Franco Rocha. Ali, tinham as cacimbinhas aonde as pessoas lavavam roupas, as crianças pescavam, brincavam, tomavam banho no riacho. Era uma água toda natural, bem limpinha, a água. As mulheres traziam roupa até da Aldeota e lavavam aqui, nas cacimbinhas. Elas vinham com as trochas de roupa e lavavam ali. Inclusive no CD Jogueiros tem uma música homenageando isto, falando disso também (Interrupção).

GEOVANA: Muito linda, essa música {É.}. Gostaria saber a quem eu poderia pedir permissão pra colocar... Porque existe essa ideia de um mapa que alguns trechos das entrevistas podem ser usados {Pode, pode} para poder tipo *linkar*... falando das cacimbinhas e tal {Isso}. E, de repente, a música pode também compor esse mapa.

LEONARDO: Pois é, a Ângela Linhares. Ela foi... os jovens contando a história deles, dos avós, das bisavós, dos... pais que lavavam a roupa ali. Que eles mesmos vinham com elas e tomavam banham ali. Ela transformou essa história nessa música. Que ficou muito legal, ficou muito bonita, contando a história dali.

GEOVANA: E aonde é que é as cacimbinhas em relação ao Pici?

LEONARDO: Hoje tem um edifício... Exatamente aonde eram as cacimbinhas foi construído um edifício. E, por último, foi construído também um prédio comercial numa outra parte dele. Foi construído aonde tinha uma grande vacaria, foi construído a fábrica Terceira Via e um bloco de apartamentos. Tudo em área de preservação, porque... área do riacho, no espaço que estava lá. A prefeitura, se tivesse respeito ao meio ambiente, jamais teria dado autorização para construir naquele espaço ali, considerando que aquele espaço ali era um riacho. Era né, eu estou dizendo já era, porque ele vai se transformando num canal a partir do momento que eles vão (Interrupção).

GEOVANA: Aqui é o DNOCS?

LEONARDO: Aqui já é o Planalto, né.

GEOVANA: Aqui é o CSU com o Horto, oh {É.}. Aqui é a curva do ônibus. Aqui ERA o sítio Ipanema... que acho sua cara também (Risos). Aqui é o Buraco da Gia, aqui é o Pici...

LEONARDO: eu tenho uma foto antiga, também, tirado do Google, ele ainda todo verde.

GEOVANA: Você tem essa fotografia?

LEONARDO: Tenho. Eu salvei ela no Google, antes de apagar. Quando vi que eles cortaram lá, e o Google não tinha apagado ainda, eu salvei. A foto do sítio Ipanema (Interrupção).

GEOVANA: Esses dois sítios aqui, oh... porque aqui deve ser a faculdade, né... esses dois sítios eu não sei bem o que eles são. Passa a curva... eu acho que a casa da Rachel de Queiroz {ainda tem uma área verde lá, né}, é bem por aqui assim, oh. Porque o ESCUTA é a Noel Rosa e Rachel de Queiroz tem a ver com a Noel Rosa, né?

LEONARDO: Tem, tem. Porque ela fica entre a Noel Rosa e a Antônio Ivo. A casa fica entre as duas. A frente está na Antônio Ivo e os fundos está na Noel Rosa.

GEOVANA: Será que a Noel Rosa é aqui? Não, porque se aqui é o CSU, aqui é a subida, né?

LEONARDO: Aqui é a Franco Rocha... né. Nesse trecho aqui... Ela vem daqui oh, aí desce na Franco Rocha e ali ela junta com a Perimetral. É ela sim. Chega bem aqui, ela junta com a Perimetral e vai pra acolá {Dobra assim...}. É. Aqui ainda não tinha essa abertura. Aqui, hoje, tem uma avenida que ligou bem aqui, oh. Tem uma avenida aqui ligou bem aqui {Que não está na imagem, né?}. É, não está na imagem... que não estou vendo ela, não. Que é a... a... avenida professor Heribaldo Costa, né?

GEOVANA: Estou sentido que esse mapa saiu... e ele está bem verde ainda. Porque seria ótimo já ter vários links {Pois é} que possa estar ajudando... eu mesma...

- **ÁUDIO 02 (00:00:40)**

GEOVANA: Foi por aqui que tu fala da história do Pantanal?... que teve uma produção... que começou um projeto que tinha agrônomos, engenheiros de pesca...

LEONARDO: Ah! Lá no Parque Universitário.

- **ÁUDIO 03 (00:40:42)**

GEOVANA: Papoco e Parque Universitário?

LEONARDO: E Parque Universitário. Aonde teve um projeto... um projeto de... Eu fiz até um artigo contando essa história todinha... dando detalhes deles {Qual o nome desse artigo?}. está no meu... está no meu blog, falando desse trabalho aí, que foi muito interessante. Porque foi no sangradouro... no sangradouro não, no afluente do açude Anastácio {Aqui. Bem por aqui assim, não?}. É, no açude Anastácio! Então, era o afluente, uma área verde com muito capim, com... o riacho aberto e ligado. Ele hoje... ele hoje virou canal, população construiu em cima, esse verde se acabou e tem uma população morando onde foi esse verde, onde nós fizemos uns tanques naturais para criação de peixe vivo.

GEOVANA: Mas você conta também que teve a construção de uma... avenida... uma rua? Que também que facilitou e também foi o primeiro causador disso, talvez. Abriu uma rua numa região de alagados e essa rua é que favoreceu as ocupações também, né?

LEONARDO: Foi... Eles começaram a aterrar e construindo e construído... Aí, passa por uma rua por dentro, acho que é a Chile, porque só tinha do outro lado. Aí, eles deram continuidade dela até o... Parque Universitário. Né? Essa rua cruza exatamente uma parte verde que tinha... uma parte verde... aonde eram os tanques... o criatório do peixe vivo do Parque Universitário. Exatamente onde está a rua Chile.

GEOVANA: Hum... que acho, se eu não me engano, que é essa bem por aqui assim (aponta com a caneta para uma rua sinuosa)... Esse “S” aqui.

LEONARDO: Esse “S” aqui é a rua Argentina. A Chile... ela passa mais pra cá... Aí, ela interrompe na universidade (...). Ela vem a Humberto Monte até a universidade. [...]

LEONARDO: O artigo que tenho é “As águas de março transbordam a oeste da cidade”. esse artigo foi público no jornal O Povo. E o João Alfredo leu ele, na Câmara de Vereadores, e ele hoje está nos anais da câmara de vereadores... esse artigo que fiz. Exatamente no dia da chuva, no dia que quebrou aquela parte da universidade todinha, que sangrou, que transbordou ali o açude. Aí, eu fui e fiz um artigo que eu vou detalhando a...

GEOVANA: Mas faz tempo que transbordou ou faz pouco tempo?

LEONARDO: Em março de 2012, por aí, mais ou menos isso. Daí pra cá. Aí eu fiz esse artigo e detalhei as causas da enchente, né? {Quais seriam?} Foi... que quebrou... que carregou... aquelas coisas de estudo dos peixes que tinha ali, da piscicultura, desceu tudo de água abaixo.

GEOVANA: Acho que posso contar essas histórias também com esse mapa, né? Porque se tiver a ponto da Lagoa, aí, esse link dessa história já fica também linkada no mapa.

LEONARDO: Esse artigo está também no meu blog “As águas de março...” (...) Acho que botei no teu e-mail ou face.

GEOVANA: Eu li seu blog inteiro, mas como não usei imediatamente, ficou no subtexto.

LEONARDO: Porque ajuda a compreender, né? Eu fiz mais para ajudar a compreender. Tem aquele outro que fiz sobre a história do Pici. Quando colocaram uma placa... vendendo um terreno. Quando olhei, era o açude do sítio Pici. Aí, eu fiz um artigo “vende-se um açude”. Aí, fui falar de... qual era o terreno que estava sendo... A história da Rachel de Queiroz que tem foto dela com a Maria Luiza, andando na parede desse açude. E eu tenho levado as autoridades ambientais da prefeitura... Quando levei já a Secretaria de Meio Ambiente e a equipe dela lá, para preservar e não deixar autorização de construção aonde era ao açude. Para preservar o último verde que tem no Henrique Jorge e que tem história. Né? Uma história muito rica, uma história muito forte, onde a própria Rachel publicou uma foto dela, criança andando em cima... Ela e a criança dela na parede desse açude e, há qualquer momento, pode ser aterrado e virar um prédio, virar um edifício, virar um shopping, virar qualquer coisa.

GEOVANA: Mas ele está agora na matinha, né (confusão sobre qual açude Leonardo se refere)? Tu soube que antes a Matinha era, aqui, esse espaço e ficou, exatamente, só a Lagoa. Só a Lagoa. Esse trecho aqui que tu conta que foi pro Parque Universitário, ele já está modificado {totalmente} e não está protegido {totalmente}.

LEONARDO: Ele é um canal coberto e o outro é um canal aberto. Aonde a gente tinha construído, do lado do Papoco, que a gente tinha construído os tanques de criação de peixe, de tilápia, era muito tilápia, nós tínhamos dez mil tilápias, era muita água minando do chão ali. O povo cavando, os próprios moradores cavando, a água minando e os engenheiros de pesca. / Quando eu fui diretor do Centro Social César Cals, eu encontrei agrônomo e encontrei engenheiro de pesca sem ter o que fazer. Eram funcionários públicos da prefeitura. Aí, eu convidei eles para fazer um projeto social. Levei eles lá para o Parque Universitário e para o Papoco, fizemos uma reunião e eles apresentaram o projeto, que eu tinha discutido com eles, e a população se envolveu. Foi muito bom... esse tempo que a gente construiu, porque mostrou a possibilidade. / O movimento vinha também de um projeto que tinha de aproveitamentos das áreas ociosas dentro da cidade que foi o projeto... que a gente chamava a Jornada de Lutas contra a Fome. Entre 79 e 84, essa cidade de Fortaleza foi ocupada pela população rural diante de uma grande seca, de cinco anos de seca. Aí nós criamos, em 83, a gente criou a Jornada de Lutas contra a Fome. E aí, reuniam mais de 10 mil pessoas dentro da cidade que faziam grandes caminhadas. E aí, apresentamos esse projeto que foi construído em assembleia com essa população da cidade, discutindo o projeto e foi entregue ao governo, na época, pra que a cidade pudesse abrigar essa população, já que eles vinham do campo, tinham experiências de agricultura, que pudessem aproveitar essas áreas ociosas e trabalhar na agricultura. Entendeu? Então, o projeto naquele período deu certo. / A gente... os engenheiros, os agrônomos apresentaram a parte deles, que foi uns 140 canteiros de plantas medicinais, de plantas, de hortas, hortaliças, né? E frutas, mudas. Criação de codornas pra produzir ovo e carne pra comunidade, que era uma comunidade bem pobre. Cem cabra leiteira, duzentas codornas, aí tinha os marrecos pequis. Quer dizer... Isso tudo era uma área verde, que existia ali, onde hoje ninguém nem sabe que tudo isso existiu ali. Não tem, praticamente, registro. A não ser o trabalho que eu descrevi tudo isso, pra fazer esse registro..., mas é o que nós vamos encontrar na cidade. / Já ontem, estamos formando num grupo pra discutir as questões conjunturas. Ontem, a gente teve aqui uma turma de jovem danado, fazendo essa discussão. E aí... foi trazido isso. / Desses movimentos, dessas coisas que eu apresentei pra prefeitura, em 83, um projeto que era o Polo Cultural Rachel de Queiroz, que era preservar toda essa área do açude do sítio Pici e o riacho

Cachoeirinha, na parte que não tinha sido atingida ainda. E, nessa apresentação de projeto, terminou saindo um projeto, em 96, que era o projeto parque Rachel de Queiroz, preservando toda essa área com a abrangência de beneficiar pelo menos entorno de 21 bairros, no entorno, do lado oeste daqui da cidade. Porque o que a gente vê é uma luta muito grande pela preservação do rio Cocó. Do lado oeste, tinha praticamente esses dois riachos e ninguém se mobilizava pela essa preservação ambiental daqui que é o riacho Alagadiço, o riacho Cachoeirinha e ainda essa parte do açude aonde existia uma grande área verde, que também se acabou. / E, se não houver... Está começando também, tivemos uma reunião recentemente no ESCUTA, com um grupo que está se formando na cidade pra preservação do que eles estão chamando de Casa dos Benjamins, que é a casa da Rachel de Queiroz, eles dão o nome de Casa dos Benjamins. E está se formando esse grupo, com artistas, com fotógrafos, com... pessoas de diversas áreas profissionais que está se reunindo. Aí, a gente está puxando para que esse grupo também possa engrossar a questão da preservação, não só da casa, mas de toda a área ambiental no entorno dela.

GEOVANA: Que é tipo um sítio que tem ao lado, né, no fim da rua da Rachel de Queiroz? Que você vê que tem um sítio e do outro lado já é a avenida.

LEONARDO: É a avenida aonde tem a igreja ali, a pracinha da igreja {Isso}. Só tem aquele verde ali, do lado da pracinha da igreja.

GEOVANA: São dois sítios, eu vi dois sítios.

LEONARDO: É, porque...Eles chamam o sitio da Vovó... que era uma área de preservação ambiental e tinha até uma área que era pública, dentro do loteamento que foi feito do sitio na época, e que foi até ocupado e está lá com prédios alugados, sendo explorado uma área pública. / Tudo faz parte também, a gente não tem como fugir disso, da má gestão do poder público de não preservar o pouco que a gente tem. Segunda os estudiosos aí, nós precisaríamos de uma área grande de verde e, talvez, a gente não tenha, talvez, dentro da cidade todinha nem 5% do território de Fortaleza com área verde.

GEOVANA: E o sítio Ipanema foi simplesmente apagado, assim, não sobrou...

LEONARDO: É um supermercado que, em breve, será inaugurado.

GEOVANA: Eu ouvi dizer que podia até ser um CUCA.

LEONARDO: Não. Não. Já está em andamento, a obra já está para ser inaugurada. O CUCA, a gente não sabe aonde vai ser. Porque uma hora dizer vão ampliar o CSU Cesar Cales, outra hora eles dizem que vai ser dentro da universidade.

GEOVANA: Mas simplesmente foi deletado, o sítio Ipanema.

LEONARDO: Foi, acabou, acabou. E o risco agora é que o trecho que ainda tem do riacho Cachoeirinha, eles vão canalizar. Vão transformar em canal.

GEOVANA: Porque ali, em frente ao Horto do CSU, foi também coberto pela pista, no histórico dele?

LEONARDO: Foi. É. A avenida Matos Dourado pegou uma grande parte do sítio, dividiu o sítio {Ah, que aquele outro trecho também seria o sítio, né?}. É, a pista que vem de lá pra cá era dentro do sítio, que vem do Antônio Bezerra pra cá pro Henrique Jorge, aquela pista que tem mão assim, era dentro do sítio, fazia parte.

GEOVANA: Ele é agora aqueles galpões que ninguém sabe o que que é também, porque é só um negócio fechado, em frente ao CSU, tem dois galpões...

LEONARDO: Sim, é um absurdo, um absurdo. O cara dono daquele posto... posto Estrela, posto sei lá o que que tem aqui {De frente pra Terceira Via?}. É, encostado na Terceira Via. Tudo ali, é dono daquele posto ali, pagando propina para os ambientalistas da Regional III e da Secretaria de Meio Ambiente pra construir irregular ali. Coisa absurda.

GEOVANA: O Henrique conta que ali tinha um olho d'água, né, ali em frente ao posto. Inclusive é uma descida, né, um encontro de águas {Era}. Ali brotava água, né, que ele diz.

LEONARDO: Onde é o posto era uma área verde. E aqueles prédios construídos ali, todinha, nenhum poderia... Levando em consideração o projeto de parque Rachel de Queiroz e o próprio riacho, nenhum poderia ser construído ali.

GEOVANA: Mais são mais antigos que o parque? Porque lembro de vir pro ESCUTA (em 2005) e já vê-la.

LEONARDO: Ela era aqui, no Jóquei Clube, onde é o centro... onde tem o Polo de Confeção. Era ali, essa fábrica {Ela era lá}. Aí, eles compraram a vacaria... o terreno da vacaria e, aí, construíram lá. Construíram e ainda jogavam as águas da lavadeira com tinta com tudo dentro do riacho {E hoje está diferente?}. Eu tenho fotos disso {Tuas fotos, promete}. É, eu tenho fotos. E tem matérias também, que eu chamei a imprensa e foi filmado lá na hora, a água jorrando toda azul, jorrando pra dentro do riacho. Ou seja, acabando com toda a vida aquática que tinha ali {Mas mudou?}. É, teve... Nesse processo, eu fiz denuncia duas vezes, na época, e eles tiveram que fazer um tratamento. Essa água ainda mais pra lá, mas ela não chega mais com a cor azul não (Risos). {Azul não sai, né} No outro trecho aqui, na rua Curitiba, Jóquei Clube ali também, eu encontrei... eu fiz um vídeo também, a água, essa daí era marrom. Era uma tinta marrom que botaram pra dentro do riacho, alguma outra fábrica ali pra cima, fazendo isso também, em alguma outra parte do riacho Cachoeirinha.

GEOVANA: [...] Tu lembra os nomes dos sítios?

LEONARDO: Essa parte ali todinha era parte do sitio Ipanema, é tanto que até ali onde é a Maria da Hora... tudo era o sitio Ipanema, era o bairro sitio Ipanema. Tinha até o ônibus sitio Ipanema. Nesse tempo, quando

eu cheguei aqui não tinha energia por ali ainda. Aqui mesmo aonde eu cheguei, na Carneiro de Mendonça, não tinha energia. A energia veio chegar nos anos 70, talvez, pro final dos anos 70... é que veio chegar energia por esses bairros. Então, era tudo natural, uma vegetação natural. O rural dentro do urbano... que prevalecia aqui nessa região e, por isso, que eu me identifiquei muito com a região porque eu vim do interior e encontrei tudo isso aqui. Não diferenciava muito não do que estava lá. [...] Estou procurando a Monsenhor Hipólito Brasil (conversa mediada por um mapa menor) [...] Olha aqui, a Monsenhor Hipólito Brasil é essa aqui, essa rua aqui. Ela começa lá na Unitêxtil e termina no Jóquei Clube. Essa área aqui é exatamente onde é o Hospital da Mulher, hoje. Então, a rua que fazia a extrema desses sítios era a Monsenhor Hipólito Brasil. Porque pra cá fica o sítio Pici. Aí, pra cá já fica o CSU Cesar Cales, já fica o Pici. É esse trecho aqui. Essa rua principal aqui que ela começa ali e termina aqui. Então ela cruza tudinho aqui. Cruza a Perimetral, onde está esse sinal ali. O Anderson está bem aqui, nessa ruazinha aqui, ela começa aqui, na rua Conselheiro Araújo Lima. Ela pega isso aqui, é cortada e depois continua. Então, o Anderson mora nessa partezinha aqui. Essa parte aqui corta exatamente o riacho Cachoeirinha.

GEOVANA: Bem por aqui já vai dar no Buraco da Gia.

LEONARDO: O Buraco da Gia, ele fica de um lado e o campus... é uma extensão por detrás... é uma extensão da universidade. Fizeram até uma ocupação de terra, nessa outra parte, dentro da universidade {Bem recente}. Bem recente. Fizeram a canalização, aí, acabou os alagamentos, porque ali era tudo alagado... era o que protegia o espaço. E ao passo que ele virou canal, a população ocupação a margem onde era... fizeram essa ocupação que é por detrás do Buraco da Cia. E é da universidade.

GEOVANA: Se a gente for ver o impacto de uma Terceira Via e uma ocupação por moradia, quem polui mais? Mas quem é criminalizado mais...?

LEONARDO: A fábrica CIONE teve uma importância muito grande nas ocupações de terras aqui também. Porque a população vinha do interior, principalmente da região Norte do Estado... descia no trem na estação aqui de Antônio Bezerra, morando nessa região. E a indústria que... a fábrica que oferecia emprego para essa população sem uma mão-de-obra qualificada era a fábrica CIONE. Então, empregou esse povo aqui todinho. E eles pagavam aluguel, moravam em casas de família e foram ocupando as terras que tinha aqui também.

GEOVANA: Mas a Terceira Via poderia ser também essa fábrica, mais atual, a nível de dar emprego?

LEONARDO: ela dava emprego. Hoje ela modificou a linha de produção dela e está no interior, em Varjota, com a mão de obra mais barata, sem pagar imposto... Aí, tiraram essa parte da produção aqui. Funciona muito pouca coisa nela aí. Aí eles pegaram o restante da área de terra, que tinha delas, e construíram apartamentos, são blocos de apartamentos, que foi construído {que você conta que era um antigo sítio}. Era, era um sítio, era uma vacaria, eu conheci o dono, o dono dessas vacarias ali.

GEOVANA: Seria bem próximo ao Ipanema, né, os dois?

LEONARDO: É, o riacho faz a ligação entre os dois. Era a continuidade de um e de outro.

GEOVANA: Hanram, qual seria o nome da vacaria?

LEONARDO: Tinha o sitio do papai. Tinha o sitio do papai do céu. Eram duas coisas.

GEOVANA: O sítio do Papai era próximo a quê?

LEONARDO: O sitio do Papai era ao lado do sitio do Pici, da Rachel de Queiroz. O sitio do Papai do Céu... era daquelas famílias lá da Pedro Pereira que vende linha, ele morava aqui, na rua Antônio Ivo com Silva Baima, onde hoje tem um galpão que tentaram fazer um shopping, ali e tal, e não deu certo, ali era o sitio do Papai do Céu. O outro, era na esquina da Antônio Ivo com o Monsenhor Hipólito Brasil era o sitio do Papai. E tinha o sitio do seu Raimundo que era um senhor que trabalhava na REFESA e tinha um sitio também ali que fica na Antônio Ivo. Tudinho tinha vacaria, todos eles tinha vacaria. Era uma criação de vaga enorme aqui na região.

GEOVANA: Então, tinha relação com a rua daqui do lado que a Estrada do Gado, né?

LEONARDO: É. E tinha aqui, aonde nós estamos, que era o sitio da Santa Casa de Misericórdia, mas quem tomava conta eram as irmãs de caridade do Hospital de São Vicente, que chamavam o asilo da Parangaba. Então, aqui era conhecido como o sitio dos Doidos. Porque os doentes que viam lá para o hospital, ficavam melhores e não voltavam mais para o interior, aí, como eles eram agricultores, tinha uma freira lá que era até minha outra irmã Maria Teresa que trazia eles pra cá pra plantar. Aí, tinha macaxeira, plantava milho, plantava feijão e cuidava da terra aqui, como fosse uma área agrícola... Bem no espaço aonde estamos, aqui no ESCUTA foi isso. Depois a Santa Casa de Misericórdia loteou o sitio, alguns compraram o sitio, mas... quando eles lotearam a área já estava todo ocupada com a favela da fumaça, que iniciou. Uma família conhecida como Os Tributinhas, vinham de Iguatu e começaram a ocupar aqui essa área, mesmo loteada... Uma vez um cara entrou na justiça para despejar um pessoal que estava dentro de dois lotes, mas houve uma reação tão grande que eles desistiram. O terreno ficou mesmo para a população que está aqui.

GEOVANA: Que é o sítio Pici, essa história do Sítio dos Loucos?

LEONARDO: Chamavam de sitio dos Doidos, né, do Asilo da Parangaba.

GEOVANA: Porque aí o gado seguia pela estrada...

LEONARDO: Antônio Bezerra tem a estrada do gado, né? Aí, o matadouro era no Jardim América, aonde é o colégio Figueira Lima e o João Paulo XI. Dali até o Extra era onde ficava as vacarias, onde ficava os currais de gado, aonde tinha os matadouros, aonde tinha um mercado que vendia a carne do gado ali...

GEOVANA: É ali perto da Mister Hull, esse Extra?

LEONARDO: Não, eu estou falando lá do Montese. Porque, a Estrada do Gado, o gado passava por aqui (sinaliza o fluxo com a mão) que vinha do Norte. Ai, vinha do Antônio Bezerra, pegava o que é a Perimetral, entrava na Franco Rocha, depois Carneiro de Mendonça aí chegava na Gomes de Matos... Tudo isso era conhecido como Estrada do Gado, que passava por aqui pelo Pici. E já com essa grande produção de leitura, de gado e de animais aqui na região, mas era a Estrada do Gado que cortava aqui e ainda hoje é a Carneiro de Mendonça, Franco Rocha e a Perimetral.

GEOVANA: Na seca, esse movimento também decaía nessa estrada? Você viu esse gado passar, nessa estrada? Chegou a ver?

LEONARDO: Não, quando eu cheguei aqui, eu conheci a história que o povo contava, né. Essa é a história que escutava da população. É tanto que, ainda hoje, tem a Estrada do Pici que é quando o matadouro sai do Jardim América e vem para Parangaba, ali perto do cemitério, mais ou menos, por detrás do cemitério de Parangaba. Naquela região do terminal Lagoa, por ali. A rua Estrada do Pici vai até ali... Quando ele deixou de ir para o Montese, passou para ir para ali para Parangaba na Estrada do Pici. Então, você tem mais um registro sobre a questão do Pici, que foi anterior, eu acho, aos americanos aqui. Porque toda essa região, aqui, era conhecida como Pici. Passou a lagoa de Parangaba onde hoje é a Zé Bastos para cá, tudo era conhecido como Pici, nos anos 40, anos 30. Os historiadores já colocam que isso aqui... essa região era conhecida como Pici. O seu Domingos, que era um que conheci aqui, diz que até o Maranguapinho era conhecido como Pici. Mas são umas histórias que vão se estendendo aqui, não sei o que você vai aproveitar dessa conversa toda pro seu trabalho.

- **ÁUDIO 03 (00:13:51)**

LEONARDO: Isso aqui, toda essa área aqui era a lagoa chamada Lagoa do Genibaú. Aqui era a parede da lagoa entre o Antônio Bezerra e o Autran Nunes que recebe, recebia as águas do riacho cachoeirinha e do riacho alagadiço e aqui ele formava uma grande lagoa. Essa lagoa ai, eu ainda conheci com muita água. Ela represava até perto aqui da Perimetral, era muita água represada, na lagoa do Genibaú... Onde passa onde também a linha da CHESF, o linhão da CHESF como a gente chamava. O linhão da CHESF passa exatamente nessa área do encontro dos dois riachos e passa por dentro onde era a lagoa, a lagoa do Genibaú... Não junta mais água. As pessoas estão aterrando de um lado e de outro, o lado do Autran Nunes e do lado do Antônio Bezerra, eles estão murando e aterrando e já construindo.

GEOVANA: Bem por aqui, inclusive, deve ser o Alto do Bode, porque você vê que tem uma parte mais escura (apontando para o mapa de relevo). Aqui, exatamente, a Silva Baima...

LEONARDO: A Silva Baima é cortada... ela se divide aqui pela Terceira Via. A Terceira Via fechou a Silva Baima e depois esse cara do posto ali também, acabou de fechar do outro lado, ao construindo o edifício, prédio. O mais absurdo... Eu não entendo como é que um poder público, a prefeitura dá alvará de construção pra isso. Fico me questionando como eles conseguem, né, passar por cima.

GEOVANA: Inclusive esse novo Extra, esse novo supermercado.

LEONARDO: Não é extra, não. Esse que está sendo construído ali é um Cometa. Não tem quem faça eu entrar mais num Cometa. Não compro mais nada no Cometa, depois desse desmatamento ali.

GEOVANA: Não, e como existiu um alvará, né? Porque se existia um parque, deixou de existir. As coisas não dialogam né? Aí, sem diálogo, não estou a fim de pesquisar sobre isso.

LEONARDO: E o pior é que já existiu um projeto feito pela própria prefeitura, que veio uma gestão posterior, que não dá continua ao projeto, que não respeita a área determinada. Porque o que deveria ter feito era decretar a área. Esse prefeito aí, o Roberto Cláudio, em 2014, fez um decreto determinando qual é a área, delimitando a área do Parque Rachel de Queiroz. Mas ninguém tem acesso a esse decreto, não sei qual é a área exata, perfeito. Tem um decreto, isso aqui, o riacho Alagadiço e o riacho Cachoeirinha está decretado agora como área de preservação, está feito o decreto. Mas não tem a delimitação de onde até onde: é essa a preservação. Porque se tivesse, pelo menos, podia-se defender a continuidade das ocupações da terra onde está delimitada. Mas como ela não tem a delimitação, eu acho que é só o canal aonde a água passa (risadas). É porque assim, quando ele é um riacho, ele tem que ser preservado trinta metros do lado e trinta metros do outro {Isso no código florestal antig. Diminuiu quinze}. Mas ele tem quinze metros de cada margem do riacho que não pode ter construção nenhuma. No momento que ele é feito um canal, aí, ele deixa de ser riacho. Quando ele deixa de ser riacho, e aí só tem cinco metros, pode construir em até cinco metros desse canal {O que é uma pista}. Só deixa uma pista de cinco, seis metros de um lado e d'outro, pronto, o resto pode ser todo ocupado. Isso é o que aconteceu com o Parque Rachel de Queiroz, aqui, no Alagadiço. Eles, quando transformam ali num canal, aí bota uma rua de um lado e de outro. Isso não dá margem de trinta metros. Aí, o C. Rolim já pode construir e a especulação já pode construir. Porque o North Shopping construiu em cima... Um negócio assim absurdo.

GEOVANA: Mas você sente que é diferente o Cachoeirinha do Alagadiço, nesse aspecto? A canalização ainda não chegou, assim? Você disse que aqui foi canalizado, que virou pista ou foi ocupado...

LEONARDO: O Alagadiço ainda está mais aberto, né? Pelo menos, ainda corre aberto... Quer dizer, da Sargento Hermínio pra baixo, ele é aberto. Aí, ele está canalizado na avenida. Aí, ali na frente ele abre. Fizeram até um lago pra diminuir as enchentes dele pra cá.

GEOVANA: Mas aí, ele é canalizado, o Alagadiço bastante. E eu vejo que, talvez, o Cachoeirinha é mais aberto, apesar de ter mais vias por cima, usadas como pontes. É que ele está por detrás dos muros, se a gente pensar...

LEONARDO: Da Senador Fernandes Távora até o encontro com o Alagadiço, nesse trecho ali, a gente ainda vê ele correr por ali. Na outra parte é que a gente não vê, da Lineu Machado até a Senador Fernandes Távora. E tinha um projeto do secretário Feijão, da infraestrutura, que esse projeto quando nós vimos, quando o Aguinaldo descobriu esse projeto, era um canal fechado. Eles iam fechar um canal de cimento desde a Sargento Hermínio, continuando ele fechado, até a Mister Hull. E aí foi uma grande discussão de nós, do Parque. O projeto foi aprovado dessa forma {Foi em que ano?} Foi em 2012, 2013, 2014, esse projeto já estava para ser implementado quando compramos a briga. Tivemos grandes reuniões...

GEOVANA: E ainda assim não resolveu, porque ele continuou canalizado, só ficou aberto.

LEONARDO: É, só ficou aberto. Não ficou como um riacho natural. Eles botaram uma manta, quando botam uma manta ali, a água não penetra mais no solo. Uma manta de cimento. Eles fizeram ali e fizeram por dentro da universidade. [...]

- **ÁUDIO 04** (00:15:12)

GEOVANA: Ali na esquina da Humberto Monte com o Campus do Pici, tinha um sítio super antigo que eu lembro demais.

LEONARDO: Ali, inclusive, dizem que caiu um zepelim... ali aonde tem uns espigões, uns prédios enormes.

GEOVANA: Que ali tinha diversos sítios ali também, né, na Bezerra de Menezes?

LEONARDO: Tem uma pessoa que é casado com a irmã da Lúcia que ele nasceu e se criou ali no São Gerardo e ali eram sítio. E até, no tempo que ele era menino, ele diz que dá Francisco Sá até a Bezerra de Menezes eram tudo sítios, de vacarias e que ele andava muito ali.

GEOVANA: Porque tem as cacimbinhas, né? Eu, hoje, passando de bicicleta, eu vi que exatamente aonde tem essa descida da Terceira Via e o Posto de gasolina. Você sente que as águas se encontram. Você desce, aí depois, você passa e você sobe e você chega no Henrique Jorge, passando pelo Pici.

LEONARDO: Aquelas fotos que eu tirei, aquele vídeo ali foi do lado do Posto, né? Você passa lá e tem a água correndo por debaixo do prédio. Porque ali era uma nascente. Era não, é uma nascente que ainda está minando lá. Eles não puderam nem entupir ele de uma vez, porque eu acho que ela estoura. Porque está saindo água de lá de dentro.

GEOVANA: E é um encontro de águas, porque tem as cacimbinhas, cacimbinhas no São Gerardo e eu fico pensando que são muito próximas a história dos sítios, das cacimbinhas e...

LEONARDO: As cacimbinhas estão muito ligadas com as pessoas tomarem banho, as crianças, a lavagem de roupa...

GEOVANA: Que foi a música que a gente conversou hoje. Mas tu lembra o endereço das cacimbinhas? Próximos a que, aqui no Pici.

LEONARDO: No Pici!? As cacimbinhas!? {Hanram} É a rua Miramar da Ponte com Franco Rocha e, hoje, a Heribaldo Costa, onde fica ali o Motel Calango. Já ouviu falar do Motel Calango?

GEOVANA: É, dos vetins... Porque, até hoje, na Sargento Hermínio existem umas fontes de água... no próprio Polo de Lazer.

LEONARDO: Sim, ali tem uma cacimba, um poço que abastecia que abastece a população de água e é uma água que eles chamando de água mineral, água natural e abastece.

GEOVANA: Porque eu penso se as cacimbinhas também eram assim. Ou se era mais pra banho e...

LEONARDO: Era mais pra banho, porque tinha os peixes e tal. Pra beber eram as cacimbas, mesmo.

GEOVANA: Quando é revestida e tal. As cacimbinhas, elas brotam?

LEONARDO: Elas brotam, do chão mesmo elas brotam. [...]Eu guardei muito os mapas anteriores do Google.

GEOVANA: Eles ainda estão lá, no Google Earth, de 2003 a 2016.

LEONARDO: 2003 a 2016, é mais ou menos isso, os que tenho. Porque aí, você já percebia a área verde que era grande. Nos anos... 70, 80, ainda era muito verde. Até os anos 70, os sítios ainda estavam todos aí. Eles começaram a ser loteados em 70.

GEOVANA: Eu usei essas fotografias aqui. Aqui, estão mais como anexo... A Lagoa do Genibaú e tudo... A Lagoa da Parangaba que vai cair... Aí, seria começando daqui, já mostrando a canalização antes e depois. Eu cometi um erro, porque não coloquei o ano. É antes e depois, mas quando? E eu acho que essas são as imagens que você tem. Eu escolhi aquelas que dá pra ver mais nítido. Aqui, o canal canalizado, oh. Ali é lá no Alagadiço do Santa Isabel. Mais selvagem e aqui os prédios que foi construído aqui.

LEONARDO: E os caras estão negociando com a prefeitura, vão lotear isso aqui todinho e vão construir prédios, essa área todinha aqui.

GEOVANA: Tu jura que já estão loteando?!

LEONARDO: Sim, eu vi o cara. Nós marcamos uma reunião aqui na capela São Francisco para vir o pessoal da Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente. Aí, veio a secretaria com a equipe dele todinha e apareceu um homem lá. Aí, eu comecei a conversar com ele e ele me disse que era proprietário dessas terras aí e estava atrás da Secretaria de Meio Ambiente para dar autorização para ele construir, nessa região aí. Né, que é uma área verde que está lá. {Ociosa?} Eles dizem que de engorda, né? {Quando foi isso, foi recente?} Em 2016... no final de 2015 para 2016, que ele esteve aqui dizendo, atrás. Aí a secretária só fez marcar com ele. Aí eu não sei qual foi o resultado. Mandou ele ir lá na Secretaria e tal que iriam conversar. Mas o Aguinaldo tem as respostas dessas histórias, do que foi que deu. [...]

LEONARDO: Essa área aqui é que está sendo construída (sobre a região da Lagoa do Genibaú). Fizeram um conjunto aqui, foi o Governo do Estado que construiu, aqui tem outro conjunto também feito. Um é participar e outro do Governo do Estado. E, na parte do riacho, eles vai cada vez mais canalizando, virando canal. São obras mais recentes. Eles estão murado, eles meteram um muro aqui, oh. E aí, vai diminuindo o espaço verde que era para ser preservado.

- **ÁUDIO 05 (00:08:00)**

LEONARDO: Eu fui secretário de habitação de Fortaleza, você sabe né?

GEOVANA: Que foi nesse período que você contou?

LEONARDO: Eu fui secretário de habitação de Fortaleza, no tempo da Maria Luiza.

GEOVANA: É que você contou do projeto com os plantios...

LEONARDO: Com os plantios, eu era diretor do CSU Cesar Cales. Aí, quando eu sai daqui foi para ser secretário de habitação. Porque eu desenvolvi um bocado de projeto aqui e eles sentiram que eu tinha capacidade de assumir a nível de cidade e me chamaram para ser o secretário de habitação. A HABITAFOR fui eu que criei (...) e eles não puderam parar mais e interromper ele (...) É o tipo da política pública que envolve a sociedade, que envolve a população, aí, não tem quem consiga acabar com ele. A não ser que seja como o Temer (...) Eu passei muitos ano, minha juventude toda foi me preparando para construir a revolução armada no Brasil. Aí, quando eu desanimei da revolução armada, aí, me veio uma depressão desgraçada (...). eu estava me preparando pra guerrilha mesmo, pra luta armada, fazia parte de partido clandestino. Eu sai do Rio, eu trabalhava numa firma e reunia os operários na hora do almoço. Ai, eles descobriram que eu era de esquerda e me colocaram pra fora da empresa como subversivo e não consegui mais emprego. Ai, fiquei trabalhando com vendas. Aí, voltei por Ceará. Ainda passei um período desempregado trabalhando como vendedor de joias de contrabando, de relógio no contrabando. Aí, resolvi vir embora pra cá. Aí, tive que ficar aqui ainda como vendedor, vendedor autônomo. Fiquei ainda 10 anos ou mais como vendedor. Aí, era fazendo o trabalho de vendedor e reunindo os operários, os trabalhadores... Era no sindicato dos metalúrgicos, da construção, porque eram todos sindicatos conhecidos como sindicatos pelegos. Então, eu tinha uma mobilização muito grande com esses... com as oposições desses sindicatos pelegos. Então, a gente reunia essas lideranças de sindicato pra formar eles para serem novos líderes do movimento sindical, derrubando o conservadorismo pelego dos sindicatos. E a gente derrubou muito. A gente derrubou o sindicato dos metalúrgicos, derrubamos dos comerciários, da construção civil e até dos motoristas de taxi. Eu era muito conhecido, porque fazia muita intervenção. (...) A gente formou um grupo dentro do partido clandestino pra tomar o sindicato dos metalúrgicos... Normalmente, a gente nunca tomava da primeira vez, não. Perdía uma eleição, mas ia se tornando conhecido na categoria e se mantinha fazendo piquete nas portas de fábrica, levando som, fazendo uma fala. Cinco horas da manhã, a gente estava reunindo o povo nas portas de fábrica. [...]

LEONARDO: Oh, a água do Castanhão, ela está se acabando porque quem está consumindo são as termoeletricas do Pecém e a siderúrgica é que consomem a maior parte... é um negócio absurdo. Quando eu estava em Caucaia, é que passou aquela tubulação por dentro e cortando o principal riacho de Caucaia, quando passa ali na Estruturante... E ainda tem mais uma coisa, por onde ele passou, fizeram uma Estação de Tratamento, a CAGECE, fez uma estação onde todo o saneamento do Cumbuco, dos hotéis e eles terminaram colocando também os pescadores. Mas o saneamento ali, os dejetos tudo, vai cair no rio. O rio limpo, limpo. Ai, o que acontece, quando eu tomei conhecimento disso, eu tomei conhecimento por acaso, porque uma moradora que era esposa de um juiz de futebol que tem uma casa lá, quando ela viu uma chaminé que vem o suspiro da estação de tratamento, aí, vem com o fedor, fedor de merda e ia invadir a casa dela. E ela começou a comprar a briga pra que não tivesse isso ali. Então, quando eu tomei conhecimento, que vi o mapeamento ali todinho, ainda tinha mais, a água vinha de lá, caia nessa estação e ia pra dentro do riacho. O riacho mais lindo do mundo, o riacho Cauípe, onde se toma banho, lá embaixo. Aí, nós compramos a briga. Porque eu era da prefeitura, eu tinha autoridade. Isso foi em 2010, 2011. Aí, o que acontece, nós compramos a briga pra CAGECE mudar o lugar. Aí, eles já com tudo construído, eles foram estudar técnicas de como filtrar a água e ela não chegar mais com os dejetos... porque ia ser merda pura. Aí, o Jonivaldo que era um sociólogo que morava lá, aí, mobilizava a população e eu mobilizava junto com ele, o Estado, a CAGECE, a prefeitura, meio ambiente, o diabo a quatro pra discutir a questão lá. Mas não sei como está lá hoje.

APÊNDICE D - ENTREVISTA 02 (AGUINALDO AGUIAR)

DATA DA ENTREVISTA: 07 de junho de 2017

LOCAL DA ENTREVISTA: Polo de Lazer da Av. Sargento Hermínio

NOME DO ENTREVISTADO: Aguinaldo Aguiar

NOME DA ENTREVISTADORA: Geovana Correia

DURAÇÃO TOTAL: 97 minutos

- **ÁUDIO 01 (00:13:19)**

AGUINALDO: Geovana, a priori não tem nenhuma restrições não, entendeu?... Tudo está autorizado? Não tenho interesse nenhum em... Ao contrário, quanto divulgar mais melhor. Os arquivos, se precisar, a gente tem arquivos antigo. A gente tem muita foto antiga. Antiga assim, desde que começou essa articulação dos movimentos. Antigas e de outros momentos também. Porque o riacho passa por deixo do bairro Ellery. Sabia? O riacho Alagadiço. Nessas conversas, a gente descobriu que o riacho, ele se formou a partir do sangradouro de duas lagoas no Alvaro Wayne e ele tem uma depressão, porque ele sobe no sentido do nascente, do leste. E ele está todo canalizado e coberto no bairro Ellery. Ele passa ali do lado da Associação, ali no meio da praça.

GEOVANA: Aí, eu produzi esses dois mapas aqui, oh. Esse é de 78 e também, conforme a conversa que aconteceu com Leonardo, eu acabei colocando o nome de algumas ruas. E aqui, desse lado, eu ainda não tenho muitas indicações ainda. Mas conforme a gente conversar... Oh, a área é essa que está em vermelho, aqui dentro...

AGUINALDO: Você se incomoda só de colocar o Norte pro norte mesmo? O açude João Lopes está onde aqui? {Aqui é do Pici} Ah, está aqui. Nós estávamos bem aqui (na Associação de moradores da vila Ellery) e nós estamos aqui, agora.

GEOVANA: Aí, hoje em dia, ele está canalizado?

AGUINALDO: Ele está todo canalizado. As lagoas que deram origem a ele é a Lagoa do Urubu, que é uma aqui, e ela teria um braço, um sangradouro, uma coisa assim e outra Lagoa no Carlito Pamplona, perto da praça do Carlito. Tinha uma lagoa bem por aqui, que aqui é o trilho né? Tinha uma lagoa por aqui, também.

GEOVANA: Ela foi totalmente soterrada?

AGUINALDO: Foi. Tem uma pessoa que tem tanta informação, ele chegou aqui nos anos 40, nessa região. E ele é vivo ainda e ele foi proprietário de uma grande escola particular daqui da região, que é o Professor Firmino e ele fala das enchentes nos anos 60. Acho tão interessante!

GEOVANA: Eu vi até um blog bem interessante também do bairro Ellery que ele conta da década de 40, que conta coisas da época. Década de 50, 60...

AGUINALDO: Sabe quem fez aquela pesquisa? Porque tinha um site aqui. Foi o Raul e a Clarice que fizeram por conta dos cinquenta anos do bairro Ellery. E aqueles arquivos ali, gente tem inclusive com fotos. Eu tenho esses arquivos. Foi o Raul, ele que coordenou aquela pesquisa. Foi ele, a Clarice e a Tiara, na época que elas se aproximaram na região, dos movimentos daqui elas moravam em outras áreas.

GEOVANA: E qual o nome do senhor?

AGUINALDO: Professor Firmino. Aí, ele vai... ele vai falar das enchentes gigantescas. Acho que tem até a ver, em 64, lá no interior. Eu nasci em 67, mas minha mãe fala de uma grande enchente do rio Curu, onde nós morávamos no interior. Acho que nesse período... também não foi só lá né? Foi enchente no Ceará, no Nordeste: 64 e 74. Teve uma enchente mais recente muito grande aqui que foi em abril de 97, até o jornal O Povo fez uma matéria recente.

GEOVANA: Aí, eu consegui até um vídeo no YouTube que o pessoal pegou aquelas fitas bem antigas e passou para internet.

AGUINALDO: tem uma dessas fitas até, aqui no João Lopes, que morreu uma pessoa. Eu conhecia. Era um conhecido meu, naquela enchente de 97.

GEOVANA: Já estava canalizado ali?

AGUINALDO: sim, aquela canalização é do final dos anos 70, mas antiga, nessa parte de cá. Essa foto é de 72, né? {78} Não, então, deixa eu ver aqui... a canalização aqui desse principal trecho/ hoje ele está só essa parte aqui descoberto. Em 82, eu tenho uma foto do jornal O Povo ele já canalizado, nessa parte aqui, e já coberto pra cá, já todo coberto.

GEOVANA: Inclusive, eu acho que aqui tinha uma ligação com a Lagoa aqui...?

AGUINALDO: Sabe-se que o açude (João Lopes) vinha até a Sargento Hermínio. Ele parava aqui... É provável que esse período seja de poucas chuvas, de chuvas menos intensas. Quando ele enchia, ele encostava aqui na Sargento Hermínio, as informações que a gente tem. Aí, tinha um pontilhão, alguma coisa. Aqui, essa região aqui, a maior parte dela, está toda ocupada, inclusive com prédios. Não tem mais essas partes aqui. Essa área aqui que está toda ocupada. E tem uma mudança no tipo de ocupação. Antigamente, quem ocupava as beiras de lagoas, riachos e rios, eram pobres, né? Então, tem uma mudança aqui que ela, agora, essa parte aqui já foi ocupada e essa região de cá que está toda sendo disputada por grandes empreendimentos. Que é o caso lá do

mercantil (Cometa). Aquela área era área de proteção/ de preservação permanente. Não poderia ter construção nenhuma. Ai, seguramente, a Câmara Municipal trocou, tirou, transformou em área de proteção e depois extinguiu. Ou então, eles construíram à revelia mesmo. A gente tem um exemplo aqui. Esse prédio aí (Harmony) era uma área de proteção. Tinha uma casa secular, uma casa muito antiga, foi demolida sem autorização sem nada. Era uma área que, no primeiro projeto, era destinada ao parque. Nunca foi pública, não era área de preservação, mas era área de proteção. Uma área intermediária. Proteção, você tem um índice pequeno de construção, não é? Aí, a Câmara em 2003/ a gente descobriu a lei, que é muito comum hoje em dia, quer dizer, sempre foi muito comum. A Câmara vai mudando a lei de Uso e Ocupação do Solo e Plano Diretor sem ninguém perceber. Coisa pontual, “tem um terreno que fica em determinada área que é área de proteção”. Aí, opa! Aí, faz a mudança na Lei de Uso de Ocupação do Solo e ninguém percebe, ninguém descobre, ninguém sabe. Só se por acaso... Quem fazia isso bem era o João Alfredo, ele percebia logo. Ele já sabia o que estava por trás. Aí, nós descobrimos 10 anos depois, fizemos denúncias, tentamos reverter. Esse prédio era pra ter sido construído, assim tipo, seis anos antes. Nos denunciemos e tudo. Sempre no final da gestão, uma coisa que a gente percebeu. Sempre tem, na transição, tipo, nos últimos dias do mandato. Aí, geralmente, a gestão que está saindo, ela tem um pacote para negociar. Geralmente, negociou na campanha eleitoral, pra executar. Este aqui foi um desses casos. E o terreno da garagem da empresa de ônibus Santa Maria, era área destinada ao parque. E, nesse caso ali tem um agravante, metade dele era pública, era do município. Aí nos denunciemos, o município entrou com ação, denunciemos a ocupação ilegal da empresa de ônibus. Antigamente era um campo de futebol. Aí, a prefeitura entrou com ação, ganhou e vendeu a preço de banana. Tipo, um quinto do valor para ocupante, para o criminoso, nos últimos dias, foi tipo 30 de dezembro do final da gestão da Luizianne. Foi um tiro no coração, porque jamais a gente esperou que isso pudesse acontecer. {Aí, no ano seguinte, não tem nem como reverter, né?} Nós denunciemos a nova gestão, mas se isso aconteceu na gestão da Luizianne, no Roberto Claudio, então.

GEOVANA: Aqui também tem tipo umas escolas, que a Lili chegou uma vez a me explica. Ela também faria parte ...?

AGUINALDO: Que é uma família que é dona desses loteamentos todos, que é a família Rocha Lima, pessoal da elite aí do passado e tudo. E tem um prédio antigo, que funcionou por muito tempo uma escola do estado. Aí, na gestão do Lúcio Alcântara / quem disse pra mim e a Lili, foi a mulher e deu o decreto. “O doutor Lúcio é uma pessoa muito boa”, ela contando “ele comprou nossa escola só pra nos ajudar”. Comprou e fechou. É um prédio antigo, que é passível de tombamento devido ao estilo dele e o tempo também. Aí, está abandonado há 10 anos. A escola José Sergio Reis. Ele comprou só para beneficiar... Dentro do complexo, só comprou a escola.

GEOVANA: Então, o terreno ao redor ainda é particular?

AGUINALDO: É privado e eles eram donos desse terreno aí e estão vendendo. Eles são donos daquele terreno ali ao lado. Eles perderam o terreno ali da Lagoa, que não era um terreno alagado, né? que eu achei uma coisa legal. A prefeitura fez à revelia essa Lagoa aí {Em que sentido?} É um terreno particular. E eles fizeram na marra, segundo se sabe.

GEOVANA: E não existia? Não alagava? Era só o riacho?

AGUINALDO: O riacho passava e quando chovia alagava. O pessoal que morou aqui há muito tempo, até os anos 80, diz que ali costumava alagar, mas não se formando assim uma lagoa, né? Era tipo um pântano, uma coisa assim alagada. E aumentou depois que fizeram o sangradouro do açude João Lopes praí. O sangradouro era bem aqui em cima. Bem aqui, por aqui. E ele continua existindo. Ele passa até embaixo de uns condomínios, ali. Dentro de um conjunto que a prefeitura construiu aqui, por aqui. Aí, eles fizeram um sangradouro ao lado do Polo, por aqui, oh. Bem aqui, oh. Esse é um conjunto habitacional, ali do lado. Aqui não tem nenhum desenho seu não né? {Não} isso aqui é um conjunto dos anos 70, que foi construído. Ai, o Governo do Estado, o SANEAR, acho que foi o Sanear 2, fez um sangradouro do açude por aqui oh. E ele desagua aqui atrás aqui do Polo de Lazer. Eu lembro de enchentes gigantescas de passar meses a Eretides Martins alagada.

GEOVANA: Tanto que até hoje, ali fica um buraco, basicamente.

AGUINALDO: uma depressão assim, né? Mas não alagou mais. Porque essa Lagoa aqui ela está funcionando como lagoa de amortecimento. O objetivo dela foi segurar as águas aqui, né? E vai soltando lentamente daqui para cá.

GEOVANA: E, assim, caminhando eu vejo que ela tem uma entradinha por detrás de algumas outros prédios.

AGUINALDO: Aqui, essa região aqui (aponta para região entorno da nova Lagoa São Gerardo), a intervenção da prefeitura foi tudo para beneficiar os negócios daqui. Aqui são todos campos particulares.

- **ÁUDIO 03 (01:13:39)**

AGUINALDO: No primeiro projeto, (os campos particulares) eram destinados ao Parque Rachel de Queiroz. Acho que agora está assim, oh, tudo isso aqui está ocupado. Tem prédios e empreendimentos aqui... Sabe?

GEOVANA: E tem a questão das fontes d'água? Aqui, no caso, como a gente estava conversando, como é que vocês chamam... chafariz. Aí, eu vi pelo Google sobre a possibilidade de outros chafarizes aqui também na Vila Ellery, no Monte Castelo.

AGUINALDO: Tem um no bairro Ellery, perto dali aonde nós estávamos, perto da associação. {Ele ainda funciona?} Funciona. A prefeitura tenta acabar há muito tempo, há muitos anos. Tem uma política de extinção dos chafarizes, né? Ela alega o problema da qualidade da água, da contaminação. Acho que tem uma pressão gigantesca das empresas de água. Eu acho que tem. A água é um bem da humanidade.

GEOVANA: Porque eu vejo que o Planalto Pici, ele tem umas três engarrafadoras de água. Existe essa história das cacimbinhas lá. Lendo esse blog da vila Ellery, eu vi que também existiam cacimbinhas aqui, a ideia das mulheres, das lavadeiras {do açude João Lopes}. Aí, eu fiquei bem interessada também. Porque, pra mim, é um ponto de associação, de semelhança.

AGUINALDO: Tinha uma lavadeira que morreu recentemente. É provável, tem uma pessoa que tem muito para contar sobre isso. Eu a conheço. É a Marilene, mora vizinho a Associação. Acho que a mãe dela, que é viva ainda, era lavadeira. As cachimbas, muitas delas, ficavam ao lado da associação ali onde é a praça. Porque o riacho passa exatamente ali embaixo da praça. Eu alcancei o riacho ali. Eu cheguei em 78, aqui no bairro Ellery, do interior pra cá {olha, da idade desse mapa}. Era. Eu estudava numa escola bem aqui, deixa eu posicionar aqui só pra ajudar, porque eu tenho essa dificuldade. Eu digo assim, se eu posicionar aqui para o Norte, aí... A escola é bem aqui, exatamente aqui, a escola Martins de Aguiar. Então, eu morava aonde minha mãe mora hoje, bem por aqui, perto da Olavo Bilac. Fazia esse deslocamento por essa rua, que eu acho que hoje é a Doutor Atual. E eu lembro que, no inverno, a gente tinha uma dificuldade terrível. A gente tinha que fazer uma volta bem grande para poder chegar na escola. Passava por cima de umas pontes. Não faz tanto tempo, né? Em 78, ele já estava canalizado nessa parte aqui (mais a oeste). Acho que o canal chegava bem por aqui, onde hoje é a praça. A partir da praça ele era descoberto. Lembro das pessoas pescando. Às vezes, eu sonho com essas imagens, sabe? {O pessoal pescando, nessa lagoinha?} É, no riacho mesmo, ainda não estava tão poluído. Essa questão da poluição é a partir dos anos 80. Eu tenho imagens assim do açude totalmente cheio de lixo, dos anos 90, por aí.

GEOVANA: O Leonardo também diz que tem é imagens até aéreas do entorno ali do Pici, que aí também pega o Cachoeirinha, na década de 90. Na verdade, ele diz que era até um acompanhamento, não sei se das CEBs ou de outras instituições, de acompanhar as ocupações. Porque na década de 90, ali estourou, né? E que lá, a existência dos sítios também e essa vida meio rural que, acredito, que teve aqui também. O que originou esses bairros aqui entorno.

AGUINALDO: Nessa região aqui tinha muitos (...) locais de produção de flores, jardins. Inclusive aqui (no Polo de Lazer) tem um ainda. Aqui tinha três ou quatro jardins. Tem um enorme ainda, era um dos maiores de Fortaleza.

GEOVANA: Mas no sentido comercial ou no sentido só mesmo...?

AGUINALDO: Ele está dentro da área que foi desapropriada pela Prefeitura, em 82, quando o Lúcio Alcântara era prefeito. E estava dentro da área, foi desapropriado e continuou. Continua ainda aqui. O funcionamento é todo lá por trás. Acho até que para não chamar muito atenção. Mas está aí há 40 anos, né? 82? É, 40 anos.

GEOVANA: Aonde era o chafariz que você diz, o que ainda está ativado?

AGUINALDO: Tem esse aqui do Polo e (...) esse outro fica na praça do chafariz. Esse chafariz tem um papel gigantesco, né? Muitas pessoas que moram entorno da pracinha são moradores antigos. Muitos já faleceram, mas muitos permanecem lá. Essa praça do chafariz era onde tinha a TV do bairro, a TV pública, quando as pessoas iam para praça assistir televisão. A praça onde ocorriam as principais atividades, da igreja, quando não tinha igreja, pessoal ainda ia fundar a igreja católica. Essa praça recebeu as primeiras assembleias que deu origem a associação de moradores, em 86. {Tudo entorno do chafariz} É, em torno do chafariz, está a escola mais antiga da região todinha, a escola Mauro Bezerra. Também lá. E é provável que o chafariz seja também bem antigo, né?

GEOVANA: Talvez, mais do que esse que tu diz que é de 86?

AGUINALDO: Não, muito mais. Aí, com certeza, muito mais antigo.

GEOVANA: Então, quando tu chegou, ele já estava lá?

AGUINALDO: É. Talvez, de uma outra forma. Esse aqui não. Mas o de lá devia já ser uma bomba coletiva, uma bomba manual de água. Talvez o motor mesmo tenha sido bem depois... Num período em que a cidade não tinha água potável. Não tinha serviço de distribuição de água. Aí, pode ser que esse tenha essa ligação com o passado.

GEOVANA: Então, a rua que dá na Associação é mais ou menos essa?

AGUINALDO: Pela curva dá pra gente ter uma ideia (...) Esse aqui é o trilho, a linha férrea. Então, esse aqui é a rua Barão do Crato. Ai, a partir da curva é a rua Naturalista Feijó, a principal rua do bairro Ellery. O posto de saúde fica aqui. a escola fica aqui. Então, a associação... a rua da associação era cortada pelo riacho. Eu lembro ainda desse período. A associação passa bem em cima onde hoje passa o riacho. Várias ruas eram cortadas pelo riacho. Lembro até que nessa aqui, na Rachel Holanda, nos anos 90, teve um grande acidente no período do carnaval.

TRANSEUNTE: Foi.

AGUINALDO: Tu lembra dessa história?

TRANSEUNTE: Caiu lá dentro do canal.

AGUINALDO: O cara não sabia, eles eram de outro bairro, de outra área e não sabiam que tinha um canal no meio da rua. Era um absurdo, isso. Algumas ruas eram assim, aqui... Tu chegou a ver lá, no dia?

TRANSEUNTE: Vi. Eu ainda morava naquela favela ainda, eu. Aí, bufo, um aguaceiro.

AGUINALDO: Morreram duas pessoas, duas que estavam dentro do carro {Foi}. Foi no carnaval {Foi}. Tu ainda era menino? {Já estava com meus 17,18 anos}. Tu chegou a pescar aí?

TRANSEUNTE: Eu nasci e me criei aí. Comi muçum, gia, cará comendo a merda.

AGUINALDO: Essa ocupação que ele fala é de agosto de 87, quando moradores sem teto ocuparam o entorno do açude. Você tem em mente a imagem do açude de cima, recente, que está em parte ocupado? {Tenho} Ali, foi tudo ocupado.

GEOVANA: Tipo assim, quando acaba o açude aí tem uma vila?

AGUINALDO: Não, era tudo ocupado. Centenas de família. Isso foi agosto de 87. Eu me lembro, porque eu trabalhava numa fábrica, aí, pedi as contas da empresa. E eu já participava da associação e foi uma ocupação liderada pela associação. Eu passei um mês lá, na ocupação, sabe? Eu tinha 20 anos, nesse período. Apoiando, a associação que liderava. Todo dia, tinha assembleia e tudo. Eu lembro de comer algumas gias, bebendo cachaça (risadas). Quando eu me lembro...

GEOVANA: Pensando nisso, é que eu peguei o Inventário de Fortaleza Ambiental e peguei os trechos que estão envolvidos nesse território. E aí, ele falou do muçum, mas os peixes não apareceram muitas opções...

AGUINALDO: Essa aqui era uma região muito conhecida como a região do peixe beta. Tu chegou a pegar peixe beta aqui embaixo? (pergunta a pessoa que observa nossa conversa). Rapaz, vinha gente da cidade toda. Eu não sei porque razão, mas aqui tinha os melhores peixes-beta e de várias espécies.

TRANSEUNTE: esse prédio aqui, era tudo uma lagoa. Agora não, está tudo construído. Mas isso aí era tudo uma Lagoa, Lagoa da Cincol {Cincol, eu acho que era uma empresa}. Lagoa da Cincol era um terreno que era grande e era cheia de água e mato e só tinha um caminho para uma pessoa andar, mesmo. E água no meio da canela. Chamava a Cincol, a gente pegava peixe-beta até no ar. {A turma pegava pra vender, porque era demais}. No meio da lagoa, era água aqui nos peito. Aí, nós pegava peixe beta. Aí, chegava em casa, botava no vidro e saia vendendo. E tinha uma coisa, a água que nós botava ele, não podia ser água da CAGECE, não, porque tem cloro. Ele morria, por causa do cloro. Tinha que ser água do poço ou água que não tenha cloro.

AGUINALDO: Eu já cheguei aqui com 10 anos, mas eu lembro demais dessa história. Eu mesmo nunca vim pegar não, sabe? Minha mãe não deixava. Mas eu lembro da turma lá da rua, eu morava ali perto da MECESA, depois da MECESA, e o pessoal se organizava para sábado de manhã vir pegar os peixe-beta. E era fácil e muito, nera? De muita espécie diferente.

(Interferência)

Aqui, era uma região também com enormes campos de futebol, campo de várzea (interrupção). Rapaz, aqui tinha vários campos e eram das ligas de futebol mais organizadas. Daqui, saíram muitos jogadores. Quando a especulação foram tomando os campos, teve uma explosão de violência. Foi automático, o fim dos campos coincidiu com o aumento da violência.

GEOVANA: Isso é mais ou menos nas décadas de 90?

AGUINALDO: O último campo foi exatamente esse da empresa, foi em 2001, eu acho.

GEOVANA: Mas toda a época de 90, mais ou menos, ali, né?

AGUINALDO: 70, 80, 90. Eu cheguei a jogar ainda (...). Tu chegou a jogar em algum time?

TRANSEUNTE: Fui aspirante do JK. É JK, Cruzeiro, Vila Iracema.

AGUINALDO: E tinha o Joinville, aonde hoje é o posto de saúde, né?

GEOVANA: E onde eram os outros? Será que é próximo?

AGUINALDO: Tudo aqui, nesse entorno aqui, nessas áreas entorno do açude. Os campos eram aqui, nesse trecho, e tinha um aqui, ao lado da escola. E os outros aqui, nessas áreas mais claras.

GEOVANA: Tu diz que aqui é um conjunto habitacional?

AGUINALDO: Um conjunto habitacional feito pela COAB. Esses conjuntos daqui da região, eu moro em um, no Presidente Kenedy, o primeiro conjunto de Fortaleza, eles foram integrados. Esse aqui, é esse caso também. Eles foram construídos pela COAB. É interessante, essa política habitacional de ocupação dessas áreas. {É como se fosse quase que um incentivo} Com certeza! Depois desse conjunto aqui, aí, começou o processo de ocupação dessa área aqui. Era toda área de proteção, como ele se referiu, né. Aí, no final dos anos 90... Teve várias ocupações aqui também, lideradas inclusive pela associação de moradores, em áreas em algumas áreas impróprias, algumas áreas de preservação, outras áreas de proteção ambiental. E, nesse período, a característica dessas ocupações eram de sem tetos, de pobres. Hoje, quem está ocupando essas áreas são empresas, são construtoras.

GEOVANA: E é outro impacto, né? Pra mim, não tem como você comparar o impacto de uma vila popular pra moradia e de um prédio. Impacto ambiental, saneamento, de demanda, né?

AGUINALDO: Sim! E de reprodução do dinheiro, do capital, né. Você não está fazendo para você morar, você está fazendo para você vender. E, por exemplo, esse prédio aí, o valor dele tem muito a ver com essa área aqui... Seguramente ele é muito mais caro, porque é ao lado daqui. Se antes, o alugamento era um problema para

as populações sem moradia. Ele deixou de ser um problema, agora, e ele é agregado ao valor do imóvel, ele é algo a mais.

GEOVANA: Que é o debate do verde, que o verde é algo a ser comprado também, né? {Sim} Não é mais questão de direito ou de autonomia mesmo. Porque, pra mim, pesquisar a memória desses riachos é pensar muito a autonomia, por exemplo, que ele tinha. Se ele está precisando de um peixe, uma comida, vai aí e pega...

AGUINALDO: Ou me divertir com meus amigos pegar peixe-beta. Vou para o campo, todo dia jogar. Quer dizer, pra jogar no campo aí (“Areninha” do Polo de Lazer), tem que estar organizado num time, tem que ter todo um conjunto de relações que nem todo mundo tem. {É mesmo, tem que ter quase uma fardinha?} É, porque não tem espaço, é direto aí {Hanram}. Tem que ter chuteira, tem que ter uniforme, tem que não sei o que.

GEOVANA: É como aquele pessoal das bicicletas, todo de capacete, luva e tudo...

AGUINALDO: E tem que ter o cartão de crédito, sem o cartão de credito você não... E tem que ser de crédito, não pode ser de débito não, pra poder se inscrever. Você já delimita ali...

GEOVANA: É complexo... E você disse que a Eretides Martins também alagava...?

AGUINALDO: Demais! Tu lembra das enchentes da Eretides Martins que passava mais de meses sem passar nada (com o Transeunte)?

TRANSEUNTE: Só passava de balsa. Na balsa, porque era água no meio da canela.

GEOVANA: E vocês mesmos que faziam a balsa?

[...]

AGUINALDO: Como é que a turma fazia? Um tronco assim de Timbaúba ou então de bananeira. Como é que a gente chama?

TRANSEUNTE: De bananeira. Pega um tronco de bananeira, enfia uns troncos de madeira assim e os isopor debaixo e amarra com barbante. Aí, amarra uma... e ppsffff.

AGUINALDO: Era uma festa né?

TRANSEUNTE: Tempo bom que não volta mais. Apesar dos alagadiços, mas...

GEOVANA: Diz que até hoje tem um balseiro, no Maranguapinho, mas só que no Genibaú. Ele dizendo, bem matéria de jornal, que ele cobrar uns trocadinhos pra atravessar o pessoal.... até hoje. É, o que tu sugere de conversar ou de procurar por pessoas aqui próximo do Presidente Kenedy ou North Shopping.

AGUINALDO: Pois é. Uma dessas pessoas é o Roberto Pedrosa, que tomou banho nesse trecho perto do North Shopping. Recentemente [...] Ele é aposentado, engenheiro, eletricitista aposentador e tudo. E não teve uma chuva grande em 2014, uma chuva muito grande? E a gente estava desenvolvendo ações assim pra pressionar pelo projeto do parque e tudo. A história de impedir a canalização e tudo. E ele estava fazendo um trabalho pra... sobre... a importância da passagem do riacho sob as avenidas, nos alagamentos. A tese dele era de que não precisava canalizar o riacho, mas preservar o riacho e alargar as passagens, principalmente, da Mister Hull e da Perimetral, lá embaixo... perto/depois da UFC, porque eram dois pontos de estrangulamento. Segundo ele, aquilo ali, estava causando alagamentos pra cá. Dava uma chuvinha fraca, aí, alagava a Mister Hull e tudo. E a prefeitura com a tese da canalização, de que o problema era canalizar pra aumentar a velocidade da água. E o trabalho da Liliana e do Roberto foi no sentido de se contrapor, dizer “não, a solução é outra”, a principal é a preservação e outras questões. No dia da chuva, ele quase que morre, porque ele pulou dentro do canal e foi fazer medições. A água super poluída, contaminada e ele pulou lá, por pouco não morreu. Bateu umas fotos, perdeu uma máquina, mas fez as medições que ele queria fazer. Então, ele é um rebelde {já sou fã dele}. Tem quase 70 anos, mas é uma figuraça. Corre dez quilômetros com a maior facilidade. Ele participa de corridas e tal.

GEOVANA: Porque, como engenheiro, tem uma pressão muito grande, né? {Sem dúvida} De entrar nesse caminho do canal, do canal, porque é o que já está dito né? {Sim} você se contrapor nesse ambiente {Ele é um engenheiro que pensa como arquiteto urbanista, nessa linha aí} ... É, sobre as fotos que tu tem e outros pontos de referências, conversas ou questões importantes que tu acha que durante uma entrevista já estruturada ou semiestruturada, tu acha que seria importante eu já ter de informação?

AGUINALDO: Acho que essa história de como o riacho, ele une comunidades, grupos, a partir dos anos 80 lá, que começa essa ideia do parque Rachel de Queiroz, ela começa lá no Pici, com o grupo ESCUTA, entorno da casa Rachel de Queiroz, com as CEBs, não estruturada... quer dizer, o projeto de parque Rachel de Queiroz. Mas a defesa da casa, de criar um espaço cultural, a partir daí, essa semente vai se desenvolvendo e vai unindo grupos a partir do riacho. O riacho como elemento condutor dessa ideia. E ele que vai, de certa forma, a partir do riacho é que se criam as condições pra surgir o projeto. O parque foi criado, não sei se você está sabendo, oficialmente. O parque foi criado em 2014, pela gestão do Roberto Claudio. E ele foi delimitado, acho que no começo de 2015. Se você não tiver, nós temos os decretos, os limites e tudo {acho que baixei do FaceBook}. Pois é, o que que acontece... {Eu só não tenho o projeto antigo} nós temos, que é lá do José Sales, né? Claro que a gente não podemos ser ingênuos, né? Na lógica da especulação imobiliária das construtoras e tudo, o parque atende a interesses pesados da... Então, o projeto leva em conta isso. E tem objetivos bem claros. Não é à toa que aonde tem que ceder para alguns empreendimentos, eles cedem. Como foi o caso do mercantil (Cometa), do prédio aí (Harmony)... Então, a prefeitura mapeou, ele sabe aonde tem uma área aqui que dá para construir um prédio de 20 andares, a área bem pequenininha. Porque com a tecnologia hoje da construção, você precisa de pouco espaço para construir um prédio gigante. Então, eles vão alterando inclusive para deixar áreas, para tirar áreas de proteção e

preservação ambiental, para tirar da lei de uso e ocupação do solo. Então, por exemplo, a área do presidente Kenedy, porque até hoje a prefeitura não entrevistou lá? Aquele ao lado da escola santa Isabel. Porque o metro quadrado ali vale quanto? {Estão guardando, né?} Mas é claro. Qual é a jogada? A jogada é a seguinte “não, nós vamos fazer o Polo de Lazer aqui, que já está consolidado e tudo, não tem como entregar mais nada, a não ser algumas áreas ali pra trás”, que eles têm essa pretensão, “vamos resolver o problema dos alagamentos pra não alagar mais nessa região”, fizeram essa lagoa de amortecimento, “vamos delimitar o parque e vamos já deixando essas áreas”. Área que era do parque, não era oficial, mas o projeto é da prefeitura! Ele não tinha uma lei, um decreto né? Mas tinha um projeto dizendo que aqui é do parque. Então, vamos deixando aqui algumas coisas. Áreas que “a gente” canaliza pra acabar com a área de preservação e proteção... imagina se ele fosse canalizado, como era o projeto de DRENURB? Liberava geral, né? inclusive, a área do presidente Kenedy.

GEOVANA: E como ele é em várias partes, ali na pracinha do North Shopping, embaixo do North Shopping, ali do lado do motel...

AGUINALDO: Com certeza, e feito pelos empresários, ali né? a prefeitura fez que não viu, aí, entra o Ministério Público e faz um TAC, um Termo de Ajustamento de Conduta e diz que não pode ser demolido. É claro, você constrói, passa anos construindo e você não impede. {Resta só ajustar a conduta mesmo} Claro, obviamente. E nunca pagaram nenhum desses termos, nunca ressarciram não, nunca fizeram nada para o parque. Não fizeram nada.

GEOVANA: Eu pensei nessas perguntas aqui pra semiestruturada, que é meio que falando das práticas, do que as pessoas faziam entorno disso, sobre o que a pessoa via do caminho de casa até lá. Aí, depois vai afunilando as questões sobre o que a pessoa acredita que ofereceu maior impacto, né. Por exemplo, ali próximo ao CSU, que é bem ali onde se bifurca a pista, ela passa duas vezes em cima do riacho (Cachoeirinha) e alguns relatos dizem que as pessoas pescavam ai e não tinha tantas ocupações. Na hora que fizeram a pista da Perimetral, é, facilitou que as casas, as ocupações pudessem acontecer ali e se expandirem {Como foi o caso, aqui, desse conjunto}. E perdeu-se o contato com as águas, com a terra, com os peixes, né, as pessoas pararam de pescar.

AGUINALDO: A questão é que eu me pergunto. Fortaleza é uma cidade sem memória. Talvez, tenha até a ver com a origem dela. Porque Fortaleza não era a principal cidade do Ceará. Fortaleza cresceu assim, historicamente, muito recente. Aracati, Icó, Sobral, Camocim eram cidades incomparáveis com Fortaleza. No entanto, Fortaleza que foi ser a capital. E a cultura aqui é de que tudo tem que ser reconstruído permanentemente, né? E uma ideia que a cidade não pode conviver com os recursos hídricos. Acho que isso tem muito a ver com a ação do serviço público, do poder público. Porque essas lagoas que você vê aqui (aponta para o mapa), em 78, né? Aqui nessa região, havia várias lagoas. Só tem o que, hoje, mais aqui? Tem o Santo Anastácio, lá do Campus do Pici, porque é uma área que está protegida pela/ e é artificial e que é público. Aí, você tem a Lagoa do Urubu... o Açude João Lopes, que é artificial. O que mais?... O Pirambu tinha dezenas de lagoas, ali naquela região. Não tem mais.

GEOVANA: E elas tiveram muita importância pra ocupação da zona oeste da cidade, né?

AGUINALDO: Sim. E se tem lagoas, tem córregos, tem riachos {Tem vida, né}. Aí, quer dizer, é atrasado, a cidade viver essa urbanidade, a densidade urbana, e tudo, transporte e ao mesmo tempo você ter esses recursos preservados, convivendo? Acho que o debate também passa por isso. Porque há uma concepção de que isso é do passado, é algo de uma cidade pequena, de uma cidade interiorana, não é de uma cidade moderna. E eu acho que não há um debate sobre isso, talvez né. Se há, é muito na academia, pesos nas paredes das salas de aula, né? {Onde as pessoas não vão ter uma vivência de fato com o rio, da pesca, do lazer} Que eu acho, obviamente, que tem que ter lá, também, esse debate. Mas tem que ter em outros espaços também, né. Nos movimentos sociais não há. A nossa dificuldade histórica da luta pela preservação do riacho e do Parque Rachel de Queiroz tem sido o pouco envolvimento dos movimentos populares... com a temática. Não há uma preocupação das associações de moradores... Se tu vai para sindicato, nem se fala, né, ele que é mesmo distante... Grupos religiosos, não há... não há uma percepção que seja importante... As escolas, as escolas de ensino médio, ensino fundamental, estão surgindo as escolas profissionalizantes. Tanto fundamental como médio, não há. Há casos pontuais de uma ou outra professora.

GEOVANA: E, muitas vezes, sabe mais a tiazinha lavadeira que um especialista... Porque acha-se que é algo novo e não é algo novo, a questão ambiental.

AGUINALDO: Não, porque faz parte da vida. Quando acaba com uma lagoa ou um riacho, como você fala, quem primeiro sofre é a pessoa que pescava, é a pessoa que pegava palha pra fazer artesanato, o barro. Né? O impacto de imediato seja sob essas pessoas. Pode ser que ela não elabore sobre isso e tudo, mas isso fazia parte da vida delas, pro bem e pro mal também, por conta das enchentes, no período das enchentes e tudo. Porque não adianta a gente também romantizar o passado, né? Como que só tinha coisa boa e tudo. As enchentes aqui são destruidoras, são terrível, de acabar com tudo do povo pobre que morava perto dessas áreas. São históricas também. Eu presenciei algumas, não como vítima, mas como militante do movimento social. Eu morava aqui no bairro, mais para lá, mas as enchentes que eu vi aqui, o povo perdeu o pouco que tinha e, assim, em poucas horas. Presenciei isso também (Interrupção).

GEOVANA: Então, a gente consegue entender melhor (sobre o mapa de relevo)

AGUINALDO: Essa parte verde é a mais baixa?

GEOVANA: Isso, e a pretinha é a mais alta.

AGUINALDO: Engraçado, essa história de que vem de lá, oh. Porque o normal seria descer, né. Aqui é uma... Mas vem de lá o riacho, tem uma depressão assim vindo do Álvaro Weyne. Aí, ele sobe aqui e desce {E a depressão é bem aqui desses altos, vindo de lá, assim}. Aqui é a Lagoa do Urubu? Pois é, ele vem assim. Aqui já é descendo. A Sargento Hermínio é essa? {Isso} aí, ele vem. Olha aí, a lagoa daqui. E junta com essa daqui, olha aqui, oh. Eu lembro, ali perto do RioMar (novo shopping na região), perto da Olavo Bilac, onde a gente passou ali perto, desse riacho passando. Aí, eu sempre achava que ele vinha de cá (Mister Hull), e ele não vinha de cá, ele ia para lá.

GEOVANA: É, porque é bem mesmo como os mananciais, assim. Pra eu também chegar, sair das sociais e também entender que as fontes dessas águas são dentro de Fortaleza. Assim, porque a gente pensa, como cidade grande, bem isso que você disse. Não vai ter uma fonte de água. Mas isso aqui é um manancial que vai alimentando o Maranguapinho.

AGUINALDO: E fala-se que tem algumas fontes aqui. Diz-se que o Açude João Lopes tem uma, que aqui atrás.... O Roberto Pedrosa comenta sobre isso, não sei de onde ele tirou isso, de que tem fontes ao longo dele.

GEOVANA: as fontes lá no Pici, eu conheci uma que fica bem próximo da Unitêxtil (equivoco, é a Terceira Via) em frente ao posto de gasolina {Eu sei onde fica a Unitêxtil}. Diz que fica brotando água ali no posto de gasolina {É mesmo?}. Se a gente souber o quanto polui um posto de gasolina, junto com hospital, nem...

AGUINALDO: E nem poderia estar lá. Porque tem que ter uma distância. Não pode estar perto de riacho, lagoa, córrego, rio... de jeito nenhum.

GEOVANA: É bem esses macetes do poder público e ir cedendo aqui e ali. Existe uma grande lei que diz que preserva, mas no fundo, no fundo, são as exceções que fazem a regra, né? Para quem são as exceções?

AGUINALDO: É, como se o poder público, ele... ele é como se ele fosse gerente do capital. Ele não está lá para se contrapor ao capital, ao dinheiro. Ele está para facilitar, né? Não é a toa que os secretários dessas secretarias chaves são todos indicados por, tipo, Sindiscon, indica a secretaria de meio ambiente, infraestrutura, não sei o que. Isso é a lógica, não adianta chorar. É bom destruir isso ai (risos).

GEOVANA: É como a reforma da feira da madrugada. Dizem que estão trocando o piso da calçada. Na verdade, inventaram uma obra para tornar aquilo ali inacessível e estão trocando o piso, assim. Qual a verdadeira utilidade, se não é a parceria com a construtora que é a dona do piso? É juntou o útil ao agradável pra eles.

AGUINALDO: É, forcem a eles a alugarem box e tal, que já atende a outro grupo econômico.

GEOVANA: E as fotografias que tu tem, são analógicas, digitais?

AGUINALDO: São digitais. Tem algumas analógicas, ao longo dos anos. Por exemplo, eu tenho do açude (João Lopes) em 82, o povo pescando com a mão inclusive, dentro do... pertinho do canal, a primeira canalização e o povo tentando pegar uns peixinhos e tudo. Eu peguei essas fotos por conta/ eu fui no jornal O Povo atrás, numa época que era barato e tudo. Eu fiquei não empolgado que eu comprei. Não foi muito caro, não. Hoje, é caro, os arquivos lá. Aí, eu comprei as fotos... Não. Eu tive acesso e o cara digitalizou com altíssima resolução. Assim, vários megas. Muito legal.

GEOVANA: Porque eu acho que pode ajudar a vir essa conversa, né? {Sim} aí, depois eu quero pegar o contato dessa lavadeira, que tu disse que é perto da associação, do Roberto, se tu tiver oportunidade de falar com ele.

AGUINALDO: Eu lembro do telefone do Roberto, é \$#@%&\$&%. É o telefone fixo dele. Deixa eu ver se eu tenho o celular. Só um minutinho aqui. Roberto pedrosa, nunca mais eu vi o Roberto (tosse). Tem uma pessoa, eu nunca conversei com ela sobre esse assunto, mas ela mora na rua Almeida Filho, exatamente, bem pertinho e acho que ela mora de um período que a rua era cortada pelo riacho, que é a dona... me deu um branco aqui. Eu consigo já já me lembrar o nome dela. A sua pesquisa tem o foco na questão da memória, né? {É} É legal, citar pessoas que possa falar dessa relação.

GEOVANA: É que você vai ser citado como pessoas do movimento e tudo... Mas pensando assim no ser humano comum, esse mesmo que não vai estar tanto problematizando a questão ambiental, como é que vai brotar, né? Acho que vai surgir memórias de pessoas que plantavam milho, feijão, inclusive, que faziam a agricultura. Lá pra banda dali do Henrique Jorge é muito ligado aos sítios, muito, muito. E a relação de Antônio Bezerra com a Parangaba. Aí, o Pici faria essa ligação. Como diz o Leonardo, ali era tudo Pici.

AGUINALDO: Você acha legal conversar com alguém que morou aqui? Aqui tem, esqueci de falar isso... Esta região aqui, historicamente, é conhecida como região do orfanato, aonde viam crianças abandonadas da cidade inteira, até do estado, pra cá nesse orfanato (aponta para lateral direita do Polo de Lazer), gerenciado por essa família que eu falei. E o prédio do orfanato existe ainda e, hoje, é uma creche. Que é uma coisa da tua pesquisa que poderia até surgir algumas sugestões de tombamento, não era? Ao longo da... Como você está pegando essa questão da memória do riacho, ao longo do percurso do riacho, então tem tanto bens materiais como imateriais: brincadeiras, coisas que eram feitas em torno do riacho que podemos sugerir tombamento. E, agora, tem uma lei municipal que você pode sugerir e o tombamento pode ser feito pelo município. Tem um Conselho Municipal de Patrimônio Histórico que é mais simples. Foi assim que a gente sugeriu o tombamento da casa que viveu a Rachel

de Queiroz, lá onde escreveu o livro O Cinze e tudo. Nós sugerimos e o conselho, assim, não demorou muito tempo não. Propôs, defendeu e foi aprovado. É lei municipal hoje.

GEOVANA: eu uso até esse ícone aqui, que é a mãozinha segurando um coração que dizem que é ícone das ONGs e uso aqui na Rachel de Queiroz. No caso do sítio Ipanema, eu uso esse outro {Mas o que você chama de ONGs?} No caso, esse ícone já vem pronto no Google Maps Só que achei... que representaria bem a ideia desse patrimônio, como uma mão cuidado. Ai, esse coração com um “X”, um raio, eu usei no terreno do sítio Ipanema pra dizer que foi um bem que já foi perdido. Como foi essa casa aqui. Você tem fotos delas?

AGUINALDO: Tenho, tenho, antes de ser demolida. E tenho da casa do sítio Ipanema, que era uma casa muuito antiga também {Você acha que tenho como pegar?} Como eu falei, está tudo disponível. Está no meu HD externo porque eu deixei no trabalho. Eu acho até interessante, porque morro de medo de que alguma coisa aconteça com esse HD, de ir espalhando alguns arquivos. [...] Tem uma ponte, lá no... eu acho que ela está dentro do parque. Uma ponte de ferro, ali perto da Mister Hull, no Antônio Bezerra, entre Fortaleza e Caucaia {Hunrum}. Você já conhece ou viu ela ponte? Aquela ponte, o Roberto também fez um estudo sobre ela e nos sugerimos o tombamento. Eu participei... ao IPHAN, que é federal. É da antiga REFSA. Tão interessante também e tem um grupo lá em Antônio Bezerra que quer dar um uso para esportes radicais a ela. Porque essa coisa de tombamento não é pra... {Deixá-la imóvel} no passado. Tem que ter um uso atual. Como essa casa, esse prédio da escola poderia abrigar, como ideia da Lili, uma escola ambiental {dos sonhos}. Só que propositalmente ela está com a estrutura toda comprometida, com o cupim acabando.

GEOVANA: E sem o uso, não dá nem para você ir consertando esses problemas.

AGUINALDO: Não. Tem que ter o uso. {É meio proposital, mesmo} Proposital.

GEOVANA: E eu acho interessante é que compraram a escola, o terreno não. Então é só.

AGUINALDO: Só a escola. Tipo, a escola e cinco metros

(Pausa e retorno sobre as espécies do Inventário Ambiental de Fortaleza)

AGUINALDO: Aqui, eu me lembro. Tinha soim, sagui, tinha demais. Tinha tejo, eu cheguei a ver, aqui também e agora não tem nem passarinho {E os gatos, aí, nem deixam}. Você gosta de gato? {Só no apartamento... dos outros} Isso é a maior praga do mundo de hoje, uma das maiores... As pessoas pensam que o gato é aquela coisinha do dia, fica aí, aquela mansidão, tranquilidade. Você vê um gato, mesmo um gato que pode estar num prédio, num apartamento, se ele tiver oportunidade de sair a noite... O gato não foi domesticado totalmente. Isso é uma praga, terrível, sem predador, tudo o que se mexe ele come. [...] Acho que é um grande problema pras cidades, na minha opinião, os gatos.

GEOVANA: Aí, associa-se que eles caçam ratos, mas o que mais, né?

AGUINALDO: Sim, mas onde estão os ratos, mesmo? A turma bota veneno em banda de lata, né. O predador do rato é o homem, não é mais o gato.

GEOVANA: Coloquei muitas ruas aqui. Você tem mais a indicar que sejam importantes? Marquei a Eretides, a Mozart Gondim {Você marcou a Olavo Bilac?}, a Olavo Bilac que não está aparecendo, mas no outro está {que tem essa relação com o riacho}. E essas casinhas que tem, assim, bem perto agora da lagoa. Você conhece alguém de lá?

AGUINALDO: Conheço. É um conjunto construído pela prefeitura, no final dos anos 90. Pessoal veio de área de risco, muitos assim de esquema de favorecimento político, alguma coisa assim, não é. Aqui tem outro conjunto ao lado que é aqui, foi uma ocupação. Uma ocupação de resistência, de enfrentamento a polícia, numa área também que era área de preservação. E fomos nós que coordenamos, foi a associação, não é. A leitura que eu faço hoje é, assim, menos romântica sobre essa questão das ocupações dos sem teto. Foram ocupações de sem teto. Quem tinha nem entrava porque era banido mesmo. Um movimento sério que foi organizado aqui a partir dos anos 80, né. Digo sério porque eu participei e vi de perto, ajudei a construir também e tudo. E se nós não tivéssemos ocupado, digo eu que nunca peguei em casa, obviamente, nesses locais. Eu e os outros membros da associação que não estávamos... No meu caso, eu era solteiro e tudo. Se nós não tivéssemos ocupado essa área aqui, por exemplo disso aqui seria prédios hoje.

GEOVANA: Que é o que eu imagino. Eu olho pras casinhas e digo “gente”, aquele mar de prédios atrás das casinhas, “isso aqui, ou são pessoas muito antigas que estão aqui realmente...”

AGUINALDO: Ocupação de enfrentamento a polícia e o escambau. De a turma resistir debaixo de lona {Porque destoa da paisagem}. A ocupação aqui durou dois anos, o povo resistindo, morando debaixo das barracas. Ocupamos a prefeitura alguma vezes e tudo. Era um movimento de luta que se formou aqui, nos anos 80, de luta pela moradia, mas que transformou essa região aqui na região que mais conseguiu casas a partir da luta de ocupação de casa para essas famílias... a partir da associação lá, aquela lá que você viu.

GEOVANA: E o espaço de vocês é lindo. Eu tentei assim dissociar do ESCUTA, porque me lembrou muito... e tem também o pauquinho e...

AGUINALDO: Mas são movimentos com características diferentes e com atuações, hoje, bem diferentes assim. Há uma concepção, hoje, há uma despolitização gigante do movimento comunitário popular dessa região e, talvez, da cidade toda. E há uma percepção de que... não há mais espaço para as lutas que nós fizemos. As lutas dos movimentos comunitários é muito entorno de questões bem pontuais. A água, o esgoto, a creche, o posto de saúde, a casa e há uma visão... ingênua, na verdade, de que não precisa lutar mais. Lógico, que as pessoas

continuam sem moradia e sendo expulsas dessas áreas. O que foi que aconteceu com essas áreas aqui? Quando elas melhoraram, quando veio a infraestrutura, aí o povo está sendo expulso. Tu tem que lutar agora para permanecer. Porque a especulação é forte aqui. E tem essa relação com os recursos hídricos também. Porque quem é que morava perto dessas áreas? O povo pobre. Quem é que sofria com os alagamentos? O povo mais pobre... que é ele que estava mais perto. Quem tinha mais condições estava mais distante do riacho, da lagoa, do... {E agora é o inverso?}. Aí tem um mo-vi-men-to agora inverso. Também, olha a cidade de Fortaleza. A cidade não era de costas para praia? Expulsaram os pobres da praia para construir a Beira-mar. Por exemplo, a população do Conjunto Palmeiras foi da beira-mar, foi da construção da Beira-mar. Foram pro Conjunto Palmeiras, Edson Queiroz e tudo. Essa história de elite ir para o litoral não é tão antiga. Acho que ocorre isso aqui também, né? Acho que um metro quadrado/ A grande briga nossa, hoje, assim é pela aquela área ao lado do... do... e acho que você pode, mesmo não enfocando essa questão da... mas deve ter histórias lindas ali, de convivência, de memória...

GEOVANA: E já está adiantado, assim, que os terrenos ali entorno assim são particulares.

AGUINALDO: Ali tinha uma vacaria, uma vacaria que uma família, que mora em um daqueles condomínios perto dali, chamado Zé Natal onde eu comprava leite. Eu saía do bairro Ellery e muita gente dessa região comprava leite na vacaria do Zé Natal. Lá ali naquele centro. Não tinha aquela avenida, a Parsifal Barroso, que continua a Humberto Monte depois, né? Tinha a fábrica, aonde eu trabalhei, a FENALBRASA, fábrica de fiação onde hoje estão loteando. E lá embaixo da fábrica passava um córrego e eles aterraram esse córrego, sabia? {Lá, onde fica...} No terreno, lá naquele terreno onde fica a fábrica. A fábrica você não alcançou, nem o prédio que foi demolido, há uns dois anos por aí? Tinha uma área verde e passava um córrego lá. {Eu achava que por detrás do Posto de Gasolina era a vacaria} A vacaria era entre a escola Santa Isabel pra cá, exatamente aonde tem a área verde, a vacaria era ali. Aquele trecho, gigantesca {Ali antes do G. Barbosa, né?} Do G. Barbosa pra baixo até a escola. {Ai, eles já saíram de lá? Deixou de existir?} A vacaria sim, deixou de existir {mas não nesse processo do parque não né?} Não, bem anterior. Eu acho que foi com a construção da Avenida.

GEOVANA: Como você ia pra lá então, sem a avenida?

AGUINALDO: Ia pelo meio da mata. Isso a gente está falando... de anos 80. Eu entrei para trabalhar na fábrica em 87, a avenida não existia ainda. Aí, eu deixei de comprar o leite, criei moral (risos). Eu não tinha medo, eu ia sozinho, mas tinha uma preguiça tão grande. Só ia porque a mãe ameaçava de dar umas surras. Eu saía daqui do bairro Ellery e ia pra lá comprar o leite. Só achava bom porque tinha as filhas do cara, umas filhas bonitas e tudo, eu olhava assim {Ia de bike?} Não, eu ia andando até porque tinha muita areia, não dava para ir de bicicleta. Da Sargento Hermínio até a vacaria, que é uma certa distância, era areia. Um caminho de areia e mata, do lado e do outro. [...]

GEOVANA: Mas porque tu acha que a avenida que fez o pessoal de lá sair?

AGUINALDO: Não sei, assim, a história da urbanização da região que... Acho que essa pressão. Eu acho que tem relação assim, a avenida, o shopping, o North Shopping e a expansão da Bezerra de Menezes, a ocupação da Bezerra de Menezes. Do lado pra cá da Bezerra, era tudo alagado naquele trecho ali. Tudo fazia parte da margem do riacho. Quando chovia, o riacho era bem largo. Ai o North shopping aterra, é uma coisa mesmo combinada. A história da... a prefeitura traz a infraestrutura, só que antes pode ter ocupações ou no mesmo período ou logo depois, né. As grandes obras, elas chamam essas ocupações, no caso, as ocupações de empreendimentos. Claro que a gente tem que perceber a cidade como uma coisa muito complexa. Ela seria estática? Jamais, né. (...) Aí, ela não vai crescer? Ela não vai se desenvolver? O que questiono é que esse desenvolvimento é muito excludente. Tanto ele exclui o mais pobre, quanto mais destruindo essa parte... [...] O Buraco da Gia devia ser bem por aqui, não é? Diz que lá, o riacho passava exatamente ali. Ai, com a construção da Mister Hull, aí, jogaram... teve muito material e empurrou o riacho. Aí, as pessoas ocuparam uma área lá, mas que alagava com qualquer chuvinha, alagava

GEOVANA: E agora, meio que com a essa canalização que aconteceu por último, eles fizeram paredes de contenção, onde é aqui no Campus do Pici. E aí, tem novas ocupações {Novas ocupações, é mesmo?}. Você vê no Google, tipo 2009, tinha menos ocupações. E em 2016, choveu de gente lá. {Na área do Campus?} Na área do Campus.

AGUINALDO: Minha Nossa Senhora, ali encostado, por detrás do Buraco da Gia, por detrás da CIONE? Pois se eu lhe disser que lá, nesse trecho, está previsto um financiamento do Banco Mundial para colocar uma série de equipamentos? Certamente, nesse trecho de ocupação.

GEOVANA: E vai ter questões sociais pesadas, né? [...] Porque, assim, o que realmente vai ser esse parque? Suas águas estão todas contidas, o que vai ser esse trecho do sítio Ipanema? {E, não vai ter mais nada de parque, por aqui} Pois é, acho que tem por aqui um... O Leonardo até falou, o cara tinha um sítio e pra ele especular, ele derrubou todas as árvores e deixou só um cara lá.

AGUINALDO: Eu tenho essas fotos, foi numa semana santa, do processo da derrubada das árvores. De um cara lá, o Márcio Andrade. [...] E aí, esses contatos que vou te passando. Já te passei alguns. Aí você vai me provocando, me perguntando...

APÊNDICE E - ENTREVISTA 03 (NARCISO MOTA)

DATA DA ENTREVISTA: 13 de junho de 2017

LOCAL DA ENTREVISTA: Horta Didática da UFC – Campus do Pici

NOME DO ENTREVISTADO: Narciso Mota

NOME DA ENTREVISTADORA: Geovana Correia

DURAÇÃO TOTAL: 41 minutos

- **ÁUDIO 01 (00:41:24)**

NARCISO: Pronto, então assim. Bom dia, eu sou Narciso Mota, sou servidor técnico administrativo daqui da UFC e, há 25 anos, que trabalho aqui na Horta Didática da UFC e já conheço esse local há mais tempo do que isso. Esse nosso espaço daqui da Horta da UFC fica inserido na parte mais baixa, posterior a barragem do açude Santa Anastácio e que, antes desses 25 anos, como servidor trabalhando aqui na Horta da UFC, a gente quando era criança há 35, 40 anos atrás, a gente vinha passar as férias aqui, porque meu tio que também era servidor e era nosso local predileto de férias, meu e meus irmãos. A minha tia, que é irmã do meu pai, morava próximo daqui, como muitos funcionários antigos da universidade e a gente tomava banho no açude, era a diversão principal, nadar, pescar com aquelas boias, tomar banho no açude, quando o entorno era ainda todo de mata, haviam pouquíssimas casas. Essa era uma região erma. Eu ficava assim maravilhado, quando pegava o ônibus. Eu morava no Montese, pegava ônibus pro Centro e do Centro pegava o ônibus Jovita Feitosa, que vinha pelas ruas, asfalto, casas e, de repente, o ônibus quando entrava na UFC, entrava numa ruma de árvores e depois aparecia aquele açude. Eu achava um negócio assim mágico, né, de outro mundo. Aí eu dizia assim “Oba, já estou no meu canto de férias predileto, vou chegar na casa da tia”. A tia Irene e o tio Eliésio que moravam aqui vizinhos. E a tia Irene era o avesso da minha mãe, deixava a gente livre. Então, a gente acordava, tomava café da manhã e sumia nessa mata, né. E sumia nessa mata na beira do açude tanto pro lado do sangradouro, pra pescar camarão, pra com o camarão servir de isca pra peixe. Às vezes, a gente ia mais pro lado dos alagados dos sangradores do açude, onde tinha os peixe-beta. Então, os meninos sabiam e não contavam pra ninguém onde tinha as poças onde tinham o beta azul, beta vermelhos, beta albino, então, tinha toda essa ciência de ver aonde se colocava tal e tal tipo de peixe que eram os mais valiosos. Cará, piava, muçum e o bodó, que era o peixe cascudo, eram comuns. Ninguém se importava de pega-los não, porque sempre tinha. E por falar nisso, depois do café da manhã que a gente vinha pra mata, vinha pra mata e passava o dia, né. Alguns agricultores plantavam na beira do açude. Plantavam macaxeira e batata doce e a gente sabia. E a gente sabia. Então, antes de sair da casa da minha tia, a gente pegava uma lata de goiabada e um vidrinho de óleo de cozinha, óleo Pajeú e óleo do que tinha lá. Nesse tempo, nem tinha óleo de soja, era óleo de algodão Pajeú. E ia rouba as batatas da leira do pessoal que plantava. Não via a gente, a gente ia pelos caminhos, pela mata, por dentro do açude, tomando banho. Aí, quando dava uma ou duas horas da tarde, a gente estava com fome, arrancava a batata da leira, cortava com um canivetezinho, fazia uma fogueirinha, fritava essas batata-doce e comia com as piabinhas e os caras que a gente tinha pescado. Era muito massa, e passava o dia. Chegava na casa da minha tia já no final da tarde, no pôr-do-sol, né. Era as férias mais/ Isso com nossos primos, aqui. Era eu, meus dois irmãos, meus dois primos. Então, era uma festa. Brigava com os meninos, tinha território, soltava raia, jogava bola. Tudo isso nos campos de futebol, nas áreas mais abertas sem tantas árvores, que também tinha e a menina na época se divertia, soltando raia, jogando bola, jogando bila. Então, era um lugar de infância perfeita. E ainda tinha, lá pra cima, na área dentro do Campus da UFC, as colônias de férias que meus primos chamavam, porque eles eram filhos de servidores. Então, tinha também nas férias banho de piscina, quadra de vôlei, futebol de salão, futebol de campo, então, era uma diversão a parte. Mas o que me chamava atenção era o Corrente, que meus primos chamavam: “Vamos lá no Corrente”. No começo, eu não sabia o que era Corrente. Depois eu vi o Corrente era um lugar mágico. Eram vários riachinhos dentro da mata na altura da canela ou da colcha, que eram os afluentes do açude Santo Anastácio. E ali a gente pegava os melhores carás, piaba. Ali era o melhor lugar de tomar banho, porque não era uma lagoa funda. Era um riachinho, que a gente ficava deitado e boiando, o dia todo, na sombra das árvores, porque fazia uma alameda de árvores fazendo sombra no Corrente. E, no final do corrente, quando a gente ia até o final, encontrava de novo as casas, a civilização, ruas, casas que já era lá para a rua... Bom, eu esqueci o nome. Mas era rua Paraguai, rua Argentina. A rua onde os ônibus da Bela Vista saiam, me esqueci agora, não sei se é Paraguai ou Argentina, onde o ônibus da Bela Vista saia para pegar a Humberto Monte. Então, essa área era uma área de desbravação, de alegria, de mistério, de conhecimento para essa nossa infância aí, acho que dos 10 aos 15 anos, eu vivi isso como criança. E ainda tinha o miolo acessório do açude que era a Faculdade de Agronomia. Naquele tempo, eles chamavam de escola, a Escola de Agronomia. Mas era toda a UFC que estava começando a construir os prédios dali né. Aí, como a gente vinha nas férias, não tinha muito estudante. A gente ficava *curiosando* o que que tinha nos prédios, ficava querendo entrar pra ver, correndo dos vigias. Aí, juntava dois, três vigias apitando e aquela ruma de moleque. Eu, meus dois irmãos, meus primos, mais os amigos ali da rua, correndo. Então era aventura a parte. E essa história marcou muito a minha infância, porque a gente via essa dicotomia entre uma área extremamente... eu não diria nem rural, mas também era rural

porque havia o gado, a gente ia pegar leite, tanto aqui na própria UFC, haviam vacarias fora, né. E a gente, todo mundo tinha medo do vaqueiro, que era um vaqueiro que morava vizinho e ele brigava com os meninos para o pessoal não cutucar as vacas dele, não jogar pedra. Menino é bicho danado para atentar animal. Mas a gente vinha comprar leite aqui na vacaria da UFC. Então, a gente atravessava, que era uma alegria, o prédio da Zootecnia que é em forma de uma cuia, então, eu subia em cima dele e, até hoje eu ainda faço isso, e vinha comprar, tinha uma fila pra comprar leite na vacaria da UFC e, hoje já não tem mais. E ao final da UFC, eu vim um dia com meu tio, que meu primo ia tentar jogar bola aqui no clube de futebol do Tiradentes, que é o clube da Polícia Militar. Aí, nesse dia, foi a primeira vez que eu, além de passar por todo o açude, a gente vinha pela beira do açude, depois arroteava pra cá pela biblioteca e Zootecnia e depois pra vacaria, daqui da UFC, a área onde hoje é os caprinos e parava ali. Nesse dia não. Com meu tio, a gente atravessou, foi até esse riacho que hoje eu trabalho aqui vizinho, que é o riacho que sai do sangradouro do açude e que, aqui, na esquina da Horta onde tem o bambuzal agora, ele junta com o riachinho que vem debaixo do North Shopping. Aí, a gente atravessou uma pontezinha, a gente parou, deu um mergulho, tomou banho nessa ponte. E atravessou para o outro lado, para o campo de futebol do outro time, do Tiradentes. E, de repente, a gente estava na Mister Hull. Então, eu vi que esse mundo que começava na Humberto Monte, tocava outro mundo que era a saída de Fortaleza. Isso, pra mim, criança com 11, 12 anos pra 13 anos, tocava o outro lado que era a outra saída da cidade que ia pra Caucaia. E, aí, eu comecei a perceber o tamanho, a insensidão, mas só dei de conta do valor disso, realmente, quando vim trabalhar aqui em 92, 93 como servidor da universidade. Que é uma área enorme e que, aqui na Horta da UFC, ela está junto com o açude santo Anastácio. Ela é banhada pelo sangradouro do açude, do riacho que é formado pelo sangradouro do açude mais o outro riachinho que eu falei, que vem do shopping e é uma área que a gente não tocava. Uma vez, eu fazendo a cerca e medindo, fui andando, andando e, você via que a área estava alagada, mas não se tinha sinal do riacho. Aí, eu vi um tamanhinho de um metro de riacho. Fui andando na lama, andando na lama, fui pisar no riacho. Afundi até a altura do peito, vupo, d'uma vez. Ou seja, era a calha viva onde o riacho corria. Coisa de você dar um passo e estar pisando na lama, que não chega nem no joelho, e de repente você afunda acima do umbigo, na altura do peito. Aí, você se desespera, mas segura num capim, dá outro passo e está fora. É um negócio que normalmente você não vê, porque era no tempo seco que a gente foi fazer a cerca em volta da Horta. Porque, no tempo cheio, é um brejo molhado com cerca de 50 a 100 metros. 50 metros para o lado de cá, que eu conheço e 50 metros para o lado de lá. E, na chuva grande, fica mais de 200 metros molhado. A água bate aqui perto desses tamarindos, até lá o riacho são 100 metros e do riacho até o muro azul, que é o Colégio da Polícia Militar, são mais 100 metros. Então, fica 200 metros de área molhada, esse riachinho que na seca é um metro ou dois, só, de calha viva. Então, tem um potencial muito grande de animais. Ainda hoje, os meninos estavam vendo aqui e perguntando se hoje, em 2017 (...) se era uma cobra coral, se era falsa, se era verdadeira. A gente sempre encontra cobra de veado nas árvores. Tem duas famílias de soim que habitam aqui na horta, constantemente, disputando uma com a outra e disputando as frutas, comendo banana na nossa mão. Muitas plantas nativas e muitas introduzidas. Mas é pena, né, para não dizer que não falei das flores, de um descaso muito grande dos órgãos públicos que começaram um tal d'um parque, não sei se é Rachel de Queiroz, o nome, se não me engano. Mas que até agora só fizeram foi encaixotar o rio com duas paredes de cimento que não deixa mais alagar pro nosso lado, nem pro lado de lá. Do lado de lá era mais capim. Tem um senhor que cria, numa vacaria. Do nosso lado, tinham pés de açaí, de buriti, vearias árvores que secaram porque não ocorre mais os alagamentos. E o parque, até agora, não aconteceu. Não deram sequência, né. Ficou o local que os caminhões que vinham deixaram como estrada, aí vem muita gente que faz fogueira, vão fazer pesca ali, que é interessante. Eu também fazia isso. Só que sem cuidado e sem educação com a população, já queimaram duas vezes nossos bambus. A touceira de bambu está, você vai ver lá, a metade com o bambu seco e caído, porque pegou fogo em volta de todos eles. A gente foi com mangueirinha e bande de água para apagar nosso baluarte, aqui, a morada de saci e de entidades encantadas, nosso bambuzal. Mas que precisa que os órgãos públicos concentrem mais educação ambiental na televisão, na escola, no dia a dia, nos parques, em todo canto, para que as pessoas possam valorizar essas ilhas de excelência da natureza que está se acabando que é esse nosso entorno do açude Santo Anastácio.

GEOVANA: ...Bom demais! Que outros usos tu via também da comunidade, em relação a...

NARCISO: Hum, muito massa. Bom, a comunidade tinha uma interação grande. Desde os agricultores que plantavam batata, feijão, macaxeira, no entorno do açude, nas proximidades, nos seus quintais, fruteiras, bananeiras, cana, coco, muito... a pesca, né? Então, era lotado dos seus pescadores. Meu tio tinha uma boia, que a gente ia, brincava. Então, fazia muito a atividade dos ribeirinhos, pescadores, agricultores. Aqui era uma área que nem era distante do Centro, mas era um pouco isolada, mesmo tendo duas linhas de ônibus que serviam. Uma vinha lá por cima, chamava o Panamericano, vinha pelo Planalto Pici e a outra era o Jovita Feitosa que vinha, aqui, pela Humberto Monte. Essas duas linhas de ônibus paravam aqui no Campus da UFC. E o pessoal que eu conhecia que morava entre o Correntes, que eram os afluentes do açude e a beira do açude Santo Anastácio. Do lado de cá, quando digo "lá de cá" é onde há a maioria dos prédios da agronomia. Porque do lado de lá era do mato, atualmente é que começaram a construir prédios. Do lado de lá era o lado da nascente. Então, a área ocupada era esse lado do poente, lado do oeste. E a turma, além da agricultura e da pesca, tinha a interação de lazer, de recreio, de brincar no açude, de tomar banho, de encontro, de namorar, de jogar futebol, na beira do açude tinham vários campos, né. Eu lembro que vizinho ao meu tio tinha um funcionário antigo daqui que era tratorista, seu Adonias, e ele tinha

um time de futebol que juntava a rapaziada todinha, meus primos, filhos deles, a vizinhança. Ainda hoje eu falo com os funcionários antigos aqui da universidade, o pessoal antigo e todo mundo se lembra do Fudenga. Fudenga era o time de futebol. Achava interessante esse nome. E no Fudenga era onde juntava os campeonatos, uma turma vinha de longe para jogar bola. Era uma história conhecida aqui nessas regiões, as partidas de futebol na beira do açude Santo Anastácio, né. Então, era um marco. Depois, quando eu / falando das interações sociais nas margens do açude, né. Depois, pelos idos de 90, 92, no começo da década de 90, eu fiz o concurso para universidade e, em 92, o vestibular para agronomia. E ocorreu as invasões, que o povo chamava. Então as ocupações, as comunidades precisando, as pessoas precisando de espaço para morar, ocorreram as ocupações entorno aqui do açude de várias que tiveram, né? Mas eu participei especialmente dessa do começo da década de 90, no ano de 91 pra 92, por que? Porque foi lá que eu fui morar também. Meus primos como já moravam aqui e já ficando grandinho aí com 18 pra 20 anos, já namorando e saindo de casa, ocuparam dois, três lotes. E depois a gente, meu pai negociou com ele porque eu tinha passado no vestibular, então, ele comprou um lote do meu primo e disse assim “Oh, Narciso”. E, nesse tempo, eu estava morando de caseiro no meio do mato ali do Cumbuco, no terreno de um médico amigo nosso, né, o doutor Rivaldo. E a gente morando e plantando e cultivando lá, mas fica difícil. O primeiro semestre de agronomia, eu fiz ainda morando o Cumbuco. Tinha que pegar dois ônibus, um pra Caucaia e da Caucaia pra cá, pra fazer. Foi assim que eu fiz o vestibular também e o primeiro semestre. Até que meu pai viu os meus primos nessa ocupação e perdeu um desses lotes. Ele vendeu e, com ajuda do meu pai e da minha mãe, a gente construiu uma casa aqui na rua Domingos Lopes, que era na beira do fim da linha do ônibus Bela Vista, que é o ônibus que passa mais próximo. Ele passa no começo do açude, nos afluentes que formam o açude e termina a um quarteirão, dois quarteirões da mata do açude (...) porque o Panamericano ficava lá em cima, na área de esporte. O Jovita Feitosa ainda entrava no Campus, mas era o Bela Vista que entrava dentro da comunidade. E a gente comprou esse lote e morou lá, cinco a oito anos, e viu essa comunidade em volta do Santo Anastácio crescer e se desenvolver. Nossos primos tiveram casa lá, os vizinhos deles que também era nossos amigos de futebol, de brincadeira, de pescaria, crescendo e fazendo suas casas lá em volta. Muita gente de fora chegando, isso já no final da década de 90, ou seja, 7 a 8 anos depois a violência aumentando muito assim por conta dessa gente que chega e não tem mais a percepção do valor da natureza, que a brincadeira era tomar banho no rio, era pescar. Então, o pessoal já, principalmente a juventude, já não tinha mais tanto campo de futebol, não tinha mais tanto campo para soltar raia, né? As próprias moradias e a institucionalidade se fechando e cercando as áreas pra comunidade. Então, eu via profissionais, pessoas daqui dizendo que era para eu ter cuidado com as favelados. Então, eu achava um absurdo, assim, que eu já estudante saia de laboratórios bem equipados e com muitos equipamentos que eu não sabia bem para que servia a metade daquilo e, quando atravessava ali o portão depois da Embrapa, que era o portãozinho que eu entrava, uma criança no chão nua no meio da lama comendo só um pratinho de feijão. Aquela di-co-to-mia, esse impacto me deixava cada vez mais louco, com “pra que essa universidade desse tamanho? Por que essa comunidade não consegue interagir?” E aí, eu ficava com aquele meio nó na garganta, com vontade de desistir da faculdade, mas toquei em frente. Talvez, eu possa fazer alguma coisa dessa estrutura de universidade e da minha formação servir a essa comunidade que tanto precisa. [Pausa.]

NARCISO: Se a gente não fizer essa história hoje, a gente pode vir outra vez. Se não for aperreio pra ti na próxima semana. Eu vou mentir pra ti e dizer que eu tenho as manhãs livres, mas tu já viu como é que é [...]

GEOVANA: Só pra fechar, assim, pelo menos algumas dúvidas {Aí}. O Corrente eram esses afluentes pra baixo ou pra cima?

NARCISO: Pra baixo, pra baixo. Tanto era lateral. Esse lado daqui a gente nunca foi não. Era esse lado aqui, que era o lado da faculdade, tinha dois laterais e tinha esses que formavam o açude. Então, aqui, era uma área de mata e açude, no tempo do inverno. No tempo das cheias, ficavam muitos afluentes, muitos açudes que não só um que está aqui (aponta para o mapa). Este deve ser o afluente, o rio principal que abastece o açude. Mas haviam muitos, assim. Eu contava como dedos, como ruas, cinco, seis, sete correntes que todos desaguavam no açude. E a gente é... tinha aquelas correntes que eram territorializados. Os meninos da nossa idade dizem “não venham outros para cá não, porque é aqui que a gente vai pescar”. E como era eu, meus dois irmãos e mais três primos, então, nosso time era seis. A gente juntava mais quatro ou cinco amigos, então, era um grupo de dez, doze meninos “vei” que tomava conta daquela área do riacho e só a gente pescava lá e... Coisa de território, né, cara?

GEOVANA: E quando tu diz camarão, é tipo pitu?

NARCISO: Não, é camarão pequeno. Quase não havia pitu. A gente tirava alguns pitus aí, mas era assim, uma coisa rara, pescar um camarão grande pitu. A regra era pegar camarãozinho pequeno pra você botar no anzol pra pescar cará grande. Aí, a gente pegava o cará chibabodão como os meninos diziam.

GEOVANA: Tu lembra de outras espécies além dessas daí?

NARCISO: Sim, cará, traíra, jacundá, muçum, piabu e bodó. Tinha muito guppy, que a gente não chamava de guppy, chamava de coloridinho. Como a gente chamava o guppy? Acho que depois a gente chamava guppy, mas antes a gente chamava coloridinho mesmo. E piaba. Todos esses. Da onde tu tirou isso aqui, mulher?

GEOVANA: Do inventário ambiental de Fortaleza. Mas aqui não é o... como é que vocês chamam?

NARCISO: Guarú ou guaruaru {que vocês chamavam o guppy?}. Guppy é de aquário, é um nomezinho novo que apareceu agora. A gente chamava de guarú ou guaruaru. Aí, a gente comia cará, comia piaba. Esse curimatã eu não lembro, não sei nem sei isso existe. Acho que isso é novo. Os meninos comiam muçum, eu nunca

comi. A gente comia cará, comia piau. Só esses dois cará e piau. Só esses dois que a gente comia e camarão. Só que bodó, não, ninguém gostava, ninguém comia. A gente fez uma vez e não comeu. (Interrupção) O que eu ia dizer? Sim, aí, a gente, um dia, não consegui cará nem as piabas pra comer. Mas só saia guaruaru. Os guaruzinho, guaru, guaru. Aí, “negada, vamos”, aí, botamos na latinha. Ninguém comia esses bichos. É um guppizim. Nesse dia, a gente fez uma farinhada com batata-doce e guaru. É a fome dos meninos, né? E a minha mãe, não grava não (risos), dizia assim “você não voltam mais para essa tia de vocês, voltam tudo magro, preto, piolhento, todo ralado” e era assim mesmo. A gente ficava aqui quinze dias, um mês, cara. E a gente voltava magro porque passava o dia só comendo a nossa história, todo queimado, piolhento, porque era da meninada, todo arranhado da mata, cortado, mas era o tempo mais feliz.

GEOVANA: E o peixe-beta que talvez esteja faltando aqui? Ouvi falar dele ontem e hoje.

NARCISO: É, está faltando o peixe-beta, mulher. Pois bote. Tinha o peixe-beta albino, o peixe-beta vermelho, o peixe-beta azul. {Mas fora esses?} E o camarão. Beta e camarão, seriam os dois para acrescentar aqui que eu me lembre agora... Mulher, agora, quemalaria bem disso seria os meus primos que eles moraram aqui, eles viveram aqui até adulto. Eles saíram com mais de 20 anos daqui. Depois, eu posso até te passar o contato. Um deles, ele trabalha com um negócio igual a ti, de filmagem e tal, lá na assembleia, a TV Assembleia. {Olha que legal} Ele trabalha com imagem e sempre foi produtor de imagem e, de vez em quando, manda um zap pra mim. O Messias, que era o mais novo, o mais sociável, o mais tranquilo, ligados as artes e tal.

GEOVANA: Pois pronto {Vamos pra outra? Pra gente encerrar que eu tenho três telefonias que tenho que ir}. Eu vi também que tu associa mais o impacto a canalização.

NARCISO: Sim. A canalização como um impacto, na verdade, pra umas estrangeiras que ficavam aqui, que eu cito muito o buriti e o açaí. Mas de qualquer forma, é porque a gente percebeu elas, que a gente plantou. Mas deve ter outras nativas que foram impactadas. A gente só percebe porque, como passou a draga e o trator... eu ainda não falei isso. O trator passou dragando, acho que uns cinco anos de fazerem o murete, o trator passou dragando, depois ele passou de novo, refazendo o canal do meio, então, eles desmataram e cortaram muita árvore. A gente não via os prédios do outro lado. Era azeitonas, tinha muita azeitona, jambo, mangueira, coqueiro, isso aqui tudo era lotado de árvores.

GEOVANA: Então, esse trator tirou?

NARCISO: Tiraram. Foi tudo derrubado.

GEOVANA: Há cinco anos atrás, seis, sete?

NARCISO: Não, há mais. Eu estou aqui há 10 anos (...) a draga passou há uns 07 anos e foi logo no começo. Tá uns 08 a 10 anos que foi sendo retirado as árvores, gradativamente... Ah, me lembro. Foi antes disso até. Quando passaram esses postes de linhas grandes, cortaram muitas árvores que ficavam embaixo. {A linha da energia?} A linha de elétrica, de energia elétrica. Foi onde cortou as árvores, depois dragaram o rio para ficar só mais uma calha, depois encaixotaram o rio.

GEOVANA: Se tu lembra de alguma vegetação nativa...

NARCISO: Certo. Calumbi, sim. Guajiru, tem muito. Torem, murici, oiticica. Juazeiro é mais pra cima {Mulungu está só a florzinha}. Tem um mulungu ali, mulher, se quiser tirar uma foto. Mulungu. Oh, eu sei que tinha maracujá do mato, que a gente comia. E eu estou doído pra pegar a semente aí [...] eu vivia naquela mata, mas tem um tempo que ele bota. E é um mês só. Que eu acho que é março, abril. Mas você não consegue pegar o maracujá no chão. Porque, quando ele cai no chão, quando dá oito horas da manhã, as formigas já furaram e roeram todo ele por dentro. Eu, para eu pegar um maracujá, tinha que pegar ele de vez nas árvores. Uma vez, eu cheguei seis horas da manhã, aí, eu peguei eles começando a roer. O maracujá do mato. Delicioso. Porque não é o maracujá do mato comum. É um maracujazinho do mato que a casca é toda amarela e ele é doce. Você come ele e é docíssimo. Uma coisa maravilhosa. Então, esse maracujá marcou a gente e o Cipó do Tarzan, que aqui tem um cipozinho numa mangueira que está começando a engrossa. Mas, lá na mata, a nossa brincadeira era pula de cipó pra dentro do açude encima de um pé de azeitona. As azeitonas ficam na beira d'água. [...] e tinha uns cipós que cresciam no pé de azeitona, aí, você se balançava nele e caía dentro do açude, cara. Era bom demais essa história. Então, assim, os pés de azeitona, tinha demais. O maracujá do mato e o Cipó do Tarzan. Que era óbvio, a gente ó conheci como cipó do Tarzan. Vou até pesquisar que cipó é esse. Que não é o cipó chumbo, pequenininho, rasteiro. É um cipó de uma árvore epífita que dá lá em cima das árvores e ele desce as suas raízes.

GEOVANA: Depois, se tu puder só fazer um exercício de lembrar dos pássaro.

NARCISO: Pois deixa eu só dá uma ideia aqui pra ti dos passarinhos... Demais, cassaco. Cururu, camaleão, soim, calango, rã. Essa daqui está com cara de gia, mas não é gia. É uma rã. Se bem que gia é um nome popular para um tipo de rã, que a gente chama de gia que é a rã leopardo. Tem uma rã touro gigante que é uma verdona, que é criada em granja para matar e comer. Mas essa daqui é uma perereca. Pode botar, ela está até numa bananeirazinha. Oh, as mãos, né? É uma perereca {Como eu não entendia, acabou sendo}. Aqui, também é uma perereca, perereca e perereca. É que todas as pererecas são rãs. O cururu é de uma classe diferente e a gia é um tipo de rã grandona. Ela parece um cururu, mas ela é rã.

GEOVANA: E aquele pequeninha que é assim?

NARCISO: São as pererequinhas de banheiro, que é um tipo de rã minúscula, tem inúmeras. É... cassaco. Eu fiquei de frente para um bicho desse, em cima de um coqueiro ali. Eu não podia nem pular e nem descer, porque

já estava lá em cima. E ele também não podia me atacar e ficava “grrrrr”... Era muito massa. Passarinho, eu não era muito ligado em passarinho. Mas, saca aqui, tetéu, socó... Esse maçarico, que eu lembro, mas não conhecia como tal. Esse tipo de pica-pau, a viuvinha, a marrequinha tinha demais. Jaçanã, garça até hoje tem. Martim pescador, lavanderinha demais. Garça branca. Agora mudou só o bico e eu não lembro de bico das bichas. Galinha d’água, tinha demais. Andorinha.

GEOVANA: Agora, essa lavandeira tinha demais e elas desapareceram.

NARCISO: É, está pouca mesmo. Sibite, que não sei que nome dá aqui, mas tinha demais {sibite é nos pássaros urbanos}. Ah, legal. Rolinha, fogo-apagou, tetéu, anum, anum branco, anum preto, tinha demais. Até hoje tem. Vem-vem. Sibite, sibite é o clássico. Ainda tem sibite relógio, eu não sabia. Que massa. Golinha, muito golinha. As rolinhas caldo de feijão e cascavel, que é como chama a rolinha fogo-apagou. Tem dois tipos de rolinha, está faltando uma aqui. Essa rolinha era chamada de rolinha cascavel, tem uma rolinha que a gente chamava de rolinha caldo de feijão que é uma bem marronzinha. Papacuzinho, tinha demais. Sanhaçu. João-de-barro, eu só vi no sertão. Rasga-mortalha, as corujinhas tinha aqui, que a gente chamava de caboré, uma coruja pequena, era da cor dessa mas com a carinha dessa, não tinha os olhos de mau não. Tinha a cara de boa (risos), quer dizer essa tem cara de mau e essa tem cara de boa. A rasga mortalha é boa e a coruja é soberba, professora, deve estar bem no doutorado (risos). Tinha falcão, gavião, nosso gavião, carará. Gaviãozinho de rapina.

GEOVANA: E os peixes?

NARCISO: Papa ovo, mulher, tinha umas papa-ovo pretona, doida. Cobra de cipó e cobra verde, tinha demais. Cobra preta, cobra verde, cobra d’água. Cobra de duas cabeças que não é cobra é um anelídeo, é um lagarto sem pé. Tijubina, lindo, lindo, eu me encantava com as tijubinas. Tejo, até um dia desses, tinha um ninho de tejo aqui atrás dessa casinha verde, aí nos cajueiros, mas que foi embora. Joboi, aqui tem demais. Coral, falso-coral.

GEOVANA: Acho que tu chegou a falar de outra cobra hoje, não, se eu não me engano?

NARCISO: Que é a cobra água, que é tipo essa falsa-coral, aqui, a cobra d’água... Não, mas as principais eram essas. A corre campo e a cobrinha fina de cipó. {Corre campo, ela que dá umas carreiras?} É, a bicha corre no meio do milharal. Todos esses tinham aqui. todos essas, todos esses aqui. Eu vou ver se me lembro de mais, bichos ou cobras ou pássaros. “Transformações dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço a oeste de Fortaleza”, qual é o Cachoeirinha aqui?

GEOVANA: É aquele que passa no Henrique Jorge.

NARCISO: E o Alagadiço?

GEOVANA: Começa ali na Vila Ellery. Lá próximo ao Polo de Lazer.

NARCISO: E esse que vai lá da lagoa e abastece aqui?

GEOVANA: Pessoal chama de sangradouro, mesmo, do Santo Anastácio.

NARCISO: Mas esse não é o sangradouro. Aqui é a parede né? O sangradouro é aqui que sangra. Ele junta e tanto que aqui forma um alagado, um pantanal e criam essas várias vertentes, né. Mas aqui nos Correntes eram rios. Aí, talvez, fosse interessante tu ver o nome desse riacho que está aqui. Ele deve ser o que passa no canal. Se bem que o canal é pra lá, não é pra cá, o canal do Ceará. Mas realmente, agora que estou vendo a ligação da Lagoa da Parangaba com isso aqui, oh.

APÊNDICE F - ENTREVISTA 04 (ONDINA LIMA – ANÔNIMO)

DATA DA ENTREVISTA: 03 de julho de 2017

LOCAL DA ENTREVISTA: Rua Eduardo Barros Leal

NOME DO ENTREVISTADO: Ondina Lima

NOME DA ENTREVISTADORA: Geovana Correia e Dora Caleb (mediadora do contato).

DURAÇÃO TOTAL: 54 minutos

- **ÁUDIO 01** (00:54:14)

ONDINA: Eu cheguei aqui em janeiro de 1970 {Hunrum}. Aqui, era alagadiço. Conhecido por alagadiço. Isso aqui era só terreno, água e mato. Não existia nada aqui. Da Bezerra de Menezes para cá, esse bairro aqui, essa rua aí, Bezerra de Menezes, ela não era. O bonde que era São Gerardo. O colégio Santa Isabel era o fim da linha do bonde. Então, tinha o nome de São Gerardo o bonde lá, São Gerardo. Quando acabou o bonde, ficou o ônibus São Gerardo. Mas só até ali o colégio. Pra lá já era Antônio Bezerra. Não era Bezerra de Menezes, não. Era Barro Vermelho, não era Antônio Bezerra. Do colégio para lá, era Barro Vermelho. Quando passava um carro, minha fia, ficava tudo vermelho de barro, os carros e a gente e tudo. Era uma... Aí foi indo, foi indo... Tinha uma família, que hoje é ali perto da faculdade, que eles tinha muita coisa, muita terra, muita coisa, eram ricos. Bezerra de Menezes, a família. Ai botaram o nome, ai a avenida passou a ser avenida Bezerra de Menezes. Foi tirado por essa família. Saiu de São Gerardo. Não saiu de São Gerardo. Hoje, o bairro passou a ser São Gerardo. Era só ali, São Gerardo. Pra cá era mato, não tinha rua, não tinha nada. Ai, essas famílias, depois, se acabou tudo... não tem mais ninguém. Só tem eu, caduca veia pelejando. Aí, não lembro qual foi o tempo. Não, foi em 1970, eu vim para cá. {A senhora veio da onde?} do Jardim América... perto da João pessoa. (inaudível) Eu morei uns 15 anos lá. Aí, eu tive só o Eugênio lá. Aí, trouxe o Eugênio bem novinho pra cá... Aí, quando nós chegamos aqui, tinha essa rua Olavo Bilac, essa avenida aí. Ai, chamavam isso aqui tudo de Olavo Bilac. “Mora onde?” Lá na Olavo Bilac. Ai, essas casinhas aqui de rua, tudo era desse tamanho, umas coisinhas, era tudo grudadinha, era assim tudo bem pequenininha. Isso tudo aqui era vacaria. Meu “vei” tinha vacaria. Seu Arteiro que era dono dos terrenos tudo aqui, por aqui. Foi indo, foi indo... Aí passou e ele loteou, esse terreno aqui todinho, dois lotes. Aí foi vendendo os lotes. O último lote era o meu, que é esse aqui... Depois... Tinha essa rua Olavo Bilac, já tinha a igreja São Judas Tadeu. Não era igreja, era uma capelinha bem pequenininha bem escurinha e a frente era só grama, mato. (Interferência)

GEOVANA: A senhora estava dizendo que foi quando ele começou a lotear, né?

ONDINA: Começou a lotear e povo construindo. Só casona boa. Então, nessa rua passou. Na Olavo Bilac tinha o que? Só tinha essa capelinha São Judas Tadeu e tinha a hospedaria, a hospedaria. Para onde vinha os flagelados, o povo das secas, dos interior. {Onde ficava?} Aqui, onde hoje é a casa dos velhos, hoje, é um luxo, na Olavo Bilac, na avenida mesmo. O que tinha de mais importante ali? Tinha mercearia, tem mercantil, essas coisas, não tinha nada. Não tinha nada. Quando cheguei aqui era maior esquisito. Eu não queria vir para cá de jeito nenhum. Porque esse terreno ai era só do povo botar lixo. Era uma lixeira ali.

GEOVANA: Ali na CAGECE?

ONDINA: Não era a CAGECE, não. Ali, a CAGECE? Ali era o curral dos burros, da moageira, a CAGECE, era... ali era o curral dos animais.

DORA: Tinha moageira aqui, Dona Ondina?

ONDINA: Tinha, na Bezerra de Menezes, do seu João Meireles, da família dos Meireles.

GEOVANA: O que é moageira? [...]

ONDINA: Moageira é o que faz... é café, (Inaudível) é o que faz bagaço de milho, (Inaudível) que faz pão, faz biscoito (Inaudível) mas nesse tempo era fraco, as coisas.

GEOVANA: E ali pro North Shopping, como era as coisas?

ONDINA: North Shopping era só água e mato, pé de azeitona, pé de mangueira, era só isso. E essa rua aqui... só tinha... lá atrás na igreja (São Gerardo), tinha aquele terrenão que era do Estado. E é ainda, viu. É do Estado. Aí, essa rua Dez de Agosto aqui não tinha. Era só o mato e os caminhos pra gente passar, pra ir lá pra trás... pras azeitoneiras, pras coisas. Menina, aqui, eu tinha uma ruma de menino, era tudo com saco cheio de azeitona, cada coisa desse tamanho. E e água e peixe. Era tanto do peixe, era traíra, era tanto do peixe... Era o canal aí. Ai o Otacílio, meu marido, botou uma ponte de pau de carnaúba, tronco de carnaúba {Que ele arranhou por aqui mesmo?}. Não, veio de fora, que era cumprido as carnaúbas. Carnaúba não tem mais valor não, minha filha, mas antigamente era a riqueza. Depois que inventaram o plástico, carnaúba, cera de carnaúba perdeu o valor. Tinha muito valor, carnaúba. Tem mais não.

GEOVANA: Fora que é linda.

DORA: E fazia o que de carnaúba?

ONDINA: Tudo, minha filha, eu tirei muita cera de carnaúba dentro do paiol {Batendo}. Não, batendo não. Era rasgando a palha. Ai, tinha aquele pó e a gente saiu branquinha de dentro do paiol de... pó de cera da carnaúba. Tem um pó danado, a palha da carnaúba. Ai a gente aproveitava para fazer tudo o que fazem hoje de

plástico. Era de carnaúba, né. Ai o pauzão era para fazer ripa, linha para botar nas casas. Era assim, não tinha coisa de madeira não. Tudo pertencia a ripa, ripa de carnaúba. Essa casa aqui era toda de carnaúba.

GEOVANA: E tinha outros usos da comunidade em relação ao riacho?

ONDINA: Não. Só tinha lá o açude, o açude acolá e ainda tem a lagoa, ainda tem a lagoa. Aí fizeram o canal, ai, né. Era só areia e água passando no meio. Agora, a agricultura é muito antigo {Aonde?}, a Secretaria de Agricultura. É muito antigo aquilo ali, que é o parque... como é? Onde faz a EXPOECE, né. Parque, o que menina? Esqueci... Aí, ele hoje já está abandonadinho de novo. Isso já foi TÃO bom. As feiras de amostras, chamavam feira de amostra. Minha filha, até cantor de fora vinha com palco ali atrás. Era tão bonito. As festas aí era bom demais (...). Agora, está tudo acabado, porque tem tudo shopping em todo canto. Pessoal não estão mais ligando, não. Mas era muito bom isso aí.

GEOVANA: E as pessoas plantavam aqui próximo ao riacho? Além da pesca, pessoal também plantava, algo como milho, feijão, tinha esse...

ONDINA: Plantava. Não, plantava não. Assim, era só mato mesmo, né. Pessoal não ligava muito. Esse pedaço aí, hoje é a CAGECE. A CAGECE ali era o curral dos animais, da moageira. Para o lado de cá, tinha a casinha do morador que tomava de conta dos animais. Pra lá, quando eu cheguei aqui, já tinha aquela ruazinha da “cormim”, mas era tudo umas casinhas bem pequenininhas e tinha uns índios que morava ali naquele terreno. Menina, este marido só vivia olhando esses índios. Hoje, está tudo sobrado, viu como é que está a ruazinha ali? Hum, é tudo metido a rico, fizeram a CAGECE {Aonde?} onde tem a caixa d’água acola? Pois sim, na ruazinha assim. Hoje, minha filha, está tudo diferente. Para acolá é tudo prédio. {E como sabia que era índio, acolá?} Era índio {Eles se diziam?} do mesmo jeito de índio veio, fedorento (rir). Era uns homens vei horroroso.

DORA: E tinha plantação de cana de açúcar aqui perto?

ONDINA: Cana tinha. Depois que o Otacílio tomou conta daqui, aí, ele fez o sítio. Tinha muito cana, muito banana. Ai no inferno a gente plantava muito milho, feijão, quiabo, maxixe, jerimum, melancia. Tudo tinha aqui... e a vacaria. E tinha a vacaria da Lila, ali também, que é mais antiga ainda. A Lila não morreu? Ai os meninos, sobrinho dela, que ela era solteira... menina, deixou tanta riqueza. Nem casada não era e nem filhos tinha. Deixou para esses sobrinhos. Aquele menino era dono da “Joabe”, aquilo ali é dos sobrinhos dela, que ficaram com a riqueza dela todinha... Lila, a velha, era Lila. Mas quando chegamos aqui, ela era nova. Mas com o tempo, né? Ela ficou até cega, ficou prostrada na cadeira de rodas, depois ficou só na cama, até morrer. Não sei porque. Aquelas casas da Bezerra de Menezes, ali, muitas coisas era dela... Não tem a lojona vizinha ao banco Itaú? Pois é, é dos sobrinhos dela. Tudo ela que botou pra frente. Paracuru, tinha muita terra, muita coisa, no Paracuru. E ela, solteira.

DORA: E as serenatas?

ONDINA: Aí, as serenatas era muito bom. Eixe, Maria. Não fazia medo fazer serenata. Os reisados não fazia medo. Porque todo mundo, era aquele. Era um pano, era quatro... dois pegava aqui e outros pegam lá. Saíamos nas casas, cantando, tirando reisado, aí trazia tanta coisa. Era lata de sardinha, era garrafa de vinho, dinheiro, pacote de massa de milho. Tudo que o povo queria dar era nesse papão. E sai de porta em porta. Todo mundo dava, porque era coisa tradicional, né. Coisa boa. Mas hoje, quem ainda faz essas coisas? Só eu que não tenho juízo. Minhas irmãs, meu povo, tudo briga porque eu fico aqui na calçada sozinha. Não tem ninguém, só tem eu. Todo dia eu estou aqui.

GEOVANA: É muito é bom. E o riacho em época de cheia, ele enchia muito?

ONDINA: Enche.

GEOVANA: Ele vinha até aonde mais ou menos?

ONDINA: Quando era tempo de (inaudível) só o baixio mesmo... Hoje, ainda breja as paredes, os pés das paredes. Nunca deixa de ser brejo, isso aqui. Aí fizeram o canal, muito bom, chamou as águas, ne? E ela veio lá do açude acola. Passa por aí e tem tanto peixe. Pessoal pesca, pega muito peixe. (inaudível)

GEOVANA: Mas quando ele estava mais seco, ele era muito fininho?

ONDINA: Não, mas não seca. Não seca, não. Nunca secou.

DORA: Teve alguma enchente, assim, de entrar água na casa?

ONDINA: Já veio água aqui. O Otacílio tinha tanta pedra grande, aqui, do gado ficar em cima das pedras por causa da frieira nos cascos das vacas. Era uma frieira danada.

DORA: Será que o nome Alagadiço foi disso?

GEOVANA: E aqui é mais alto, né, mas alto que as outras casas.

ONDINA: Era, mas a água vinha bater aqui. Os invernos de primeira era demais, né. Os invernos eram muito pesado, os invernos. Trovão, a gente faltava morrer com tanto trovão e tanto relâmpago, né. Agora não tem mais, estão pouco. Um dia desses teve um trovão grande. Não foi? Hoje em dia, tem mais não (Interferência).

DORA: Ela fazia seresta, ela. É a artista do bairro.

GEOVANA: Eita, então, vai dar é certo. Vamos fazer um dessa aí de novo? Fecha a rua.

DORA: Fechava a rua! Contai, D. Ondina, que a senhora fechava a rua pros aniversários.

ONDINA: Era, que Ave Maria. E São João? São João aqui era bom demais, né. Esse aí (seu filho) juntava com a Socorrinha com tudo e fazia e enfeitava tudo, aqui. Era muito bom. Muito animado. Brincava de quadrilha.

Tudo botava banca, bolo (inaudível), eu fazia aluá. Muito bom. Eu gostava tanto de fazer aluá (inaudível). Fiquei velha, minha filha, não tenho mais gosto. É a idade se encarregando de acabar.

DORA: E dançava muito, Dona Ondina? Tem que ver a parte artista dela, precisa ver.

ONDINA: Eu gostava muito de dançar, dava maior valor. E cantar também, seresta (Inaudível). Eu me sentava acolá, no estacionamento desse meu filho que morreu. Aí juntava com o cavaquinho do menino (filho da Dora) e ficava cantando música pra ela. Só de boa. E ela ficava, gostava. E era pra passar o tempo.

GEOVANA: É bom música demais. Faz uma limpeza. E você, ainda vê o pessoal pescando, hoje em dia? Como é que eles pescam?

ONDINA: Aquela música, aquela música, aquela música que a Dora achava bonita da seresta, né “abre a janela, vem ver como é lindo o luar. A noite é bela, princesinha do meu coração. Abre a janela, princesinha do meu coração, vem ver a lua brilhando sonhando nas cordas do meu violão. Abre a janela...” (risos) Ela gosta dessas coisas.

GEOVANA: Tem uma voz ótima, até hoje.

ONDINA: Muitas músicas assim de antigamente, eu me esqueci muito...

GEOVANA: Começa cantando, aí, vai lembrando conforme vai cantando.

DORA: Pode fazer as perguntas direcionadas que você quer saber.

GEOVANA: Eu fiquei curiosa da hospedaria que você falou. Ela ainda era ativa quando você chegou aqui?

ONDINA: Era, minha filha. Era a hospedaria dos flagelados, era a casa dos flagelados. Pessoal que vinha sem-terra, com fome, nas secas. {Nas secas?} Era nas secas mesmo. {E você via o movimento do pessoal indo pra lá?} Via. Lá também, além de ser isso, eles internavam crianças {Órfãos?} que não prestavam para andar, tudo, eles botavam lá. Era muito bom a hospedaria {Mas eles vinham aqui no riacho, usar pra alguma coisa? Descia?} Não saía de dentro não. Agora, a gente visitava. Quem quisesse visitar. Às vezes, eu ia para lá. Hoje é a casa dos idosos, é bem alinhado, né, bonita. {Que fica ali ao lado da Escola, né?} É, bonita. Minha filha, aquilo ali era uma po-bre-za. Hoje, o povo ali é limpo, elas cuidam muito. Tem assistente social, tem muito médico, fisioterapeuta. Tem tudo lá. {Lembro de ter ido numa festinha com os idosos} Antigamente, de primeiro, eu ia, essas coisas que tinha por aqui, eu participava. Só vivia na igreja, também, fazia parte da igreja. Mas fiquei velha e doente. E hoje, que eu quebrei o fêmur e cai, quebrei esse osso aqui e esse braço é aleijado. {Aí, anda mais devagar?} Ando, um pouquinho, mas é com a bengala e segurando assim. Operou a perna, mas o osso velho, a prótese nova, não pode prestar muito, né? Se eu fosse nova, eu teria me recuperado mais ligeiro.

GEOVANA: Você ainda vê o pessoal usando as águas, ou pra pescar ou para...

ONDINA: Não. O povo come os peixes né, Dora. Porque pesca demais, cará grande. {Eles pescam aí, cará grande?} Pesca. Muito grande não, mas assim desses cará. Só tem cará. Desse tamanho assim tem, de meio quilo. O povo come.

GEOVANA: E, antigamente, você se lembra de outras espécies?

ONDINA: Outras festas? {Outras espécies de peixe} No tempo que era a levada, como a gente chamava, a levada e os matos. Tinha traíra, tinha muçum, tinha piaba. Deixa eu ver o que que tinha mais (Sua neta chega, beijando-a muito e chamando-a de mãe). [...]

GEOVANA: A senhora estava se lembrando dos peixes. Aí, estava na piaba...

ONDINA: É, piaba, muçum. Às vezes, descia camarão, descia... descia... alguma vez descia caranguejo. {É mesmo?} É. {Onde tinha mangue?} O mangue? O mangue é pra lá. Mas vive lá, dos açudes, das coisas. Aí, um açude num despeja num açude ou no mar né? (...) Porque, parece que quando errava lá o negócio, que saía. E eles querem procurar espaço, né?

GEOVANA: É (tosse) e a vegetação e a senhora lembra de alguma espécie, de planta?

ONDINA: É isso que estava falando. Só tinha capim canarana, capim elefante e água. Aí, tinha as fruteiras dentro do mato mesmo, azeitona, mangueira, cajueiro. Ganhava os matos pra pegar as coisas.

GEOVANA: A senhora disse que era o mato e o fluxo, a {E a levada?}. O que é a levada?

ONDINA: Levada é, assim, a água que corre sem ser em canal. Vai correndo aquele, comunal.

GEOVANA: quando ele não era canalizado, né? E o que você sente que mais fez mudar, essa paisagem?

ONDINA: O bairro. O bairro mudou e, hoje, não tem mais nada, da pobreza que era. Hoje é um bairro nobre, né. Hoje é nobre, aqui. Cheio de apartamento, tem o shopping, shopping, o North Shopping, ali. Banco não existia banco aqui. Banco só na praça do Ferreira. Hoje, é cheio de banco (inaudível) tem o North shopping aí, tem o Boi e Companhia que é coisa de luxo, e aqueles prédios dali. E a rua que era um bequinho, só com uns caminhozinhos para a gente ir no meio do mato. Era Dez de Agosto, o nome dela quando fizeram. Muitos anos depois, foram abrir isso aí, venderam os terrenos, né. Era Dez de Agosto, o nome dela. Hoje em dia é Tabelião Jabelião. É esses dois nomes.

GEOVANA: Que é a mesma rua que vocês iam por dentro?

ONDINA: É, pelo caminhozinhos.

GEOVANA: Aqui tinha as cacimbinhas, que o pessoal da Vila Ellery chama também?

ONDINA: Tinha cacimbinha, tinha cacimbinha, tinha bomba, tinha cacimbão. Aqui tinha um cacimbão que era acola embaixo e outro aqui. Que essas casas aqui, tudo foram feitas com a água da cacimba daqui. {Onde

era o cacimbão?} Não tem aí a rua? Lá embaixo, onde vê os carros, era um cacimbão bem grande. {Onde está os prédios?} Não, onde está a rua, a rua do canal pra cá {Hanram}. Ali, dias e dias, afunda aquilo ali, aí, fazem de novo. Porque era um cacimbão mais medonho do mundo. Foi tanta carrada de pedra que botaram lá, para encher de areia da praia, muita coisa pra encher aquilo ali. Mas, foi não foi, está afundando. Agora, fizeram um serviço até mais ou menos. Não afundou mais. Não vê ali a Bezerra de Menezes? Só vive afundando, porque passa carro demais, né? Peso. (inaudível)

GEOVANA: E essa daqui era de beber ou não, era mais para animal, esse cacimbão, ou?

ONDINA: De beber tinha uma bomba ali, em frente a CAGECE, a caixa d'água. Tinha uma bomba e todo dia ia pegar aquela água da bomba. Bomba de repuxo, que todo mundo bebia lá (inaudível). Mas tinha muita gente que bebia desse cachimbão (inaudível).

GEOVANA: Aqui, já tinha energia?

ONDINA: Energia só tinha AQUI, porque o doutor Nilo que era dono disso aqui, que tinha vacaria, tinha estábulo de gado ali, esses cacimbão foi tudo ele quem fez. Aqueles, que tinha ali. A minha casa aqui está do mesmo jeito. Os galpãozão está do mesmo jeito, que era só de botar ração do gado. Você pode quebrar essas paredes aqui que é aquele tijolão desse tamanho... O Otacílio pegou e ajeitou tudinho e deixou a casa. Mas tudo é coisa antiga, a parede veia que era de botar quarto de mandioca, quarto de resíduo, quarto de farelo, as máquinas de lavar. Não existia máquina de lavar. Máquina de {Moer?} sim.

(Interferência)

GEOVANA: o pessoal também usava aqui pra lavar roupa, tomar banho, como é que era?

ONDINA: É. Tomava banho ali na levada. Se quisesse tomar banho, puxava da cacimba e pronto. Lavar roupa, botava nas vasilhas. Mas a gente botava umas tabuas acola embaixo e lavava roupa que era uma beleza, bom demais.

GEOVANA: isso foi ate 80 ou só na década de 70 mesmo?

ONDINA: Foi melhorando, mas o Canal foi feito a pouco tempo, faz muito tempo não, que foi feito esse canal. Era o tempo da levada mesmo, não tinha calha, não tinha nada.

GEOVANA: Tinha até um terreno ali embaixo que, antigamente, tinha um tiozinho que plantava milho e feijão, aqui do lado do riacho, dobrando pra cá... pra esquerda.

ONDINA: Do lado de cá? É da Aninha.

GEOVANA: Não sei se ela planta até hoje, mas eu vi até há uns cinco anos atrás...

ONDINA: Tem terreno. Lá é terreno. Às vezes eu estou dizendo, as vezes eu digo assim. Meu terreno era até acola, essa casa aí eu vendi, esse pedaço de chão aí. Mas era assim (tosse), muita seriguela, tudo o que você precisasse tinha aqui. Muita mesmo. Às vezes, eu estou dizendo, se eu tivesse ainda esse pedaço de chão aí, eu enchia de feijão, milho, jerimum. Dá tudo, que eu sei plantar tudo. {E dá sim} Dá sim, como dá (som de moto) Meus meninos como estão tudo vei, tudo vei. Mas quando era menino, comia tudo, hoje não gosta mais de milho, não come milho, não come um feijão verde, não come nada. Que coisa engraçada isso, né? {Acho que é a falta de contato, mesmo, né? } É, não presta mais não [Não sabe mais de onde vem}, o pessoal só quer coisa feita, coisa boa. Era um sacrifício pra gente viver. Pão de milho, a gente fazia tanto. A gente chamava pão de milho a gente chamava cuscuz. Não existia nem cuscuzeira, a gente fazia no prato e no pano... Dentro de louça não. Era prato de alumínio ou porcelana. Qualquer coisa assim, porque se colocar louça quebra... Eu fazia tanto... tanto mucunzá. Coisa boa.

GEOVANA: Você vê coisas também que pioraram com o crescimento urbano? Porque você fala mais de coisas que melhoraram, como o banco

ONDINA: Ave Maria, melhorou demais. Era um abandono isso aqui, não valia nada. Hoje é um bairro nobre, tem valor. Hoje, tem valor.

GEOVANA: Mas para as pessoas que pescavam e que tiravam a vida também próximo ao riacho, foi um pouco de perda, né? Porque, assim, a autonomia que antigamente tinha também, no sentido, de se precisar de alguma comida ou de água, ter tudo ali.

ONDINA: (Totalmente inaudível) ... matava boi nos quintais. Porco, matava em casa mesmo, pra vender, pra comer. Era... está com 47 anos, já, 47 anos que eu moro aqui.

GEOVANA: E a água era assim de qualidade, né? no sentido que ela não tinha o cheiro que tem hoje, nem a cor, era de confiança tomar banho nela.

ONDINA: Era, era limpa. Muito limpa. Queria que você visse a água do corrente quando passava. Tao limpinha a água, a areia bem branquinha embaixo. Era uma beleza. Muito bom.

GEOVANA: Você chamou de correntes, era também outro nome que dava a ele?

ONDINA: Era, “vamos pro Corrente”. {Que era como Alagadiço?} Era Alagadiço, corrente e as levada que a gente chamada. “Vamos pro Corrente”. “Vamos para levada”. Vamos pra levada. Levava uma tocheira de roupa, lá pra baixo, lavar coisa (tosse). Aí foi se evoluindo, foi... chegou luz. Todo mundo botou luz. Tudo mundo abriu, fez prédio. Que prédio!? Não tinha nada de prédio nisso aqui. Só tinha mesmo um muro acolá da Bezerra de Menezes. Não tinha nada. Era muito... Ave maria... isso aqui... e daí... nem ladrão não tinha, não tinha esse negócio... O ladrão que tinha antigamente tinha era das galinhas, nos quintal. Pessoal roubava um carneiro, umas galinhas que a gente criava solto. Hoje, hoje está muito perigoso, né?

GEOVANA: É, você disse que essa obra ai, ainda vem o fluxo da água, que não adianta fazer, ter o canal que...

ONDINA: Quando chove muito, ela sai (Interferência). Quando enche muito, chuva muito grossa, ele vem pra cima. Enche o canal que transborda... Chuva grossa.

GEOVANA: Eu peguei umas imagens de animais que talvez tivessem por aqui.

ONDINA: Ah, cobra.

GEOVANA: Aí, é a sessão das cobras, dos répteis. Aí tem os passarinhos...

ONDINA: Ixi. isso aqui tinha muito cobra, muito sapo. Esse sapo matava a gente. Ficava a noite naquela cantarola. É, engraçado ne? A cutia, sapo, aqui é a rã. {É, está escrito sapo, mas jea me disseram que é rã mesmo} Essa rã veia. Isso aqui é o cururu, que a gente bota sal no espinhaço, derrama uma aguinha, ele sai pinoteando feito doido. A gente tem medo de curucu que é horrível. Mas a gente molha e bota um salzinho. Oh, bicho feio é saco... Ah, os passarinhos tinha demais. Rolinha. Os óculos não está mais prestando, minha filha.

GEOVANA: Mas você vê os desenhinhos deles?

ONDINA: Nha... Ah, um pernilongo? Parecido assim com águia, com... ainda tem ali, garça, né. (Comenta com seu filho)

FILHO: (Confuso) Tinha era muito esse aqui.

GEOVANA: Socó azul?

ONDINA: Não, marreco e pato.

FILHO: Esse ainda tem muito, tem até solto ai (soco azul), ainda tem. (...) Esse tem, tem é muito ali (garça). Tem esse, é muito ali (galinha d'água). Tem. Esse aqui também tem (martim pescador). Esse aqui, oh tu vê assim olhando que eles vem descendo. Esse grandão aqui, oh (garça), tem é muito. {Agora, essa lavadeirazinha aqui} Demais, tem é muito, tem até um ninho assim nessas plantinhas. (...) esse aqui tem nas igrejas, tem a muito (Rasga mortalha), a gente já viu voando, né, mãe?

GEOVANA: Aqui, os peixes. Você lembra de alguma espécie que não está aí?

ONDINA: Cará, né, aqui?

GEOVANA: Esse é o piau.

FILHO: Muçum, muçum, Ave Maria, era só o que tem ali.

ONDINA: Curimatã, mas aqui não tinha curimatã não. Piaba, lha aí, está igual ao cará.

FILHO: E que planta é essa?

GEOVANA: É o torem.

FILHO: Ah, tem. Tem uma planta bem ali, ainda, que ficou no terreno também e faz chá.

ONDINA: Mulungu... está lindo. Tem mais? {Agora é mais as frutíferas} Está lindo, olha.[...]

FILHO: Azeitona era só o que tinha aqui em casa (...). Castanhola? Comia muito.

ONDINA: Olha... as azeitonas das bem grandonas.

FILHO: Boa! {Vocês gostavam, era?} Demais!

GEOVANA: É isso, acho que...

ONDINA: Aí, tu escolhe as coisas que mais... né?

GEOVANA: É, pensando assim, de 70 até hoje, o que você acha que mais impactou no riacho, assim, pra ele deixar de ser o que era antes? Qual a obra?

ONDINA: O canal, fez o canal. Ai, foi uma coisa muito descente. E ainda até teve a inauguração. Que isso aí tudo é obra da C.Rolim, C.Rolim com prefeitura. Aí, eles fizeram... acolá, tem o negócio de fazer ginástica. Está tudo dentro do matos, né, Dora, aquilo ali, né? Pessoal abandona as coisas. Aí fez a inauguração, foi tão animada, tão bonita a inauguração do canal. Botaram até o nome de... ele disse até que era... não é o nome avenida do canal. É avenida Rachel de Queiroz. Disse que era para ser o nome avenida Rachel de Queiroz. E eu disse assim: E o canal? "Não é canal, não é mais canal. É uma avenida..." Isso aí nunca deixa de ser canal, não é? Porque morava uns nesses apartamentos aí? É um perigo ali, né não? Eles pelos menos tem o alarme deles. (Inaudível) Eles não andam... Esses meninos no lugar de ajudar, ou vender ou construir para ajudar aquele ali do povo, porque quando chegar gente ali, do jeito que não tem mais nada. Mas vai ter muito segurança, né? Condomínio muito caro.

[Mão que treme enquanto assina, porque trabalhou muito. Rapidamente cansa, diz]

ONDINA: Mora na Parquelândia?

GEOVANA: É, mas me criei no Barro Vermelho, como você diz.

ONDINA: Ave Maria, a igreja de Jesus, Maria e José, "ali foi minha vida da infância, que os anos não trazem mais aquele amor, aquele som..., aquelas melodias, aquelas estâncias fagueiras, solto, olhar de bananeira, aí, e não voltam mais."

DORA: Aposto que a senhora fez o corte na bananeira pra saber com quem que ia casar.

ONDINA: Ave Maria, demais que a gente fazia muita adivinhação, no São João. Você que não foi do tempo que brincava de anel. Juntava uma turma danada na calçada. Aí, tinha uma pedrinha dentro, pra soltar o anel. Aí, ia adivinhar quem tinha o anel. [...]

GEOVANA: Você conhece alguma Rocilda?

ONDINA: Rocilda? Não, eu conheço a Rocilda mas era ali na entrada da Caucaia. Não, não {É de lá mesmo, da Caucaia} Se lembra da Luzenira? {Não} Porque a Luzenira, não tem a igreja Jesus Matia e José... Não tem o terminal? {Hanram} Aquele terrenão era tudo da mãe dela, a Dona Nenemzinha.

GEOVANA: Ali eram muito sítios né? {Também era só o terreno} E a passagem da Mister Hull pra lá, como era o Alagado?

ONDINA: Não tinha luz, a gente dava graças a Deus quando era noite de lua, a areia bem limpinha, só a areia. Os caminhos só de areia. Era muito bom. A gente paquerava. Não era paquerar não. Flertava (risadas), era flerte. Era muito bom. E eu flertava como os meninos mais bonitos que tinha, sabe? Tu sabe o Romeu Praciano? Secretário (Inaudível) Foi meu flerte forte. Ele estudava no liceu e eu no 7 de setembro. Lá em casa, o papai só botava pra gente estudar no Sete de Setembro.

GEOVANA: Na década de 70, o rio ainda estava, como você disse, só a areiazinha?

ONDINA: Estava até um tempo desse. Isso aí foi, não ter tem uns dois anos, né, que fizeram esse canal aí? Essa coisa. Se lembra não... que... enchia de carrapateira ali dentro... e eu ia, pegava o facão, cortava as carrapateiras tudinho, porque era muito horrível isso aqui.

DORA: É que foi no governo do Juracy que começou esse saneamento? Foi.

ONDINA: Eu sei que me tacava daqui de facão e ia cortar as carrapateiras pra acola embaixo, porque era muito fechado. Era...

DORA: Essa rua era tudo fechada, não era? {Era}

GEOVANA: Ai, tinha entrada só por aqui

ONDINA: Só tinha aí. Mas era rua não. Era uma casinha tudo pra acola, essas miudinhas. Casinha miudinha. Hoje está, né, está uma cidade!? [...]

ONDINA: Meu tio, a família da minha tia é de lá, do barro vermelho, mas a estação... A estação do trem, todo mundo se aprontando pra esperar o trem passar. Era a diversão que tinha, no barro vermelho, nesse tempo que eu era menina era...era.. o trem. Todo mundo, morava pelas casinhas lá para acolá, lá pelos açudes, por acolá, vinha tudo pra estação. Chega ficava assim, só pra ver o trem passa. {Ai, depois voltava tudo pra casa?} É, depois voltava tudo pra casa. Tudo se aprontava. Ai a gente chegava do colégio, né, vinha de trem. Eu andei. E hoje nem trem não tem mais, é metro né? Mas tem aí, eu nunca andei nesse metro. Tenho vontade de dar uma volta.

DORA E GEOVANA: Vamos! Vamos!

ONDINA: Vou não, se eu prestasse pra andar, vivia que nem um frivião, minha fia (risos)

APÊNDICE G - ENTREVISTA 05 (EVANDRO OLIVEIRA)

DATA DA ENTREVISTA: 18 de julho de 2017

LOCAL DA ENTREVISTA: Rua Pedro Augusto – Dom Lustosa

NOME DO ENTREVISTADO: Evandro Oliveira (Participantes coadjuvantes: Eden, Anderson, Henrique e Transeunte)

NOME DA ENTREVISTADORA: Geovana Correia

DURAÇÃO TOTAL: 1 hora e 39 minutos

- **ÁUDIO 01 (00:14:10)**

[Após apresentar e conversar sobre os mapas com Evandro na casa de seu sobrinho]

ANDERSON (sobrinho): ... Esse rio aí, tem um cara. Ei, doido, o Dede. Ei, tio, o Dede sai com uma sacola cheia {De peixe} de peixe. Eu me invoquei, no rio aí, cara. Cheio de peixe. {Ele vende lá na feira} Que nada, ele leva é pra comer. Ele diz que faz uma farofa, oia. Pfsss. Viu, ele faz uma farofa, doido, fica ali só com o anzol. {Que Dede} O Dede que trabalhava mais o Adriano.

EVANDRO: Era?

EDEN (sobrinho): Rapaz, estou orgulho de você. [...] Tu tem até os bichos aí que aflora, flara, flora, flera, né? [Entrego o Catálogo] Olhai, tio. {É massa, doido} em até a flara, flera, flora. Hem, tijubina, nós matamos muito, oh. Pode pedir perdão a eles.

EVANDRO: Não, matava dessas. Aqui é o tejo, macho. A gente matava essa daqui.

ANDERSON: O tia comia muito? {Comia dessa aqui} Caralho, era tejo, macho.

EVANDRO: Era. Tijubina, nós não comia não. Nós comia esse bicho aqui, o cassaco {Cassaco, eu já vi}. Camaleão, comia. O sapo cururu, não. Tinha os bichos que eram comestíveis, né. Que era esse aqui oh.

GEOVANA: E os bichos que viviam lá e que não estão nessa lista?

EVANDRO: O tiu. está faltando um tiu, aqui. {Tiu, o que é o tiu?} Tiu é um lagarto também, mas ele é maior que esse aqui {O tejo}. Maior que tejo. {Tem outro nome pra tejo} Não, o tejo é tejo mesmo... Está faltando o tiu.

GEOVANA: Aí, os passarinhos.

EVANDRO: Soco azul, soco branco. Ixi, está em extinção esses animais aqui. {Estão, é?} Humrum. {Está em extinção, a maioria deles?} Eu nunca mais vi não, esses bichos aqui, não. Olha só, esse aqui, o socozim azul. Fica só encima das pastas, só comendo alpiste.

HENRIQUE (amigo do tio): Ontem, eu vi esse aqui. {O carão?} Humrum. Quando vinha eu, o Anderson e o Aron e a Jack, lá do supermercado, ali quando a gente atravessou a ponte.

GEOVANA: Você disse que está faltando a andorinhazinha branca?

EVANDRO: Está, é essa aí que está cantando, tu ouviu? {Ouvi... ela está aqui, andorinha branca?} Tem não, ela. Ela é parecida com essa aqui {Só que branca?}, só que branca e diferente ... com o papo preto.

GEOVANA: O Anderson lembra dessa aqui, que está faltando.

EVANDRO: Aqui é a lavadeira, né?

GEOVANA: Mas você reconhece todos esses animais aqui?... E se tiver mais também.

EVANDRO: Mais ou menos. Esse aqui é o vovô, esse aqui, o vovô é a galinha d'água que o pessoal chamava. {É, essa galera aqui, desses pássaros aqui, eles tem relação} Aqui, a gente chamava de galinha d'água, esse bonitão aqui, oh. A viuvinha... esse aqui, o maçarico não lembro se tinha, não {Não?}.. esse aqui, o vovô, tinha... Esse pato aqui, a gente pegava também. {Pra comer?} É {Esse aqui, o verdinho?}, de vez em quando caiu um de uma revoada, sabe, aí, a gente pegava. Eles ficavam dentro da água do rio.

GEOVANA: Aí, uma revoada, tio, que lindo. O senhor consegue imaginar então de uma outra vegetação entorno, né? {Claro} O que o senhor acha que transformou

EVANDRO: Rapaz, acho que foi assim... tipo assim... uma devastação do meio ambiente que era tão... que era pra ter sido... era, era... re-vi-ta-li-za-do. O que a CAGECE fez? Disse que ia fazer estação de tratamento e não fizeram, jogaram tudo pra dentro do rio Maranguapinho e os rios adjacentes, né? Tudo está poluído, porque os esgotos tudo jogando merda dentro do rio, que era pra ser revitalizado, né? Aí, acabaram com tudo isso aqui. Os pássaros saíram fora. Se acabou com o... No meu tempo aqui, era bom demais. Nós tomava banho aqui nesse rio, aí. Nós descia ele de ponta a ponta, lá dali da Rachel de Queiroz e vinha descendo, pescando e tudo até aqui embaixo. Às vezes, a gente descia até o FRIFOR, pescando... E nós pegava o alimento ai dentro do rio. Porque não era difícil, era só mato e tal ne? Ai, a gente pegava a comida aí no rio. Era muçum, era o cara, era a piaba, era o... tinha várias espécies de peixe.

GEOVANA: Vai lembrando aí os peixes, já chega eles. Esses são os (pássaros) urbanos. Os urbanos e os da floresta, da caatinga, né?

EVANDRO: Os urbanos e florestais. Aqui, é mais do interior, essas daqui. {Mas diz que tinha aqui} É, mas também tinha o golinha, tinha papa-capim, tinha papa-arroz, tinha a sabiá, tinha a graúna, está entendendo?

O anum preto, tinha o anum branco, a andorinha do campo, né? O gola, o fogo-apareou, ainda tem lá em casa isso aqui, porque o quintal ainda tem árvore, elas vão comer lá. O sibite, os dois tipos de sibite. Esse aqui, praticamente, eu não vi mais não {o sibite pretinho}, eu vejo mais esse aqui. Está muito em extinção, esse sbitizinho aqui {Vê mais o sibite relógio, os outros dois estão fora, né?}. Hanram. O papacu, oh, também é difícil {Oh, amigo, ele existiu}. O papacu, aqui, juntava muito ali na baixada, ali. Eles vinham comer aquele alpiste, né? Tinha uns pés de alpiste, assim, ai dava muito o golinha, o papa-capim {Alpiste é tipo, aqueles capins?} Igual ao trigo, mesmo...

EDEN: O xexéu não dava não, o xexéu?

EVANDRO: Xexéu era muito difícil, viu irmão. É mais do interior, o xexéu, da caatinga. O sanhaçu ainda tem. Tem um casal lá no quintal que ele vai, todo dia, comer acerola. Papa lagarto, oh, esse bicho aqui ninguém nunca mais eu vi ele {Mas que tinha bastante, né?}. João-de-barro, vixi, João-de-barro se sumiu mesmo. Rouxinolzim também, está difícil, não é {Mas eles existiam né, amigo, eles estavam lá?}. Ainda tem por aqui a rasga-mortalha nas igrejas, porque na verdade é um outro tipo, uma espécie de coruja. Aqui, outra espécie, de orelha, né? Tipo um radar, assim, quando ela {Aqui, parece uma borboleta, né?} Pardal, oh. E o pardal também estão quase em extinção, nós tinha muito pardal. Tu se lembra assim? Porque o pardal já é do teu tempo, já. E até hoje tem pardal, mas é muito pouco. De primeira, você chegava ali na igreja assim [assobia]. {EDEN: era lotado, eu lembro, era pivete, eu lembro} Vinha as revoada de pardal.

EDEN: Ainda tem, mah.

HENRIQUE: Não, mas não é do mesmo jeito.

EDEN: Até no quintal lá de casa, aparecia era muito.

EVANDRO: Muito bonito, revoada de pardal, muito bonito [Comem]. Desses peixes aí, nos tinha cara, traíra, jacundá. Não, hoje é só cara. Esse aqui que dava muito que nem cará... No rio Maranguapinho dava muito muito, que nós pescava, que nem cará. Comia bem fresquinha. O curimatã, oh, bodó, o piau, o piu, peixe-beto e a piaba. Tu é doido, tudim tinha aí. Esta faltando aqui/ Está aqui ele, o jacundá. {Mais perto do Maranguapinho, né?} Humrum.

HENRIQUE: Tio, muçum, já comeu muçum?

EVANDRO: Demais. {É a pura galinha, né não?} Pegava uns grossão assim, oh. {Já comi demais, carne de rã, gí... A caixa d'água ali, que tem lá no Pici, quando ela soltava água pra lavar a caixa, ai vinha todo tipo de peixe na enchente.

GEOVANA: A caixa d'água do Pici?

HENRIQUE: Aquele que tem lá, grandona, que tem perto do Hospital da Mulher. Que tem que lavar a caixa d'água sempre, aí, desemboca todinha no rio.

GEOVANA: Aí, os peixes ficavam lá vivendo numa boa?

HENRIQUE: Não, vinha água e vinha/ tinha peixe também.

GEOVANA: isso é em que ano?

EVANDRO: Em setenta.

HENRIQUE: Oitenta.

EVANDRO: De setenta pra oitenta. Ei, está faltando um que tinha muito {Diga, aí} que era o pitu. {Pitu!} Tu é doido, a gente pegava muito pitu, porque tinha muito loca assim... Aí, todo dia, você podia ir numa loca daquele que tinha dois três pitu grande, do tamanho de um palmo assim, carnudão assim. Era doido, era bom demais.

GEOVANA: Eu digo aqui que tem plantas aquáticas, mas nem tem, oh. Porque eu vacilei, mas devia ter construído.

EVANDRO: Está faltando o capim elefante, está faltando aquela flor de lírio, sabe, o lírio né? {Você falou do alpiste e também eu vi uma flor de lírio, hoje, de flor amarela ali subindo} E tinha aquelas... Qual o nome daquelas que fica boiando, assim, tipo uma tampa, né? era muito bonito. Aí, ela dava uma flor bem mesmo no meio. {Aí, lá na Sabiaguaba um via também} Eu acho que é vitória-régia.

HENRIQUE: Vitória-régia do sertão, porque não era aquela... Mas eu também vi.

EVANDRO: E tinha outra que era aquática, mas ela tinha uma defesa que era... era um tipo de molusco que queimava... {Que nem um cansaço} Era o cansaço, mas era mais forte... Eu levei uma pisa, com mais um irmão meu, má, nós fomos pescar... [INTERRUPÇÃO PRA FALAR DO ALMOÇO]

- **ÁUDIO 02 (00:08:03)**

EVANDRO: Era só um serrote {Atrás da casa do Anderson?}. É uma subida aqui, é uma serrinha. {Aqui, nessa vilazinha?} É, é uma serra. {Aqui dentro mesmo?} É, entra aqui e vai lá pra cima. Te várias casas aqui, lá pra cima. E isso aqui, era o serrote e isso aqui era um brejo, um brejo aonde passava o rio. {Aqui aonde a gente está?} Sim.

GEOVANA: Qual foi o momento que mudou?

EVANDRO: De noventa pra cá, já houve uma certa agressão, porque foi construído muitas casas. Aí, foi oitenta, noventa. Até hoje. {Mas o rio ainda estava rolando né?} O rio, eu acho, que com toda a agressão, o rio ainda é vivo, mas só que é bastante poluído. Porque ele nasce muito longe. E vem... se desse continuidade aonde

ele morreu para começar tudo de novo, né? [...] Isso desde setenta até hoje. Eles estão fazendo o berço do canal de ponta a ponta, né? Mas poluído, cheio de esgoto. Tudo altamente poluído, não tem mais. Não tem mais os peixes que tinham, nem os pássaros, nem as plantas que conviviam, alimentavam os pássaros e era toda uma cadeia alimentar, né? A traíra, a curimatã, esses aí foram todos extintos. {Mas não estava canalizado, ainda, antes da extinção?} Se já estava canalizado? Não, era só mesmo os esgotos a céu aberto que era jogado pra dentro. Não tinha ainda uma estrutura como hoje, né? Que eles cuidam, eles limpam... na época de eleição.

GEOVANA: Mas isso depois dele canalizado, né? Será que ainda hoje tem tratamento?

EVANDRO: E o povo não respeita também. Suja tudo e joga lixo. É uma agressão também, parte do poder, do Estado, né, da prefeitura. E também as pessoas contribuem muito, né, pra jogar o lixo no canal, né?

GEOVANA: Mas você acha que o poder público da oportunidade de acesso, assim?...

EVANDRO: Eu acho que o poder público é submisso e ele deve estar ganhando alguma coisa para dona CAGECE botar esses esgotos para dentro do rio Maranguapinho, acho que tem um suborno, alguma coisa assim. Porque para que existe... os órgãos de meio ambiente, né? Também são submissos. Porque um rio desse que já vem de tantas gerações se acabar assim, né? ... Como a CAGECE que disse que ia fazer uma estação de tratamento, que fizesse e esses esgotos fossem tudo jogado pra dentro da estação de tratamento e, realmente, fossem tratada, né a água que desce nesses canais. É só isso... Respeitem a natureza né?

GEOVANA: Não existe, né, o poder público? Está bem compradinho.

EVANDRO: Não existe, estão comprados pela SEMAM, pela SEMACE né? Pois é, a gente vive, a gente sabe que não vai haver assim... Está muito longe de vir um governo e fazer isso, né? Re-cu-pe-rar o rio Maranguapinho. [...] E essa água que passa aqui, que passava aqui, ainda passa, essa água nós bebiamos, nós lavávamos. Era, era... não tinha água da CAGECE, não tinha nada canalizado ainda, né? A gente bebia a água desse rio aqui, muitos anos, nós bebemos. A avó dele, minha mãe, toda minha família... Que nos ia buscar no galãozinho, aqui oh, e enchia os potes. Ainda era do tempo do pote ainda, nem tinha geladeira. Mas... Nós tinha mais saúde que nós temos hoje, porque nos bebiamos uma água vindo da fonte, que jorrava lá em cima e descia bem limpinha. A gente ia buscar na madrugada para beber uma água bem limpinha pra você beber e chegava e coava, né, e bebia.

GEOVANA: Nossa, essa ida da madrugada é bonito, né, ir na fonte?

EVANDRO: E a gente ainda tomava um banho de madrugada com uma água bem geladinha, bem limpinha. Porque de dia tinha muita gente pescando, aí, toldava a água, tinha gente tomando banho, lavando roupa... A minha mãe sustentou nós tudinho aí, nesse rio aí, lavando roupa para as pessoas que tinham mais condições. A avó do Loro era lavadeira que lavava no rio. Chegava e sentava em cima de uma pedra e, pa, pa, pa, desse jeito. Começava a bater em cima da pedra, né, a roupa... Não tinha roupa que aguentasse, né? (Risos) Imagina, uma pedra de calçamento. Mas elas ganharam a vida assim, né, Loro? {E ainda entregava engomada?} E ainda entregava engomada no ferro a brasa! Tacava brasa dentro do ferro...

GEOVANA: O que foi?

HENRIQUE: Estou pensando comigo mesmo.

GEOVANA: Aí, o Henrique quer sentar ali do outro lado.

HENRIQUE: Vamos, na beira do córrego. Vamos... Bora... Ei, deixa o mapa aí, doida.

- **ÁUDIO 03 (01:26:03)**

[CAMINHANDO... INAUDÍVEL]

GEOVANA: Mas eu acho que das fábricas, né, também? Que tem umas aqui.

EVANDRO: É, mas é dessas casas aí também. Ali é um ponto que vem lá, ali de cima. Aquilo ali já é outro. Está entendendo? (Inaudível) Pra você ver... nós não precisava sair da nossa Fortaleza, pra ir pro interior, tomar um banho de rio, né? Nós tomava aqui mesmo.

GEOVANA: Que a história ambiental seria bem reconstituir a imagem desse momento...

EVANDRO: Eu quero alcançar aí, se um dia (Inaudível) pros nossos netos, bisnetos tomar banho. Mas é muito difícil, porque o poder público é muito omisso.

ARON (filho do sobrinho): Geove, pega uma cadeira ali pra tu, oh... Tu trouxe isso de novo? Por que? Por que?

EVANDRO: *“Por que você me trata assim? Por causa do córrego, o povo pensa de mim. Porque eu vivo no córrego, eu sou um homem vazio, não tenho dignidade, porque moro no córrego. Nam, nam, nam, nam, nam, nam... Daqui pra frente, vai mudar e eu não vou mais querer essa vida pra mim... você é uma ingrata...”* [Evandro canta a música da banda que tem os sobrinhos, por lazer: “Evandro e os morta-fome”; e atende o celular]. Ei, macho, eu estou numa entrevista aqui... É macho, vem pra cá. Aqui é bom, embaixo das árvores... Aqui do lado do Ipanema, aqui. (risos) É, não, aqui do lado do canal aqui que tem o canal no meio e aquelas duas ruazinhas, aí, cheio de árvores. Pois é... Não, não dá pra mim não... Tem uma sinuca aqui, pra nós jogar... Tem e é boa... Não tem o Ipanema né? Pela perimetral, ali por trás. Perto da vacaria. Está eu, o Henrique e uma amiga da gente. Vixi, e o Aron, ia esquecendo. (risos) Ixi, gravou foi tudo. {É, mas não vou botar tudo não} Depois tu faz uma limpeza lá.

GEOVANA: É, vou ter que escutar por deixo da voz do Henrique.

EVANDRO: Pois é, aí, tu imagina como era, assim, pra tu analisar como era o que estou te falando, como era isso aqui. Porque era muito va-li-o-so. Porque era tipo a época do descobrimento do Brasil. Morava só os índios, aí, os portugueses chegaram, os holandeses, os franceses e fizeram uma devastação na terra. Tiraram todas as riquezas e ainda devastaram a terra... Aí é... foda, né?... Porque se eles extraíssem os minerais e vegetais da terra, mas eles tivessem assim uma... repessem né? Derrubava uma árvore, replanta né? Está aí, oh, um espaço desse aqui, certo que ficou assim... porque a comunidade mesmo plantou essas árvores, né? Mas era a céu aberto. Porque depois que derrubaram toda a vegetação, ficou a céu aberto. {Foi mais ou menos quando?} De 2000, isso aqui eu acho que tem uns... essa parte aqui, eu acho que tem mais de dez anos, quinze anos.

HENRIQUE: Que nem o Planalto.

EVANDRO: Não, o Planalto tem 30 anos... Mas o Planalto, ali, era uma terra plana que o povo... urbanizaram também, né? Só não arborizaram, mas urbanizaram, né? E também fizeram a mesma coisa, jogaram os esgotos pra dentro do rio... É, cai ali, em cima ali, todinha do planalto, onde é o... Comenta agora.

HENRIQUE: Não, mas está saneado.

EVANDRO: Está nada, mah... Está saneado, mas não pode dar uma sereno que estoura tudo. Aí, fica a fedentina nas ruas e o esgoto a céu aberto... {Tio Evandro... pode falar também...} Eu acho que essa parte aqui, depois nós vamos dar uma voltinha pra gente ver, pra eu te mostrar o desembocamento de todos os esgotos que vem do Planalto do Pici. O Planalto do Pici tem mais de cinco mil moradores.

HENRIQUE: E mais de quarenta e dois mil famílias, ou seja...

EVANDRO: E é tudo jogado pra cá. Só pra cá.

GEOVANA: Mas todo mundo caga e mija junto, né? Mas o saneamento é um direito, né, mas realmente... não está em 90% do planeta. (Inaudível) Tem também as fábricas, né, elas também têm o poder de...

EVANDRO: Eu acho que não seja saneamento, isso aí que a CAGECE fez, não foi um saneamento... Porque, quando é um saneamento mesmo... Pode ser só um saneamento básico, que eles fizeram. Por que? Porque não tem uma estação de tratamento. Está entendendo? Essas águas foram jogadas para dentro do rio e não tem um aproveitamento... né? Não poderia ser aproveitado, não era? Poderia ser aproveitado, essa água que vem dessas casas, que é da CAGECE e vem lá do Castanhão, né? Ser aproveitado e voltar pras torneiras de novo, né? Como existe em outros Estados aí, que tem estação de tratamento. O Conjunto Ceará tem uma estação de tratamento. Fizeram o conjunto...

HENRIQUE: Mas não funciona.

EVANDRO: Pois é, mas agora não funciona mais. {Onde é?} No Conjunto Ceará, que é as águas daqueles esgotos todinhos.

HENRIQUE: Que era o exemplo, exemplo, agora, está despejando no rio de lá.

EVANDRO: Era o exemplo e, agora, vai tudo pro rio Maranguapinho.

GEOVANA: Tio Evandro, a quanto tempo a senhor mora nessa região? No Henrique Jorge, né?

EVANDRO: Eu moro aqui... Eu nasci ali na Parquelândia, aí, nos viemos... eu, com um mês, nós viemos morar ali naquela casa, em 64. {E a mãe, veio da onde?} A minha mãe era de lá, da Parquelândia. O meu avô tinha várias casas lá na Parquelândia. Aí, a mãe, a mãe era muito sofredora, assim batalhadora, aí, meu avô deu aquela casa pra nós. O terreno com a casa, né, uma casinha pequena na época. A gente morava na luz de lamparina, ainda. Não tinha água encanada, não tinha saneamento básico. Não tinha... o meio era de fossa, ainda. Fazia um banheirinho e jogava tudo pra fossa. {Na Parquelândia era diferente?} Na Parquelândia, já era. Meu avô já tinha uma casa lá que já tinha tudo. {Já era urbanizada} Era, já era bem urbanizada... {A Bezerra de Menezes, já...} Ali, em 64, como dizia meu avô, que ele comprou muitos... comprou bem umas cinco casas lá e era muito barato, o preço na época. E, hoje em dia, o metro quadrado dali da Parquelândia, em torno (Inaudível) é bem caro. {A gente se mudou pra lá com o FGTS da mãe, mas não foi caro não. Mas depois da Copa, tudo mudou} Ali, naquelas partes, depois que ampliaram a Bezerra de Menezes, ali, valorizou muito né? Ali, aquilo ali, brevemente, esses donos daqueles hotéis vão querer comprar aquilo ali todinho, não é? Que é o centro, né?

GEOVANA: Aí, de pequeno, o senhor já tinha essa relação com o riacho Cachoeirinha?

EVANDRO: [...] O que eu lembro muito, assim, que nós era pobre, assim, que minha é lavadeira e meu pai trabalhava de vigia. E minha mãe teve dez filhos e criou todos dez. Hoje em dia, nós somos todos... não tem nenhum bandido, né? {Ali naquela esquina?} É, ali naquela esquina todinha. {E o senhor morava bem próximo do riacho, né?} Nós sempre moramos ali, assim, quando nós viemos da Parquelândia, nós fomos morar ali. E, assim, eu aprendi a nadar muito pequeno, devido a ter um riacho bem próximo. Apanhava muito porque ia tomar banho no riacho, né. Assim, teimava, né? A mãe "Não, vai hoje, não, não sei o que", aí, o cara empolgado, né? Ora, [inaudível] aí, ia. Aí, ela gostava muito de bater, a mamãe... Ora, metia a sola. Mas eu era o mais danado... Por isso, que eu tinha muito imunidade, porque eu vivi muito tempo assim, igual a índio? Ia para o rio, tomava banho, comia fruta, comia manga, comia tudo que tinha, tinha manga, tinha goiaba, tinha caju, tinha seriguela, tinha todas as espécies. Você comia que chegava em casa e não tinha nem fome pra... Porque era mais... a gente comia mais era o feijão. O feijão que era o prato do nordestino, feijão com farinha, fazia o capitão. {Então, tinha também plantio? Em época de chuva...} Tinha demais, tu é doido. Isso aqui, o brejo é muito bom para o feijão. Tinha macaxeira, tinha mandioca, tinha cana de açúcar. Tinha várias espécies de plantas alimentícias, né? {Que a galera plantava?} Era. Tinha a batata doce... O pivete entrava no terreno e ia buscar (risos). Mas não era para

estragar, era pra encher a barriga da molecada, né, também? A batata doce com um peixinho, tu é doido. {Isso é mais ou menos em que idade? Em que ano?} Isso foi mais de 70.

[LIGAÇÃO]

GEOVANA: Tio Evandro, em 64, você veio pra cá com que idade?

EVANDRO: Com um mês, mais ou menos.

GEOVANA: Ah, bem novinho. Então, pronto. Que estava pensando assim por década... o senhor roubava as macaxeiras mais ou menos em que período?

EVANDRO: Isso é quando eu tinha uns dez anos {Em setenta, né?}. Setenta, eu tinha uns seis anos. Que eu cheguei em 64, né? Aí, com seis, é dez. Com seis anos, eu ainda era muito pequeno. [É, em setenta e quatro] É, em setenta e quatro. Que eu ainda me lembro da copa de 74, ainda lembro que o Pelé, né? O Jaizinho.

HENRIQUE: Não, mas você não conhecia as pessoas. Como foi a emoção?

EVANDRO: Não, porque você ouvia falar direto, né? É como hoje. Quem é o craque da atualidade? É o... nham, o Cristiano Ronaldo lá é brasileiro, rapaz. Cristiano Ronaldo é português. (Inaudível) o craque da atualidade é o Neymar (Inaudível).

GEOVANA: Se apanhava da mãe, era porque vinha sempre nesses dez anos de idade, né, mais ou menos?

EVANDRO: Era, porque eu acho que... se tornou assim o meu *hobby*, né?

GEOVANA: E o caminho da casa de vocês até o riacho, como era?

EVANDRO: O caminho era assim... o mato ao redor, né? Pra gente chegar no riacho, né? Tinha uma área muito cheia de mato e tal, que você tinha que saber o caminho pra entrar no rio, né? {Daquela sua casa que você ainda mora hoje até lá?} Era, tinha os caminhos do rio que era muito alagado, assim, né? Tinha os locais, assim, muita lama, não era? {Hanram} Aí, pra chegar no riacho numa água bem limpinha {Tinha que ir pelos altos} você passava pelos barrancos, não era? [Tentando localizar sua casa no mapa]

GEOVANA: Que outras práticas tinham mas, agora, em relação as plantas frutíferas? Se eram em sítios, como era, ou se ficavam no meio de praça... (muita interferência)

EVANDRO: Também tinha os meios de trabalho... Como a gente já ia ficando adolescente com quinze, dezesseis anos, aí, a gente ia trabalhar como é... buscar tijolo nas caieiras, que fazia muito aqui. Tinha o cal, que era uns meios de serviço que não faltava.

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: Tinha sempre esses peixes? Independente da chuva ou da seca, especialmente.

EVANDRO: Dava o ano todo. {Ano todo, né?} E, aí, oh... As estações eram diferentes como as de hoje. Porque nós tinha mesmo o inverno, tinha mesmo o verão, tinha a primavera, tinha o outono. Hoje não tem mais não. {Qual era a representação de cada, assim, pra perceber?} Porque naquele tempo, você tinha inverno com seis meses e seis meses com trovão e relâmpago... que você ficava era com medo. Bum! Bum! Você era menino e ficava curioso do que era aquilo. Ai, quando o cara já foi entender, ai o cara já ia era pro meio da chuva. Era pau d'água, tudo alagado! Que não tinha nada de saneamento, né? Não tinha esgoto, nem nada. As águas procuravam o rio para ir embora... Era um inverno de seis meses de chuva, assim, que chovia um mês direto. Não é que nem hoje que... chove um dia e passa um mês sem chover ou uma semana. Ai, a estatística do inverno, oh... E hoje, nós não sabe mais distinguir o que é inverno, verão e outono. Antigamente, a gente sabia. {Eu consigo entender o outono. A primavera tinha as florzinhas?} A primavera era flores por todo canto, que você passava e "vixi, meu irmão, que é bonito demais". O capinzal assim todo florido, né? Tinha as orquídeas, tinha... né? (Interferência)

GEOVANA: aqui, nessas localizações, como é que chamava, era Cachoeirinha mesmo?

EVANDRO: aqui, essa parte? Aqui, essa parte aqui era o serrote, era chamada de serrote, porque aqui é uma serrinha. Tipo uma serrota. Subindo aqui era uma serrinha que era uma serra, não era habitado não {Hanram}. Ai, depois, que habitaram, né?

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: É um trabalho de história ambiental. Memória dos usos, da biodiversidade e dos recursos hídricos, da forma como o rio circulava antes. Por isso que estou perguntando o nome do rio Cachoeirinha, se era assim que era conhecido. Porque eu adotei esse nome, não é nem o nome que está {oficialmente}... Não, oficialmente, o Cachoeirinha é este que está por detrás da CIONE, dentro do Campus do Pici. Mas eu acho que é o Alagadiço, eu chamo ele de Alagadiço, porque, enfim...

EVANDRO: Já é os dois encontros. O que sai da CIONE é lá embaixo do Julia Giffoni (Escola na Av. Perimetral) e chega lá na frente, eles se encontram, eles dois. Vem de dentro da Escola de Agronomia, né, esse rio que cruza o rio Maranguapinho. {E qual é o nome dele lá? No caso, estou chamando de Alagadiço} Esse aqui também tem um percurso diferente. Que ele jea se encontra com aquele da agronomia... são três rios que se encontram por aqui.

GEOVANA: São três rios porque junta com o sangradouro da Lagoa da Unitextil, né?

EVANDRO: Exatamente, que eles desembocam bem ali também. Por detrás da casa do Anderson... Ali, para você vê... Eles pegaram, aterraram a lagoa e o rio não parou de chorar, que é o rio da Unitêtil. E você passa ali, por essa rua por trás da casa do Anderson e você vê a água bem limpinha. Porque até ali não tem... poluição. Ela ainda é mais ou menos limpa. Mas ela ainda é suja... Aí, um, dois e três e quatro... quatro canal, quatro canal de rio. Quatro braços, na verdade. Agora, é esgoto.

TRANSEUNTE (GERSON): Olha, a gente está vendo esse rio aqui... é o canal. Aí, a gente olha pra ele e a gente vê nitidamente os esgotos saindo.... Então, a culpa não é tua nem minha, a culpa é da prefeitura que faz isso aí.

GEOVANA: Mas eu nem estou atrás da culpa, mano. Porque, como o tio Evandro mesmo falou, a prefeitura é escrava, né? Ela é dependente de um sistema...

[INTERFERÊNCIA]

EVANDRO: Eu fiz uma música sobre isso aí, mas está difícil de falar... que o Loro foi ali. (Interferência) Aí, isso aí que rolou, desde a década de 80, 90, 2000, né? Isso aí foi uma estratégia que o governo e a prefeitura ganharam de botar a CAGECE, não cobrar da CAGECE uma estação de tratamento. Jogou tudo dentro do Maranguapinho.

HENRIQUE: Ela continua CAGECE? Porque a COELCE mudou de nome, agora, é ANEL.

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: Batia onde a água, tio Evandro? {Han?} Como diz o Anderson “Aí, a mãe dava... dava era tainha”

GERSON: Ei, como é teu nome? Joe, vou te dizer uma coisa aqui.

EVANDRO: Não, o rio não era muito fundo. Tinha as partes fundas e as partes rasas.

GERSON: Tem um senhor vizinho meu, lúcido e gosta de conversar que ele tem 99 anos. Ele construiu o Henrique Jorge, ele sabe disso aqui tudo. Se tu estiver precisando de uma pessoa pra falar. O Evandro já sabe muito, mas ele sabe muito, ele conhece isso aqui tudo. Onde tinha mangue. Aqui, dentro do Henrique Jorge, tinha mangue. Tem, onde eu moro, aquele negócio dos cupins lá, era um mangue, onde tinha muito cajueiro, onde o pessoal... O início de tudo, as primeiras casas. Seu Joaquim, 99 anos de idade. Se tu for conversa com ele, eu vou te dizer, ele vai te dizer tanto que vai passar dois dias e ele vai te dizer tudo sobre o que eu acho que você está querendo saber. Ele se garante, viu? [INTERFERÊNCIA] E outra pessoa que eu ia falar é o seu Damásio, o pai da minha sogra. Mas aí, já faleceu.

GEOVANA: Eu tenho pouco tempo. Mas se o tio Evandro for comigo, nesse... qual o nome dele? Seu Joaquim... Você estava falando da profundidade, né, tio Evandro? O que mais?

EVANDRO: Não, o rio não era muito fundo não. Tinha as partes que eram mais fundas e as partes rasas, né? Porque, na verdade, era uma correnteza, né? Era um rio de correnteza. Como ainda é hoje, esse aqui, oh.

GERSON: Todo rio é de correnteza, porque ele não é uma água parada, é uma água corrente. A lagoa não tem correnteza, é parada.

EVANDRO: Mas era... a correnteza era pouco, macho, era como. Olha, está aí. Feito corrente, ele vai, se encontra com outro. E tal, né?

GEOVANA: Ele secava?

EVANDRO: Não, era o ano todo. O rio era o ano todo, filha. Não secava não. (Interferência) Aí, era, quando vinha... Aquela caixa d'água ali, passava de um mês sem lavar. Aí, quando eles lavavam, que eles jogava lá, aí, os peixes, pfsss. Aí, era alto o riso d'água. {Essa caixa d'água que vocês falam, né? Onde ficava?} Ali, no Jóquei. {Não existe mais?} É ali praticamente, próximo ao Hospital da Mulher. {Mas ele derramam ainda essa água?} Não, ela foi desativada. Porque ela, logo quando a CAGECE começou, ele fizeram pra distribuir. Distribuir pras comunidades, que era pouca, mas... {Eles fizeram pra ajudar?} É, e rolou muitos anos.

GEOVANA: E foi de que ano até quando? Você tinha uns dez anos?

EVANDRO: Eu tinha mais de dez, tinha uns quatorze anos. {E durou até quando?} Acho que ela foi assim até noventa... {Tinha o nome dessa política?} Acho que ela não funcionou até 90, não. Talvez, até 80, 80 e pouco, 84. {Até menos, né? Mas era como uma política pública?} Foi assim como um... Quando eles fizeram as caixas d'água lá no Centro da cidade, aquelas do IJF, foi para o abastecimento. Mas, depois, eles fizeram essas lá, porque fizeram uma montagem... montaram ela todinha, que veio de anel a anel. Porque aquilo ali foi uma obra que o governo fez, né, e realmente beneficiou a comunidade, né? Foi, enchia uma bicha daquela ali. {Mas foi obra de algum governo? Da igreja? Sei lá?} Ela era do DNOCS, Departamento de Obras contra as Secas. {Foi até 84?} É, que ela abastecia Fortaleza. Por isso, de vez em quando eles lavava, quando ela estava em funcionamento...

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: Onde o rio chegava, nesses altos e baixo, assim de largura, quando chovia e quando estava seco?

EVANDRO: O rio era mais ou menos dessa largura aqui, que está canalizado... {No normal? E chovendo?} Chovendo ele subia, porque vinha água de todos os locais e era uma batalha d'água. {Não cobria não a cabeça?} Cobria, tu é doido. Como te digo, certas partes fundas e outras mais rasas, né? {Então, quando a mãe ia lavar roupa, ela ficava lá pra baixo. Depois, chovendo, ele tinha que ir mais pra cima?} Não, quando a mãe ia lavar roupa, a gente ficava era na parte baixa do rio, né? Até quando eles soltavam água aí, a coroa não deixava nós vir porque era perigoso. Porque ela vinha com força [psfff], arrastando isso aqui tudo. Ela vinha por esse caminho aqui, era só mato, não tinha casa, não tinha nada... na época. Isso até em 86, 84, por ai, a gente ainda vivia dessa água. Pra você ver, uma caixa d'água que abastecia a nossa cidade, essa área aqui todinha {Entendi?} uma caixa d'água daquelas né? Aí, canalizava, porque era mais pra quem tinha dinheiro, não era pra todo mundo. Não tinha a desigualdade social, não era?... Porque não era todo mundo que tinha condições de mandar canalizar

a água. {Essa caixa d'água lá no DNOCS?} No DNOCS, abastecia aqui... Eu acho que nessa época assim, Geovana, era mais pras empresas grandes, né? Que nem a Unitêxtil já tinha seu recurso natural, que era uma fonte que tinha aí dentro, que era o rio da Unitêxtil e ele também desemboca nesse canal aqui, lá na frente.

GEOVANA: Tinha o rio da Unitêxtil, maior que até a própria fábrica, hoje?

EVANDRO: Não, ele era pequeno, ele não era muito grande, não {Que é esse desenhinho aqui, né?}. É, você está vendo que ele não era grande {Aí, desce pra cá}. É. Taí, a lagoa da Unitêxtil, que ela foi aterrada, aqui oh. Olha, você vê o tamanho dela aqui, oh. {É}

GERSON: Então, aonde eu moro, eu moro dentro da Lagoa da Unitêxtil que é o que o seu Joaquim fala.

EVANDRO: Não, ali era o terreno da Unitêxtil, que foi vendido e ai fizeram, cortaram a rua.

GERSON: Exatamente, é onde eu te digo aonde tinha o mangue, esses negócios, eu moro lá de cima. E, olhe o que vou te dizer, pelo o que o pessoal, o seu Joaquim fala, aquela parte ali era uma parte muito baixo, onde era alagado. E ali foi tudo aterrado, na rua Teresina. Cadê a rua Teresina aí?

EVANDRO: O mangue que eu conheci era partindo do FRIFOR pra lá, em direção a Barra do Ceará, cara. Né? Vila Velha. [INTERFERÊNCIA] Aí, a tua ruazinha é mais ou menos por aqui.

GERSON: Eu moro numa parte baixa. Com certeza. Porque o seu Joaquim diz “Rapaz, onde você mora era um mangue”. {Um manguezinho, um brejo} Um brejo, onde moro era um brejo. É por isso que ali é complicado. Aquele cupim que rola lá em casa, que rola no quarteirão todo... diz que não tem serviço, porque sobe.

EVANDRO: O brejo deve ser aquele terreno da Unitêxtil, com a lagoa e tudo. (Interferência) Que aquela área ali, na descida da feira, aquela área é cheia de erosão. Ela é cheia de erosão. Aquele muro nunca fica em pé. {Qual?} O muro da Unitêxtil que é onde tem o canal que joga dentro da Lagoa.

GEOVANA: Estou indignada que esse mapa não tem o desenho todo.

HENRIQUE: Nunca vai ter (cantando).

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: E o que que você acha que modificou? Assim, no tempo de quando você tinha 20, 30 anos ou 40, como foi essa transição?

EVANDRO: Mudou radicalmente, assim. Acho que a área que a gente ia, a gente brincava, que a gente vivia e tudo, era aonde você tirava até os seus recursos, assim, o alimento, o peixe, está entendendo? Muita gente que eu ainda hoje conheço, assim, se lembra disso com bastante emoção do tempo que a gente não precisa ir muito longe para ter um lazer, né? Pessoal, assim, meus amigos que é do meu tempo, que tem a minha idade hoje, eles dizem: Porra, Evandro, tu lembra daquele tempo de quando a gente tomava banho no rio, andava de cavalo? Nós pegava os cavalos. Nos pegava os cavalos... (Interferência) Aí, tinha minha irmã mais velha que diz assim “Ixi, hoje, não tem nada”. Não, mulher, pode deixar que está garantido. Aí, nós ia pescar, trazia uma ruma de peixe pra comer, oh. {Ixi, pegava assim um saco?} Não, porque nós só pegava pra comer, não pegava pra estragar não. Estragava não.

GEOVANA: As casas eram longes, assim, ou era...?

EVANDRO: Aí, as casas era uma aqui, outra acolá. (Interferência) {Tio, mas onde os meninos moraram, ali embaixo da rua, no final da rua (Eurico Medina)? Ali era o sítio o Papai. Não era o sítio do seu Barreto, onde é o residencial Ipanema. (Interferência) E depois veio o sítio Ipanema, que é o residencial mais o resto que sobrou do sítio... Tinha também o sítio do Papai que era o da Rachel de Queiroz, do pai dela, né? [INTERFERÊNCIA] Lá também era bom, o rio passava lá, nós pescava. {As frutíferas estavam lá?} Tinha muito pé de fruta. {O pé de fruta era no sítio, ou na rua também ou nos dois?} Não... Nessa época assim, era tudo assim, praticamente era só uma cerquinha, cerquinha mesmo que a gente passava por embaixo com a maior facilidade. [INTERFERÊNCIA] Ali, hoje, na Heribaldo Costa ainda tem ali aquele terreno imenso, né? Que é ali que fica entre o posto de gasolina, a Terceira Via e que fica tudo centralizado na esquina, que ainda é um brejo, né? que é brejado. O pessoal está vindo aterrando e tal. {Ali era chamado brejo?} Não, ali era o local aonde a gente esperava a água vir lá de cima. {Pra pegar a água, a noite, na madrugada, aquela história, né?} Aí, nós descia... pssssssssss. Nós esperava quando vinha um tufo de água de lá. Ali, porque, vinha toda por baixo do chão, por dentro dos tubos, ne. Ai, quando ela chegava ali já era nua. Ai ela pssssssss. {E que idade era isso?} Isso era em 80, por ai, 80... 78. {Mas já tinha aquela avenida ali?} Não, só tinha a Perimetral que era um sentido único. Aliás, era dois sentidos, a Perimetral. Dois sentidos numa via só. {Qual era o lado?} Esse lado de cá, que eu moro aqui {O lado de vocês é que é o antigo, né? Aquele outro que é o recente?} Que é o novo... O novo é o que passa ali, na Heribaldo Costa. {Isso} Ai, o ponto mesmo era ali, aonde nós esperava que vinha a chibatada d'água, né? {Só esperando} Ali por detrás da Terceira Via. Está entendendo? Porque não tem o canal ali? Ali é o final do tubo. Aí, o resto é só... {Como ali não tinha a pista, vocês conseguiam ir andando a pé, de boa?} Não, nós ia por dentro dos matos, por dentro dos brejo medonho (...). Nas curvas do rio. Porque o rio vem, psssss, faz as curvas.

GEOVANA: Quando você pegava a água na madrugada já era cidade?

EVANDRO: A água, nós ia buscar lá nas cacimbinhas que era já ali próximo do Centro Comunitário, ali, do CSU. As cacimbinhas... que era todas as comunidades pegavam água lá. {As cacimbinhas de beber?} Tanto para beber quanto para lavar roupa. A Micinete conhece as histórias das cacimbinhas. [INTERFERÊNCIA] E ela já é mais nova do que eu, conhece também por causa da mãe dela que lavava roupa lá.

[INTERFERÊNCIA]

EVANDRO: Ali, daquela parte do Centro Comunitário Urbano, ali, ali era um povo muito carente, né? Que vivia assim também... porque eles não tinha assim... um local certo. Porque era tipo uma invasão que não sabia nem que dava certo. Como a mãe da Suélia, avó da Suélia, que era a matriarca, que conseguiu um pedacinho de chão assim, num pedacinho assim bem exprimido. [INTERFERÊNCIA] Ali, foi uma invasão forçada e, hoje em dia, ninguém mais pode tirar aquele pessoal dali. Eu acho que também o mesmo tempo que nós tem, eles tem. 64 e tal. {Entendi} Porque construíram o CSU em 70. O CSU é de 70 e eles não tiraram o pessoal né, naquela época, que construíram o CSU. E espremeram eles ali e ficou uma ruazinha bem estreitinha. E, agora, que enlargueceram mais. Mas era muito exprimido. Que é ela na frente e por detrás é a Portelinha, né?

GEOVANA: E as cacimbinhas era por onde, ali nesse meio?

EVANDRO: Aa cacimbinhas era ali, no Centro Comunitário ali, não tem aquele residencial que construiu? Perto da esquina ali. Entre a nova perimetral e onde tem aqueles galpão? Era ali, onde tem aqueles galpão... o posto de gasolina. Era ali.

HENRIQUE: Que posto de gasolina? Tem posto de gasolina ali não. {Tem não?} Aonde?

EVANDRO: Perto da Terceira Via, macho. Ali tudo era... Até aqui embaixo no CSU, macho. Aqueles galpão que construíram. Agora, não sei se você já viu, tem uns galpão que tem mais de 50 viaturas da polícia nova que o governo, o ministério botou agora. Ali era as cacimbinhas aonde a gente ia buscar água, tomava banho. Porque ninguém tinha banheiro, a gente ia tomar banho lá. {No Planalto, fizeram um lugar desse? Fizeram onde esse lugar, esse galpão da polícia?} Fizeram. Lá onde eram as cacimbinhas, do lado... por detrás da terceira via. {Tinha água, passava água lá também} Era, é canalizado ali também. Eles deixaram só o canal e construíram os galpaozão lá. {Sim, ali aqueles galpão que você não sabe pra que é, que o Loro até grafitou lá} É, aqueles bocado de galpão do lado, por trás da Terceira Via.

[PAUSA] **GEOVANA:** Você associa a ser a pista, o que mais impactou? Você citou também a população, mas eu penso quem tem maior impacto ou, assim, numa hierarquia, o que que seria?

EVANDRO: O governo, né, os governantes que não tiveram assim, que não tiveram também respeito nem mesmo pela população, que morava ali e dependia de tudo aquilo. Porque se fosse assim, “Vamos fazer uma votação, nos pode jogar os esgotos dentro do rio Maranguapinho?” Ninguém ia aceitar, né? Porque eu acho que nós era os índios dali, né. Que dependia dali de muitos anos atrás. Porque se a minha geração dependia dali, imagine as gerações passadas? Não é? Dos meus avôs ou, então, das minhas bisavós, tataravós, não é não? {E os governantes é que construíram, assim, tanto renega o direito ao saneamento quanto...} Eles acharam que foi, assim, de grande aproveitamento para a comunidade e tudo, mas não foi não. Porque eles acabaram com uma fonte de renda, mesmo de lazer e renda, de muitas pessoas que dependiam assim do rio, por um peixe, de água para lavar uma roupa, ou uma louça. Até mesmo uma louça a gente vinha lavar no rio. A gente só levava mesmo água pra beber. Não era? A gente só tirava uma água pra beber ou, às vezes, tomar um banho. Ninguém desperdiçava nada. E isso foi embora o que? Foi embora também a fauna, a flora, né? Os pássaros, as árvores, as plantas aquáticas, tudo, foi muita coisa.

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: Mas o que você acha que piorou e melhorou com o crescimento urbano?

EVANDRO: O que melhorou? Eu acho que, assim, em razão de que... esse canal era aberto, né? Era as barreiras quebrando, toda hora, todo instante, até chegar nessa largura que era bem estreito, né? E eles fizeram um bom trabalho pra esse pessoal que mora aqui às margens desse canal, né? Era mais fedentina. Agora, tem essas barreiras. Tapou mais... {Isso já foi em 2000, 90, é o que?} Esse serviço aqui é recente. {Não, eu digo, mas a necessidade dele} Não, a necessidade desse povo aqui, eu acho que foi em 2000. Porque eles vivia aqui, oh, e aí, quando vinha, quando era um inverno pesado mesmo, isso aqui entrava nas casas, a água. O canal subia muito, né? O canal subiu que ninguém queria morar aqui não. Por causa que no verão era bom, no outono, na primavera era bom. Mas no inverno, eles tinham esse problema, do canal transbordar, aí, alava aqui. As pessoas que ficavam aí também era, quem morava mais aqui... Olha lá aquela casa ali, a última da serrota. Aí, esse pessoal que mora pra cá. A água descia aqui, oh, pfss, lá pro canal. Pessoal sofria muito. Mas, hoje em dia... Foi um bom aproveitamento pra esse pessoal que mora aqui que também não tinha onde morar. Esse lado aqui foi tudo invasão. Esse aí foi comprado, mas...

GEOVANA: Comprado de quem? Quem era o dono do terreno? As vacarias?

EVANDRO: Isso aqui era chamado dos Pompeu. Os Pompeu era os donos de construtora que era muito rico, na época, que era o dono disso aqui todinho. {Hanram} Dono até mesmo do rio que passava aqui, ele era dono. Era cercado bem ali, olha. {Quando vocês chegavam bem aqui, já não podia passar?} É, ali naquela pista ali. Aquela cerca ali... era ali. Aqui, quem vinha aqui era tudo cercado, assim. Propriedade privada. O pessoal foi indo e tal, invadira e ganharam. Está aí. Outra invasão que deu certo.

[INTERFERÊNCIA]

GEOVANA: Qual a sequência de evento que você associa ao que tem hoje? O que mais impactou quando tinha 10 anos, ou 20, 30.

EVANDRO: Não. Os impactos foram feitos só por dois órgãos. A prefeitura e a CAGECE. Porque a prefeitura conivente e a CAGECE pagando a propina pra fazer esse tipo de negócio aqui.

GERSON: Cuidado com esse negócio de propina, ela vai botar ai no trabalho.

EVANDRO: E não sou eu só que falo disso não. Muitas pessoas sabem disso. {Então, foi o esgoto que foi que causou...?} O esgoto. O esgoto acabou com a fauna e a flora, minha filha. Porque poderia passar só o rio sem o esgoto e ali fazer uma estação de tratamento para essas águas que descem aqui ser reaproveitada. Isso aqui é o próprio desperdício. É a água da chuva, a água dos rios, a água dos esgotos.

GERSON: Qual teu nome? Joe, né? Sabe porque não reaproveita a água dos esgotos? Porque se reaproveitar, acaba com dinheiro pra eles. Por que aqui não tem energia solar? Porque acaba com o dinheiro pra eles. O Brasil é desse jeito, cara.

GEOVANA: E a pista...

EVANDRO: O asfalto foi muito importante por pessoal que sofria aqui, né? A respeito das enchentes, né? Isso aqui, eles fizeram o nível todo correndo pra dentro do canal. Que é o certo. Mas tu acha que não é um desperdício não, dessas águas fluviais? Que vão para dentro do canal e vão também para poluir no mar. Polui no mar, né? Eu acho que uma coisa mais importante que... já que acabaram com o rio também, estão querendo acabar com o mar. Porque estão poluindo o mar também. Porque todas as fezes, tudo do ser humano, está indo pra dentro do mar. E os peixes estão se alimentando disso. Tudo acha um peixe desse saudável?

GEOVANA: Tinha outras famílias que se alimentavam do rio?

EVANDRO: A comunidade que era, assim, eu acho que era até ribeirinha, né, que viviam num dia ruim e tinha como “Não, não tem dia ruim, porque nós temos o rio ali e o rio trás o nosso alimento”, né não? Hoje, tem gente aqui que está comendo arroz com feijão porque não tem um rio para pescar, onde poderia ser uma fonte de alimentação, né, o peixe. Até mesmo esse pessoal que morasse por aqui, poderia colocar um aluvinos aqui, né? “Não, não vamos deixar o rio morrer não”, né, uma comunidade, uma associação ou uma cooperativa, né? “Não, não vamos deixar o rio morrer nem os peixes que a gente vive deles”.

GEOVANA: Mas ele precisa também de contato com o solo, né? E ele, assim canalizado, ele dificulta muito.

EVANDRO: É, mas eu acho que com uma água saudável... resolvia. Que era uma água natural, não era uma água que tinha cloro, não tinha nada. Ela era tratada pela própria natureza. Rapaz, isso aí, eu acho que ainda dava pra corrigir esse erro aí. Porque umas barreiras dessa aqui, podia passar o rio aí e peixes, pfsss.

GEOVANA: Diz que a água só em cair em elevações diferentes, ela já despolui. Só em ela está batendo em pedrinhas, em tudo, e como ele está canalizado, não tem mais as pedrinhas. Não tem mais como nascer aquela florzinha...

EVANDRO: Acabaram as pedras natural do rio [INTERFERÊNCIA]. Tinha a pedra natural do rio, né, que ela que limpava o rio. {Tinha várias pedras?} Era, tinha várias pedras, umas redondinhas, outras branco, outras pedras, outras marrom, de várias qualidades. Eu acho que aquelas pedras ali elas tinham um alimento, limpavam, sei lá, deve ter alguma coisa a ver, né? [INTERFERÊNCIA] Aqui, tinha também muito capim, pasto, tinham as plantas aquáticos, tinha aquele beto, que a gente pegava. E a gente chamava peixe-beto. {E eles eram naturais?} Como eles procriavam e tudo, né? Aquilo ali foi uma febre, oh. Quando ele apareceu, foi uma febre. Eu tinha muito oh, desse tamanho. Era o peixe-galo. {Ele matava o outro na briga?} Ele rasgava todinho ele. Ele pegava assim... {Só podia morar casal, era?} Era, se botasse dois machos e uma fêmea, eles se bicavam. A lei do macho, né? {Mas diz que a gente tem consciência, né, pode mudar} É, mas já tem muita gente mudando..

- **ÁUDIO 04** (00:00:44)

EVANDRO: Porque o Corrente é da Perimetral pra cá até ali o sítio do Barreto. {Que é aqui?} Mais pra trás, depois do Ipanema. Depois (inaudível) vamos ver, que é tudo uma ruazinha assim (inaudível)

GEOVANA: E aqui era o que?

EVANDRO: Aqui era uma área fechada, com capinzal e pouco espaço, a gente via.

APÊNDICE H - ENTREVISTA 06 (JOSÉ VITAL)

DATA DA ENTREVISTA: 14 de agosto de 2017

LOCAL DA ENTREVISTA: Casa do Sr. Zé – Entre Henrique Jorge e Jóquei Clube

NOME DO ENTREVISTADO: José Vital

NOME DA ENTREVISTADORA: Geovana Correia

DURAÇÃO TOTAL: 37 minutos

- **ÁUDIO 01 (00:37:28)**

JOSÉ: Pronto, pode começar.

GEOVANA: Acho que a gente pode começar com o senhor se apresentando, dizendo seu nome, a idade, quando é que começou a morar aqui.

JOSÉ: Pronto. Eu cheguei aqui em 58. Você não era nem nascida, estava longe de nascer. A minha vivência mais foi aqui. Eu passei, acho que uns seis anos no Rio e São Paulo. O resto foi aqui nesse bairro. Aí, eu tomei banho nesse... aí, era um açude, quase uma lagoa, sabe? Tomei banho aí, muitas vezes, época de inverno, de cheia... Aí, depois, rasgaram tudo, botaram pra lá e acabou-se.

GEOVANA: Que é essa pista aí, né?

JOSÉ: É, exato. Esse canalzinho aqui. E tem o rio do Siqueira que eu tomava banho lá, muito.

GEOVANA: Que é o Maranguapinho?

JOSÉ: É o Maranguapinho. Exato. Agora, ninguém toma mais banho, porque devido a poluição, né. Mas na época era uma beleza... todo mundo... nessa época, era uma festa danada. Todo mundo tomando banho pra lá... e o resto foi só por aqui, eu pescando, pesquei por aqui, pesquei nesse rio lá... a minha vivência foi por aqui...

GEOVANA: Quando o senhor voltou do rio ou São Paulo, mas a senhora já conhecia aqui essa região? Ou veio mesmo...

JOSÉ: Não, eu conhecia. Eu cheguei em 58. Passei aqui, talvez, uns... eu fui pra São Paulo em 72.

GEOVANA: Ah, você foi depois e depois voltou.

JOSÉ: É, exato. Voltei, aí, a minha vivência foi por aqui...

GEOVANA: Mas o senhor vinha do interior ou alguma coisa do tipo?

JOSÉ: Não, é. Eu me criei no interior, que é aqui... Pacajus, Chorozinho. Aí, em 58, eu vim pra cá, servir o exército... e por aqui fiquei, sabe?...

GEOVANA: Antigamente, como era a paisagem nessa casa até o rio?

JOSÉ: Minha filha, isso tudo aqui era mata...

GEOVANA: Não tinha essas casas em frente não né?

JOSÉ: Tinha não. Eles começaram a construir, fizeram essa vila aí. E...

GEOVANA: Mas a vila veio antes da rua ou depois?

JOSÉ: Essa... rua existia. Mas não era avenida assim, sabe? Essa avenida aqui é nova. Está mais ou menos com seis anos que foi feita. Essas casas aí, está com trinta anos... que fizeram essas casas. Aí foram construindo e, hoje, está assim uma cidade, né?

GEOVANA: Hanram... E como era a relação sua com o rio assim tão próximo da tua casa?

JOSÉ: Eu fui comerciante quando eu voltei, aí, eu tinha muito amizade. Porque, sabe, que comerciante conhece muita gente. Aí, tudo bem, toda vida aqui eu fui muito conhecido e muito querido por muita gente, sabe? Se alguém não gosta de mim, eu não tenho conhecimento, né?...

GEOVANA: É... e quais eram os usos que a comunidade dava em geral pra esse riacho?

JOSÉ: Como é que é?

GEOVANA: Os usos... as formas de usar. Era só pesca? O que mais se fazia?

JOSÉ: Era bom em pesca, somente isso. Não tinha plantio, não tinha nada. Simplesmente, a gente tomava banho e pescava...

GEOVANA: Pouco gente, então, não era usado para plantio como feijão e milho?

JOSÉ: Não, não, não, não. Não usava isso aí, não. Toda vida foi só pra banho e pesca.

GEOVANA: E os animais que tinham? Os peixes

JOSÉ: Aí, tinha raposa... tinha... sabe o que é guaxinim? {Hanram} Tinha guaxinim. Até jacaré pegaram aí. E peixe e pássaro. Tinha muito pássaro aí. Deixa eu pensam... garça, gavião, carão. Este tipo de animal. Tinha muito aí e ali, que é o rio Maranguapinho, não é?

GEOVANA: E como foi esse processo... assim, você diz que era tipo uma lagoa, não é? Era uma lagoa que ficava alagado. Como é que era no período de chuva e de seca, como é que funcionava?

JOSÉ: Aqui era o seguinte. Tinha um paredão aqui, nessa avenida aí, sabe? {Hanram} Aí, então, o rio que vinha de lá ficava todo empossado aqui, aí, virou uma lagoa. {Um paredão aqui mais pra baixo, perto das casas?} Aí, bem, nessa avenida aí. {Perto do posto?} Exato, no posto assim, tinha um paredão ali. Foi o tempo que construíram essa... essa... {Essa rua? A avenida? Essa fábrica?} essa fábrica que é a Terceira Via. Aí, ali, eles foram procurando ampliar, ajeitar até que fizeram o canal e acabou-se a lagoa, não sabe?

GEOVANA: Ah, fizeram o fluxo da água ainda poder descer.

JOSÉ: Exato. Essa água vai até pro lado do Antônio Bezerra, pra acolá.

GEOVANA: Mas que ela ficava empossada aqui, nera?

JOSÉ: Ficava empossada aí.

GEOVANA: Aí, a pista passava por cima?

JOSÉ: Passava por cima.

GEOVANA: Como se fosse uma ponte?

JOSÉ: Era, como se fosse uma ponte. Exato.

GEOVANA: Eu li em algum lugar que aqui alagava que as pessoas também não tinham como pegar o ônibus. Alguma coisa desse tipo. Eu não sei em que época foi isso. Mas que ficava difícil passar mesmo. Tinha até alguns canoieiros, sei lá, atravessador.

JOSÉ: Não, não era aqui não.

GEOVANA: Não?

JOSÉ: Devia ser no rio Maranguapinho. O rio era maior. Aqui é o seguinte, depois que fizeram esse posto. Que esse posto aí também é (inaudível) tem mais ou menos oito a dez anos que construíram. Aí, melhorou muito. Isso aqui tudo era alagado, era lagoa vea, que pra passar tinha que ir descalço, daqui até o Centro Comunitário {Hanram}. Aí, depois, fizeram o posto, fizeram aí a fábrica, aí, melhorou muito, né? Mas que era... era... gado, era muita lama, sujeira {Hanram}.

GEOVANA: Eu ouvi falar também que tinha as cacimbinhas e que tem os olhos d'água aqui em frente do posto. O senhor tem memória do olho d'água que brotava água?

JOSÉ: Era exato, exatamente. Que tinha o paredão pra lama não passar pra lá, aí, tinha essas cacimbinhas e o olho d'água aí. Passava época de verão, diminuía. Mas em época de inverno, enchia, sabe? em frente ao posto. Nessa época, não existia o posto...

GEOVANA: Eita! Mas tinha água de beber, não? Era mais de tomar banho, lavar roupa?

JOSÉ: Era... esse tipo de coisa... lavar roupa... tomar banho...

GEOVANA: O pessoal também conta de uma caixa d'água do DNOCS. O senhor tem memória dessa caixa d'água que fica ali, onde é o Hospital da Mulher?

JOSÉ: Exatamente, a caixa d'água ali? Eu tnho sim...

GEOVANA: Como é que funcionava, hem? A pessoa me explicou, mas...

JOSÉ: Ali, era o seguinte... O povo tirava água, que tinha caixa d'água e o pessoal ali da região se abastecia com essa caixa d'água. (Inaudível) Todo mundo levava água. Ai, não sei se era pra beber ou só pra gasta. Mas o pessoal se abastecia lá dessa caixa d'água, era ali do DNOCS. Dali, do pessoal das mulher pra cá que era, ali, exatamente que era o campo do Pici.

GEOVANA: Ouvi falar também que tinha uns peixes que eles soltavam de vez em quando? Fiquei sem entender nada {Tinha o que!} Uns peixes que pessoal do DNOCS soltava.

JOSÉ: Era... esse pessoal do DNOCS ele fornecia peixe, por exemplo, aqui. eles soltava muito peixe aqui. que tinha a lagoa ne? E lá pra baixo já pertencia já ali onde é o Planalto Pici. Também tinha uns lagos por ali e eles soltavam peixes

GEOVANA: Aí, quem quisesse, tinha que ir lá buscar também... dar uma pescadinha.

JOSÉ: Eles botavam pequenos e quando cresci o pessoal pescava, né? {Hanram} Aqui era assim.

GEOVANA: Bom demais. E, em época de chuva, chegou a vir muito próximo da sua casa? como era? Época de seca... de chuva...

JOSÉ: Quando chovia em época de inverno, enchia que esbarrotava pra lá. E em época de seca, ia diminuindo, né? Nunca chegou a secar total pra ficar o torrão, mas diminuía muito em época de seca.

GEOVANA: Eu ouvi dizer que tinha umas lagoas ali entre a Senador Fernandes Távora e a... Porto Velho... eu não sei. Que tinha duas lagoas que aterraram com a pista. Exatamente com a construção da rua.

JOSÉ: Exato. Era ali, onde era as antenas da rádio Assunção. Era ali. Também tinha uma lagoa lá. Hoje é casa, aterraram tudo. É uma cidade...

GEOVANA: E... hoje em dia, como é que está o fluxo da água? O senhora consegue ter uma ideia de como é que está aí por detrás desses muros?

JOSÉ: A água é o seguinte. Fizeram a drenagem e todo mundo encanou e a água desce ai, do lado do mar, não sabe? {Hanram} É. Água da rua é só quando chove, mas aí... Escoa e vai embora...

GEOVANA: E, antigamente, como era a localidade em questão de infraestrutura, energia, agua encanada? Isso antigamente, lá pra 58, 60...

JOSÉ: Essa época, isso tudo aqui era difícil porque não tinha drenagem, não tinha essas pistas ai. Ai, o seguinte, quando chovia, nessa época não tinha essas casas ai, ai a água escoava lá pra baixo, lá pra essa lagoa, né? E aqui, era muito alto, não tinha condição de empossar, né? Tinha que descer pra lá. {Já tinha a ciência aqui, né?} Exato.

GEOVANA: Mas já tinha energia elétrica?

JOSÉ: Tinha, tinha, tinha energia.

GEOVANA: É que o pessoal que eu conversei, mais dali do Henrique Jorge, disse que não tinha energia quando eles chegaram, né. Mas aqui era mais próximo, né, talvez, não sei.

JOSÉ: Aí, já foi antes de 58. Quando eu cheguei aqui já tinha energia. Energia já foi antes.

GEOVANA: E o que o senhor acha que melhorou ou piorou com o crescimento urbano?

JOSÉ: Melhorou muito, aqui hoje é uma cidade. Na época, era mata. Da igreja pra lá, era tudo jurubeba... Você comprava uma casa, você tinha que capinar, ajeitar pra poder entrar.

GEOVANA: Jurubeba é a planta?

JOSÉ: É, jurubeba é uma mata, um pau, uma planta assim, vamos pensar, como fosse um pau que nem daquele jeito. Jurubeba.

GEOVANA: Tem até uma bebida, jurubeba. Era que é feita dela ou é só o nome?

JOSÉ: Acho que é só o nome. Não é feito dela não...

GEOVANA: Mas você sente que piorou alguma coisa, com o crescimento urbano?

JOSÉ: Não, melhorou muito. Agora, é uma cidade...

GEOVANA: Bom, o senhor quer dá uma olhada no feijão, pra ver se já está bom, se precisa de alguma coisa?

JOSÉ: É, vou dar uma olhada se já está bom de sal. [...]

GEOVANA: Aí, eu estou mesmo bem a história dos riachos, de como as pessoas faziam antes. Aí, me falaram muito dos sítios, né? O senhor tem memória dos sítios, sabe de quem é esse sítio que ainda está ativo? Porque, hoje em dia, muitos dos sítios não existem mais, né? os sítios que existiam aqui {Não entendi}, os sítios.

JOSÉ: Ah, os sítios. Tinha aqui o sítio que chamava sítio do Papai. Era daqui da fábrica pra lá. Era grande, era até o campo do Pici. Era conhecido como sítio do Papai, tinha mangueira, tinha muita fruta, mas era cercado... de um pessoal rico.

GEOVANA: Era onde passava a Estrada do Gado?

JOSÉ: Não. A Estrada do Gado já é lá pro lado do Montese, pracolá. Parangaba, Estrada do Gado é acolá. Praqui, já era diferente. Era o sítio do Papai. A Estrada do Gado é longe, já é outra história.

GEOVANA: A senhora sabe qual é a família?

JOSÉ: Não, sei não.

GEOVANA: Mas tinha outros sítios, tipo esse aqui em frente, que é essa vacaria.

JOSÉ: A vacaria pra lá, a vacaria é do pessoal do Gurjão. Pessoal muito antigo aqui. É do Gurjão... {O que é essa família, Gurjão?} É esse pessoal que veio do Rio Grande do Norte e se alojaram por aqui e aqui enricaram. Família Gurjão mesmo de lá, sabe? {Mas ainda está ativo?} O velho morreu, está só os filhos. {Tem gente ainda morando lá} Tem, tem a vacaria e os filhos moram aqui em frente a pracinha. Moram tudo aqui, na região.

GEOVANA: Aí, é? Que eu gostaria de ver se eles tem fotografias, porque é uma vacaria que tem o riacho dentro da propriedade, é?

JOSÉ: Exatamente, aí do Gurjão, só do Gurjão. Aí, tem também o Itinho que é esse terreno mais próximo aqui, que nunca teve vacaria. Ele tinha um gadinho e tal, mas parece que o pessoal veio em cima e ele tirou. Mas que continua aí, a mata. É capim. {Ah, quer dizer que aqui em frente é só o terreno, não tem as vacas?} Não, aqui nunca teve vaca não. Vaca é mais pra lá. É da igreja pra lá, assim, desse lado. Existe a vacaria lá. {É dos Gurjão} Gurjão... Não sei como aceitam a vacaria ali, porque aqui é uma cidade. Mas eles lá parece que tem um convênio pela prefeitura, que não tira eles daí.

GEOVANA: Mas é normal também ter vacaria. {Como?} É normal, alguns lugares na cidade que tem animais né?

JOSÉ: Mas fede. Meu irmão, época de inverno aí, é um mosquito danado e fede. Pessoal ali vizinho sofre demais. Vacaria grande. Ali tem uma faixa de cento e tantas reisa.

GEOVANA: Vixi, é um bocado. Elas já não têm mais tanto onde correr. Fica confinada... E, que também, apesar do crescimento urbano e tudo, hoje em dia, essa geração que está crescendo agora acho que nunca vai saber o que é tomar um banho de rio, o que é que é pescar.

JOSÉ: Eu acho que não, que não existe mais aqui, né?

GEOVANA: Eu sinto que essa é a perda. Que o crescimento, assim, não foi junto com o meio ambiente, né? Ele tendeu a.

JOSÉ: Eu que morei lá na roça, no interior, e pescava muito, caçava. Aí, quando eu cheguei aqui, quando vi isso aqui, pra mim, isso era uma riqueza. Fiquei sempre sempre pescando, tomando banho, caçando passarinho.

GEOVANA: Você lembra os passarinhos, as espécies que encontrava?

JOSÉ: passarinho era rolinha, era campina, era sabiá... Esses pássaros assim comum.

GEOVANA: E hoje em dia não tem mais?

JOSÉ: Hoje é muito pouco, né?

GEOVANA: E o senhor sente falta de alguma coisa, daquele período?

JOSÉ: Não, não. É o tipo da coisa. Com o tempo, a gente vai se adaptando, vai ficando mais velho e vai esquecendo esse lado, né?

GEOVANA: É, se adaptar é importante. É o segredo... Oh, aqui tem alguns bichos, se o senhor quiser dar uma olhada. {Vou pegar eu óculos} O senhor pode dar uma animada na memória.

JOSÉ: Eu gosto de animal, aqui eu crio cachorro e gato, mas é pouco. É só um de cada. Galinha, eu tenho um bocado ali. {Oba} olha, o peixe. Aqui é muçum ou é cobra? {Muçum} É, tá aqui o nome, muçum.

GEOVANA: São alguns peixes que o pessoal chegou a indicar que tinham aqui, mas se o senhor lembrar de outros, mas se o senhor lembrar de outros, eu já faço... vou incluindo aos poucos os novos.

JOSÉ: Aqui, é tudo peixe conhecido, peixe que eu conheço. Deixa ver os pássaros aqui.

GEOVANA: Ai, são mais os pássaros urbanos e pra trás tem os pássaros ribeirinhos.

JOSÉ: Carão, rolinha, tudo pássaro conhecido. Esse branco, o que é?

GEOVANA: É, eles são só espécies da região, que existiam ou não existem.

JOSÉ: Andorinha do campo... vem-vem... era, tudo pássaro que eu conheço...

GEOVANA: Se o senhor puder dizer quais eram os mais comuns, os que ainda existem hoje, pode comentar a vontade.

JOSÉ: Pato do mato, eu acho que não existe mais esse pato.

GEOVANA: Mas ele chegava por aqui, nessa...

JOSÉ: Não, não. Isso aqui era lá do meu interior. Aqui, eu nunca vi... Estou esquecido. Socó azul {Tetéu, o de cima. Não, o Teotônio}... É tudo pássaro que eu conheço.

GEOVANA: Mas o senhor chegou a ver algum deles aqui em Fortaleza?

JOSÉ: Uma parte, por exemplo, esse pato, eu nunca vi aqui. Mas esse sibite, esse sabiá... Tudo eu cheguei a ver aqui. Viuvinha, que tinha... (sons de carro) Esse pato aqui me é estranho {Verde lindo... O senhor chegou até a comentar do carão né?} É, o carão, eu conheço. {Acho que o pessoal ainda vê hoje, né?} Ainda existe por aqui, vez ou outra, eu ouço eles cantando por acolá, por lá pela aquela Lagoa da Parangaba, pra acolá, não sabe? {Hanram... aqui é já os mamíferos e os reptéis} Que bicho é esse? {Jibóia} Ah, jiboia eu nunca vi não, parece que mais pro lado da Amazônia, por acolá. Aqui é coral, né? {É, a falsa} Eu já fui mordida por essa cobra. Coral {Dói muito?} quando morava no interior. Eu tinha o que? Eu tinha dois anos (ou doze?)... Menina, eu levei uma picada desse, não morri porque Deus não quis. Começou a adormecer essa perna... quando chegou por aqui, eu batia e não sentia. E, nessa época, era muito difícil o transporte pra cá e lá pra cidade. Nem no Choró, não tinha médico quase pra cuidar. Eu sei que fui cuidado por xaropada daquelas velhas, quando soube da história... Ai, um fazia um xarope, outra fazia outro. Quem me salvou mesmo, sabe o que que foi? Foi, o papai tinha na época um comerciozinho lá que ele tinha um terreno e que conhecia, ficou por isso mesmo. Ai, pisaram assim duas ou três cabeças de alho grande, botaram meio litro de cachaça dentro, fizeram aquela gororoba e eu tomei. Tomei e, na mesma hora, adormeci, sabe? Ai, quando amanheceu o dia, essa perna toda dormente. Parece que o veneno sobe, quando chega no coração, morre. {Que era pra segurar o veneno, né, o remédio} É, ai, quando chegou por aqui, parece que parou. O veneno não subiu mais. Ai, eu peguei no sono, quando eu acordei... botava o pé no chão e não sentia. Com o tempo, oito, dez dias, foi passando a dormência. Ficou só no pé. Tu acredita que foi nesse dedo aqui. Nesse aqui... passou uns dois anos e esse dedo dormente, sabe? Podia bater o martelo que eu não sentia. Depois, apareceu. Mas passou uns dois anos. O bicho ruim (inaudível). Só não morri porque deus não quis. Mas foi sério. {Eita, e ainda voltou ao normal, né, ainda bem?} É, tem todo bicho, raposa...

GEOVANA: E a raposa que o senhor comentou, era raposa mesmo? {Era, tinha lá} Não, mas o senhor disse que via aqui, não?

JOSÉ: É, aqui existia também, mas lá era comum, raposa. Aqui tinha, era raro.

GEOVANA: Será que era pela conexão dos sítios?

JOSÉ: Exato, tinha o sítio ali, que era o sítio do Papai e era uma mata danada, com gruta e ela descia pra cá... Cansei de ver, elas por ali...

GEOVANA: Você ouvia falar da casa do pai da Rachel de Queiroz? Que era ali no sítio Pici.

JOSÉ: Era daqui do outro lado {Isso}, do outro lado da lagoa. A primeira pista que você vê, na lateral assim, ela morava por ali. Casarão. Cansei de passar lá em frente. Nunca entrei não, mas passava em frente e era aquele casarão antigo. {Que tem umas árvores grandes lá né?} Exato. Já andou pesquisando por ai? {Não conversei com ninguém lá, não} lá mesmo não sei se a casa ainda existe. Parece que reformaram. {Ela está lá, está lá} A casa velha... faz tempo que não ando por ali. {E, na época, não sei se as pessoas reconheciam} ninguém conhecia. Ela era escritora, né, parece. {Hanram} Ela era de Quixadá, meu deus? Era. Diz até que o Castelo Branco tinha um namorava com ela. Quando ele morreu, vinha da casa dela. Foi da sua época não né? {Não} mas conhece a história? {Não muito} Castelo Branco foi presidente da república, ele era general do exército. Foi na época da repressão. Na época dos coronéis. Ele morreu de desastre de avião. Ele vinha de Quixadá, quando chegou por ali pelo Mondumbim, por ali, o avião caiu e morreu. Morreu ele, o piloto. A Rachel disse que vinha, mas aconteceu um problema e não veio. Se tivesse vinha, tinha morrido na mesma data. Está entendendo? Rachel de Queiroz.

GEOVANA: Diz até que tem uma foto dela na parede de um açude. Agora fiquei na dúvida, será que era esse açude aqui?

JOSÉ: Não, deve ser não. Deve ser lá pro lado de Messejana, por acolá.

GEOVANA: Ouvi dizer que é aqui perto. Achava que era no açude lá no campus do Pici, agora, fiquei na dúvida se era esse aqui perto {Não é do meu conhecimento esse retrato dela não}. Mas aqui era tipo um açude, né, quando alagava?

JOSÉ: Era, aqui era tipo um açude. A gente chamava lagoa, mas era tipo açude. {Tinha um nome da lagoa?} Não, tinha não. {Só lagoa mesmo} É, a lagoa do Henrique Jorge. {aqui já era conhecido como Henrique Jorge, quando o senhor chegou?} É, exato...

[...]

GEOVANA: O senhor acha que eu consigo encontrar alguém da família Gurjão?

JOSÉ: Encontra, que a casa dele é em frente aqui a igreja. A duplex que tem aqui em frente a igreja, mora um filho dele, um embaixo e outro em cima. Não sei se vão receber [...] mas quem sabe, né?

APÊNDICE I - ANOTAÇÕES DE CAMPO

Minha vivência como moradora e ambientalista da região já traz para o campo desta pesquisa algumas das referências históricas, geográficas, familiares, também impressões, percepções, representações, mitos e imaginários que absorvi desde a infância até os idos deste século XXI. Vale considerar estes aspectos, que não são particulares e sim coletivos, tem o propósito de me situar no espaço e tempo a fim de melhor interagir com outros atores sociais, em busca de conhecer outro recorte temporal e posicionamento espacial que desconheço.

Cresci, durante as décadas de 1980 e 1990, no bairro Antônio Bezerra, em Fortaleza, e andava de bicicleta pelas ruas próximas a feira local em direção ao continente até a dita comunidade Alto do Bode, entre o Autran Nunes e o Dom Lustosa, onde passa um trecho do riacho Alagadiço. Devido as moradias amontoadas umas nas outras, as ruas estreitas e cheias de gente que cercavam o riacho, havia um clima de desconhecido e, por isto, de perigo que me levava a retornar. Meu universo, a princípio não era grande.

Por mais que não tenha conhecido o “alagado”, propriamente, vi a terra dar verde aos sítios e ao meu imaginário. Pois memoro o vale fértil pelas árvores que existiam dentro e em torno de um grande terreno por detrás o Colégio Santa Isabel, entre os bairros Presidente Kennedy e São Gerardo, que até hoje está destinado a construção de um parque, sem execução. Havia, ali, um mistério. Talvez, a percepção de perigo e medo já existissem, porém para mim ainda era algo sagrado, proibido e atraente. Como também era a entrada do campus universitário e os sítios que haviam em torno e, hoje, são prédios altos, caros e vagos.

Assim, quando comecei a frequentar, interagir e participar no Planalto Pici como local rico de movimentos de cultural e arte popular, passei a observar também o Cachoeirinha nos caminhos de ida e volta. Conforme os laços com as pessoas se estreitavam, via esse riacho em sua importância e presença constante nas comunidades do Henrique Jorge, Jóquei Clube, Dom Lustosa, não mais como um canal de esgoto (assim como é tratado pela gestão pública), mas em sua tensa função no campo das demandas “não solucionadas” da sociedade civil.

Dali, passei a “treinar” minha escuta para as histórias sobre estes corpos d’água a oeste da cidade e que, pouco a pouco, elas se acumulavam. Também, quando facilitei algumas oficinas de Agenda 21 nas Escolas, pude ver a conexão destes riachos com o rio Maranguapinho. Então, passei a “ver” diferente, as publicações sobre esses riachos feitas por Leonardo deixavam de ser apenas um delírio de alguém saudoso; as histórias de trancoso do tio Evandro ganhavam ares de realidade; a luta dispersa representada pra mim nos coletivos do Polo de Lazer passavam a ser um movimento muito maior; o curta “À margem do rio” realizado pelo amigo Djaci José amplia mais esse encanto.

Daí, não bastasse isso tudo, quando fiz parte da Ocupação no Parque do Cocó, a leste e centro financeiro da cidade, quando sofremos com os gases lacrimogêneos e violência extrema na execução e no diálogo sobre as obras públicas que se concentram numa única área de Fortaleza, enquanto o resto fica a esperar por migalhas ou tem seus projetos travados por décadas... Desejei, então, focar no território que realmente fazia parte da minha vida e das pessoas mais próximas. Porém, havia ou há ainda uma enorme brecha narrativa... pois as histórias de beleza e autonomia proporcionadas por esses riachos, estavam sendo perdidas por falta de eco, visão, interesse...

A modernização dos alagados a oeste da cidade deu sim lugar a vias largas, túnel, viadutos, construção e expansão de shopping, muros, canalizações, perdas de áreas verdes, especulação, abandono, ocupações de risco, sem equidade de investimentos; criando em torno desta sub-bacia um microcosmo da desigualdade metropolitana. Foi também em torno destes riachos que recebi minhas raízes, me aproximei da causa socioambiental que se expandiu para outros territórios, onde vi meu pequeno templo natural perder espaço, perder suas margens, perder sua magia e onde também me encontro para agir a fim de que as áreas verdes a oeste de Fortaleza encontrem sinergia e reduzam a entropia.

O confronto entre perspectivas diversas e simultâneas no espaço urbano é a condição para sua perpétua construção, que se faz e refaz pelas formas de uso, afeto, ocupação... Entretanto, quando o recorte de análise são as relações, elementos e qualidades de um rio, anterior e durante ao processo de urbanização; a construção de uma memória num horizonte de 30 anos, pode estar limitada, mas também pode se empoderar com o uso das tecnologias.

Pois vista de cima, pelo uso de imagens de satélite disponíveis na internet, essa sub-bacia produz correlações que interpreto que seus mananciais são as lagoas e as açudes com os quais as comunidades urbanas se desenvolveram. No entanto, como se viu, não é tão simples compreender ou comprovar isto pelas ruas que os encobrem e muros que os cercam. Para expandir a visão sobre esta bacia é preciso retornar ao passado. O que só é possível pela reconstrução da memória coletiva, de maior duração, que se dá nas relações com as águas.

Por isso, esta pesquisa insere-se em um território híbrido composto pelas ciências ambientais, humanas e os diversos saberes advindos de experiências, em tempos passados ao atuais, dado a intercessão existente entre sociedade urbana e natureza. Ela propõe contrapor e fazer dialogar com as dinâmicas e transformações, os múltiplos usos, as formas de ocupação e de funcionamento relativas à urbanização em torno de uma sub-bacia hidrográfica na região oeste de Fortaleza.

MAIO, JUNHO, JULHO DE 2017

Reinicie os contatos com as pessoas conhecidas. Liste numa tabela agrupada por setores e áreas da pesquisa para que pudesse visualizar o passo a passo (sendo 01 e 02, o Cachoeirinha e 03 e 04, o Alagadiço). Destaquei a forma como entrei em contato e, conforme tive resposta, fui riscando a informação antiga e dando destaque a nova. Enviei um e-mail convite detalhando a pesquisa, junto ao TCLE, para formalizar ou explicar o contato com pessoas que tenham tido vivências com os riachos há 40 a 60 anos. Na tabela, estou anotando cada situação, de acordo com os pontos de referência de cada área. Vou deixando o contato com quem ainda não conheço para uma segunda fase de convites, que devo contatar através de telefonemas ou visitas presenciais.

PRIMEIROS COLABORADORES

Conforme mantive o contato ativo, tive diversos retornos. Preparei as cartelas da flora e fauna. Conversei sobre o mapa-digital com quem vai produzir, a partir do google-mapa, que já estou alimentando. Fechei calendário para maio e junho com três pessoas que conheço de forma independente a pesquisa. Uma é um servidor do Campus do Pici, pai de uma grande amiga e amigo também que compartilhamos sonhos comuns e engavetados (Narciso). Outro é o tio de dois amigos, que até produziu algumas músicas junto aos sobrinhos que foram publicadas no portal ShoundCloud: Evandro e os Morta a Fome. E, por fim, é uma das figuras-chaves que instigou a investigar mais sobre a história ambiental dos riachos: ele mante um blog que trata deles diversas vezes, educador, militante, membro do Escuta, que foi o primeiro espaço ligado a arte educação e educação popular que conheci no Planalto Pici. Do primeiro, esperava contatos para conversas, mas ele mesmo se demonstrou interessado em contar sobre a própria experiência, aos 11 anos na área do Campus do Pici. Achei apropriado escutá-lo antes de dar o próprio passo, ali. Do segundo, sei que existe uma experiência prolongada, contínua e comunitária, na região do Sítio Ipanema. Por fim, o terceiro, será uma conversar totalmente aberta, que me re-situe no campo. Sei que existe um posicionamento pessoal de uma consciência crítica e ativa que, por isso, não se limitaria as perguntas.

CAMINHO DE BICICLETA

Fui para a Horta Didática, no Campus do Pici, pela primeira vez (antes, só passavam em frente). De minha casa até lá: subo pela rua Azevedo Bolão até a Avenida Humberto Monte e, quando entro no campus, desço a ladeira da entrada (ou subida, dependendo da direção). Sinto seguir pelo fluxo das águas que se concentram no açude e depois dele, desço mais um pouco numa estradinha, o caminho do seu sangradouro. No ambiente, a amplo espaço aberto, cuja paisagem finda num capinzal e, aos fundos, a sede da escola militar e a Avenida Mister Hull. Tentei observar o riacho Alagadiço, no meio deste caminho, vi garças e outros bichos, mas estava de chinelo de dedo (o que me impediu de ir além).

No caminho do Grupo de Permacultura (GEPPE) ao lado da Núcleo de Meteorologia, vê-se um braço quase seco do riacho Alagadiço que demarca sua existência pela presença de uma ponte e que se manifesta nos períodos de chuva. Seu olho d'água, possivelmente, ficava onde hoje é um terreno do Laboratório de Irrigação, que está totalmente desbastado (denunciam as imagens de satélite). Mas, o microclima ao lado é bastante agradável com vento fresco e limpo, sons de animais diversos misturado com sons urbanos das Avenidas mais próximas, divididas por casas de antigos funcionários da UFC e na comunidade Buraco da Gia, cercas, canais de cimento e pescadores, ao fundo...

Já em direção ao Cachoeirinha, pedalei pela rua Rio Grande do Sul para chegar no Pici e no Henrique Jorge, fazendo um percurso diferente do que costumo, por dentro do Campus. Sigo pela ciclofaixa e, logo no terceiro quarteirão, cruço com o Sangradouro do Açude Santo Anastácio! Dali, sigo em direção a rua Carneiro de Mendonça. Sinto subir e desce um morro, conforme me distancio do Sangradouro e aproximo do Riacho. É um pequeno alto divisor de águas que, grande parte, fica dentro do terreno do DNOCS, no bairro Pici, aquele da caixa d'água. Na esquina com Avenida Professor Heribaldo Costa, encontra-se: um posto de gasolina, uma fábrica e condomínios. Atrás do posto, em direção a casa de Evandro no Henrique Jorge, vejo uma viatura policial e um montinho, indicando a morte de mais um jovem da periferia. Infelizmente, são acontecimentos comuns, mas que ficam disfarçados pelos muros dos galpões da região. Esta invisibilidade que favorece o medo, o preconceito, a criminalização e o uso sensacionalista pelas mídias. Decerto, era uma região rica com os recursos que foram transformados em esgoto.

ENCONTRO NO PLANALTO PICI

Leonardo sugeriu que nosso encontro fosse na escola que trabalha ou no Escuta, um dos espaços socioculturais do bairro Pici. Como não sabia ainda onde ficava sua escola, organizei seu horário para noite. No local, porém, acontecia treino de capoeira. Foi uma conversa aberta e seu objetivo foi conquistado, mas talvez falhei em: Intrometer-me com perguntas para que me ajudassem a entender melhor os locais ou porque já conheço a história (tentando demonstrar participação); anotar, filmar, gravar, sozinha e ao mesmo tempo. Como solução, devo: Atualizei os mapas com nomes de ruas e corpos d'água (foi um erro não os produzir com essas informações); ouvir, anotar e, se preciso, tirar dúvidas em outro dia ou numa sessão final; preparar pedestais (para áudio e vídeo) e as fontes de energia; levar tablet e/ou imagens de satélite com internet (sonho); Ter em mãos apenas uma caderneta, adesivos, canetas a disposição para ir atualizando os banners que imprimir com os mapas, enquanto dialogamos.

Há também a possibilidade (necessidade) de contar com a participação de outras pessoas que possam contribuir. E, em resumo, foi uma conversa longa (com 02 horas de duração). Em alguns trechos, ele conta sua história, para que possa compreender como conhece o que descreve. Para pesquisa, ele enumerou e localizou os antigos sítios. Autorizou os usos e divulgação dos textos sobre os riachos que estão em seu blog. Cada coisa é indispensável e, simplesmente, é impossível fazer sozinha tudo (filmagem, gravação, anotação, interação, etc.). É importante também observar e registrar as expressões, ao interagir com mapas e catálogos de espécies, que comunica: “aqui”, “ali”, “isso aqui”.

ENCONTRO NO POLO DE LAZER

Um encontro tranquilo, com alguém também dedicado a luta pela implementação do Parque e que tem consciência de seu papel dentro de outros movimentos sociais, cuja população não é tão sensível a causa, apesar de sofrer as consequências de descasos, além de não reconhecer a maioria dos serviços ambientes. Então, é possível que eu encontre e converse com pessoas que tem visões opostas as apresentadas pelos representantes ambientalistas. Basicamente, tentei criar alternativas as questões dos equipamentos de gravação, mas o uso em locais públicos também me deixou receosa. Aguinaldo sugere também que entreviste outras pessoas, mas acho que não restará tempo hábil. Durante nossa conversa, houve a participação de um conhecido seu do bairro, que estava passando pelo local. Não deu tempo anotar nome. Quando percebi, ele já havia indo embora. Então, na transcrição o chamo apenas de transeunte. Este, entretanto, é um antigo morador das ocupações que chegam através das narrativas e, especialmente, essas pessoas tem um conteúdo de vivência forte que precisam sem exploradas em outras oportunidades/pesquisas (que se diga).

ENCONTRO NA HORTA DIDÁTICA

Narciso fechou comigo num dia em que, inesperadamente, teve visita de escolas na Horta. Acompanhei as atividades e, como já havíamos re-marcado este encontro e conversado sobre o propósito da pesquisa, ele simplesmente se pôs a contar histórias maravilhosas, sem sequer precisar fazer perguntas. Talvez, o fato também de eu ter apresentado as questões, em vez de controla-las pelo meu próprio entendimento, tenha estimulado a ele falar, continuamente, sem necessitar de qualquer estímulo (e totalmente alinhado ao que já questionaria). Há também o fato de se relacionar com público, como educador e ter tido vivências contínuas durante a infância, juventude e idade adulta, no local da pesquisa.

Por fim, o tempo quase não foi o suficiente... e “prendi” ele por alguns minutos suas atividades normais (é uma sensação estranha e egoísta), mas não me restaria tempo para voltar. Nesse sentido, uma entrevista feita em local de trabalho é um tanto desconfortável, porém, foi o local sugerido pelo próprio. Ele fala de um jovem morador e funcionário da UFC, mas compreende que talvez ele não tenha percepção de como era antes e, sim, de como foram intensas as últimas transformações (nos anos recentes). Como apoio mútuo, adianto ele sobre as questões do comitê de ética, já que é aluno do doutorado do mesmo programa.

ENCONTRO NO BOSQUE DO BEM

O encontro com Ondina foi facilitado pela querida mãe de um amigo, que sugeriu entrevista-la quando conversamos brevemente sobre minha pesquisa ainda em seu princípio. Guardei este contato, durante um ano ou mais, até ter a liberação do Comitê de Ética, torcendo para que a idosa se mantivesse íntegra (como desejo genuíno e menos utilitarista da pesquisa, porém, é sempre o risco existente da história oral). Chegado o momento, Pedro me passou o contato de Dora, que já entendia um pouco da pesquisa e facilitou tudo. Marcamos um dia pra entrevista, levei tapioca, compartilhamos durante o café da tarde. Fiquei encantada por essa senhora que é uma artista nata. Essa ambientação sobre o que fazia, questões familiares, etc. levou um tempo da conversa, mas depois pude desenvolver as questões da pesquisa. Entretanto, houve um desafio posterior foi compreender que Ondina viveu e pensa coisas diferentes dos outros colaboradores. Talvez, não só por uma questão de idade, mas também de gênero e classe. O que fez perceber que as mulheres tinham relações diferentes com as águas e a produção doméstica (abrindo um campo específico sobre as lavadeiras e as “donas de casa”). Apesar disso, o momento de ambientação facilitou conhecê-la, em vez também de tentar encaixá-la na voz das majorias contra a canalização, deixando confidenciar seu prazer de comer azeitona preta, seus preconceitos e o mais importante a confirmação do local do campo de concentração ou hospedaria de imigrantes (da qual não podiam sair), na Rua Olavo Bilac, do qual trata Rachel de Queiroz no livro *O Quinze*.

ENCONTRO NO DOM LUSTOSA

A conversa com Evandro se deu, somente, onde foi possível acontecer. Tentei encontrá-lo em casa, junto a sua família, numa conversa formal. Entretanto, às vezes que fui no horário e local combinado, o encontro não aconteceu. Daí, precisei me aproveitar dos momentos de lazer junto aos sobrinhos (meus amigos), durante um final de semana. Portanto, esse ambiente com muitas vozes sobrepostas, confusão sonora, assuntos paralelos, música alta dentro de casa ou de boteco foram as condições para que eu pudesse entrevistá-lo. Desta forma, foi uma conversa totalmente interativa. Disto, há coisas positivas e negativas. Pois, certo momento, a intromissão favoreceu ao diálogo, em outras, não. Esses momentos desconfortáveis foram causados por uma pessoa ligada a Evandro, mas não a mim ou a pesquisa, que ficou constantemente querendo chamar atenção e parecer útil e inteligente, quando eu só precisava escutar Evandro, sem precisar saber se há outras pessoas mais experientes ou não que ele (e, por isso, optei por não transcrever). Porque, em toda pesquisa, há sua limitação de informações e o que nos propomos é apenas uma versão, uma perspectiva, um relato a mais dessa história. Talvez, agora, depois de passado o desconforto, tenha aprendido como é importante ser objetivas com as pessoas e dizer “sim, obrigado e com licença, mas nós precisamos de nos dedicar ao que está acontecendo agora e não ao que pode ser depois. Por favor, respeite a gravação porque sou eu que vou ter que ficar ouvindo uma ruma de coisas inúteis depois”, só que não. Mas é o que gostaria (Risos).

ENCONTRO NO HENRIQUE JORGE

Tirando pelo exemplo anterior, evitei realizar a última entrevista durante momentos de socialização, como foi sugerido pela amiga Karla em relação ao seu pai José. Assim como Pedro, ela me indicou este contato logo no início do mestrado. Passado um tempo, quando pedi que mediasse esse encontro, ela me convidou para um almoço de família e sempre me dizia como ele contava histórias empolgantes sobre o Cachoeirinha, mas... no dia, não foi o que aconteceu. Como preferi ir em sua casa, sem a presença de outras pessoas, creio que ele, assim como Ondina, investiu-se do discurso favorável a todas as perdas ambientais dadas com a instalação do Posto de Gasolina, da fábrica Terceira Via e da ampliação da Perimetral. Eu me senti especialmente desolada e sem ninguém que questionasse suas informações quanto ao que faziam (como quando diz que não haviam plantios próximos ao riacho, que foi algo totalmente oposto do que é afirmado pelos demais colaboradores). Também, mostrei o catálogo das espécies e pedi que comentasse, mas ele parece que não entendeu o objetivo e levou maior parte do diálogo apenas com frases curtas. Infelizmente, o que mais ele comentou foi sobre assuntos pouco ou nada relacionados com o tema (diferente da expectativa criada, imagino que entrou em outro personagem sem o estímulo de pessoas de confiança). Entretanto, devo meu total respeito a suas vivências. E o que levo de aprendizagem é que não há uma fórmula. Se, antes, achei que uma conversa coletiva dificultasse e compartilhar uma refeição favorecesse, com José senti o contrário. Logo, cada caso é um caso.

APÊNDICE J – CATÁLOGO DE ESPÉCIES ANIMAIS E VEGETAIS

Figura 28 – Colagem com ilustrações das espécies animais catalogadas na área de pesquisa para mediação de entrevistas.



Fonte: Catálogo impresso e plastificado para uso durante entrevistas, produzido a partir das referências de espécies do Inventário Ambiental de Fortaleza (FORTALEZA, 2003), identificadas nos tributários do rio Maranguapinho, com imagens aleatórias de domínio público na internet.

ANEXO A - AÇUDE JOÃO LOPES (BAIRRO VILA ELLERY)

Figura 29 - Imagem aérea do açude João Lopes, no Bairro Ellery, em 1978.



Fonte: Imagens aéreas de Fortaleza, pelo Governo do Estado do Ceará (1978).

Figura 30 - Imagem aérea do açude João Lopes, no Bairro Ellery.



Fonte: Extraído do Google Earth, registro de abril/2016.

Figura 31 – Notícias sobre problemáticas no açude João Lopes.



Fonte: Blog Vila Ellery em 30/03/2010 (HONÓRIO, Bezerra. 2010).

ANEXO B - POLO DE LAZER NA AV. SARGENTO HERMINIO (BAIRRO SÃO GERARDO)

Figura 32 – Panfleto distribuído pelo Movimento Pró-Parque Rachel de Queiroz, em 2007.



Registro de manifestação contra cessão de área do Polo de Lazer da Avenida Sargento Hermínio para construtora de um prédio residencial, onde existia uma residência de importância histórica, patrimônio para a região e que foi destruída para a obra.

Fonte: Movimento Pró-Parque.

Figura 33 – Antes da Lagoa do São Gerardo: desassoreamento e especulação.



Obras de desassoreamento e construção de paredões de contenção do açude realizado, em 2013, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Paralelamente, a construção de prédio residencial (inaugurado em 2015) em área de patrimônio, tendo aberto uma via exclusiva para separa-lo do Polo.

Fonte: Imagens de satélite extraída do Google Maps, julho / 2012

Figura 34 – Depois da Lagoa do São Gerardo: desassoreamento e especulação.

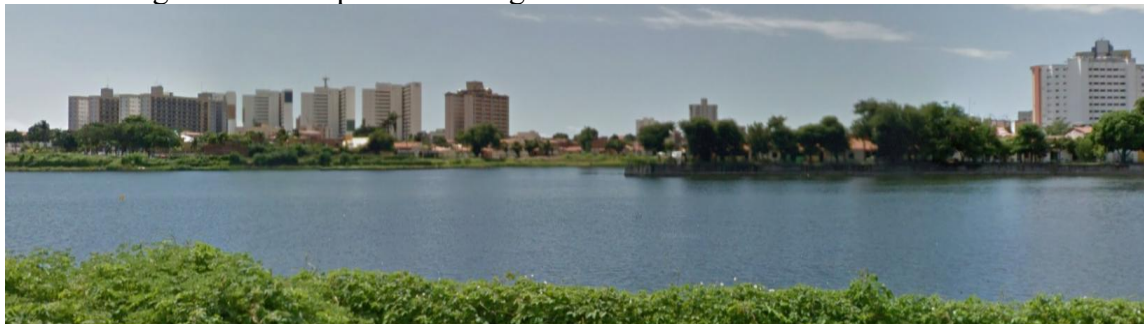


Obras de desassoreamento e construção de paredões de contenção do açude realizado, em 2013, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Paralelamente, a construção de prédio residencial (inaugurado em 2015) em área de patrimônio, tendo aberto uma via exclusiva para separa-lo do Polo.

Fonte: Imagens de satélite extraída do Google Maps, agosto / 2016.

ANEXO C - LAGOA DO SÃO GERARDO (ENTORNO E SANGRADOURO)

Figura 35 – Perspectiva da Lagoa São Gerardo na Rua Maria Bandeira



Paredão de prédios, ao fundo, e casas antigas populares, próximas às árvores, em frente à lagoa.

Fonte: Extraído do Google Street View, Série histórica de maio / 2016.

Figura 36 – Perspectiva da Lagoa São Gerardo, na Rua Porfírio Sousa



Lagoa cercada por grades: banquinhos e varais improvisados, usados por moradores.

Fonte: Extraído do Google Street View, Série histórica de maio / 2016.

Figura 37 – Sangradouro da Lagoa São Gerardo, na Rua Aristides Barreto Neto.

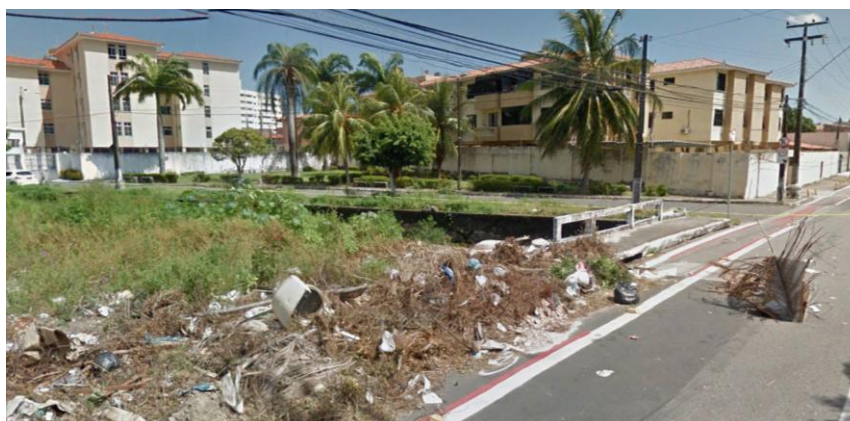


Rua sem Saída: cercada por muros aos fundos dos prédios, encoberta por matagal, lixões e entulhos.

Fonte: Extraído do Google Street View, Série histórica de maio / 2016.

ANEXO D - RIACHO ALAGADIÇO (PRÓXIMO A LAGOA SÃO GERARDO)

Figura 38 – Riacho Alagadiço canalizado, no trecho da Rua Eretides Martins.



Área canalizada com monturo de lixo e bueiro aberto sinalizado com palhas na pista.
Fonte: Extraído do Google Street View, Série histórica de maio / 2016.

Figura 39 - Riacho Alagadiço canalizado, no trecho da Avenida Projetada Canal.



Vista aérea da Rua do Canal: cercada por prédios antigos e atuais: usada como estacionamento sombreado e terreno baldio para entulhos.
Fonte: Google Earth 3D, série setembro / 2013.

Figuras 40 – Obra de macro drenagem do riacho Alagadiço, na Avenida Projetada Canal – parte 1



Fotografias registradas durante a pesquisa, no bairro São Gerardo (conhecido como bairro Alagadiço), cuja obra iniciou-se em 2012.

Fonte: Autoria Própria, 2015.

Figuras 41 – Obra de macro drenagem do riacho Alagadiço, na Avenida Projetada Canal – parte 2

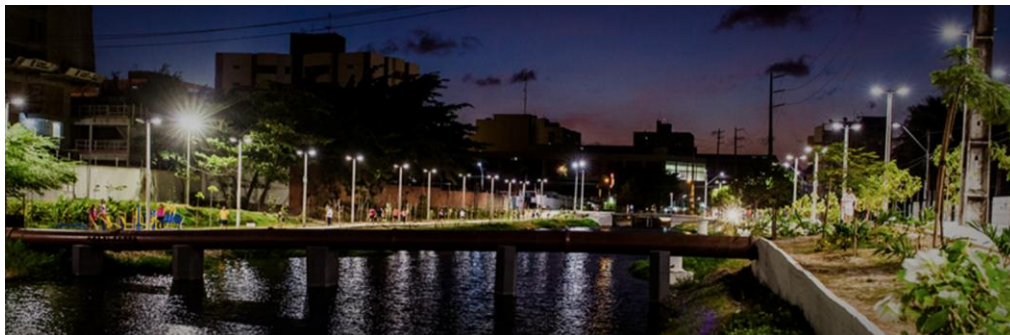


Fotografias registradas durante a pesquisa, no bairro São Gerardo (conhecido como bairro Alagadiço), cuja obra iniciou-se em 2012.

Fonte: Autoria Própria, 2015.

ANEXO E - RIACHO ALAGADIÇO (BOSQUE DO BEM E CANAL DO MOTEL)

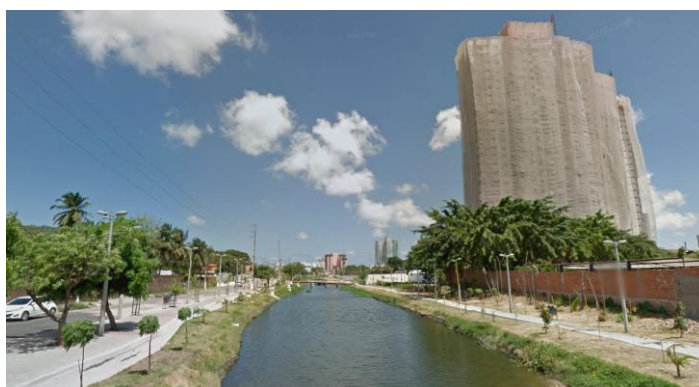
Figura 42 – Perspectiva do “Bosque do Bem” na Rua Eduardo Barros Leal (noite).



Área urbanizada do riacho Alagadiço, como parte do projeto Parque Linear Rachel de Queiroz: investimento do grupo C.Rolim em área pública pelo Programa Adoção de Áreas Verdes da prefeitura, local onde construiu quatro torres residenciais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 43 – Perspectiva do “Bosque do Bem” pela Rua Eduardo Barros Leal (dia)



Trecho de reforma do riacho Alagadiço com tecnologia de gabiã para construção do “Bosque do Bem”
Fonte: Extraída do Google Street View, Série histórica de dezembro / 2015.

Figura 44 – Riacho Alagadiço canalizado, entre “Bosque do Bem” e North Shopping.



Intervenção em riacho canalizado como acesso para a entrada de um Motel.
Fonte: Extraído do Google Street View, Série histórica de dezembro / 2015.

ANEXO F - RIACHO ALAGADIÇO (SHOPPING E PRACINHA)

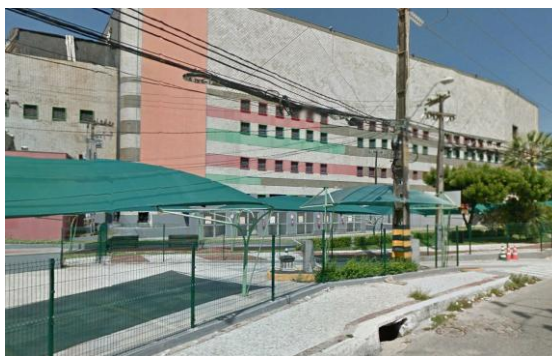
Figura 45 – Corredor fluvial do Riacho Alagadiço, entre o “Bosque do Bem” a Av. Mister Hull.



Fluxo hídrico vindo da direita (Bosque) para esquerda (Avenida, no inferior da imagem). Trecho totalmente submerso por baixo do estacionamento do shopping, no bairro São Gerardo.

Fonte: Imagem de satélite extraída do Google Maps, série histórica de maio / 2016.

Figuras 46 – Riacho Alagadiço encoberto por estacionamento e, aparente, na pracinha – parte 1



Corredor subterrâneo do riacho embaixo de um estacionamento do shopping, na rua Tabelaio Fabião, e, posteriormente ao lado, fica aparente e canalizado entre pracinha e condomínio da rua Braz de Francesco.

Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de maio / 2016.

Figuras 47 – Riacho Alagadiço encoberto por estacionamento e, aparente, na pracinha – parte 2



Corredor subterrâneo do riacho embaixo de um estacionamento do shopping, na rua Tabelião Fabião, e, posteriormente ao lado, fica aparente e canalizado entre praça e condomínio da rua Braz de Francesco.

Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de maio / 2016.

Figura 48 - Praça mantida pelo Shopping através do Programa Adoção de Áreas Verdes



Vegetação exótica e nativa, em fazendinha com animais de fibra de vidro e EcoPonto da Enel, na Av. Gov. Parsifal Barroso.

Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de maio / 2016.

ANEXO G - RIACHO ALAGADIÇO (BAIRRO PRESIDENTE KENNEDY)

Figuras 49 – Trecho por trás do Colégio Santa Isabel (ano de 2003)



Imagens do quadrante entre a Rua Licurgo Montenegro (fundo do colégio), Av. Gov. Parsifal Barroso, Rua Edgar Falcão e Rua Frei Odilon. Após obras de canalização: especulação, loteamentos e perda da massa verde.

Fontes: Extraídos do Google Earth, série histórica de 2003.

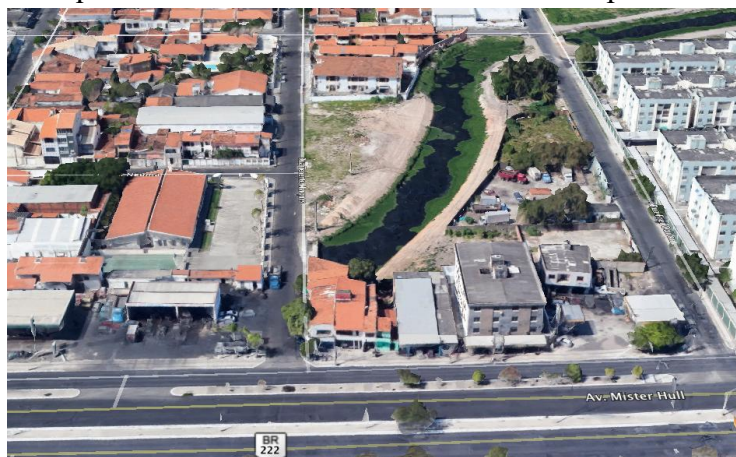
Figuras 50 – Trecho por trás do Colégio Santa Isabel (ano de 2016)



Imagens do quadrante entre a Rua Licurgo Montenegro (fundo do colégio), Av. Gov. Parsifal Barroso, Rua Edgar Falcão e Rua Frei Odilon. Após obras de canalização: especulação, loteamentos e perda da massa verde.

Fontes: Extraídos do Google Earth, série histórica de outubro / 2016.

Figura 51 – Sequência do fluxo fluvial até ser encoberto pela Av. Mister Hull

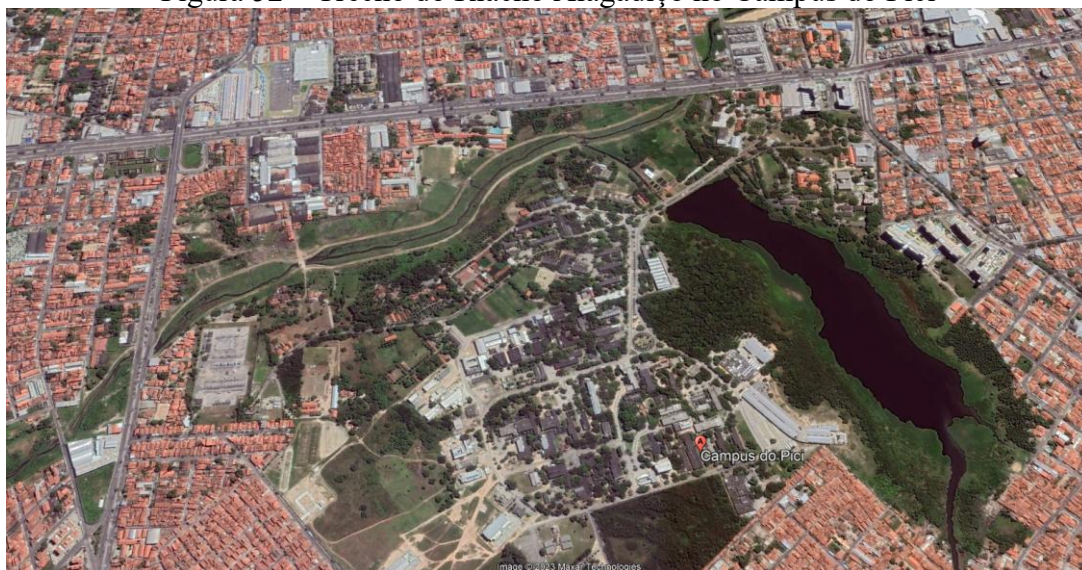


Passagem demarcada pela rua Frei Odilin (a direita) para Rua Tenente Marques (a esquerda). Na Avenida Mister Hull (na horizontal), dois postos de gasolina (um em cada esquina a direita).

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de setembro / 2013.

ANEXO H - RIACHO ALAGADIÇO E AÇUDE SANTO ANASTÁCIO (CAMPUS DO PICI, COMUNIDADES “CASA & RENDA” E “PAPOCO”)

Figura 52 – Trecho do Riacho Alagadiço no Campus do Pici



Área entre Avenida Mister Hull (via principal ao topo da imagem), Avenida Perimetral (à esquerda) e Avenida Humberto Monte (à direita), em diagonal. A imagem mostra a conexão entre Riacho Alagadiço e Açude Santo Anastácio.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de julho/2015.

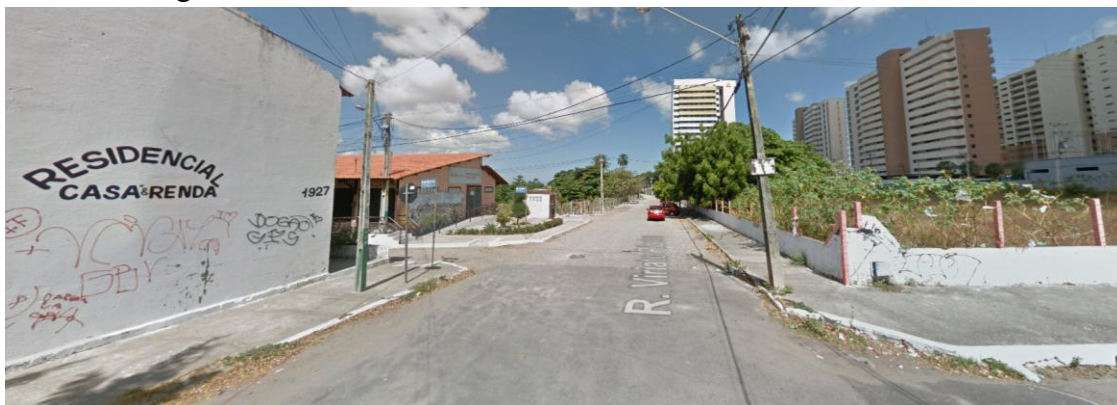
Figura 53 – Sangradouro do Açude Santo Anastácio, na ponte do Campus do Pici



Sangradouro canalizado (trecho à esquerda), na ponte da Avenida Professor Andrade Furtado, no Campus Universitário.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica nov. / 2012.

Figuras 54 – Prédios e casas populares, ao lado direito do açude, na Rua Viriato Ribeiro – ângulo 1



Contraponto entre o conjunto de prédios recém-construídos, terrenos “baldios” à venda, o Residencial e Centro de Negócios “Casa e Renda”, na Rua Rendeira, a nordeste do açude.

Fontes: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 55 – Prédios e casas populares, ao lado direito do açude, na Rua Viriato Ribeiro Ribeiro – ângulo 2



Contraponto entre o conjunto de prédios recém-construídos, terrenos “baldios” à venda, o Residencial e Centro de Negócios “Casa e Renda”, na Rua Rendeira, a nordeste do açude.

Fontes: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 56 – Tributário do Açude Santo Anastácio, advindo do sangradouro da Lagoa da Parangaba, pela perspectiva da Comunidade Papoco (nas Rua Tim Maia).



Pessoas passando pelo sangradouro, em meio a entulhos. Campinho de futebol, lava a jato improvisado em terreno baldio ao lado do Açude Santo Anastácio, externo ao Campus do Pici.

Fontes: Extraídos do Google Street View, série histórica agosto / 2013 e dezembro / 2015.

Figuras 57 – Tributário do Açude Santo Anastácio, advindo do sangradouro da Lagoa da Parangaba, pela perspectiva da Comunidade Papoco (Rua Bolívia).



Pessoas passando pelo sangradouro, em meio a entulhos. Campinho de futebol, lava a jato improvisado em terreno baldio ao lado do Açude Santo Anastácio, externo ao Campus do Pici.

Fontes: Extraídos do Google Street View, série histórica agosto / 2013 e dezembro / 2015.

ANEXO I - RIACHO ALAGADIÇO (CAMPUS DO PICI E COMUNIDADE “BURACO DA GIA”)

Figura 58 – Trecho entre Campus do Pici e Comunidade “Buraco da Gia”, na Rua Cuba



Obras (no Campus do Pici) para canalização do Riacho Alagadiço e contenção das cheias que desembocam na Rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral).
Fonte: Extraídos do Google Earth, série de julho/2012.

Figura 59 – Processo de ocupação de área do Campus do Pici, próximo ao riacho Alagadiço, pela comunidade “Buraco da Gia” - 2009



Série histórica para visualizar as transformações na área, entre Fábrica de Castanha “Cione” e Campus universitário.
Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de outubro/2009.

Figura 60 – Processo de ocupação de área do Campus do Pici, próximo ao riacho Alagadiço, pela comunidade “Buraco da Gia” 2015



Série histórica para visualizar as transformações na área, entre Fábrica de Castanha “Cione” e Campus universitário.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de julho/2015.

Figura 61 – Processo de ocupação de área do Campus do Pici, próximo ao riacho Alagadiço, pela comunidade “Buraco da Gia” - 2016



Série histórica para visualizar as transformações na área, entre Fábrica de Castanha “Cione” e Campus universitário.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de maio/2016.

Figura 62 – Campo de Futebol, na Rua Nicarágua, entre Av. Mister Hull e Riacho Alagadiço.



Trecho externo no Campus do Pici, entre escola fundamental e Colégio da Polícia Militar (figura de fundo, à esquerda).

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de dez./2015.

ANEXO J – RIACHO ALAGADIÇO (ENTRE OS BAIRROS PICI E ANTÔNIO BEZERRA)

Figuras 63 – Série histórica do trecho do Riacho Alagadiço, no Campus do Pici, pela perspectiva externa da rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral) - 2012



Processo de canalização e contenção dos fluxos do Riacho Alagadiço, advindo da região do Campus do Pici rumo a Antônio Bezerra (ausente das imagens), passando ao lado do Pici (rua a direita).

Fonte: Extraídos do Google Street View, julho / 2012

Figuras 64 – Série histórica do trecho do Riacho Alagadiço, no Campus do Pici, pela perspectiva externa da rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral) - 2013



Processo de canalização e contenção dos fluxos do Riacho Alagadiço, advindo da região do Campus do Pici rumo a Antônio Bezerra (ausente das imagens), passando ao lado do Pici (rua a direita).

Fonte: Extraídos do Google Street View, novembro/2013.

Figuras 65 – Série histórica do trecho do Riacho Alagadiço, no Campus do Pici, pela perspectiva externa da rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral) - 2014



Processo de canalização e contenção dos fluxos do Riacho Alagadiço, advindo da região do Campus do Pici rumo a Antônio Bezerra (ausente das imagens), passando ao lado do Pici (rua a direita).

Fonte: Extraídos do Google Street View, junho /2014.

Figuras 66 – Fluxo do Riacho Alagadiço para bairro Antônio Bezerra – parte 1



Trecho do riacho na rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral), lado oposto do Campus do Pici, com terreno “baldio” sem muros, casas abandonadas, caminhos de terra, entulhos jogados.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série junho /2014.

Figuras 67 – Fluxo do Riacho Alagadiço para bairro Antônio Bezerra – parte 2



Trecho do riacho na rua Coronel Matos Dourado (Av. Perimetral), lado oposto do Campus do Pici, com terreno “baldio” sem muros, casas abandonadas, caminhos de terra, entulhos jogados.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série junho /2014.

Figuras 68 – Trecho do Riacho Alagadiço visto pela Rua Periguary – parte 1



Duas perspectivas da Rua Piriguary onde se tem ao fundo, a Rua Coronel Matos Dourado.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de novembro / 2015.

Figuras 69 – Trecho do Riacho Alagadiço visto pela Rua Periguary – parte 2



Duas perspectivas da Rua Piriguary onde se tem ao fundo, a Rua Rui Monte.

Nesta, mostra-se uma criança ao lado de um cavalo e entulhos.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de novembro / 2015.

Figuras 70 – Trecho do riacho Alagadiço na Rua Rui Monte, em Antônio Bezerra – parte 1



Demonstração da força dos fluxos das águas que, em registros de seis meses, destruiu a via (ponte).

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de janeiro e julho/2012.

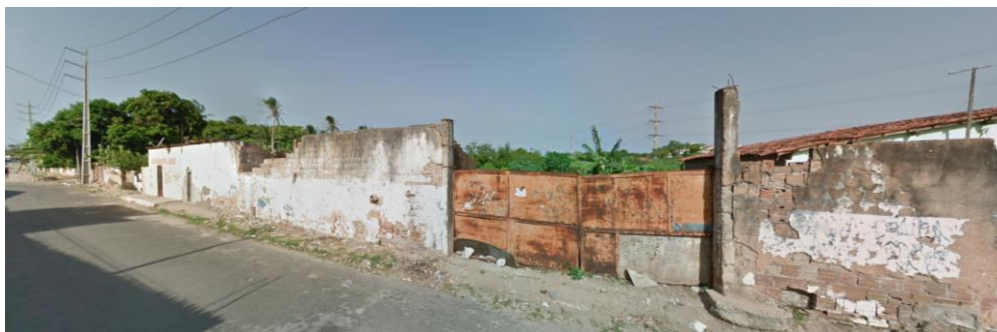
Figuras 71 – Trecho do riacho Alagadiço na Rua Rui Monte, em Antônio Bezerra – parte 2



Demonstração da força dos fluxos das águas que, em registros de seis meses, destruiu a via (ponte).

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de janeiro e julho/2012.

Figuras 72 – Trecho do riacho Alagadiço na Rua Doutor Vale Costa, em Antônio Bezerra – parte 1



Último trecho visível do riacho Alagadiço, antes de unir-se ao riacho Cachoeira, aos fundos de sítios e vacarias ativas, em Antônio Bezerra.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de novembro / 2015.

Figuras 73 – Trecho do riacho Alagadiço na Rua Doutor Vale Costa, em Antônio Bezerra – parte 2



Último trecho visível do riacho Alagadiço, antes de unir-se ao riacho Cachoeira, até uma ponte sem acesso a carros (imagem abaixo).

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica de novembro / 2015.

ANEXO K - RIACHO CACHOEIRINHA (BAIRROS JOÃO XXIII E HENRIQUE JORGE)

Figura 74 – Corredor fluvial do riacho Cachoeirinha, entre Faculdade privada e Fábrica de Jeans



Fluxo hídrico vindo da esquerda (Faculdade Integrada da Grande Fortaleza) para direita (Sítio ao lado da Fábrica de *Jeans*, Posto de Gasolina e Galpões). Trecho onde o riacho Cachoeirinha demarca seus meandros, “protegido” por dois terrenos privados com áreas verdes, porém, sem indicação do manancial de “origem”.
Fonte: Extraídos do Google Earth, julho / 2015.

Figuras 75 – Primeiros trechos visíveis do riacho Cachoeirinha, na Rua Padre Sá Leitão e Rua Cuiabá (bairro João XXIII) – parte 1



“Canalizado” entre muros e fundos de casas populares, o riacho surge sem indícios da origem.

Fontes: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 76 – Primeiros trechos visíveis do riacho Cachoeirinha, na Rua Padre Sá Leitão e Rua Cuiabá (bairro João XXIII) – parte 2



“Canalizado” entre muros e fundos de casas populares, o riacho surge sem indícios da origem.

Fontes: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 77 – Primeiros trechos visíveis do riacho Cachoeirinha, na Rua Padre Sá Leitão e Rua Cuiabá (bairro João XXIII) – parte 3



“Canalizado” entre muros e fundos de casas populares, o riacho surge sem indícios da origem.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 78 – Trechos do riacho Cachoeirinha na Avenida Senador Fernandes Távora



Indícios do riacho Cachoeirinha, devido a um grande bueiro na rua, encoberto por uma oficina mecânica. Posteriormente, trecho canalizado visível ao lado de área verde privada, com sacolas de lixo as margens.
Fonte: Extraídos do Google Street View, séries históricas janeiro/2016 e maio/2016.

Figuras 79 – Trechos do riacho Cachoeirinha na Rua Jockey Club com Rua Noel Rosa



Indícios do riacho Cachoeirinha, devido a um grande bueiro na rua, encoberto por uma oficina mecânica. Posteriormente, trecho canalizado visível ao lado de área verde privada, com sacolas de lixo as margens.
Fonte: Extraídos do Google Street View, séries históricas janeiro/2016 e maio/2016.

Figuras 80 – Trecho do riacho Cachoeirinha na encruzilhada da Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Professor Heribaldo Costa (Avenida Perimetral) – parte 1



Na imagem, posto de gasolina (à esquerda) e o muro de um galpão (à direita), com bueiro no muro.
Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 81 – Trecho do riacho Cachoeirinha na encruzilhada da Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Professor Heribaldo Costa (Avenida Perimetral) – parte 2



Área verde em propriedade privada com sucata de carros (muro amarelo) e Fábrica de Jeans (muro azul e rosa).

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 82 – Trecho do riacho Cachoeirinha na encruzilhada da Rua Monsenhor Hipólito Brasil e Rua Professor Heribaldo Costa (Avenida Perimetral) – parte 3



Trecho canalizado e cercado entre a fábrica e posto.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica dezembro / 2015.

Figuras 83 – Trecho do riacho Cachoeirinha próximo ao trevo entre a Rua Professor Heribaldo Costa e Rua Professor Miramar da Ponte – parte 1



Riacho passa invisível entre muros.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica dez/2015.

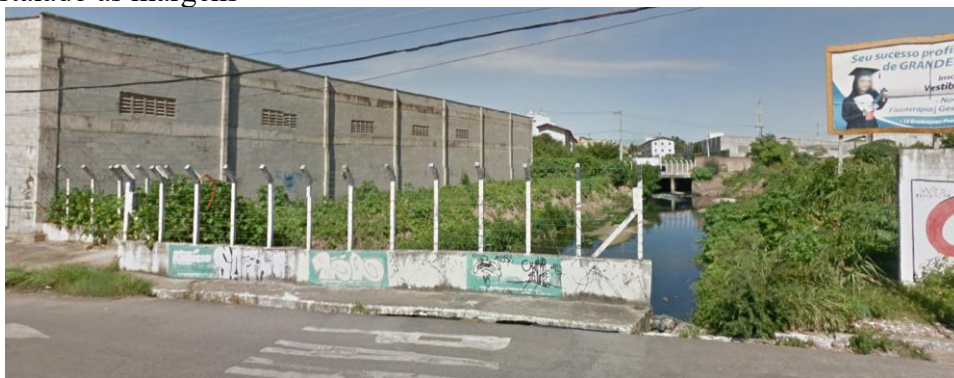
Figuras 84 – Trecho do riacho Cachoeirinha próximo ao trevo entre a Rua Professor Heribaldo Costa e Rua Professor Miramar da Ponte – parte 2



Riacho passa invisível entre muros.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série histórica dez/2015.

Figura 85 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Coronel Matos Dourado (Avenida Perimetral), com galpão instalado às margens



Área cercada com arame e, ao lado, galpão sem informação visual sobre o uso.
Fonte: Autoria própria, 2016.

ANEXO L - RIACHO CACHOEIRINHA (ANTIGO SÍTIO IPANEMA E BECO DO SUVACO, NO HENRIQUE JORGE)

Figuras 86 – Muro do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado – parte 1



Muro do sítio Ipanema, onde antes havia contato visual do riacho pela cerca de arame, em trecho sem canalização e com mata (árvores e capinzal). Aos fundos das imagens, a favela do “Beco do Suvano”, no Henrique Jorge. Na imagem (à direita), um terreno de terreiro de Umbanda e (à esquerda) cerca da Figura 81.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série abril / 2016.

Figuras 87 – Muro do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado – parte 2



Muro do sítio Ipanema, onde antes havia contato visual do riacho pela cerca de arame, em trecho sem canalização e com mata (árvores e capinzal). Aos fundos das imagens, a favela do “Beco do Suvano”, no Henrique Jorge. Na primeira imagem (à direita), um terreno de terreiro de Umbanda e (à esquerda) cerca da Figura 81.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série abril / 2016.

Figuras 88 – Muro do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado – parte 3



Muro do sítio Ipanema, onde antes havia contato visual do riacho pela cerca de arame, em trecho sem canalização e com mata (árvores e capinzal). Aos fundos das imagens, a favela do “Beco do Suvano”, no Henrique Jorge. Na primeira imagem (à direita), um terreno de terreiro de Umbanda e (à esquerda) cerca da Figura 81.

Fonte: Extraídos do Google Street View, série abril / 2016.

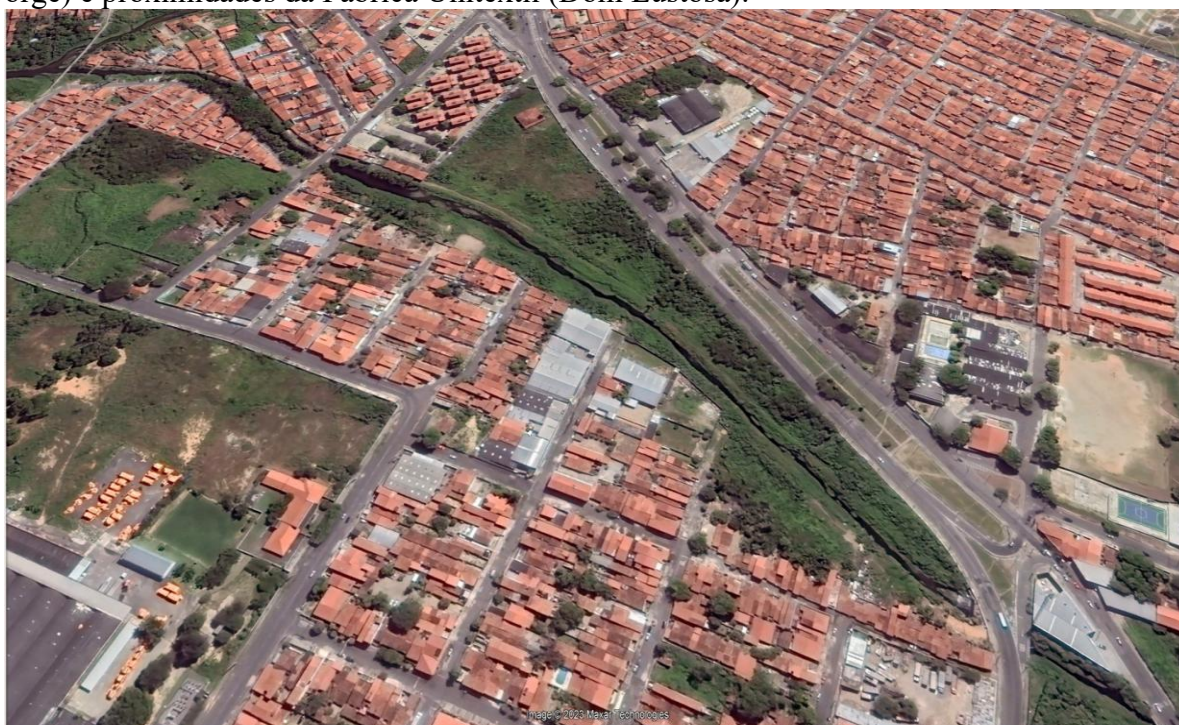
Figura 89 – Perspectiva do (antigo) Sítio Ipanema, na Rua Cel. Matos Dourado.



Casa histórica do sítio Ipanema, ao lado de um condomínio, derrubada para construir um supermercado, no período da pesquisa.

Fonte: Extraídos do Google Earth 3D, série Dez./2015.

Figura 90 – Corredor fluvial do Riacho Cachoeirinha, entre Avenida Perimetral (Henrique Jorge) e proximidades da Fábrica Unitêxtil (Dom Lustosa).



Fluxo hídrico vindo pelo terreno do (antigo) sítio Ipanema e “Beco do Sovaco” na Rua Conselheiro Araújo Lima (parte inferior direito da imagem), perpassando próximo a ruas perpendiculares (Rua Aracaju, Rua Maceió, Rua Aldísio Pinheiro, Rua Pau Branco, Rua Pau D’arco, Rua Tarcísio Peixoto, Travessa Mara, Rua Dr. Vale Costa, Rua Joaquim Leitão, Rua Hipólito Pamplona e Rua Quatro), beira rio na Rua Dr. Pedro Augusto até comunidade da “Chesf”.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de jul. / 2015.

Figura 91 – Acesso ao Riacho Cachoeirinha pela Rua Aracaju, no bairro Henrique Jorge.



Imagem da esquina entre Rua Aracaju e Rua Conselheiro Araújo Lima (‘Beco do Sovaco’). No plano de fundo (a esquerda), acesso ao riacho Cachoeirinha.

Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

ANEXO M – TRIBUTÁRIO DO RIACHO CACHOEIRINHA (BAIRRO DOM LUSTOSA)

Figura 92 – Imagem de satélite da Lagoa (no terreno) da “Unitêxtil”, cujo sangradouro alimenta o riacho Cachoeirinha.



Lagoa dentro do terreno particular da Fábrica Unitêxtil e, seu sangradouro, segue por um terreno de uma vacaria ativa.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de julho / 2015.

Figuras 93 – Passagem de tributário do riacho Cachoeirinha, advindo da Lagoa da Unitêxtil, na continuação da rua Conselheiro Araújo Lima – parte 1



Trecho do tributário (sangradouro), advindo da Lagoa da “Unitêxtil” (muro a direita da imagem) perpassando o terreno de vacaria, entre o capinzal e entulhos (a esquerda).

Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de novembro / 2013.

Figuras 94 – Passagem de tributário do riacho Cachoeirinha, advindo da Lagoa da Unitêxtil, na continuação da rua Conselheiro Araújo Lima – parte 2



Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de novembro / 2013.

Figuras 95 – Perspectiva dos terrenos da vacaria pela Rua Tarcísio Peixoto – parte 1



Terrenos por onde do tributário (sangradouro) da Lagoa “Unitêxtil” passa até encontrar o riacho Cachoeirinha.

Fonte: Extraídas do Google Street View, série histórica de novembro / 2013.

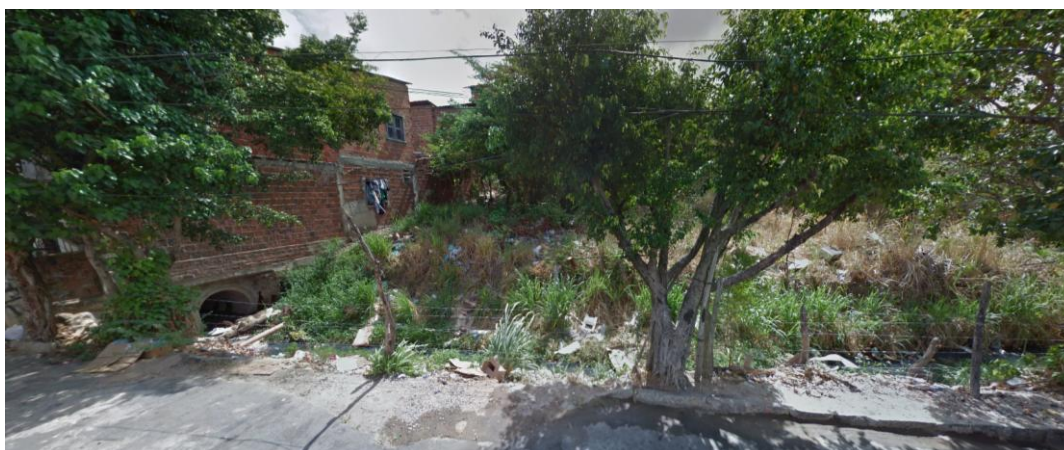
Figuras 96 – Perspectiva dos terrenos da vacaria pela Rua Tarcísio Peixoto – parte 2



Terrenos por onde do tributário (sangradouro) da Lagoa “Unitêtil” passa até encontrar o riacho Cachoeirinha.

Fonte: Extraídas do Google Street View, série histórica de novembro / 2013.

Figura 97 – Passagem de tributário do Riacho Cachoeirinha, na Travessa Mará.



Trecho do tributário do riacho Cachoeirinha (sangradouro da Lagoa da Unitêtil), saindo do terreno de vacaria, por baixo de bueiro, em direção ao riacho Cachoeirinha, na comunidade da “Chesf”.

Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

ANEXO N – RIACHO CACHOEIRINHA (BAIRRO DOM LUSTOSA)

Figura 98 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Tarcísio Peixoto (Dom Lustosa) – ângulo 1



Passagem sobre riacho Cachoeirinha canalizado, fazendo conexão entre os bairros Antônio Bezerra e Dom Lustosa.

Fonte: Extraídas do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

Figura 99 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Tarcísio Peixoto (Dom Lustosa) – ângulo 2



Passagem sobre riacho Cachoeirinha canalizado, fazendo conexão entre os bairros Antônio Bezerra e Dom Lustosa.

Fonte: Extraídas do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

Figura 100 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Dr. Pedro Augusto (Dom Lustosa) – parte 1



Ocupações na beira do riacho Cachoeirinha canalizado.

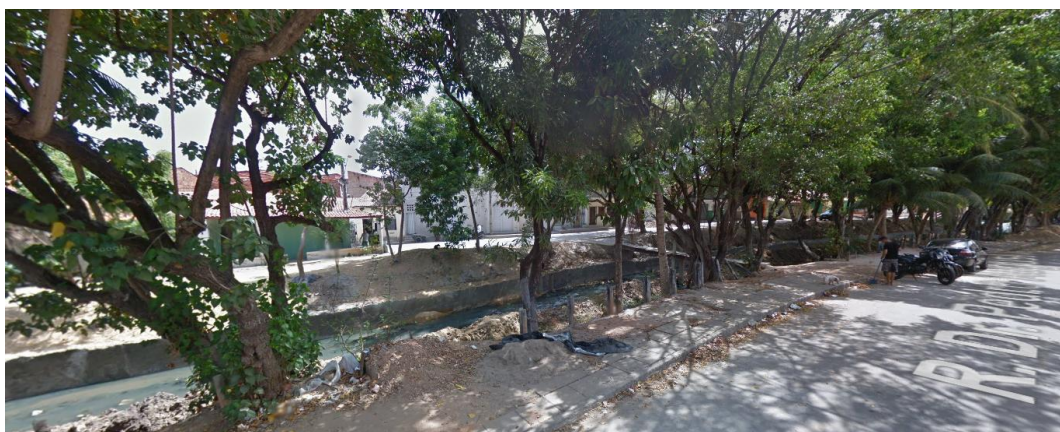
Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

Figura 101 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Dr. Pedro Augusto (Dom Lustosa) – parte 2



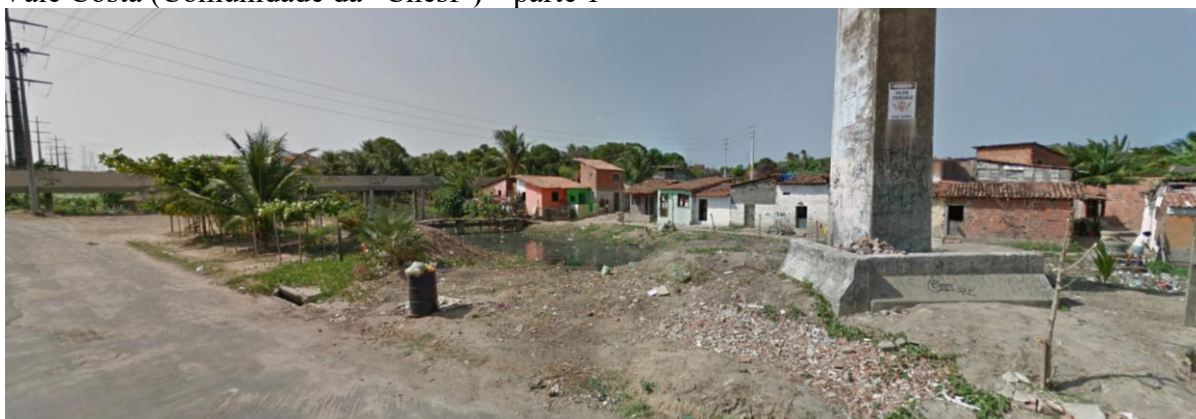
Ocupações na beira do riacho Cachoeirinha canalizado.
Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

Figura 102 – Riacho Cachoeirinha, na Rua Dr. Pedro Augusto (Dom Lustosa) – parte 3



Ponte improvisada de madeira, usada para conectar comunidades.
Fonte: Extraído do Google Street View, série histórica de dezembro / 2015.

Figuras 103 – Riacho Cachoeirinha, na ponte entre Rua Doutor Pedro Augusto e Rua Doutor Vale Costa (Comunidade da “Chesf”) – parte 1



Riacho Cachoeirinha pela perspectiva da Comunidade da “Chesf”, nome em referência as torres de alta tensão, sendo uma ocupação em área de risco, na Rua Doutor Pedro Augusto.
Fonte: Elaborado pela autora.

Figuras 104 – Riacho Cachoeirinha, na ponte entre Rua Doutor Pedro Augusto e Rua Doutor Vale Costa (Comunidade da “Chesf”) – parte 2



Riacho Cachoeirinha pela perspectiva da Comunidade da “Chesf”, nome em referência as torres de alta tensão, sendo uma ocupação em área de risco, na Rua Doutor Pedro Augusto.

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXO O – ENCONTRO DOS RIACHOS CACHOEIRINHA E ALAGADIÇO (COMUNIDADE DA CHESF, BAIRROS ANTONIO BEZERRA E DOM LUSTOSA)

Figura 105 – Trecho dos riachos Cachoeirinha e Alagadiço, antes e após o encontro de fluxos.



Fluxos dos riachos Alagadiço (superior direito) e Cachoeirinha (inferior direito) entrecortados pelas vias, da direita para esquerda: Rua Coronel Matos Dourado; Rua Rui Monte e Rua Tarcísio Peixoto (ponte entre Dom Lustosa e Antônio Bezerra); além das pontes Rua Doutor Vale da Costa, na comunidade da “Chesf” (que não dá acesso a carros ou veículos maiores); ponte na Rua Joaquim Leitão conhecida como “Ponte Pau da Velha” (a esquerda), cujos fluxos fazem a divisória entre os bairros Antônio Bezerra e Dom Lustosa. Fonte: Extraídos do Google Earth, série de julho/2015.

Figura 106 – Área de risco no encontro entre os riachos Cachoeirinha e Alagadiço



O encontro entre riachos Alagadiço (acima) e Cachoeirinha (abaixo) se dá entre vias da ponte Rua Doutor Vale da Costa (a esquerda da imagem) e Rua Doutor Pedro Augusto (trecho canalizado, abaixo). A ocupação entre eles não tem acesso por ruas oficiais.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de agosto / 2016.

ANEXO P – FOZ DO RIACHO CACHOEIRINHA-ALAGADIÇO NO RIO MARANGUAPINHO (NOS BAIROS AUTRAN NUNES E GENIBAÚ)

Figuras 107 – Riacho Cachoeirinha-Alagadiço, desaguando no rio Maranguapinho – parte 1



Cenário aparentemente com poucas modificações. Em comparação, têm-se mudanças na Lagoa do Cootraps (Cooperativa de Transportes), no trecho inferior esquerdo da imagem, após terreno ser cimentado e usado como estacionamento, no bairro Autran Nunes, com registros a partir de abril de 2013; e a conclusão da Rua Quatro e Rua Rio Ventura, às margens esquerdas do rio Maranguapinho, no bairro Genibaú.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de outubro / 2009 e abril / 2016.

Figuras 108 – Riacho Cachoeirinha-Alagadiço, desaguando no rio Maranguapinho – parte 2



Cenário aparentemente com poucas modificações. Em comparação, têm-se mudanças na Lagoa do Cootraps (Cooperativa de Transportes), no trecho inferior esquerdo da imagem, após terreno ser cimentado e usado como estacionamento, no bairro Autran Nunes, com registros a partir de abril de 2013; e a conclusão da Rua Quatro e Rua Rio Ventura, às margens esquerdas do rio Maranguapinho, no bairro Genibaú.

Fonte: Extraídos do Google Earth, série histórica de outubro / 2009 e abril / 2016.